

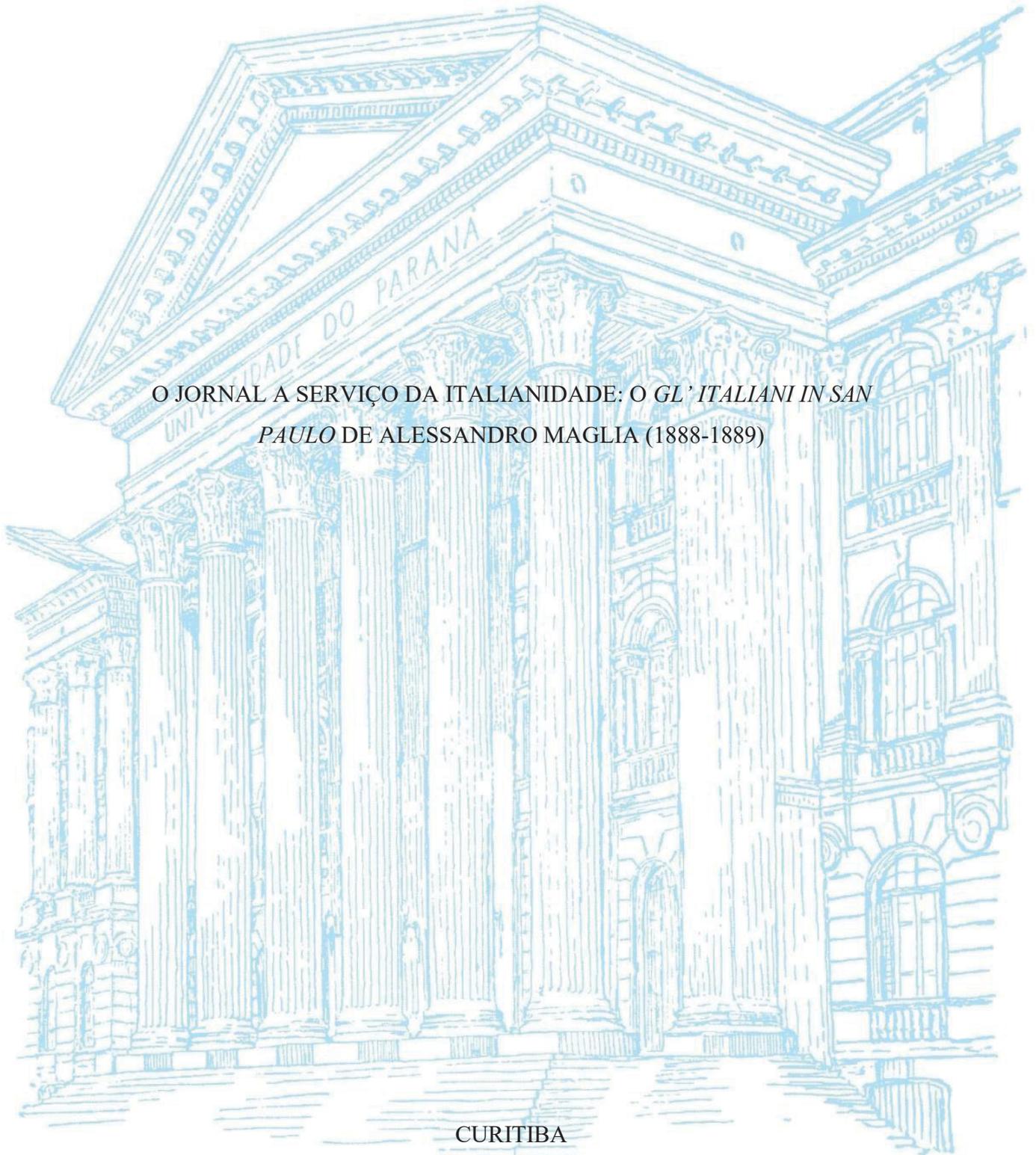
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

POLIANA BELARMINO VALIERI

O JORNAL A SERVIÇO DA ITALIANIDADE: O *GL' ITALIANI IN SAN
PAULO* DE ALESSANDRO MAGLIA (1888-1889)

CURITIBA

2025



POLIANA BELARMINO VALIERI

O JORNAL A SERVIÇO DA ITALIANIDADE: O *GL' ITALIANI IN SAN*
PAULO DE ALESSANDRO MAGLIA (1888-1889)

Dissertação apresentada como requisito parcial à
obtenção da titulação de Mestrado, Programa de
Pós-Graduação em História, Setor de Ciências
Humanas, Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. André Luiz Moscaleski
Cavazzani

Co-orientador: Prof. Dr. Sergio Odilon Nadalin

CURITIBA

2025

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS

Valieri, Poliana Belarmino

O jornal a serviço da italianidade: O *GL' Italiani in San Paulo* de Alessandro Maglia (1888-1889). / Poliana Belarmino Valieri. – Curitiba, 2025.

1 recurso on-line : PDF.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação do Mestrado em História.

Orientador: Prof. Dr. André Luiz Moscaleski Cavazzani.

Coorientador: Prof. Dr. Sérgio Odilon Nadalin

1. Imigrantes - italianos. 2. Imprensa estrangeira. 3. Nacionalismo. I. Cavazzani, André Luiz Moscaleski. II. Nadalin, Sérgio Odilon. III. Universidade Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação do Mestrado em História. IV. Título.

Bibliotecário: Dênis Junio de Almeida CRB-9/2092



TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação HISTÓRIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de **POLIANA BELARMINO VALIERI**, intitulada: **O Jornal a Serviço da Italianidade: O GI' Italiani in San Paulo de Alessandro Maglia (1888-1889)**, sob orientação do Prof. Dr. ANDRE LUIZ MOSCALESKI CAVAZZANI, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestra está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 25 de Junho de 2025.

Assinatura Eletrônica

26/06/2025 19:28:35.0

ANDRE LUIZ MOSCALESKI CAVAZZANI

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

27/06/2025 07:21:57.0

ANA SILVIA VOLPI SCOTT

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS)

Assinatura Eletrônica

26/06/2025 16:20:25.0

KARINE MARIELLY ROCHA DA CUNHA

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ- CURITIBA)

DEDICATÓRIA

*Aos meus pais, pois, sem eles, não teria chegado até aqui.
Em memória das minhas avós, Geraldina Laureli Valieri e
Nanete Pereira Belarmino, com eterna saudade e gratidão,
por me ensinarem o valor da história e da memória,
que seguem vivas em mim.*

AGRADECIMENTO

À Deus e ao mestre Jesus, por me manterem firme, principalmente nos dias mais desafiadores.

Aos meus pais, Alda e Antonio, e à minha irmã Pâmela, por toda atenção e cuidado que sempre tiveram comigo, por não me deixarem desistir e por me apoiarem e comemorarem comigo a cada pequena conquista.

Ao Prof.º André Luiz Moscaleski Cavazzani, por ter me acompanhado nesta caminhada, por me dar autonomia e acreditar no meu trabalho, mesmo quando eu não acreditava.

Ao Prof.º Sergio Odilon Nadalin, pelos ensinamentos e apoio.

Aos membros da banca de qualificação, Prof.ª Ana Silva Volpi Scott e a Prof.ª Maria Luiza Andreazza, por suas atenciosas leituras, apontamentos e sugestões que me guiaram a uma nova visão do meu trabalho.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em História da UFPR, especialmente à Profª Karina Kosicki Bellotti e ao Prof.º Otávio Luiz Vieira Pinto, por suas aulas inspiradoras que apresentaram novos campos de pesquisa na história.

À Professora Karine Marielly Rocha da Cunha do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da UFPR, que gentilmente se propôs a conversar comigo e me guiou a uma parte importante do meu trabalho.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela bolsa de pesquisa.

Às minhas amigas historiadoras, Nadezsda Dolci e Giovanna Stefanelli, pelas longas conversas e pelo apoio em todo o processo do mestrado.

Ao Centro de Línguas e Interculturalidade (Celin) da UFPR e à Prof.ª Juliane Ferreira Peixoto, pelas aulas de italiano que me ajudaram na leitura das fontes periódicas.

“Nós fizemos a Itália: agora temos de fazer os italianos”.

Massimo d’Azeglio

RESUMO

Este trabalho analisa a imigração italiana em São Paulo no final do século XIX, utilizando como fonte o jornal *Gl'Italiani in San Paulo* (1888-1889), sob a direção de seu proprietário, Alessandro Maglia. O objetivo central consiste em identificar como o periódico abordava questões do nacionalismo, que se manifestam na italianidade. Para alcançar essa meta, a pesquisa adotou uma perspectiva da história cultural, fundamentando-se nas obras de historiadoras como Marialva Barbosa (2010), Tania Regina De Luca (2018) e Ana Luiza Martins (2018). Essas autoras discutiram o uso de fontes periódicas na pesquisa histórica, facilitando a compreensão do papel do jornalismo estrangeiro na sociedade da época. Adicionalmente, a investigação realizou um levantamento tipológico e uma análise crítica e interpretativa das publicações, concentrando-se na construção da italianidade. A fundamentação teórica apoiou-se nos trabalhos de Pierre Bourdieu (1989) e Stuart Hall (1997; 2003), que exploraram a cultura por meio de simbolismos e representações. Além disso, foram incorporados autores como Benedict Anderson (2008) e Eric Hobsbawm (1990; 2015) para aprofundar a discussão sobre nacionalismo. Complementarmente, os estudos de etnicidade e fronteiras étnicas de Frederik Barth, Philippe Poutignat e Jocelyne Streiff-Fenart (1998) contribuíram para a compreensão do conceito de italianidade. O trabalho também apresentou uma contextualização sobre a imigração italiana em São Paulo, caracterizando a cidade como um polo econômico em crescimento. Em seguida, aprofundou-se na análise crítica e interpretativa das 145 edições do periódico, realizando o levantamento de sua tipologia. Por fim, a pesquisa buscou contribuir para o entendimento de italianidade entre os imigrantes italianos, considerando a hipótese de que o jornal apresentava uma postura nacionalista. Demonstrou-se que o *Gl'Italiani in San Paulo* atuou como agente de construção identitária e integração social da comunidade italiana em São Paulo.

Palavras-chave: Imigração Italiana; Imprensa Estrangeira; Nacionalismo; Italianidade; História Cultural.

ABSTRACT

This paper analyzes Italian immigration to São Paulo in the late 19th century, using the newspaper *Gl'Italiani* in San Paulo (1888-1889), edited by its owner, Alessandro Maglia, as a source. The main objective is to identify how the periodical addressed issues of nationalism, which manifests itself in Italianness. To achieve this goal, the research adopted a cultural history perspective, based on the works of historians such as Marialva Barbosa (2010), Tania Regina De Luca (2018) and Ana Luiza Martins (2018). These authors discussed the use of periodical sources in historical research, facilitating the understanding of the role of foreign journalism in society at the time. Additionally, the research carried out a typological survey and critical and interpretative analysis of the publications, focusing on the construction of Italianness. The theoretical foundation was based on the works of Pierre Bourdieu (1989) and Stuart Hall (1997; 2003), who explored culture through symbolism and representations. In addition, authors such as Benedict Anderson (2008) and Eric Hobsbawm (1990; 2015) were incorporated to deepen the discussion on nationalism. In addition, the studies of ethnicity and ethnic boundaries by Frederik Barth, Philippe Poutignat and Jocelyne Streiff-Fenart (1998) contributed to the understanding of the concept of Italianness. The work also presented a contextualization of Italian immigration in São Paulo, characterizing the city as a growing economic hub. It then delved into the critical and interpretative analysis of the 145 issues of the periodical, surveying its typology. Finally, the research sought to contribute to the understanding of Italianness among Italian immigrants, considering the hypothesis that the newspaper presented a nationalist stance. And it demonstrated that *Gl'Italiani* in San Paulo acted as an agent of identity construction and social integration of the Italian community in São Paulo.

Keywords: Italian Immigration; Foreign Press; Nationalism; Italianness; Cultural History.

ABSTRACT

Questo articolo analizza l'immigrazione italiana a San Paolo alla fine del XIX secolo, utilizzando come fonte il quotidiano *Gl'Italiani di San Paolo* (1888-1889), diretto dal suo proprietario, Alessandro Maglia. L'obiettivo principale è identificare come il periodico abbia affrontato le questioni del nazionalismo, che si manifesta nell'italianità. Per raggiungere questo obiettivo, la ricerca ha adottato una prospettiva storico-culturale, basata sui lavori di storiche come Marialva Barbosa (2010), Tania Regina De Luca (2018) e Ana Luiza Martins (2018). Queste autrici hanno discusso l'uso delle fonti periodiche nella ricerca storica, facilitando la comprensione del ruolo del giornalismo straniero nella società dell'epoca. Inoltre, la ricerca ha condotto un'indagine tipologica e un'analisi critica e interpretativa delle pubblicazioni, concentrandosi sulla costruzione dell'italianità. Il fondamento teorico si è basato sui lavori di Pierre Bourdieu (1989) e Stuart Hall (1997; 2003), che hanno esplorato la cultura attraverso il simbolismo e le rappresentazioni. Inoltre, autori come Benedict Anderson (2008) ed Eric Hobsbawm (1990; 2015) sono stati inclusi per approfondire la discussione sul nazionalismo. Infine, gli studi sull'etnia e sui confini etnici di Frederik Barth, Philippe Poutignat e Jocelyne Streiff-Fenart (1998) hanno contribuito alla comprensione del concetto di italianità. Il lavoro ha inoltre presentato una contestualizzazione dell'immigrazione italiana a San Paolo, caratterizzando la città come un polo economico in crescita. Ha poi approfondito l'analisi critica e interpretativa dei 145 numeri del periodico, esaminandone la tipologia. Infine, la ricerca ha cercato di contribuire alla comprensione dell'italianità tra gli immigrati italiani, considerando l'ipotesi che il giornale presentasse una posizione nazionalista. E ha dimostrato che *Gl'Italiani* a San Paolo ha agito come agente di costruzione dell'identità e di integrazione sociale della comunità italiana di San Paolo.

Parole chiave: Immigrazione italiana; Stampa estera; Nazionalismo; Italianità; Storia Culturale.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - MOVIMENTO DE IMIGRANTES NO PORTO DE SANTOS	16
FIGURA 2 - PROPAGANDA: DEPÓSITO DE VINHOS ITALIANOS	19
FIGURA 3 - ANÚNCIOS DE TRABALHO.....	20
FIGURA 4 - PROPAGAÇÃO DA LÍNGUA ITALIANA	25
FIGURA 5 - TRECHOS DA COLUNA DE A. PESSOLANO	33
FIGURA 6 - CABEÇALHO <i>JORNAL L'UNIONE</i>	34
FIGURA 7 - ETIQUETA IDENTIFICADORA NO CABEÇALHO	46
FIGURA 8 – MUDANÇA DE PERIODICIDADE	46
FIGURA 9 - ADMINISTRADOR NICOLINO BERNARDI (O).....	47
FIGURA 10 - MODIFICAÇÃO NOS DIAS DA SEMANA.....	47
FIGURA 11 - <i>REDAZIONE</i> : GIUSEPPE ZAMPOLLI.....	47
FIGURA 12 - MUDANÇA DE ENDEREÇO: RUA DA PRINCEZA, N. 11.....	48
FIGURA 13 - MUDANÇA DE PREÇO.....	48
FIGURA 14 - MUDANÇA DE ENDEREÇO: LADEIRA DE S. FRANCISCO, N. 3.	49
FIGURA 15 - <i>BRASILE LIBERO</i>	50
FIGURA 16 - PÁGINA 1 ED. 141 E SUPLEMENTO EXTRAORDINÁRIO.....	51
FIGURA 17 - <i>L'EREDITA' DI CAINO</i>	52
FIGURA 18 - PAGAMENTO ANTECIPADO, RECEBE PRESENTE.....	52
FIGURA 19 - <i>NOTE VAGABONDE: ITALIANISMO</i>	53
FIGURA 20 - FLUXOGRAMA DAS ETAPAS DE TRABALHO.....	59
FIGURA 21 - ENDEREÇO SPI.....	59
FIGURA 22 - SOCIEDADE PROMOTORA DE IMIGRAÇÃO.....	61
FIGURA 23 - RECLAMAÇÃO SOBRE O TRATAMENTO DOS IMIGRANTE NA HOSPEDARIA.....	65
FIGURA 24 - CONSELHOS AOS IMIGRANTES	66
FIGURA 25 - ESCLARECIMENTO DA SPI	68
FIGURA 26 - COMPANHIA DE NAVEGAÇÃO DE A. FIORITA.....	69
FIGURA 27 - AGENTE DE ANÚNCIOS.....	72

FIGURA 28 - CABEÇALHO DO JORNAL <i>L' IMMIGRANTE</i>	73
FIGURA 29 - ALESSANDRO MAGLIA.....	74
FIGURA 30 - ELEITA COMISSÃO EXECUTIVA.....	74
FIGURA 31 - SOCIEDADE DE IMIGRAÇÃO DE S. PAULO	75
FIGURA 32 - DIVULGAÇÃO DO <i>GLI ITALIANI AL BRASILE</i>	76
FIGURA 33 - CABEÇALHO <i>GLI ITALIANI AL BRASILE</i>	77
FIGURA 34 - CABEÇALHO MODIFICADO DO <i>GLI ITALIANI AL BRASILE</i>	77
FIGURA 35 - ALESSANDRO MAGLIA ENFERMO.....	77
FIGURA 36 - SOBRINHA DE A. MAGLIA.....	78
FIGURA 37 - COMPRA DE TERRENOS.....	78
FIGURA 38 - REQUERIMENTOS DESPACHADOS.....	79
FIGURA 39 - MAGLIA SOLICITADO A INTERVIR EM QUESTÕES DA COMUNIDADE ITALIANA.....	78
FIGURA 40 - PARTICIPAÇÃO EM ASSOCIAÇÃO.....	80
FIGURA 41 - <i>LA LEGA ITALIANA</i>	81
FIGURA 42 - DESENTENDIMENTO	82
FIGURA 43 - O ELEITORADO ITALIANO PERANTE O PAIZ	82
FIGURA 44 - PROTESTO.....	84
FIGURA 45 - EM DEFESA DE MAGLIA.....	84
FIGURA 46 - MUDANÇA DE MAGLIA PARA SANTA CATARINA.	85
FIGURA 47 - FALECIMENTO DE A. MAGLIA.....	86
FIGURA 48 – PEDIDO DE CRIAÇÃO DE GABINETE DE INFORMAÇÕES E RECLAMAÇÕES.....	88
FIGURA 49 – ASILO AGRÍCOLA.....	88
FIGURA 50 – SENTIMENTO DE NACIONALISMO ENTRE IMIGRANTES ITALIANOS.....	90
FIGURA 51 – BRASIL LIVRE E AO POVO BRASILEIRO.....	92
FIGURA 52 – 3 DE JUNHO.....	94
FIGURA 53 – 2 DE JUNHO.....	95
FIGURA 54 – CREDIBILIDADE DE MAGLIA E SEU JORNAL.....	99
FIGURA 55 – ROMANCE.....	102
FIGURA 56 – EDUCAÇÃO.....	105
FIGURA 57 – ASSOCIAÇÃO E ESCOLA.....	106

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - INDÚSTRIAS DE ITALIANOS EM SÃO PAULO	18
QUADRO 2 - SEQUÊNCIA DE JORNAIS.....	44

LISTA DE SIGLAS

AEP	- Arquivo Estadual de Pernambuco
APEJE	- Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano
BN	- Biblioteca Nacional
BMA	- Biblioteca Mário de Andrade
HDB	- Hemeroteca Digital Brasileira
IHGSP	- Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo
SPI	- Sociedade Promotora de Imigração
TRANSFORPRESS	- Transnational Network for the Study of Foreign Language Press

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	11
1	O CENÁRIO DA IMIGRAÇÃO ITALIANA EM SÃO PAULO NO FINAL DO SÉCULO XIX.....	15
1.1	O CENÁRIO DA IMPRENSA PAULISTA.....	21
1.2	PERIÓDICOS E JORNALISTAS ITALIANOS.....	23
1.2.1	Perfil do jornalismo de língua italiana.....	27
1.2.1.1	Os assuntos tratados pelos jornais e o papel na comunidade italiana.....	39
2	JORNAL <i>GL'ITALIANI IN SAN PAULO</i> (1888-1889).....	42
2.1	TIPOLOGIA DA FONTE.....	56
2.2	SOCIEDADE PROMOTORA DE IMIGRAÇÃO.....	60
2.3	ALESSANDRO MAGLIA E OUTRAS PUBLICAÇÕES.....	71
3	A ITALIANIDADE NAS PÁGINAS DO <i>GL' ITALIANI IN SAN PAULO</i>.....	87
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	108
	REFERÊNCIAS.....	112
	ANEXOS.....	119

INTRODUÇÃO

Este trabalho abordou a história da imigração italiana na cidade de São Paulo no final do século XIX. A análise foi realizada com base na fonte do jornal *Gl'Italiani in San Paulo*¹ (1888-1889), publicada sob a direção do proprietário Alessandro Maglia, em São Paulo.

O objetivo consistiu em utilizar a perspectiva da história cultural como fundamentação metodológica para a análise do jornal *Gl' Italiani*, com ênfase na realização de um levantamento tipológico da fonte, de modo a identificar suas principais características. O embasamento teórico foi voltado para a análise das publicações do periódico e seu posicionamento. Desta forma, foi realizada uma análise crítica e interpretativa do discurso apresentado pelo jornal acerca da italianidade.

Para atingir esse propósito, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos: 1) identificar as características do jornal e de suas publicações; 2) compreender quais foram as motivações do jornal por meio de seu programa editorial; 3) investigar o papel do diretor e proprietário Alessandro Maglia para a comunidade italiana em São Paulo; 4) analisar os textos, anúncios e propagandas selecionados que identificavam a italianidade no jornal.

Uma preocupação desta pesquisa foi apresentar a tradução dos textos publicados no jornal. Nos casos de trechos mais curtos, a tradução foi inserida no próprio corpo do texto; para textos mais extensos, optou-se por disponibilizar a tradução completa nos anexos, a fim de preservar a fluidez da análise sem comprometer o acesso integral ao conteúdo original.

A análise crítica e interpretativa envolveu estudos da historiografia sobre a imprensa no Brasil durante a transição do século XIX para o século XX, com base nas obras de Marialva Barbosa (2010), Tania Regina de Luca (2018) e Ana Luiza Martins (2018). Essas obras discutiram o uso metodológico das fontes periódicas e da teoria da História da Imprensa, permitindo compreender como o jornal se inseriu na dinâmica da sociedade em que circulava.

Do ponto de vista teórico-conceitual, a pesquisa foi fundamentada nas discussões dos autores Benedict Anderson (2008) e Eric Hobsbawm (2015), que analisaram questões de nacionalismo e as características do surgimento das nações, visando entender o

¹ Tradução: Os Italianos em São Paulo. Empregou-se o uso de itálico para o título do jornal e para as expressões em língua italiana, com exceção dos nomes próprios.

movimento de Unificação Italiana, denominado *Risorgimento*, que afetou diretamente os movimentos imigratórios de italianos e a convivência nos lugares receptores. O trabalho também se baseou nas análises sobre etnicidade e fronteiras étnicas de Frederik Barth, explicadas por Philippe Poutignat e Jocelyne Streiff-Fenart (1998), para compreender o conceito de italianidade. Por fim, para enriquecer a discussão, foram utilizados os conceitos de representação e poder simbólico desenvolvidos por Pierre Bourdieu (1989) e Stuart Hall (1997; 2003), a fim de entender a formação da cultura nacional italiana.

Além disso, a pesquisa incorporou os estudos historiográficos sobre a imigração no Brasil, com foco especial no contexto da imigração italiana em São Paulo, fundamentados nas obras de Franco Cenni (1975), Zuleica Alvim (1986), Angelo Trento (2013; 2022) e Tereza Malatian (2017).

Na busca por compreender o fenômeno da imigração italiana utilizando uma fonte jornalística, alguns questionamentos foram levantados, tais como: qual foi o posicionamento do jornal *Gl'Italiani in San Paulo* em relação ao movimento imigratório de italianos na cidade de São Paulo, entre 1888 e 1889? Como traçar um perfil do jornal considerando suas publicações? De que forma foi percebida a ideia de italianidade nas páginas do jornal?

As hipóteses consideradas foram: 1) o jornal de língua italiana se restringia a circular dentro do grupo étnico; 2) o jornal apresentava um posicionamento nacionalista; 3) o programa editorial era voltado para divulgar e ajudar os imigrantes italianos na cidade de São Paulo; e 4) o diretor e proprietário Alessandro Maglia tinha influência no meio em que atuava.

A presente pesquisa se justifica pela relevância histórica, social e cultural da imprensa de língua italiana na formação da identidade coletiva dos imigrantes italianos na cidade de São Paulo, no final do século XIX. O jornal *Gl' Italiani in San Paulo* (1888-1889), objeto central deste estudo, representou ainda um nome pouco explorado pela historiografia brasileira, especialmente no que diz respeito ao seu papel na construção e divulgação da italianidade entre os imigrantes.

O contexto de intensa imigração italiana para São Paulo, associado às transformações urbanas, sociais e econômicas da cidade nesse período, reforçou a importância de se analisar os meios de comunicação utilizados por esses grupos para manter laços culturais, políticos e identitários com a terra de origem. Aliado a isso, a pertinência deste estudo foi a escassez de análises específicas sobre o *Gl' Italiani in San Paulo*, frente à ampla bibliografia já produzida sobre outros jornais italianos da época,

como o *Fanfulla*, e de seu diretor e proprietário Alessandro Maglia, que já havia realizado outras publicações e era muito presente na comunidade italiana, com participação na política local.

Ao realizar um levantamento tipológico detalhado das edições disponíveis, o trabalho ofereceu uma contribuição documental e interpretativa para futuras pesquisas no campo da História da Imprensa, da Imigração e das Identidades Étnicas. A tradução de partes dos textos originais do *Gl' Italiani*, realizadas nesta dissertação, ampliou o acesso às fontes primárias para pesquisadores de outras áreas e reforçou o compromisso acadêmico com a democratização do conhecimento histórico.

O primeiro capítulo, intitulado O Cenário da Imigração Italiana em São Paulo no final do século XIX, abordou a contextualização da imigração em São Paulo, bem como a revisão da literatura sobre a história da imigração italiana, discutindo a presença dos imigrantes italianos na sociedade paulista, desde sua chegada na Hospedaria do Brás até sua inserção no cotidiano da cidade. São Paulo, à época, caracterizou-se como um dos maiores polos econômicos brasileiros, em processo de modernização e atração de imigrantes que deixaram o campo para trabalhar nos centros urbanos em expansão industrial e comercial. A cidade passou a concentrar uma população crescente, que ocupou principalmente os bairros mais pobres, formando os chamados cortiços.

Ademais, foi apresentado, brevemente, o cenário da imprensa paulista, a fim de compreender os fatores que levaram ao desenvolvimento da imprensa italiana no país, especialmente no estado de São Paulo. Também foi apresentado um panorama do perfil do jornalismo de língua italiana, visando esclarecer o contexto em que o *Gl'Italiani in San Paulo* foi fundado. A busca teve como objetivo compreender o retrato do jornalismo italiano ao longo dos anos, seu formato de impressão e escrita, a postura dos jornalistas e a configuração do jornal. Foram utilizadas imagens de trechos de colunas e cabeçalhos para ilustrar o início da análise da tipologia da fonte. Outrossim, foi desenvolvido um estudo sobre o perfil dos assuntos tratados pelos jornais e o papel na comunidade italiana.

No capítulo dois, intitulado *Jornal Gl'Italiani in San Paulo (1888-1889)*, aprofundou-se a análise do conteúdo do periódico. Foram analisadas 145 edições, sendo 82 números no ano de 1888 e 63 números em 1889. A tipologia do jornal foi detalhada de modo que sua apresentação ficasse clara. Destacaram-se mudanças em sua estrutura, como no cabeçalho; as colunas recorrentes; os valores da unidade e das assinaturas; os jornalistas que contribuíram com o jornal; além de anúncios e propagandas.

Para compor essa análise, foi realizada uma discussão com autores que trataram da história da imprensa no Brasil, a fim de contextualizar a forma como o jornal pôde ser publicado. Também foram apresentadas as etapas do processo metodológico da pesquisa, desde o início, com base no projeto, passando pelas mudanças que ocorreram até o final do trabalho. A metodologia consistiu, inicialmente, na localização das 145 edições do *Gl'Italiani*, seguida por um levantamento tipológico e a classificação das seções e colunas recorrentes. Posteriormente, foi realizada a tradução de trechos selecionados e, por fim, iniciou-se a análise crítica e interpretativa dos textos, com base nos referenciais teóricos da história cultural e dos conceitos de nacionalismo e etnicidade.

Ainda neste capítulo, discutiu-se o papel da Sociedade Promotora de Imigração (SPI) e sua presença constante no periódico. Outrossim, um subcapítulo foi reservado para mostrar a participação do diretor e proprietário do *Gl' Italiani in San Paulo*, Alessandro Maglia, na sociedade paulista, bem como foi apresentado um pouco do seu trabalho em outras publicações.

O terceiro capítulo, intitulado A italianidade nas Páginas do *Gl' Italiani in San Paulo*, desenvolveu a discussão a respeito do posicionamento nacionalista do jornal e de seu projeto editorial voltado a propagar a italianidade. Abordou-se, brevemente, o processo de unificação italiana que levou à formação de uma nova nação, a uma nova língua e à “invenção” de novas culturas, heróis e datas comemorativas. Essa discussão baseou-se nos conceitos de comunidades imaginadas e tradições inventadas, que possibilitaram a análise do jornal a partir de sua italianidade, a qual determinou fronteiras étnicas com a sociedade na qual estava inserido. A representação e seu poder simbólico foram discutidos e analisados juntamente com a ideia de seu posicionamento nacionalista, conforme suas publicações.

A análise do jornal *Gl' Italiani in San Paulo* revelou seu papel central na formação da identidade coletiva da comunidade italiana em São Paulo no final do século XIX. Por meio de uma atuação editorial orientada pela defesa da cultura italiana, do apoio às políticas migratórias e da denúncia de injustiças, o periódico promoveu a construção de uma “comunidade imaginada” entre os imigrantes, articulando discursos nacionalistas e de integração social, sob a liderança de Alessandro Maglia.

Logo, a intenção deste trabalho foi contribuir com as indagações e inquietações da comunidade acadêmica que estuda a imprensa italiana, sobre a circulação desses jornais e como puderam contribuir com os imigrantes italianos, além da preservação e disseminação de sua cultura.

1 O CENÁRIO DA IMIGRAÇÃO ITALIANA EM SÃO PAULO NO FINAL DO SÉCULO XIX

A chegada de um grande contingente de imigrantes ao Brasil teve início na segunda metade do século XIX, com embarcações, principalmente, aportando no Porto de Santos, localizado no litoral de São Paulo. Muitos desses imigrantes dirigiram-se à Hospedaria dos Imigrantes na cidade de São Paulo². Os imigrantes italianos destacaram-se no contexto geral de entrada, conforme demonstrou Truzzi (2016), pois, entre 1888 e 1939, dos quatro milhões de imigrantes que vieram ao Brasil, 34% eram italianos. Dentro do recorte mais amplo mencionado, o autor ressaltou o período de maior fluxo de entrada dos italianos, que ocorreu entre 1886 e 1900, correspondendo a 57% dos imigrantes que chegaram ao país.

Em São Paulo, Alvim (1986) analisou um período de 50 anos, compreendido entre 1870 e 1920, caracterizado pela significativa entrada de imigrantes italianos no estado, dividindo-o em três fases distintas. A primeira fase abrangeu o intervalo de 1870 e 1885, quando as lavouras de café começaram a aumentar de produção e os fazendeiros do Oeste Paulista iniciaram a transição de trabalhadores escravizados para imigrantes. Contudo, naquele período, não havia uma política de imigração definida, e os italianos ainda não se destacavam como a maior nacionalidade imigrante presente no estado. O segundo período, que se estendeu de 1885 a 1902, foi marcado pela consolidação da economia cafeeira em São Paulo, com a implementação da mão de obra livre e a definição de uma política de imigração que priorizou a contratação de imigrantes italianos. Por fim, na terceira fase, entre 1902 e 1920, a política de imigração expandiu-se para outros estados, assim como para países como Argentina e Estados Unidos, que começaram a receber um contingente maior de imigrantes.

Como exemplo do expressivo número de imigrantes italianos em comparação com outras nacionalidades, destacou-se a divulgação no jornal *Gl'Italiani in San Paulo*, que apresentou informações sobre a entrada de imigrantes no Porto de Santos durante o mês de novembro de 1888.

² A construção da hospedaria se deu em 1887 no bairro do Brás, com capacidade para acomodar aproximadamente mil pessoas por dia, contudo na maior parte do tempo chegava a receber o triplo. (Lesser, 2015)

FIGURA 1 - MOVIMENTO DE IMIGRANTES NO PORTO DE SANTOS

Movimento d'immigranti nel porto di Santos — Entrarono durante il mese di Novembre 9.756 immigranti: allemani 8; svizzeri 7; belgi 10; austriaci 40; cearensi 124; portoghesi 420; spagauoli 448; italiani 8,699; maschi 5,498; femmine 4,288; maggiori 5,669; minorenni 4,087; celibi 6,070; ammogliati 3,686.

FONTE: *Gl'Italiani in San Paulo*, 6 Dicembre 1888, num. 172, anno III, p. 2.

Entraram no mês de novembro 9.756 imigrantes: 8 alemães; 7 suíços; 10 belgas; 40 austríacos; 124 cearenses³; 420 portugueses; 448 espanhóis; 8.699 italianos: 5.498 homens, 4.288 mulheres; 5.669 maiores; 4.087 menores; 6.070 solteiros; 3.686 casados (*Gl'Italiani in San Paulo*, 6 Dicembre 1888, num. 172, anno III, p. 2).

Foi nesse cenário que o jornal passou a circular entre os anos de 1888 e 1889, apesar de a cidade de São Paulo ter começado a vivenciar um acelerado crescimento urbano mais para meados da última década do século XIX.

Os imigrantes italianos se estabeleceram principalmente em áreas que seriam conhecidas como bairros operários, como Brás, Mooca, Bom Retiro, Barra Funda e Bexiga (Bela Vista). No final da década de 1870, essas localidades eram pouco habitadas, com algumas chácaras e casas próximas às estradas. Contudo, consolidaram-se como núcleos de imigração devido à proximidade com fábricas e oficinas que surgiram, além do acesso a moradias acessíveis, embora em condições precárias (Cenni, 1975; Trento, 2022).

O Brás e a Mooca tornaram-se centros industriais e operários, com uma forte presença de fábricas têxteis, metalúrgicas e gráficas, onde os italianos, principalmente trabalharam em condições muitas vezes insalubres e mal remuneradas. O Bexiga, por sua vez, destacou-se pela presença de pequenos comerciantes e artesãos italianos; além disso, houve uma intensa vida comunitária, com sociedades recreativas, jornais em língua italiana e igrejas. Percebeu-se que a ocupação dos imigrantes italianos nesses e em outros bairros paulistas teve uma divisão regional. Enquanto os calabreses ficaram no bairro do

³ Percebeu-se a presença de cearenses na divulgação da lista na movimentação de entrada no Porto de Santos.

Bexiga, atual Bela Vista, os vênetos se instaram no Bom Retiro e os napolitanos no bairro do Brás (Cenni, 1975).

Essa observação reforçou a ideia da presença do regionalismo entre os imigrantes italianos, o que foi além dos aspectos culturais, estendendo-se também às questões relacionadas à oferta de trabalho, conforme os ofícios exercidos, às condições financeiras e às redes de sociabilidade. A proposta de reunir parentes e amigos que já estavam instalados em São Paulo determinou, em muitos casos, a escolha do bairro de residência. Assim, a ocupação dos espaços urbanos refletiu tanto vínculos regionais quanto estratégias práticas de inserção na sociedade paulista.

Esses bairros não se desenvolveram à medida que os imigrantes e, principalmente, as fábricas se instalaram. Bairros como Brás e Barra Funda, segundo a descrição do jornal *Fanfulla*⁴ (14 e 16 mar 1899 apud Trento, 2022), não possuíam calçamento; as ruas eram cobertas por lama, com odores fortes, e não havia água ou esta era contaminada. De maioria italiana, as casas eram em cortiços, com

os cômodos, úmidos, enlameados, sujos, com paredes e tetos pretos de fumaça, abrigavam famílias inteiras: a densidade média era de seis a dez pessoas. Faltava ar, luz, espaço, esgotos e higiene. O quintal em comum, às vezes, transformava-se num charco, mais frequentemente num depósito de lixo, onde as crianças passavam o dia brincando e as mulheres lavando roupa, junto de uma única latrina quase sempre em estado lastimável (*Fanfulla*, 11 out 1904 apud Trento, 2022, p. 143, 144).

Localizada no bairro do Brás, a Hospedaria foi criada pelo governo paulista para receber, registrar e encaminhar imigrantes para o trabalho, principalmente nas fazendas de café do interior. Segundo Bóris Fausto (1999), esse fluxo foi parte de uma estratégia para substituir a mão de obra escravizada, abolida oficialmente em 1888. A hospedaria forneceu alimentação e alojamento temporário e, além disso, realizou inspeções médicas para evitar surtos de doenças.

A chegada à Hospedaria representou um momento de transição para os imigrantes, que passaram dias ou semanas no local antes de serem enviados para o trabalho. Muitos enfrentaram dificuldades devido às condições precárias e à falta de informações sobre o que os aguardava no Brasil. O processo de encaminhamento nem sempre respeitou as expectativas dos imigrantes, e alguns optaram por permanecer na cidade, buscando emprego no setor industrial ou no comércio.

⁴ Edições indisponíveis para consulta no momento da pesquisa em <https://sistema.unesp.br/acervo>.

A proximidade da Hospedaria com bairros operários, como o Brás e a Mooca, fez com que muitos imigrantes italianos optassem por permanecer na capital e contribuíssem para a consolidação dessas regiões como centros da comunidade italiana. Como destacou Angelo Trento (2022), essa decisão influenciou o desenvolvimento econômico e cultural da cidade, resultando na criação de padarias, armazéns e fábricas administradas por italianos.

Os imigrantes italianos desempenharam um papel fundamental na industrialização incipiente de São Paulo. Segundo Cenni (1975), muitos deles foram absorvidos pelas fábricas que começaram a surgir na cidade, atuando em setores como o têxtil, a metalurgia e a construção civil. A presença italiana no operariado urbano também fomentou o associativismo, com sindicatos e movimentos grevistas que ganharam força no início do século XX. Algumas das principais indústrias que surgiram na cidade de São Paulo entre 1878 e 1890⁵, foram:

QUADRO 1 – INDÚSTRIAS DE ITALIANOS EM SÃO PAULO

Ano de Fundação	Empresa	Ramo de Atividade	Proprietário
1878	Fábrica de Massas Christofani	Massas	Ludovico Dal Portoz e Francisco Casini
1879	Fábrica de Toldos, Colchões, Almofadas	Toldos, Colchões, Almofadas	Scorzato & Cia.
1881	Fábrica de Pianos	Pianos	Isidoro Nardelli
1886	Luiz Trevisan & Irmão	Licores, Doces, etc.	Luiz Trevisan & Irmão
1886	Fracalanza	Vassouras, Cestos, etc.	Angelo Fracalanza
1888	Irmão Reffinetti	Móveis	Irmão Rreffinetti
1888	Antonio de Masso	Móveis	Antonio de Masso
1889	Ao Acordeon Cromático	Instrumentos Musicais	Pedro Baccaglioni
1890	L'Artística	Tipo-Litográfico	Innocencio M. Pagani
1890	Fábrica a Vapor de Tecido e Fiação de Corda e Barbante	Fiação, Corda, Barbante	Enrico Maggi
1890	Estab. dos Irmãos Falchi	Cerâmica, Tecidos, Graxa, Confeitos e Chocolates	Emigdio, Pamphilo, Bernardino Palchi

FONTE: Cenni, 1975, p. 204, 205.

Outros imigrantes que enriqueceram com seus empreendimentos foram destacados por Trento (2022), como os irmãos Giuseppe e Nicola Puglisi Carbone, que vieram para o Brasil em 1886. Seus empreendimentos consistiram em negócios nas áreas

⁵ Não houve nenhuma propaganda dessas fábricas no jornal *Gl'Italiani in San Paulo*, exceto por outra propriedade de Giuseppe Carbone.

da construção e de alimentos, como o depósito de vinho, conforme mostrou a propaganda no jornal *Gl'Italiani in San Paulo*, na edição 228, de 9-10 de maio de 1889.

FIGURA 2 – PROPAGANDA: DEPÓSITO DE VINHOS ITALIANOS



FONTE: *Gl'Italiani in San Paulo*, 9-10 de Maio 1889, num. 228, anno IV, p. 4

ETNA Vinhos Italianos Puros
 Armazém de vinhos e produtos alimentícios italianos de qualidade e pureza garantidas.
 É vendido em garrafas de 500 e 600 cada e em barris.
 Preços muito razoáveis - Também enviamos para a província.
 Entrar em contato com o proprietário Giuseppe Puglisi Carbone (*Gl'Italiani in San Paulo*, 9-10 de Maio 1889, num. 228, ano IV, p. 4).

Além do trabalho industrial, muitos imigrantes italianos buscaram alternativas no comércio e no artesanato. De acordo com Angelo Trento (2022), a ascensão econômica de algumas famílias italianas foi notável, principalmente entre aqueles que abriram pequenos negócios, como padarias, armazéns e oficinas mecânicas. Esse movimento contribuiu para a formação de uma classe média ítalo-paulistana que, no século XX, desempenhou um papel de destaque na economia da cidade.

O autor Franco Cenni (1975) descreveu com detalhes o trabalho de vendedores ambulantes pela cidade de São Paulo.

Às três da manhã, em São Paulo, dirigiam-se ao mercado velho da ladeira João Alfredo, no começo da Várzea do Carmo onde faziam suas compras os vendedores de peixe, facilmente reconhecíveis por uma característica bolsa de couro amarrada à cintura e por uma pequena balança; os vendedores de frangos que vestiam um curioso casaco curto e sem colarinho, e colocavam sua mercadoria em duas grandes cestas de cana trançada, chamadas “jacás”, que às vezes eram carregadas por pequenas mulas. Havia também os vendedores de verduras, escolhendo o que mais lhes aprouvesse nas cinqüenta grandes

mesas, onde expunham suas mercadorias cultivadores italianos, proprietários dos campos existentes pelos lados da Moóca e de São Bernardo (Cenni, 1975, p. 223).

Segundo o autor, além da venda de produtos como plantas, verduras, frangos, peixes e castanhas assadas, os vendedores também ofereciam serviços de jardinagem e engraxate. Eram “jovens imigrantes, de dez a catorze anos, que percorriam as estações das estradas de ferro e as principais ruas e praças da cidade, com sua caixa a tiracolo. A ladeira São João, na descida da praça Antonio Prado, era um dos pontos preferidos” (Cenni, 1975, p. 224). Também havia os vendedores de jornais, com as mesmas características descritas acima. Eles buscavam os jornais às três da manhã no centro de distribuição na Praça Antonio Prado e seguiam para um dos lugares estratégicos, no largo do Rosário, onde saíam os bondes a partir da rua XV de Novembro (Cenni, 1975).

Em várias edições, encontrou-se anúncios em português e italiano de pessoas procurando empregados (*si ricercano*) e outras que estavam oferecendo seus serviços (*si offrono*).

FIGURA 3 – ANÚNCIOS DE TRABALHO

<p style="text-align: center;">Empregos</p> <p>Ida Mastra Basso, professora de italiano, de costuras, bordado a ouro seda e floco, e em roupas brancas, presisa empregar-se sujeita-se a servir de governantè, ou costureira, em qualcher fazenda, collegio ou casa particular, e o seo marido Calisto Basso se offerece como Administrador, jardineiro ou corréio.</p> <p>Informa-se com o Sir. Angeli Torteroli na Hospederia dos Immigrantes.</p>	<p style="text-align: center;">IMPIEGATI</p> <p style="text-align: center;">Si ricercano i seguenti</p> <p>Informa-se na Redacção d'esta folha.</p> <p>30—Una donna di servizio per casa di buona famiglia in città di provincia—Viaggio pagato; 120\$ l'anno di stipendio casa e vitto: si preferisce delle provincie meridionali.</p> <p>31. Garzone di sarto per andare in provincia.</p> <p style="text-align: center;">Si offrono i seguenti</p> <p>102. Criada para todo serviço domestico.</p> <p>103. Amado leite na Rua Bom Retiro 27.</p> <p>106. Casal sem filhos, sendo a mulher para todo serviço domestico o marido para creado hortelão o outro qualquer serviço.</p> <p>107. Carpinteiro e Marcineiro habil. e dispõdo de ferramenta para seu officio.</p> <p>Rua Boa Vista 16 com o Sig. Dami Benedetto.</p>
---	--

FONTE: *Gl'Italiani in San Paulo*, 24 Julho 1888, num. 119, ano III, p. 3; 16-17 abril 1889, num. 220, ano IV, p. 3.

FUNCIONÁRIOS
Procura-se o seguinte

30 - Uma empregada doméstica para uma casa de boa família em uma cidade do interior - Viagem paga: \$ 120 por ano. Salário, moradia e alimentação: pessoas de províncias do sul são preferidas.

31- Filho de alfaiate para ir à província (*Gl'Italiani in San Paulo*, 16-17 abril 1889, num. 220, ano IV, p. 3).

Ao observar a segunda imagem, questionou-se o motivo de a publicação estar dividida em duas línguas. Uma hipótese considerada foi a de que aqueles que ofertaram as vagas eram italianos, enquanto a parte em português, na qual pessoas ofereceram serviços, provavelmente correspondia a italianos que buscavam oportunidades junto aos brasileiros.

Assim, a imigração italiana para São Paulo, que se intensificou a partir de meados do século XIX, foi um fenômeno marcante que formou o contexto econômico e social do estado e, especialmente, da capital, mais para o final do século. A presença significativa dos italianos em bairros operários, como a Mooca e o Brás, contribuiu para o desenvolvimento industrial e cultural desses espaços. Através de suas atividades, os imigrantes italianos se tornaram peças fundamentais para a migração do espaço agrário para o urbano, deixando um legado que perdura até hoje.

Com a análise do papel da imprensa, especialmente das publicações do *Gl' Italiani in San Paulo*, foi possível compreender melhor as dinâmicas sociais e as experiências vividas pelos imigrantes. Nas próximas seções, será abordado o cenário da imprensa paulista e o impacto da imprensa estrangeira na comunidade italiana.

1.1 O CENÁRIO DA IMPRENSA PAULISTA

O uso de jornais como fonte historiográfica, especialmente a partir da década de 1980, tem possibilitado uma análise abrangente de diversos temas, como política, cultura e educação, revelando-se uma fonte valiosa para compreender dinâmicas sociais e culturais. A utilização dos periódicos como objeto de pesquisa na história da imprensa cresceu significativamente a partir da década de 2010, influenciada por autores como Marialva Barbosa (2010), Valérica Guimarães (2017), Luiza Martins (2018), Tania Regina De Luca (2008, 2018) e José D'Assunção Barros (2023). Esses estudiosos concentraram-se em métodos para analisar e utilizar jornais no contexto histórico brasileiro, contribuindo de maneira significativa para a historiografia da imprensa.

O grupo TRANSFOPRESS Brasil, dedicado à pesquisa da imprensa estrangeira no Brasil, também possui relevância nesse campo. Obras como *Imprensa Estrangeira*

Publicada no Brasil, organizada por Tania Regina de Luca e Valéria Guimarães (2017), exploram a imprensa de imigrantes no Brasil e demonstram como os estudos contribuíram para a formação de pesquisadores. Para citar alguns autores utilizados neste trabalho, destaca-se Tania Regina De Luca, que investiga a imprensa de língua francesa publicada no Brasil, com foco em jornais no Rio de Janeiro. Especificamente, para a imprensa de língua italiana, autores como Angelo Trento (2013; 2022) e Vera Chalmers (2017) têm se destacado na pesquisa histórica da imprensa de língua italiana em São Paulo.

O levantamento realizado por Angelo Trento (2013), em sua obra *Imprensa italiana no Brasil: séculos XIX e XX*, mapeou de forma detalhada os jornais de língua italiana impressos no Brasil, bem como aqueles que ainda permaneceram em centros de conservação, como bibliotecas e arquivos públicos. É importante ressaltar que muitos desses periódicos se perderam ao longo dos anos, e alguns encontram-se em estado de degradação, impossibilitando seu manuseio ou leitura.

O também italiano Franco Cenni (1975) foi autor de uma obra de referência na historiografia da imigração italiana no Brasil, na qual descreveu jornais, jornalistas e redatores dos periódicos que se destacaram pelas suas publicações.

A autora Heloisa de Faria Cruz (2013) trabalhou o contexto sobre o surgimento da imprensa no Brasil, além de ter explorado a circulação dos periódicos em São Paulo. Por sua vez, a tese de Eugenia Vezzelli (2015) ofereceu uma perspectiva linguística, que contribuiu para a compreensão do papel da língua e dos dialetos italianos no contexto social e cultural dos imigrantes.

As pesquisas desses autores forneceram uma base sólida para compreender o desenvolvimento da imprensa no Brasil, particularmente a imprensa de língua italiana em São Paulo. Enquanto Cruz (2013) e Vezzelli (2015) ofereceram perspectivas mais amplas sobre o contexto histórico e linguístico, Franco Cenni (1975) e Angelo Trento (2013; 2022) trataram especificamente da história da imigração italiana. A transição dos periódicos manuscritos para os impressos marcou um momento crucial na história da imprensa paulista, que refletiu as mudanças sociais e tecnológicas da época. Por isso, foi importante examinar também o surgimento específico dos primeiros jornais paulistas.

Em São Paulo, o primeiro jornal impresso foi publicado em 1827, intitulado *Farol Paulista*. Antes disso, em 1823, existiu o jornal *O Paulista*, um periódico manuscrito que era distribuído conforme o número de assinantes. Até a década de 1860, circularam em São Paulo os jornais *o Observador Constitucional* (1829) e *O Constitucional* (1835) (Schwarcz, 2017).

A partir da década de 1870, com o desenvolvimento dos transportes e a instalação de linhas férreas no Rio de Janeiro e em São Paulo, além do surgimento dos Correios e da introdução do telégrafo na capital, os periódicos começaram a refletir a modernização em suas páginas. Esse avanço foi impulsionado pelo crescente interesse dos leitores e pela expansão das instalações tipográficas a partir de 1880. Com o aumento do número de pessoas letradas e alfabetizadas, o hábito da leitura passou a ocupar os espaços públicos, como praças, cafés, bondes, ambientes comerciais e locais de trabalho. Paralelamente, multiplicaram-se as formas literárias nas publicações, incluindo revistas sobre o cotidiano, jornais críticos, literários, e voltados para a economia, entre outros exemplos (Barbosa, 2010).

Com a modernização, os jornais passaram a ser compreendidos como empresas. Embora inicialmente apresentassem um espaço limitado para notícias, abriram oportunidades para que comerciantes fizessem propagandas de seus produtos. Além disso, os anúncios também ganharam destaque, com indivíduos oferecendo seus serviços, como aulas de professores particulares. Mais de 600 publicações foram realizadas a partir do final do século XIX, destacando-se os jornais Correio Paulistano (1854), Diário de São Paulo (1865), A Província de São Paulo (1875), O Diário Popular (1884) e A Platéia (1888) (Cruz, 2013).

Ficou evidente que a evolução da imprensa paulista foi um reflexo do progresso da modernização, que incluiu o aumento da população, o fornecimento de energia, a instalação de escolas públicas e fábricas, além do crescimento do comércio e de oportunidades de emprego que passaram a exigir funcionários letrados ou alfabetizados. Assim, com um maior número de pessoas em circulação e em processo de alfabetização, o interesse pelos jornais avançou rapidamente, especialmente nos centros urbanos, nas áreas onde se localizavam as linhas férreas. Esse crescimento também ficou evidenciado pelo número de tipografias na cidade, que contou com mais de 20 em funcionamento em 1884 (Cruz, 2013).

1.2 PERIÓDICOS E JORNALISTAS ITALIANOS

Foi nesse contexto de modernização e expansão da imprensa no Brasil que os jornais estrangeiros ganharam espaço. Embora muitos desses periódicos fossem publicados por italianos em língua italiana, também havia casos em que eram editados na língua portuguesa.

Até onde se sabe, o primeiro jornal de língua italiana publicado no Brasil⁶ surgiu em 1765, na cidade do Rio de Janeiro, intitulado *La Croce del Sud*. Tratava-se de um periódico católico mensal, que incluiu uma seção escrita em língua portuguesa, publicado por dois frades capuchinhos, Giovan Francesco da Gubbio e Anselmo da Castelvetro, provavelmente editado de forma manuscrita, no convento onde residiam. Assim como muitos jornais da época, este não foi mais encontrado; na verdade, sua existência material nunca foi comprovada, mas foi citado em publicações de monografias e artigos publicados na Itália (Trento, 2013; 2022).

O autor Franco Cenni (1975) forneceu detalhes sobre as características desse jornal, que foi editado no convento da ordem de S. Francisco de Paulo, localizado no morro do Castelo.

Redigido em italiano mas também com uma seção na língua do País. A folha ocupava-se principalmente da propaganda religiosa, sendo mensal, nos primeiros tempos, passando sucessivamente a quinzenal. Sua difusão era bastante limitada, embora alguns mensageiros se encarregassem de difundi-la também fora do Rio de Janeiro (Cenni, 1975, p. 274).

Apenas em 1836, outro jornal foi publicado no Rio de Janeiro, com caráter político, editado por Giovan Battista Cuneo, intitulado *La Giovine Italia*. Assim como o periódico anterior, não foram encontrados vestígios materiais dessa publicação (Trento, 2013; 2022). Segundo Cenni (1975), *La Giovine Italia* foi impresso na residência de um dos editores, o veronês Luigi Delle Case, que utilizou uma máquina tipográfica simples e antiga, enviada de Montevidéu, local que também contava com uma presença significativa de imigrantes italianos.

Uma característica interessante desses primeiros jornais italianos publicados no Brasil foi a história de vida de seus editores e jornalistas, muitos dos quais chegaram ao país como exilados políticos. Esses “agitadores culturais”, como mencionou Trento (2013; 2022), desempenharam um papel ativo na formação da imprensa brasileira, especialmente nas décadas de 1820 e 1840⁷. Exemplos como Luigi Delle Case e Líbero Badaró, que fundou O Observador Constitucional em São Paulo em 1829, ilustraram a influência política dos italianos no jornalismo local. Outro exemplo foi Luigi Rossetti,

⁶ Trento (2022) comenta ser duvidosa a existência desse jornal. Primeiro, que nenhuma pesquisa no Brasil, até então, cita o *La Croce del Sud*. Segundo, que no Brasil Colônia, Portugal não autorizava a impressão e circulação de jornais impressos. Desta forma a hipótese é que este jornal católico era manuscrito.

⁷ Nesse período destaca-se as lutas gaúchas onde vários italianos se envolveram na Revolução Farroupilha. Algo raro, já que no geral imigrantes não costumavam se envolver em lutas locais, e os jornais ficavam restritos aos assuntos do grupo imigrante de notícias da Itália (Trento, 2013).

fundador do jornal O Povo em 1833, que apoiou a causa da Revolução Farroupilha no Rio Grande do Sul.

O primeiro jornal que apresentou as características da imprensa italiana no Brasil foi o *L'Iride Italiana*, publicado por Alessandro Galleano Ravara no Rio de Janeiro, a partir de 1854. Diferente dos periódicos anteriores, este era um semanário bilíngue e literário, dedicado à difusão da cultura italiana por meio de contos e poesias. Seu objetivo era promover a educação e a propagação da língua italiana (Trento, 2013). Além disso, buscou defender a língua e a cultura italiana em um cenário cultural dominado por influências externas (Cenni, 1975).

Esse foco na educação e na preservação da identidade italiana constituiu um ponto central desde a primeira edição do jornal. A ideia era

- 1º Difundir e fortalecer o amor pelas nossas letras italianas.
- 2º Tornar fácil e comum uma linguagem tão útil para deleitar o espírito em suas harmonias.
- 4º Recomendar algumas melhorias na educação, ou no método de educação da juventude deste hemisfério.
- 6º Entreter os leitores com histórias e anedotas, e educá-los na língua com o incentivo à narração e à representação de cenas da vida.
7. Incentivar os jovens alfabetizados com elogios merecidos e críticas prudentes e fundamentadas (*L'Iriade Italiana*, 1854, n 1, p.1, tradução nossa⁸).

FIGURA 4 – PROPAGAÇÃO DA LÍNGUA ITALIANA

I fini del giornale, che io vi offero, o Signori, sono i seguenti :

- 1.º Di spargere vieppiù, e fortificare l'amore alle nostre lettere italiane.
- 2.º Di rendere facile e comune una lingua che tanto giova a diletare lo spirito nelle sue armonie.
- 3.º Di recare alla conoscenza del mio paese molte e rare bellezze della letteratura portoghese.
- 4.º Di consigliare alcuni miglioramenti nell'educazione, o nel metodo di educare la gioventù di questo emisfero.
- 5.º Di osservare da vicino le mancanze a cui va ancora soggetto il teatro lirico, e corregerle coll'opinione, lodando il merito ove si trovi.
- 6.º Di divertire i lettori con istorie ed aneddoti, ed educarli alla lingua col lenocinio della narrazione e colla rappresentazione delle scene della vita.
- 7.º D'incoraggiare la gioventù letterata coll'encomio meritato e colla critica prudente e ragionata.
- 8.º Di offrire un mezzo a tutti, che si sentono capaci dell'arringo, di scrivere nel nostro giornale senza mettere un'imposizione a nostro interesse, sulle fatiche del loro ingegno.

FONTE: *L'Iriade Italiana*, 1854, n 1, p.1.

⁸ A publicação e a tradução completa encontram-se no Anexo A.

A partir de 1870, a expansão da imprensa de língua italiana no Brasil tornou-se mais evidente, com a circulação de periódicos em diversos estados, como o Rio Grande do Sul e, especialmente, São Paulo. No Rio de Janeiro, em 1860, surgiu o jornal *Il Monitore Italiano*, que marcou um ponto de partida para essa proliferação. Uma figura proeminente nesse contexto foi o italiano Angelo Agostini, que, embora tenha se estabelecido no Brasil e publicado majoritariamente em português, foi um pioneiro na imprensa ilustrada do país.

Agostini colaborou com o jornal *Diabo Côxo* (1864), ao lado de Luís Gama e Sizenando Nabuco, abordando temas libertários e a abolição da escravatura, em São Paulo. Além disso, participou da publicação da revista humorística *O Cabrião* (1866-1867) e fundou periódicos como *Vida Fluminense*, *O Mosquito*, e a célebre *Revista Ilustrada* em 1876, sendo considerado um precursor da caricatura brasileira (Cenni, 1975), no Rio de Janeiro.

Outro italiano que se destacou no cenário da imprensa no Brasil foi Carlo Francesco Alberto Vivaldi, que, após se naturalizar norte-americano, comandou “um dos primeiros jornais de língua inglesa publicados no Rio de Janeiro, o ‘The American Mail’, que logo mais se transformaria no quinzenário ‘The South American Mail’, foi fundado em 1873” (Cenni, 1975, p. 288). Posteriormente, Vivaldi fundou a revista de luxo *Ilustração do Brasil* (1876). “Naquele tempo, quase todas as publicações eram litografadas e os ilustradores desenhavam diretamente na pedra, sendo que os periódicos ilustrados por processos diferentes eram impressos no estrangeiro” (Cenni, 1975, p. 288). Além disso, ele ainda fundou e administrou uma revista reduzida e mais acessível, a *Ilustração Popular* (Cenni, 1975). Foi importante ressaltar que a maioria dos jornais de língua italiana da época raramente apresentou ilustrações.

Nas duas últimas décadas do século XIX, jornais de língua italiana como o *Gl’Italiani in San Paulo* (1888-1889), periódico objeto de pesquisa deste trabalho, e o *Il Pensiero Italiano* (1890-1891), aumentaram sua circulação na capital. Outros jornais surgiram no interior do estado, como o *La Lotta* e *L’Unione*, ambos de 1894, em Campinas. No entanto, o jornal de maior destaque e longevidade foi o *Fanfulla* (1893-1965, interrompido entre 1942 e 1947⁹), o mais longínquo e conhecido jornal de língua italiana a circular por São Paulo. Foi fundado pelo jornalista italiano Vitaliano Rotellini,

⁹ Foi descontinuado em 2014.

que chegou ao Brasil em 1891, fugindo por militar a favor dos anarquistas nos textos que publicava (Malatian, 2021).

Além do *Fanfulla*, outro jornal amplamente mencionado que se manteve em circulação por dez anos, de 1904 a 1913, foi o *La Bataglia*, de cunho anarquista, que era publicado semanalmente, com tiragens superiores de 3.000 exemplares (Trento, 2013).

1.2.1 Perfil do jornalismo de língua italiana

O perfil dos periódicos que se disseminaram no final do século XIX, em sua maioria, apresentava poucas páginas e era de curta duração. Possivelmente, esses periódicos surgiram com o objetivo de manter a conexão com a cultura e as origens dos imigrantes, especialmente por meio da divulgação de notícias oriundas da Itália. Segundo Vezzelli (2015), esses jornais atuaram como mediadores entre os direitos da comunidade imigrante e a sociedade local, além de promoverem o sentimento nacionalista, ainda fragmentado naquele momento. Essa situação evidenciou que, além de sua função informativa, a imprensa imigrante desempenhou um papel ativo na construção da identidade italiana e contribuiu com discursos de pertencimento e solidariedade dentro da comunidade.

Para alcançar o propósito de unificar a comunidade de imigrantes italianos, houve a intenção de superar as divisões regionalistas, tão marcantes na Itália, o que facilitou, no Brasil, essa unificação de identidade a partir da designação de “italianos”, independentemente do regionalismo. Assim, o papel da imprensa consistiu em reforçar essa nova identidade, incentivando os compatriotas a participarem de comemorações de eventos históricos em associações que tinham o mesmo propósito, de unir a comunidade italiana a partir dos laços de irmandade (Vezzelli, 2015).

A autora comentou, em sua tese, a relevância da presença desses periódicos para a análise dos imigrantes na sociedade paulista do final do século XIX. Da mesma forma, o uso da imprensa por esses imigrantes refletiu a própria sociedade em que estavam inseridos, pois “poderia revelar traços interessantes sobre esses imigrantes e sua relação tanto com o país de origem, quanto com o país de chegada” (Vezzelli, 2015).

Outrossim, Helena Cruz (2013) explicou que os periódicos apresentavam um perfil diferenciado em relação às grandes tiragens, com conteúdo variados. As folhas eram de menor circulação e

impressas em 4 páginas e diagramadas de 2 a 4 colunas, tamanho ofício e mais raramente tabloide [...]. De financiamento barato a feitura extremamente simples, essas publicações democratizaram o acesso à cultura impressa [...]. Pequenos grupos, formados por 2 ou 3 pessoas, com ‘seus escritórios e redações’ adaptados em suas próprias casas, bares, escolas, sindicatos e associações diversas (Cruz, 2013, p. 60).

Os motivos para esses improvisos decorreram da falta de profissionalização de alguns escritores, muitos dos quais eram simples imigrantes com pouca instrução que recorreram ao ofício jornalístico para seu sustento. Outros, embora possuísem curso superior, utilizaram o jornalismo como uma ocupação temporária até conseguirem exercer suas profissões ou empregaram o próprio jornal para divulgar seus serviços e estabelecer contatos futuro. Contudo, esse cenário gerou desconfiança por parte daqueles que perceberam erros nos textos que leram e consideraram os jornalistas despreparados para um ofício digno (Trento, 2013).

Observou-se um perfil semelhante no jornal selecionado para este trabalho, o *GI' Italiani in San Paulo*, especialmente pela predominância de propagandas e anúncios em detrimento de colunas, informativos e notícias. Assim, a imprensa estrangeira, ou a maioria desses jornais italianos, com exceção do *Fanfulla* (1893-1910), pôde ser considerada “pequena imprensa” (Cruz, 2013, p. 14).

Se constituíam de modo sistemático o de maneira mais intermitente, mas não menos articulada na vida social do que os grandes jornais. Periódicos que, na maioria das vezes, eram produzidos por pequenos grupos editoriais, sendo dirigidos a públicos mais específicos e restritos, trazendo interesses mais explícitos, seja de comunidades diversas ou de bairros da cidade, projetos e práticas culturais específicas, movimentos de novas sociabilidades e práticas culturais, com projetos políticos diversificados, e dando visibilidade aos embates na conformação da esfera pública em que se davam a conhecer e se materializavam (Cruz, 2013, p. 14).

Foi importante ressaltar que, apesar da quantidade expressiva de impressos, esses periódicos enfrentaram dificuldades operacionais. Segundo Cenni (1975), os editores não conseguiam manter uma publicação regular, pois não dispunham de impressoras apropriadas e, por isso, a composição tipográfica era feita manualmente, com caracteres móveis, e ainda tinham problemas com a publicidade, que praticamente não existia. Ademais, era ainda mais complexo obter notícias de outras localidades, como da Europa, uma vez que, no início, os serviços de agências telegráficas não estavam disponíveis.

Essas limitações evidenciaram as barreiras técnicas e logísticas que havia no momento para a imprensa estrangeira no Brasil, especialmente no estágio inicial. Apesar

do esforço de manter a comunicação entre a Itália e a comunidade italiana em São Paulo, a precariedade nas operações dos impressos comprometeu a constâncias das publicações. Ainda assim, sua importância e comprometimento com os imigrantes foi demonstrado na quantidade de impressos que surgiram a fim de assumir o papel simbólico de manter a cultura italiana para a comunidade que se formou em São Paulo.

Segundo Trento (2013, p. 16), foram listados “mais de 800 títulos, dos quais 389 consultados em pelo menos um exemplar”, embora houvesse muitos outros que não foram acessados. Dentre os 800 títulos, o autor tinha certeza da data de fundação de 717 deles (Trento, 2013, p. 246). “A época de ouro foi de 1900-1919, em que foram fundados 51% dos periódicos, seguida pelo período de 1880-1899, com 25%, e 1920-1939, com 18%” (Trento, 2013, p. 16). Esses dados revelaram não apenas a dimensão e a diversidade da produção jornalística voltada à comunidade italiana em São Paulo, mas também sua importância como instrumento de articulação social, política e cultural. Apesar das fragilidades de produção e publicação de muitos periódicos, foi inegável perceber a significativa contribuição para a comunidade italiana, a partir da circulação de ideias em preservar os vínculos com o país de origem e a manutenção da italianidade entre os italianos instalados em São Paulo.

Para ser mais preciso, o autor mencionou um total de 824 publicações quando considerou o período até 1966, o que incluiu uma diversidade interessante entre

diários, semanários, bissemanários, trissemanários, quinzenários, mensários, números únicos, almanaques e jornais com periodicidade não definida, [...] dos quais mais de 90% foram editados em três estados: 486 na cidade de São Paulo e outros 94 no interior do estado (Trento, 2022, p. 188).

Aproximadamente 170 títulos foram publicados entre os anos de 1880 e 1920, exclusivamente em São Paulo. Estimou-se que entre 140 ou 150 desses títulos foram oriundos dessa região; no entanto, o autor considerou esses números subestimados, uma vez que a imigração italiana para o Brasil, especialmente em São Paulo, consistiu em um fenômeno incontestável (Trento, 2022).

A maioria desses periódicos não possuía longevidade; poucos se destacaram. O motivo, segundo Angelo Trento (2013), residiu no perfil já mencionado anteriormente: a falta de profissionalização, que dificultou o amadurecimento e o crescimento dos jornais, levando ao desaparecimento constante de diversos jornais. Alguns periódicos renasceram com o mesmo título, enquanto outros seguiram sob novos nomes.

Por essa razão, foi comum encontrar repetidamente os nomes de diretores e proprietários em diversos títulos e em décadas diferentes, uma vez que, diante das dificuldades de manter um jornal circulando, eles frequentemente ressurgiram em outras localidades. O autor verificou que 130 diretores e proprietários publicaram mais de um título entre os 472 pesquisados (Trento, 2013). Esta realidade pôde ser observada no jornal aqui analisado, o *Gl'Italiani in San Paulo*, que indicou que o mesmo diretor-proprietário, Alessandro Maglia, até onde foi possível apurar, teve dois títulos anteriores: *L'Immigrante* (1885-1886), *Gli Italiani al Brasile* (1886-1887), além de um título posterior, *La Lega Italiana* (1889-1890).

O autor também foi enfático ao destacar a “falta de respeito” em relação à regularidade das tiragens. Segundo ele, isso ocorreu para que os diretores pudessem sustentar os jornais o máximo de tempo possível. Assim, a solução era diminuir a periodicidade e, quando não havia outra alternativa, deixavam de publicar na data estabelecida ou mesmo suspendiam as publicações definitivamente (Trento, 2013, p. 20).

Ainda assim, para Helena Cruz (2013) havia uma preocupação em manter uma organização mínima para a publicação dos jornais.

Revelando desde o início preocupações com a montagem de organizações editoriais independentes da imprensa diária, tais grupos buscam estabelecer estruturas editoriais mais profissionalizadas que desse conta da produção e divulgação de suas publicações. Nesse caso, as publicações passam a ser assumidas como propriedades de companhias e já no início do século identifica-se a breve ação de empresas divulgadoras ou editoriais, como a Empresa Divulgadora de J. A. Machado & Comp. e Agenzia Giornalistica Italiana. Até o final da primeira década, apesar das aspirações desses grupos, tais iniciativas se mostram bastante frágeis (Cruz, 2013, p. 68).

Os temas abordados nesses periódicos apresentaram pouca variação; ou melhor, todos os assuntos tratados foram de interesse dos imigrantes, de modo que, geralmente, não houve espaço para discutir questões locais ou regionais que não estivessem relacionadas à temática imigrante. Segundo Trento (2022, p. 189), “pequenas notícias, fatinhos, curiosidades, fofocas, folhetins (produção tanto italiana quanto de intelectuais imigrados no Brasil), propaganda de firmas e lojas (de compatriotas, na maioria das vezes)”. Nesses casos, provavelmente não houve uma diversidade significativa de temas a serem explorados nas publicações.

Grande parte da receita que sustentou a circulação desses títulos foi proveniente das propagandas, que, por sinal, frequentemente ocuparam pelo menos metade do espaço de um periódico. Em outras palavras, apenas com as vendas das tiragens não foi viável

manter a maior parte deles, e mesmo com a combinação de propagandas e as vendas unitárias ou por assinaturas, a maioria dos jornais não teve uma vida longa.

[...] As inserções publicitárias, feitas, na maioria das vezes, por conterrâneos e que ocupavam de um quarto à metade das páginas (em alguns jornais até mais que isso). Quase totalmente ausente nos anos 1850 e 1860, a publicidade tornou-se invasiva e continuada nas décadas seguintes. [...] no entanto, que a quimera dos anúncios justificava a multiplicação das gazetas em língua italiana, era justamente essa proliferação que fazia com que a publicidade se dispersasse em mil frentes e terminasse por garantir apenas poucos recursos a cada uma delas. A renda em questão impedia a liberdade de expressão e de crítica em relação a quem pagava os anúncios, que eram, muitas vezes, os antagonistas de classe da grande maioria dos imigrados e de uma parte dos leitores desses jornais (Trento, 2013, p. 22, 23).

As características das propagandas e anúncios variaram conforme o público-alvo e as questões financeiras que limitaram a circulação do jornal. Os títulos que apresentaram preços mais baixos, conseqüentemente, tinham tiragens menores e, por isso, atraíram anunciantes de setores populares, como alfaiates, barbeiros, carpinteiros e pequenos comerciantes (Trento, 2013). Essa lógica se intensificou nas décadas seguintes, quando a publicidade, inicialmente ausente, passou a ocupar parte significativa das páginas dos jornais, muitas vezes financiada pela elite imigrante. No entanto, Trento (2013) observou que, embora a proliferação desses periódicos tenha se apoiado na expectativa de retorno financeiro por meio dos anúncios, acabou resultando em receitas modestas, o que comprometeu a autonomia da editoração dos jornais frente aos interesses dos anunciantes de elite, em oposição aos leitores imigrantes da classe popular.

A autora Tereza Malatian (2017) concordou que essa dinâmica comercial, entre a venda de jornais por unidade e por assinatura, foi complementada pelas propagandas, que contribuíram para garantir a receita. Anúncios que promoveram “companhias de navegação, gêneros alimentícios, serviços médicos, medicamentos, vestuário, etc”, foram muitas vezes publicados também na língua portuguesa para atrair mais público. “Assim se mantinham os jornais publicados tanto na capital quanto no interior do Estado de São Paulo” (Malatian, 2017, p. 334). Essa observação reforçou a análise de Trento (2013) ao evidenciar que, apesar das limitações financeiras e da fragmentação do mercado publicitário, os anúncios desempenharam um papel fundamental na sustentação econômica da imprensa italiana.

Ao diversificarem seus conteúdos e incluírem propagandas em português, os jornais buscaram ampliar seu alcance e assegurar a viabilidade de circulação tanto na

capital quanto no interior paulista, revelando estratégias de adaptação frente aos desafios do mercado editorial e às características do público leitor.

Nos jornais de maior destaque, as inserções foram direcionadas ao público mais privilegiado, com anúncios de “restaurantes, hotéis, cafés, advogados, médicos, joalherias, companhias de seguros, bancos, clínicas de tratamento, teatros, automóveis, terrenos e casas” (Trento, 2013, p. 23). Era comum que a publicidade fosse elaborada pelos redatores, apresentando as empresas e os produtos em artigos; no entanto, isso não impediu que, na mesma página, houvesse a propaganda da concorrência. Também foram publicados depoimentos fictícios de leitores que afirmavam estar satisfeitos com os resultados de determinados produtos (Trento, 2013).

Devido aos desafios financeiros, alguns jornais adotaram a estratégia de utilizar notícias provenientes da Itália, seja por meio de material enviado por agências de notícias ou pela reprodução de informações de jornais italianos. Não era raro encontrar, em alguns periódicos, a repetição de notícias e até de capítulos de folhetins. Uma possível explicação para essa prática foi a escassez de funcionários nas redações, que muitas vezes contavam apenas com o diretor e, no máximo, dois redatores, o que dificultava o acompanhamento do cotidiano da cidade onde viviam. Nesse contexto, os jornais abordavam apenas notícias relacionadas aos imigrantes ou que afetassem a vida nas colônias (Trento, 2022).

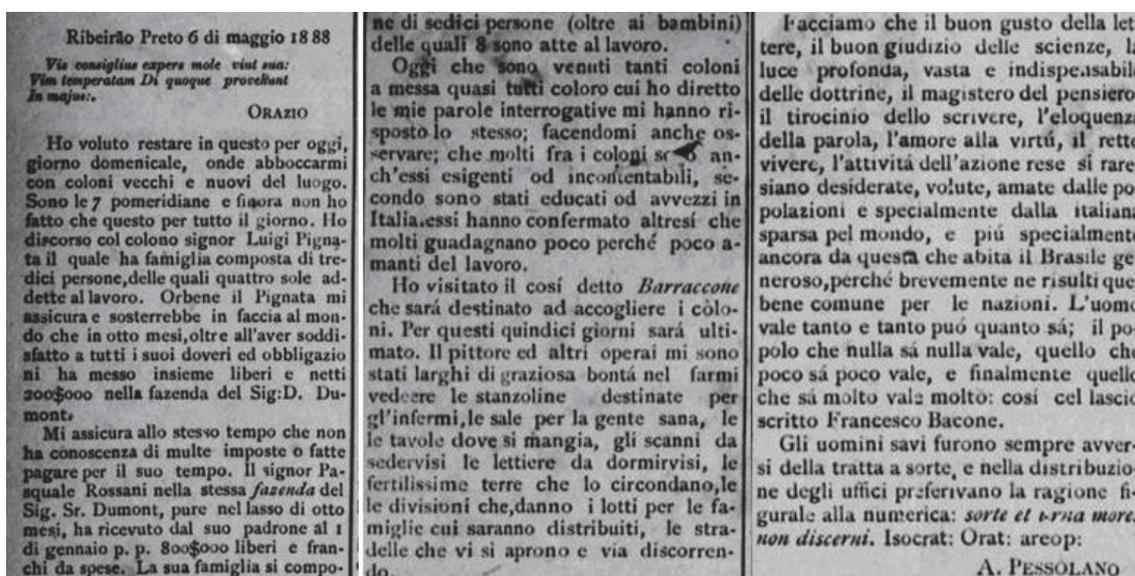
Apesar desse perfil recorrente nos periódicos de língua italiana, o jornal *Gl'Italiani in San Paulo* apresentou correspondentes que estavam presentes em quase todas as edições, como no caso do jornalista Arsenio Pessolano, que escreveu para o jornal a partir da cidade de Ribeirão Preto, ou a seção intitulada *Nostre Corrispondenze* ou Nossa Correspondência, que incluiu colunas de jornalistas na Itália.

A seguir, apresentou-se a imagem de parte da coluna de A. Pessolano para o *Gl'Italiani in San Paulo*, edição número 97 de 10 de maio de 1888, ano III. A coluna foi escrita em Ribeirão Preto no dia 6 de maio de 1888. Resumidamente, o jornalista narrou sua visita à colônia italiana em Ribeirão Preto, onde conversou com colonos que descreveram a vida na colônia e o que conseguiram acumular com o trabalho nas fazendas de café. Alguns compatriotas expressaram reclamações de que outros imigrantes italianos não demonstravam amor pelo trabalho, “dependendo de como foram educados ou acostumados na Itália”, e, por isso, ganhavam pouco. Ele visitou um barracão em construção que acomodaria colonos recém-chegados e destacou a necessidade de construção de uma escola “a fim de cultivar na mente e no coração os pequenos

personagens destinados a fazer honra nacional mais tarde nestas terras, que também precisam deles”.

Posteriormente, Pessolano (1888) analisou a vida dos colonos, observando que eles “formam massa informada e individualizada, e é mais uma multidão solta e fragmentada do que um povo”. Ele discorreu sobre a democracia e como os imigrantes precisavam se unir para se tornarem uma unidade civilizada “através da educação e da temperança”. Expressou o desejo de que os jornalistas italianos também se unissem em prol da educação dos imigrantes e na escolha do Brasil como pátria, para que fossem “amigos do Brasil e a formar o progresso material e moral junto com a hoste brasileira”.

FIGURA 5 – TRECHOS DA COLUNA DE A. PESSOLANO¹⁰



FONTE: *Gl'Italiani in San Paulo*, 10 Maggio 1888, num. 97, anno III, p. 2.

A análise de Pessolano evidenciou não apenas as condições materiais da vida dos colonos italianos no interior paulista, mas também a preocupação com sua integração social e moral. Ao destacar a importância da educação, da coesão comunitária e do comprometimento com o país de acolhida, o jornalista projetou uma visão “civilizatória” que buscava moldar os imigrantes como agentes do progresso brasileiro. Sua reflexão articulou a experiência cotidiana dos colonos com um ideal mais amplo de pertencimento nacional e modernização, revelando o papel da imprensa na construção de identidades e na mediação entre culturas.

¹⁰ A publicação e a tradução completa encontram-se no Anexo B.

Apesar das diversas tentativas de manter os títulos em circulação, um fator predominante foi o próprio leitor, que enfrentou certas limitações para adquirir um exemplar. Essas limitações poderiam ser atribuídas à falta de tempo para a leitura, em decorrência da carga de trabalho, à dificuldade de acesso aos jornais devido à distância de centros urbanos, como nas fazendas de café, ou ainda à falta de alfabetização. Esse cenário pôde ter contribuído para que jornalistas e diretores propusessem modificações nos jornais, tornando-os mais acessíveis, ou ao menos, parte deles. Trento (2013, p.21) destacou que uma gazeta de Minas Gerais criticou essa ideia, alegando que seria como se estivessem “alimentando a ignorância de seus leitores”.

Ainda sobre esse tema, no jornal *L'Unione* de Campinas, nas edições publicadas em 5 de agosto de 1894, n. 2 ano 1, p.1 e de 9 de agosto de 1894, n.3, ano 1, p. 2, pôde-se observar que o jornalista G. Beveglieri, em sua coluna *L'istruzione tra i figli degl'italiani al Brasile*¹¹, criticou os próprios imigrantes italianos que residiam, principalmente nas fazendas. Segundo ele, os imigrantes não liam jornais. Embora reconhecesse que isso poderia ser difícil, afirmou que não era impossível esforçar-se para estimular o estudo e a leitura, comparando essa situação à dos imigrantes italianos que viviam nos centros urbanos.

FIGURA 6 – CABEÇALHO JORNAL *L'UNIONE*



FONTE: *L'Unione*, 9 Agosto 1894, n. 3, anno I – Campinas-SP.

Abrindo um parêntese, a autora Eugenia Vezzeli apresentou uma perspectiva diferenciada, sob a ótica da linguística, acerca da alfabetização dos imigrantes italianos em São Paulo. Segundo ela, o contexto social em que esses imigrantes se inseriam demandava uma “comunicação própria da comunidade” (Vezzeli, 2015, p. 13). Essa comunicação, direcionada especificamente ao público de imigrantes italianos estabelecidos em São Paulo, chamou a atenção de Vezzeli (2015, p. 14) pelo fato de que a historiografia brasileira, por meio de dados estatísticos, revelou que “acabou

¹¹ A publicação e a tradução completa encontram-se no Anexo C e D.

consolidado uma espécie de estereótipo quase inflexível do imigrante italiano, isto é, o imigrante camponês com poucos recursos econômicos, analfabeto ou semianalfabeto”. Com essa reflexão a autora indagou:

Se, de fato, o contingente de italianos chegados ao Brasil entre o fim do século XIX e o início do século XX fosse constituído apenas de pessoas de baixa extração social, analfabetos ou semianalfabetos, quem seria então o destinatário dessas publicações? Quem estaria interessado em ler jornais em língua italiana e se não os próprios italianos? Mais ainda, qual a motivação de se criar folhas especialmente destinadas à comunidade italiana, se o público leitor era praticamente inexistente? (Vezzelli, 2015, p. 14).

Em sua pesquisa, a autora investigou o grau de instrução dos antepassados dos descendentes de italianos entrevistados. Apesar da baixa escolaridade, muitos eram capazes de escrever e ler o suficiente para comprar jornais. A autora foi além e buscou responder às questões: “Quais fatores determinaram o sucesso de uma publicação em vez de outra? Ou, ainda, o que levou tais publicações a simplesmente desaparecer?” (Vazzelli, 2015, p.14). Para isso, utilizou como metodologia a análise do discurso (ethos discursivo) do jornal *La Difesa*, com foco na construção da identidade.

O autor italiano Pasquale Petrone (1987) já discutia, no final da década de 1980, a questão do estereótipo presente na historiografia brasileira e italiana.

A esteriotipia, relacionada com o caráter de imigração de massa, permite compreender, por exemplo, o porquê da idéia dominante de que em geral os imigrantes eram pobres ou miseráveis, transcurando-se o fato de que parte da imigração interessou gente oriunda da pequena burguesia e excepcionalmente de categorias sócio-econômicas melhor aquinhoadas. Permite compreender, também, a idéia dominante de que todos ou quase todos eram analfabetos, e não somente um percentual deles, embora elevado, ou ainda, de que eram agricultores, todos eles, quando uma grande parte na verdade tinha uma outra condição profissional e dirigiu-se, com ou sem passagem por zona rural, para os centros urbanos (Petrone, 1987, p. 493).

Outro autor que abordou as questões do alfabetismo entre os imigrantes italianos foi Herbert Klein (1981; 1989), que incluiu também a imigração italiana para a Argentina e Estados Unidos. Não se negou as condições de pobreza dos imigrantes que chegaram ao Brasil, considerando que a Itália enfrentou uma situação econômica muito difícil, resultando em um elevado número de analfabetos. No entanto, questionou-se a precisão dos números relacionados à entrada dos imigrantes no Brasil, que não são absolutos. Nesse contexto, a presença de jornais pôde ser um indicativo de que não havia apenas imigrantes analfabetos, uma vez que a alfabetização era um privilégio da elite italiana.

Contudo, houve informação sobre uma parcela da população do norte da Itália, especialmente na região do Vêneto, que demonstrou a presença, pelo menos, de semialfabetizados.

Teresa Malatian (2017) esclareceu que, embora a maioria dos imigrantes italianos nas fazendas fosse analfabeta e vivesse isolada, ao se deslocarem para os grandes centros urbanos, essa realidade poderia ser transformada, resultando na alfabetização e na formação de potenciais leitores.

Havia já nas décadas iniciais do século XX, em movimento crescente, um público urbano letrado, resultado da migração de ex-colonos das fazendas para as cidades, atraídos pela industrialização e pelo crescimento dos demais setores da economia. Não só na capital, mas também nas cidades do interior do Estado, a venda de jornais correspondia ao desligamento de colonos e seus filhos do universo das fazendas mencionadas, ou seja, à presença de imigrantes com maior escolaridade no meio urbano, leitores em potencial dos jornais (Malatian, 2017, p. 334).

Talvez a historiografia brasileira esteja progressivamente superando a ideia que se formou sobre o fenômeno da imigração italiana em massa para o Brasil, especialmente para São Paulo, caracterizando-a como composta exclusivamente por imigrantes analfabetos e pobres. Contudo, foi necessário continuar detalhando essas questões, principalmente em relação à história da imprensa de língua italiana no Brasil, dentro do recorte apresentado nesta pesquisa.

Retomando a ideia central da dificuldade de manter uma redação em funcionamento, o autor Angelo Trento (2013, p. 21) explicou que era comum os jornais serem totalmente conduzidos por apenas uma pessoa, embora indicassem em suas publicações que havia “diversos redatores”. Esse cenário facilitou a interrupção das tiragens. Um caso curioso mencionado por Trento (2013, p. 246) relatou que “em 1896, *Il Tribuno Italiano* de São Paulo encerrou as publicações depois de cinco meses de vida porque o diretor, Celso Pasini, abandonou às pressas o estado para fugir a uma ordem de prisão”. Esse quadro revelou a fragilidade estrutural da imprensa imigrante, ao mesmo tempo marcada pelo esforço de seus jornalistas, mas caracterizada pelo imprevisto que dificultou a continuidade das publicações. A prática de apresentar uma suposta equipe editorial mascarou a realidade de recursos financeiros e humanos que eram limitados e tornou os periódicos vulneráveis às críticas de leitores e concorrentes.

Devido a questões financeiras desafiadoras, alguns proprietários buscaram alternativas para resolvê-las, por meio de “entradas inconfessáveis”, segundo Trento

(2013, p. 24). Essa situação levou os jornais a publicarem em suas páginas elogios ao Brasil, ao governo e a determinadas pessoas ou grupos indicados pelos financiadores. Na maioria, esses financiadores eram fazendeiros que, em troca do patrocínio, solicitavam que o proprietário do periódico atuasse como mediador na busca por mão de obra de imigrantes italianos vindos do norte da Itália, preferencialmente famílias da região de Trento.

Essa trama indicou a conexão entre os jornais e a Sociedade Promotora de Imigração¹², que subvencionou a vinda de imigrantes italianos. Martinho Prado, fazendeiro e político paulista, fez parte desse grupo que enviou jornais para a Itália com o objetivo de atrair famílias para trabalhar nas lavouras de café. “Falseavam as condições dos trabalhadores italianos nas plantações de café, verdadeiramente dramáticas em termos de vida, de trabalho e de restrições às liberdades individuais” (Trento, 2013, 24, 25). Entre outros, estava o *Gli Italiani al Brasile*, provavelmente o jornal que antecedeu o *Gl' Italiani in San Paulo*, como já comentado anteriormente, que tinha em comum o diretor-proprietário Alessandro Maglia, embora fosse administrado por Gaspare Itra.

No meio jornalístico italiano no Brasil, houve disputas e rivalidades, especialmente entre os periódicos que receberam montantes financeiros não oficiais. Já os proprietários que não compactuavam com o recebimento desse tipo de verba deixaram explícito, na primeira edição do jornal, que o sustento e a manutenção da redação foram inteiramente garantidos pelas vendas das tiragens e pelas verbas publicitárias. Isso ocorreu com o aumento dessa prática a partir da década de 1870, especialmente porque alguns fizeram questão de admitir que foram patrocinados por fazendeiros, como no caso do *L'Amico del Lavoratore* (1902). Esses jornais passaram a divulgar elogios ao governo e ao país, sem publicar artigos que fossem contrários aos ideais desse grupo. Em vez disso, os títulos serviram para propagar e divulgar a vida do imigrante italiano no Brasil, de forma a atrair ainda mais pessoas para as fazendas de café (Trento, 2013, p. 24-27, 247).

Que a difusão da revista na península fosse uma condição importante para obter financiamentos é demonstrado pelo que prometia *Il Colono Italiano*, que garantia que toda assinatura dava direito a duas cópias, uma das quais seria expedida pela redação a familiares ou conhecidos que morassem na terra natal e se empenhava ainda na distribuição gratuita de exemplares em Gênova e Nápoles áqueles que embarcavam para o Brasil (*Il Coloni Italiano al Brasile*, 10/04/1912 apud Trento, 2013, p. 25, 247).

¹² Grupo organizado por agricultores do Oeste Paulista, com o apoio do governo da Província de São Paulo, que subsidiou a vinda de imigrantes italianos para trabalhar principalmente nas lavouras de café e substituiu a mão de obra escravizada devido a implantação da abolição da escravatura, com a Lei Áurea de 1888. Esse assunto será explicado no capítulo 2.

Ainda de acordo com Trento (2013), as disputas entre as redações tornaram-se cada vez mais acirradas. “Não era raro que o jornal sustentado por um se lançasse não só em veementes campanhas contra um periódico mantido por outro, como também desferisse furiosos e repetidos ataques pessoais ao protetor do adversário” (Trento, 2013, p. 26). Essa situação levou à necessidade de intervenção diplomática para apaziguar os ânimos, especialmente entre os jornais *Il Piccolo*, de Crispe e *La Tribuna*, de Matarazzo.

Os embates alcançaram tal proporção que alguns começaram a suspeitar que certos jornais poderiam existir unicamente como “campo de batalha”, servindo “como instrumento de vingança contra os detratores de seu diretor quando dirigia outras publicações” (Trento, 2013, p. 27). Ademais, os jornais tinham como objetivo principal apoiar seus financiadores e atrair leitores dos concorrentes. Nesse sentido, Trento (2013) mencionou que o jornal *La Verità*, de São Carlos, pode ter surgido com a intenção de atacar o jornal *Il Pensiero Italiano*, de São Paulo, uma vez que, em sua primeira edição, publicou na primeira página um texto ofensivo diretamente ao *Il Pensiero Italiano*.

Entre muitos conflitos jornalísticos, ocorreram disputas entre Vitaliano Rotellini, do *Fanfulla*, e Giorgio Molli, da *Tribuna Italiana*, assim como entre o *Avanti*, dirigido por Alcibiade Bertolotti, e o jornal *Progresso ítalo-brasiliano*, de Umberto Falcinelli. Segundo Cenni (1975, p. 283), “os duelos, aliás, embora proibidos por lei (ou talvez por isso mesmo) constituíram um dos passatempos favoritos dos jornalistas italianos no Brasil”. Essas disputas evidenciaram as rivalidades ideológicas e políticas entre os diretores e jornalistas dos periódicos, que, ao que parece, se tornaram de cunho pessoal.

Esses conflitos revelaram que a imprensa imigrante ia além do coletivo, demonstrando que havia a necessidade de uma afirmação pessoal dentro da própria comunidade italiana.

Em suma, apesar de questões específicas de cada periódico, houve um perfil que caracterizou a imprensa de língua italiana no Brasil, especialmente em São Paulo, que contribuiu para o desenvolvimento da imprensa local e fez parte do cotidiano da cidade. Mais do que apenas manter os italianos em São Paulo informados, os jornais tornaram-se parte do movimento de unificação da italianidade, promovendo a educação, a preservação e manutenção da língua, cultura e história da Itália, com o objetivo de garantir uma convivência coesa entre os imigrantes e construir uma comunidade unida.

1.2.1.1 Os assuntos tratados pelos jornais e o papel na comunidade italiana

Um dos papéis significativos dos periódicos de língua italiana foi estabelecer um elo entre a comunidade italiana em São Paulo e seu país de origem. Assim, como mencionado anteriormente, foi necessário o compartilhamento de sentimentos e emoções que apenas os imigrantes italianos possuíam, permitindo que se identificassem com os anseios e conquistas ali expostos, além de possibilitar a denúncia de injustiças. Ademais, os jornais contribuíram para a preservação e manutenção da memória, bem como das boas recordações associadas à pátria-mãe. Juntamente com as sociedades de ajuda mútua, promoveram e organizaram diversos tipos de eventos, fortalecendo os laços entre os membros da comunidade (Malatian, 2017).

Normalmente, os jornais apresentaram temáticas definidas, como humor satírico, que costumava ser publicado aos fins de semana, de caráter mundano e com textos enigmáticos. Os periódicos que mais se destacaram nesse contexto foram *Il Pasquino Coloniale* (1915-1939) e o *Il Moscone* (1925), ambos em São Paulo. Outra categoria foi a das revistas literárias e artísticas, voltadas para a divulgação e incentivo à literatura; essas publicações eram semanais e quase não trouxeram notícias, promovendo concursos literários para o entretenimento dos leitores. Uma terceira categoria foi direcionada ao público infantil e feminino, embora colunas voltadas para as senhoras tenham sido publicadas semanalmente em outros diários de notícias. Essas colunas geralmente abordavam temas como moda, lar, artes e literatura. Para o público masculino, foram reservadas as revistas de esporte. Os periódicos com posições ideológicas foram os mais numerosos, abrangendo publicações religiosas (sendo as católicas as mais expressivas), políticas e operárias (Trento, 2013).

Conforme mencionado anteriormente, muitos dos jornais em língua italiana buscaram expressar suas posições políticas e ideológicas. Entre eles, houve periódicos mais conservadores, outros mais radicais e aqueles que se manifestaram de forma contestadora. Assim, os assuntos abordados limitaram-se aos interesses de cada publicação, que foram relevantes para a comunidade italiana (Cruz, 2013). Por exemplo, os jornais voltados ao movimento operário ganharam força a partir da última década do século XIX. Esses periódicos foram utilizados como meio de comunicação, propagação e difusão da causa. Contudo, dentro do movimento operário, os jornais puderam ser classificados como anarquistas ou socialistas (Batalha, 2000).

Sem dúvida a expressão mais visível da cultura operária nesse período foi a imprensa operária. Ela foi o principal instrumento de propaganda e debate, assumindo formas diversas: periódicos de correntes político-ideológicas (anarquistas, socialistas, comunistas, católicos, etc); jornais sindicais; publicações destinadas à classe operária em geral.

No campo das publicações também não faltaram folhetos de propaganda, por vezes publicados sob a forma de fascículos (folhetim) nos periódicos operários. Assim, textos não-disponíveis em português foram traduzidos e tornados mais acessíveis. [...] alguns títulos escritos por militantes locais, eram vendidos através das redações dos jornais e das associações operárias, junto com livros de literatura engajada (Batalha, 2000, p. 64).

Os jornais anarquistas precursores em São Paulo incluíram *Gli Schiavi Bianchi* (1892), *L'Asino Umano* (1894) e o periódico *L'Avvenire* (1894-1895). “A ação dos anarquistas prosseguiu tendo por base, quase sempre, grupos de propaganda bastante informais, publicando periódicos, atuando na educação dos trabalhadores” (Batalha, 2000, p. 23, 24). Alguns jornais anarquistas tinham a função de liderar a luta sindical; nesse contexto, houve periódicos anarco-comunistas e anarco-sindicalistas, como o jornal da capital *La Battaglia* (1904-19013) (Batalha, 2000). Este jornal foi inicialmente publicado como *Periodico Anarchico Settimanale*, em 1904, sob a direção do jornalista Oreste Ristori. Ao final de sua trajetória, em 1912, foi dirigido por Gigi Damiani (Chalmers, 2017).

Um exemplo de periódico operário foi o *Avanti*, fundado em 1900 em São Paulo, cujo diretor era Alceste de Ambris. O jornal surgiu a partir da organização de uma sociedade anônima e, de orientação socialista, iniciou suas publicações de forma semanal. Após alguns meses, passou a ser diário, com distribuição também no interior do estado (Rorato, 2007). Destacou-se entre a imprensa proletária, defendendo e divulgando textos, encontros e eventos que discutiram as lutas de classes, e expandiu sua influência para além do território paulista.

Foi importante ressaltar que, além dos assuntos tratados nos jornais, houve uma preocupação com a forma de se dirigir aos eleitores. Principalmente nos jornais operários, utilizou-se uma linguagem mais simples, objetiva e marcada pelo proselitismo (Gonçalves, 2019).

Outro exemplo, mencionado pelo jornal *Fanfulla*, foi que, ao ser fundado em 1893, tornou-se um periódico satírico-humorístico. Inicialmente bissemanal, passou a ser diário em 1894, conseguindo atingir tanto as classes operárias quanto os burgueses italianos (Rorato, 2007). Posteriormente, passou a abordar mais assuntos de interesse da comunidade italiana, especialmente questões políticas, pois

procurava estimular os italianos a participarem da política local, mesmo que para isso precisassem naturalizar-se brasileiros. Demonstrava apoio aos trabalhadores italianos e engajamento contra as leis de expulsão dos estrangeiros e ainda divulgava as manifestações culturais italianas (Rorato, 2007, p. 42).

Segundo Malatian (2015, p. 197), o jornal passou por diversas transformações ao longo de sua história, abrangendo aspectos como “periodicidade, número de páginas e orientação política”, alcançando uma tiragem diária de 15 mil exemplares no ano de 1910.

De acordo com Trento (2013), outros periódicos, além dos operários e dos regionalistas com publicações dialetais, desempenharam, de maneira geral, o papel de educar, acolher, orientar e comunicar assuntos de interesse do grupo. Ou seja, esses jornais instruíram os italianos em aspectos educacionais e intelectuais, além de auxiliá-los no cotidiano da comunidade. Ademais, tinham a função de reforçar a italianidade, que, para muitos, ainda estava em processo de formação. Isso incluiu preservação da memória da Itália, promovendo temas como cultura, arte, música, moda, esporte e, principalmente, a língua. Muitos jornais destacaram o passado comum, exaltando feitos e figuras históricas “reverenciadas por todos”. Ao se referirem aos imigrantes, os periódicos utilizaram termos como *italianismo*, italianidade e *connazionali* (compatriotas) com o intuito de recordar os leitores de suas raízes compartilhadas e reforçar o sentimento de pertencimento.

Juntamente com as sociedades de mútuo socorro, os jornais também atuaram como defensores das causas dos imigrantes no Brasil, mantendo a Itália informada sobre os acontecimentos locais. Apesar das rivalidades entre alguns jornais e jornalistas, como já mencionado, o objetivo foi fomentar o sentimento de comunidade. No entanto, essa união frequentemente se restringiu à teoria, uma vez que os periódicos expressaram descontentamento com a individualidade predominante na comunidade italiana.

A identificação do perfil dos jornais de língua italiana, o formato da impressão e os assuntos tratados proporcionou uma melhor compreensão estrutural do jornal *Gl’Italiani in San Paulo*, que será analisado com mais profundidade no próximo capítulo.

2 JORNAL *GL'ITALIANI IN SAN PAULO* (1888-1889)

Para analisar o jornal, organizou-se o trabalho em um modelo de pesquisa baseado nos estudos de Tania Regina De Luca (2018) e Marialva Barbosa (2010), a fim de adequá-lo ao processo de uso de fontes periódicas como objeto de pesquisa histórica. O objetivo metodológico foi realizar uma análise crítica e interpretativa das colunas selecionadas, utilizando o embasamento teórico e conceitual que foi apresentado posteriormente. A tipologia da fonte, portanto, ofereceu um método para lidar com a materialidade dos impressos.

Segundo De Luca (2018), foi necessário observar a materialidade dos impressos, a qual incluiu aspectos como a tipografia da fonte, o tipo de papel, a cor da impressão, a organização das colunas, a quantidade de páginas, as informações do cabeçalho, o preço do periódico, além de identificar diretores, administradores e jornalistas. Na presente pesquisa, não foi possível observar os jornais presencialmente, devido à indisponibilidade dos arquivos ou à inviabilidade de acesso a eles. Contudo, realizou-se a adaptação da observação e extração das informações por meio da visualização dos jornais no site da Hemeroteca Digital Brasileira (HDB).

Embora essa abordagem não tenha sido ideal para a observação da materialidade do jornal, foi interessante ressaltar a praticidade de pesquisar em fontes acessíveis na internet, especialmente diante de algumas limitações que surgiram ao longo do trabalho. Outra questão relevante foi a utilização do campo de busca por palavras, o que proporcionou uma pesquisa mais objetiva. Além disso, com o uso da lupa, foi possível ler textos que, provavelmente, não seriam compreendidos a “olho nu”. Reconhece-se que existem ressalvas quanto ao uso dessas fontes em plataformas digitais, mas, por outro lado, estas bases digitais democratizaram e ampliaram o acesso à pesquisa.

O uso de fontes digitalizadas disponíveis em acervos e repositórios digitais, como a HDB, popularizou-se. Os motivos são diversos, destacando-se alguns, como a facilidade de acesso tanto para aqueles que residiam longe do local de pesquisa quanto pela inacessibilidade da maioria dessas fontes. Muitos dos acervos municipais, como o Arquivo Público de São Paulo, e federais, como a Biblioteca Nacional, não autorizavam o historiador a realizar a busca presencialmente. Este contexto gerou discussões entre historiadores que alegaram a perda de uma parte da metodologia que incluía a análise da materialidade do papel (Almeida, 2011).

Autores como Eric Brasil e Leonardo Nascimento (2020) discutiram novos formatos de pesquisa, incluindo a facilidade de acesso às fontes, uso de busca por palavras-chave, períodos e locais, além da utilização de Inteligência Artificial. Eles também abordaram os desafios relacionados à utilização dessas fontes, como a questão da materialidade, a qual também foi apontada por Almeida (2011); a limitação da pesquisa por palavras-chave do OCR (Reconhecimento Óptico de Caracteres), que pode deixar de reconhecer algumas palavras; e a postura do pesquisador, que deve manter rigor na utilização dessas fontes digitais, sem que estas substituam a leitura crítica e atenta. Foi o que alertou o autor Tiago Luís Gil (2024), que sugeriu uma falta de interpretação teórica quanto ao uso do OCR em palavras-chave e que, por isso, as ferramentas digitais devem ser utilizadas com consciência de suas limitações, sempre focando no papel fundamental do uso da teoria e da crítica documental na produção do conhecimento histórico.

A digitalização de fontes históricas representou uma oportunidade valiosa para a pesquisa, mas também impôs desafios significativos. A análise crítica da materialidade e a cautela na interpretação das informações foram essenciais para garantir a qualidade e a confiabilidade dos dados obtidos. Assim, é fundamental que os pesquisadores desenvolvam habilidades que lhes permitam navegar entre as vantagens das novas tecnologias e as necessidades tradicionais da pesquisa histórica.

A partir dessa discussão, e como foi explicado no capítulo anterior, a tipologia da fonte incluiu a investigação de sua materialidade. Assim, a pesquisa teve início pela busca do jornal *Gl'Italiani in San Paulo* na Hemeroteca Digital (HD), que integrou o acervo da Biblioteca Nacional (BN).

Em 1888, a edição do jornal *Gl' Italiani in San Paulo* começou a ser contada a partir do número 96 e se estendeu até a edição 180, totalizando 82 edições. Estavam ausentes as edições 104, 109 e 152, que provavelmente se perderam ou estavam em estado degradado para a digitalização¹³. Foram contabilizadas 63 edições disponíveis no site, do ano de 1889, totalizando 145 edições publicadas. O motivo pelo qual o jornal *Gl'Italiani in San Paulo* começou no número 96 foi que se tratou da continuidade do título *Gli Italiani al Brasile* (1886-1887). De acordo com Angelo Trento (2013, p. 170), até o momento de sua pesquisa, foi possível encontrar a edição de número 01, datada de 05 de agosto de 1886, no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (IHGSP), “junto a outros

¹³ Em contato com a BN, foi dito que não havia essas edições em seu acervo.

três números editados entre 1886 e 1887”, além de duas edições disponíveis no Arquivo Estadual de Pernambuco (AEP)¹⁴.

Anterior ao *Gli Italiani al Brasile*, houve outro periódico, o *L’Immigrante* (1883-1886), mas apenas as edições 07 de 1883 e as edições 02 e 07 de 1886 estavam disponíveis na HD.

Após o *Gl’Italiani in San Paulo*, foi publicado mais um título, o *La Lega Italiana* (1889-1890). Segundo Trento (2013), existiram 45 edições entre julho e dezembro de 1889 e de janeiro a novembro de 1890, com duas edições de 1889 e duas edições de 1890 no AEP, além de duas edições em dezembro de 1889. Embora o autor tenha mencionado a edição 338 de 1890 na BN, esta não foi constatada na Hemeroteca Digital¹⁵. Todos os periódicos tinham em comum o diretor-proprietário Alessandro Maglia. Para facilitar a compreensão, segue uma tabela com as principais informações das publicações de Maglia.

TABELA 2 – SEQUÊNCIA DE JORNAIS

Período de Publicação	Jornal	Administração	Periodicidade	Endereço
1883-1886	<i>L’Immigrante</i>	Diretor-proprietário: Alessandro Maglia; Administrador-proprietário: Felippo Queirazza	Semanário	Rua do Senador Feijó, 38
1886-1887	<i>Gli Italiani al Brasile</i>	Diretor-proprietário: Alessandro Maglia; Administrador: Gaspare Itra	Semanário	Rua da Boa Vista, n. 53
1888-1889	<i>Gl’Italiani in San Paulo</i>	Diretor-proprietário: Alessandro Maglia; Administrador: Nicolino Bernardo	Bissemánario Trissemánario	Rua de Santa Thereza, n. 12, 1º pisso
1889-1890	<i>La Lega Italiana</i>	Diretor-proprietário: Alessandro Maglia	Bissemánario	_____

Fonte: Trento (2013, p. 170, 171) e periódicos.

A mudança constante dos títulos, apesar da continuidade da numeração, levantou algumas hipóteses sobre as estratégias editoriais e de sobrevivência dos periódicos de Alessandro Maglia. Uma possibilidade foi que Maglia enfrentou dificuldades

¹⁴ Hoje o AEP é Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano (APEJE). Até o momento essas edições não foram localizadas por nenhum dos acervos citados (IHGSP e APEJE). Foram encontradas no Arquivo Público de São Paulo, as edições de número 1, de 05 de agosto de 1886, de número 7, de 17 de setembro de 1886 e a edição do dia 25 de setembro de 1887 (não foi possível verificar o número da edição, devido ao estado de degradação do jornal). Foi informado pelo Arquivo Público que as outras edições estavam em retalhos, e por isso não foi possível fazer sua digitalização.

¹⁵ Até o presente momento não houve retorno da BN com a informação referente ao número 338. Da mesma forma, com as outras edições citadas pelo autor, de 1889 e 1890 no AEP e em 1889 na BMA.

econômicas, como, por exemplo, para manter o aluguel em dia, visto que em cada título havia um endereço diferente (Trento, 2013; Cruz, 2013). Essas transições poderiam também refletir tentativas de reposicionamento político ou comercial, renovação de imagem editorial ou até mesmo manobras para evitar processos jurídicos e censura, em uma conjuntura de disputas por espaço no universo da imprensa imigrante. No entanto, não foi possível confirmar nenhuma suposição.

Esse fenômeno, entretanto, não ocorreu de maneira isolada. Trento (2013) apontou a existência de outros periódicos com dinâmicas semelhantes, tanto na capital quanto no interior. Foi o caso do jornal *Le Forche Caudine* (1892), que mudou de nome no mesmo ano para o *La Patria Italiana*, tornando-se *La Tribuna Italiana* em 1894. Outro caso na capital foi o periódico *Capitan Fracassa* (1897), que deu continuidade ao *L'Italia* de 1895. Também houve casos em que as mudanças ocorreram para cidades do interior, como o *Il Tevere*, fundado na capital em 1887 e transferido para Campinas em 1888, ou o jornal *L'Unione* (1894) de Campinas, que sucedeu ao *La Lotta* no mesmo ano. A recorrência dessas transformações editoriais pôde ser problematizada como uma estratégia compartilhada entre periódicos de imigrantes, talvez reflexo da fragilidade institucional, das incertezas econômicas e das pressões políticas que permeavam esse campo.

Na tentativa de compreender o posicionamento político do jornal, Marcia Rorato (2007) sugeriu em sua tese de doutorado que o *L'Immigrante* (1883-1886), assim como os demais citados sob direção de Alessandro Maglia, possuiu uma orientação liberal. Com isso, foi plausível supor que Maglia conduziu a linha editorial de seus jornais, especialmente o *Gl'Italiani in San Paulo*, de forma a alinhar seus princípios com os dos jornalistas fixos, colaboradores e correspondentes. Ainda assim, essa orientação liberal pôde ter sofrido adaptações conforme o contexto político e as exigências do público leitor.

Retomando, na segunda etapa da pesquisa, durante a montagem de uma tabela de análise das edições do *Gl'Italiani in San Paulo*, pôde-se obter um panorama de como cada edição foi estruturada e se houve mudanças ao longo do tempo.

Primeiramente, foi possível observar nos cabeçalhos, em praticamente todas as edições, que apresentavam etiquetas identificadoras no canto superior direito. Essas etiquetas provavelmente foram inseridas no processo de indexação do jornal na Biblioteca Nacional. Em algumas delas, essas etiquetas cobriam as informações do cabeçalho. Até a edição 113, notou-se que elas foram escritas manualmente e provavelmente passaram

por uma catalogação mais analógica, antes da informatização. A partir da edição de 114, as etiquetas foram identificadas como “43 Biblioteca Nacional”.

FIGURA 7 – ETIQUETA IDENTIFICADORA NO CABEÇALHO



FONTE: *Gl'Italiani in San Paulo*. 7 Giugno de 1888, num. 103, anno III.

No âmbito editorial, a partir do número 110, datado de 3 de julho de 1888, o jornal passou a ter periodicidade de três vezes por semana, sendo publicado às terças, quintas e sábados. Anteriormente, sua periodicidade foi quinzenal. Essa mudança abrupta pôde indicar tanto um aumento na demanda por informações entre os leitores quanto uma tentativa do jornal de se afirmar como veículo competitivo e relevante, especialmente diante da emergência de outros títulos na cidade. Curiosamente, não houve alteração nos preços, tanto nacional quanto internacionalmente, tanto no valor unitário quanto nas assinaturas anuais, semestrais e trimestrais, o que poderia indicar uma estratégia de fidelização dos leitores, mesmo com o aumento da frequência de publicação.

FIGURA 8 – MUDANÇA DE PERIODICIDADE



FONTE: *Gl'Italiani in San Paulo*. 7 Luglio 1888, num. 112, anno III.

Na edição de número 136, datada de 4 de setembro de 1888, ocorreu uma nova mudança na configuração do cabeçalho. A partir dessa edição, o nome do administrador do jornal, Nicolino Bernardo, passou a ser incluído. Contudo, nesta edição a grafia do sobrenome apareceu com “i” no final, em vez de “o”, como nas demais edições, sugerindo erros de impressão ou mesmo instabilidade editorial. Com essa alteração, as informações sobre os valores da edição avulsa, que eram de 100 réis (*um numero*), e as pendências, 200 réis (*arretrato*), passaram a ser apresentadas separadamente, nas laterais, abaixo do título, o que pôde indicar um esforço de padronização do design gráfico ou de organização da informação voltada ao leitor.

FIGURA 9 – ADMINISTRADOR NICOLINO BERNARDI (O)



FONTE: *Gl'Italiani in San Paulo*. 4 settembre 1888, num. 136, anno III.

Outro marco foi a inclusão da expressão “*si pubblica*” (se publica), junto aos dias da semana, na edição 150, com uma redução de tamanho, elemento que, embora sutil, pôde sinalizar um refinamento visual ou mesmo restrições técnicas da tipografia.

FIGURA 10 – MODIFICAÇÃO NOS DIAS DA SEMANA



FONTE: *Gl'Italiani in San Paulo*. 10 Ottobre 1888, num. 150, anno III.

No número 164, houve o acréscimo de Giuseppe Zampolli ao conselho editorial (*Redazione*), o que reforçou a hipótese de uma ampliação do corpo jornalístico e de uma possível reestruturação interna.

FIGURA 11 – REDAZIONE: GIUSEPPE ZAMPOLLI



FONTE: *Gl'Italiani in San Paulo*. 15 Novembre 1888, num. 164, anno III.

Na edição 166, a redação mudou de endereço para a Rua da Princeza, n. 11.

FIGURA 12 – MUDANÇA DE ENDEREÇO: RUA DA PRINCEZA, N. 11



FONTE: *Gl'Italiani in San Paulo*. 20 Novembre 1888, num. 166, anno III.

Houve também uma alteração no número do local onde a redação estava situada. A partir da edição 183, o endereço, que era nº 11, passou a ser nº 4, na mesma rua. Na edição datada de 11 de fevereiro de 1889, conforme registrado na Biblioteca Nacional, o número foi 195; no entanto, na impressão, apareceu como 591. Foi possível que o número tivesse sido invertido no momento da impressão, talvez um erro tipográfico. Isso reforçou a percepção de instabilidade administrativa e editorial, possivelmente relacionada a questões financeiras. Esse quadro se agravou com a mudança do preço da unidade de 100 para 60 réis e o valor do atraso de 200 para 100 réis, indicando um esforço do jornal para manter sua circulação mesmo em meio à crise.

FIGURA 13 – MUDANÇA DE PREÇO



FONTE: *Gl'Italiani in San Paulo*. 11 Febbraio 1889, num. 195, anno IV.

A partir do número 209, o jornal passou a apresentar duas datas em cada exemplar, como no nº 209, de 19-20 de março de 1889; no nº 210, de 21-22 de março de 1889; no nº 211, de 23-24 de março; e assim por diante, até a última edição, nº 243, de 27-28 de junho de 1889, sem explicação aparente. Isso pôde apontar para uma reconfiguração do modelo de distribuição ou para ajustes nos processos internos de produção e entrega. Em

paralelo, um comunicado na edição 219 informou, novamente, que houve mudança de endereço para a Ladeira de S. Francisco, n. 3, S. Paulo. O novo endereço foi apresentado no cabeçalho do número 221, reforçando o padrão de instabilidade logística do periódico.

FIGURA 14 – MUDANÇA DE ENDEREÇO: LADEIRA DE S. FRANCISCO, N. 3



FONTE: *Gl'Italiani in San Paulo*. 23-24 Aprile 1889, num. 222, anno IV.

Ao analisar o conteúdo, notou-se que datas comemorativas ou informes de destaque ocuparam, quase sempre, a primeira coluna ou página inicial, para dar o devido destaque. Como no caso da edição de número 98, o jornal publicou uma página especial, com um design diferenciado, noticiando e celebrando a extinção da escravidão no Brasil, intitulado “*Brasile Libero*” ou “*Brasil Livre*”¹⁶. O jornalista A. Pessolano escreveu diretamente ao povo brasileiro, utilizando a expressão “*Al popolo brasiliano*”. O uso desse espaço prioritário para eventos simbólicos demonstrou o esforço do jornal em marcar posicionamentos políticos e promover identidade coletiva entre os leitores.

¹⁶ A tradução completa está no Anexo O, detalhado na Figura 52.

FIGURA 15 – *BRASILE LIBERO*

FONTE: *Gl'Italiani in San Paulo*. 19 Maggio 1888, num. 98, anno III.

No que se referiu às colunas, surgiram gradualmente seções fixas como “*Note Vagabonde*” ou “*Notas Errantes*”, a partir da edição de número 117, datada de 17 de julho de 1888. Outra coluna que surgiu foi a “*Miscellanea*” ou “*Diversos*”, presente na edição 119, de 24 de Julho de 1888, que apresentou notícias de outras cidades e países. A coluna “*A Spizzico*” ou “*Aos Poucos*” iniciou na edição 156, de 25 de outubro de 1888. Já a coluna “*A volo d’uccello*” ou “*Voo Aéreo*” apareceu no número 16, de 17 de novembro de 1888. O surgimento dessas colunas pôde ser interpretado como uma tentativa de diversificar os temas, abrindo espaço tanto para reflexões políticas quanto para crônicas e entretenimento. Tais mudanças também puderam indicar um esforço do jornal em consolidar uma identidade editorial própria, com seções reconhecíveis, apesar de não seguir modelos tradicionais, como a presença de uma coluna editorial explícita.

Uma edição comemorativa foi lançada no número 141, de 20 de setembro de 1888, contendo 6 páginas, prática que se repetiu em outros momentos comemorativos e reforçou o viés nacionalista do jornal. A primeira página apresentou um layout diferente das edições habituais, e na página 5, foi identificada como “*Suplemento Extraordinário*”, em “*homenagem ao dia 20 de setembro de 1870, A Libertação de Roma em 1870*”, ou “*Supplemento Straordinario*”, “*Omaggio al 20 settembre 1870, La liberazione di Roma nel 1870*”.

FIGURA 16 – PÁGINA 1 ED. 141 E SUPLEMENTO EXTRAORDINÁRIO¹⁷

FONTE: *Gl'Italiani in San Paulo*. 20 settembre 1888, num. 141, anno III.

A partir da edição 143, de 25 de setembro de 1888, o jornal passou a destacar o título “*L'eredita' di Caino*” ou “*O legado de Caim*”¹⁸ acima de outros títulos importantes, estendendo-se até a edição 145, de 29 de setembro de 1888, provavelmente como estratégia de promoção do apêndice, que se iniciou na edição 146, de 2 de outubro de 1888. A publicação de apêndices literários indicou um investimento cultural do periódico, sugerindo o desejo de alcançar um público mais amplo ou mais instruído.

¹⁷ A publicação e a tradução completa encontram-se no Anexo E.

¹⁸ Não foi identificado se o título possuía algum significado, além da estratégia citada.

FIGURA 17 – L'EREDITA' DI CAINO



FONTE: *Gl'Italiani in San Paulo*. 25 settembre 1888, num. 143, anno III.

Na edição de 174, datada em 13 de dezembro de 1888, o jornal passou a oferecer incentivos para assinaturas anuais antecipadas, com o recebimento gratuito do periódico literário-artístico-teatral “*L’Ateneo Italiano*”, “publicado há 12 anos e sai nos dias 1 e 16 de cada mês em Roma, impresso em 16 páginas em luxuoso papel rosa tricolor, do diretor Tito Mammoli e colaboradores, os principais atores da Itália”. Além disso, quem adiantasse o pagamento da assinatura semestral receberia o “*Il Calendario Universale*” (italiano), “do ano de 1889, 80 e mais páginas, cheio de histórias e novidades úteis e interessantes para a família, com 199 magníficas gravuras. Editora F. Manini & Comp”. Essa ação pôde ser interpretada como uma medida para garantir fluxo de caixa e fidelização de leitores.

FIGURA 18 – PAGAMENTO ANTECIPADO, RECEBE PRESENTE

<p>ABBONAMENTO PER UN ANNO dal 1º Gennaio al 31 Dicembre 1889</p> <p>PAGAMENTO ANTECIPATO</p> <p>Città 99000 Fuori 108000</p> <p>REGALO a quelli che pagheranno l'abbonamento ANTECIPATO PER UN ANNO riceveranno GRATIS Il Periodico <i>Letterario-Artistico-Teatrale</i> L'Ateneo Italiano che si pubblica da 12 anni ed esce il 1 ed il 16 d'ogni mese in Roma, stampato in 16 pagine su carta rosa di lusso ed a tre colori. — Direttore, Tito Mammoli e collaboratori i principali scrit- tori d'Italia.</p>	<p>ABBONAMENTO PER SEI MESI dal 1º Gennaio al 30 Giugno 1889</p> <p>PAGAMENTO ANTECIPATO</p> <p>Città 48500 Fuori 88500</p> <p>REGALO a quelli che pagheranno l'abbonamento ANTECIPATO PER SEI MESI riceveranno GRATIS Il Calendario Universale (Italiano) per l'anno 1889 80 e più pagine; ricco di racconti e notizie utili ed interessanti per famiglia e con 100 magnifiche incisioni — Ditta Editrice F. Manini & Comp. Milano.</p>
---	---

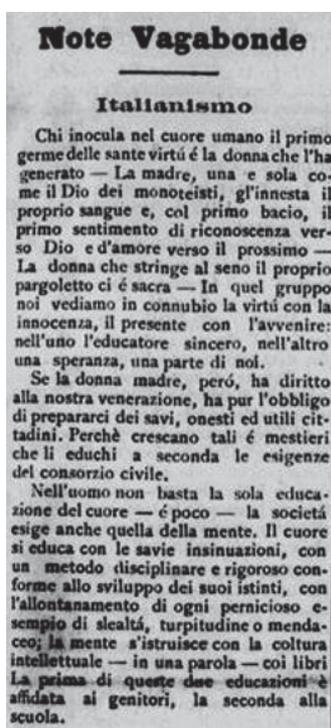
FONTE: *Gl'Italiani in San Paulo*. 13 dicembre 1888, num. 174, anno III.

Em relação ao espaço editorial, o periódico manteve um padrão de alternância das principais colunas, entre as páginas 1 e 2, provavelmente revezando de lugar conforme a

importância do assunto tratado. Ao analisar de forma geral, notou-se que o jornal possuía uma identidade própria, sem seguir modelos tradicionais, como a utilização da coluna editorial, que determinava seu posicionamento. No entanto, observou-se que o periódico combinava política, assuntos sociais e nacionalistas, especialmente nas colunas da primeira página. Houve opiniões e discussões sobre acontecimentos relacionados à política na Itália e no mundo, mas era possível que o objetivo também fosse interagir com o leitor, elucidando sua opinião sobre a imigração no Brasil, com o foco em São Paulo.

A autora Vera Chalmers (2017, p. 251) explicou que “os jornalistas responsáveis pela edição e redação dos jornais imprimem os traços de sua personalidade e autoria ao conjunto das folhas, ainda que, muitas vezes, não assinem os artigos”. Observou-se que houve um alinhamento nas opiniões, apesar de haver certa discrepância entre algumas colunas que trataram da imigração italiana em São Paulo. Contudo, foi possível notar um alinhamento nacionalista, como, por exemplo, na primeira coluna da edição 224, datada de 30 de abril e 1º de maio de 1889, intitulada “*Note Vagabonde*” ou “Notas Errantes”, com subtítulo “*Italianismo*”¹⁹. Brevemente, nela, o jornalista que assinou como Sansonetto²⁰ opinou sobre a importância dos pais apoiarem a educação de seus filhos.

FIGURA 19 – *NOTE VAGABONDE: ITALIANISMO*



¹⁹ A tradução completa está no Anexo Q, detalhado na Figura 57.

²⁰ Não foi possível identificar se é um nome ou codinome.

FONTE: *Gl'Italiani in San Paulo*. 30 abril 1º maio 1889, num. 224, ano IV.

Destacaram-se as principais colunas que revezaram entre a primeira e a segunda página: “*Nostre Corrispondenze*”, “*Revista Politica*”, “*Spicolature Italiane Spizzico*”, “*Miscellanea*”, “*Note Vagabonde*”²¹. Na página 3 geralmente apareceram as colunas “*Cronaca*”, “*Collaborazione*”, “*Comunicato*”, “*Varietà*”, “*Avvisi Gratuiti*” e “*Annunzi*”²². Uma dificuldade encontrada, especialmente nas páginas de número 3, foi estabelecer quais títulos iniciaram uma coluna ou eram subtítulos, visto que não ficou claro qual o padrão de diferenciação entre os diversos tamanhos e formatos de fonte textual, assim como os elementos que separaram o início e o final dos textos. Essa imprecisão no uso de títulos e subtítulos, bem como a variação das fontes, dificultou a padronização e sugeriu uma diagramação ainda artesanal, reflexo das limitações gráficas da época ou limitações específicas dos periódicos de língua italiana.

A análise do corpo de colaboradores do periódico *Gl'Italiani in San Paulo* revelou um número expressivo de jornalistas e correspondentes, tanto no Brasil quanto no exterior. Essa diversidade pôde indicar uma tentativa de articular uma rede transnacional de informações, reforçando o sentimento de pertencimento entre os italianos no Brasil e a manutenção de laços com a pátria. De fato, foi possível notar mais de quinze jornalistas diferentes que publicaram ao longo dos dois anos de tiragem do periódico. Destacaram-se os jornalistas: Arsenio Pessolano, correspondente em Casa Branca (SP), S. José do Rio Pardo, Ribeirão Preto, Amparo e Campinas; Costante Trevisani em Serra Azul; Antonio Navissano em Taubaté; A Letterio Pagano em Casa Branca; Michele Napoli Pirandello em São Paulo; Nicola Fazzino em Limeira. Na Itália: Zanze e Adolfo Lovati em Milão; Demofilo, Spartaco, A. D’Atri, Mario e Alfa em Roma; Giacono Libertini em Padova; G. C. em Gênova; e Julius em Buenos Aires.

Houve outros jornalistas com textos publicados pelo jornal que também saíram em outros periódicos, como B. Belli, Giovanni Bovio, Giacomo Libertini, Anacleto Poleschi, Sansonetto, Trottapiano, Mario, Alfa, Ulisses Barbieri, que também tinha um romance publicado a partir da edição 146, de 2 de outubro de 1888, e Giuseppe Zampolli, que passou a ser redator do jornal na edição 164, de 15 novembro 1888. Além disso, mencionaram-se Caio Gracco, Michele Napoli, Enrico Ferri, N. di R., e os codinomes

²¹ Nossas Correspondências”, “Revista Política”, “Espiculações Italianas Spizzico”, “Diversos”, “Notas Errantes”.

²² “Notícias”, “Colaboração”, “Comunicado de Imprensa”, “Variedade”, “Avisos Gratuitos” e “Anúncios”.

Asso di Coppe (Ás de Copas), Marinaio (Marinheiro) e L'Amico del Popolo (Amigo do Povo).

Com relação aos romances publicados em apêndice, além de Ulisses Barbieri, houve os de Saverio di Montépin, Emilio Richebourg e Svegliarino Di Carrara. Ademais, existiram cartas direcionadas ao jornal, como a de Regazzi Ferdinando, de Cavarzere no Vêneto (ed. 99); Aldo Ferretti, na Colônia Isabella, Província de Pernambuco (ed. 107); de Retiro, por C. Trevisani (ed. 108); e uma carta de Roma, por Dott. Tonci. Também houve artigos que o jornal publicou de outros periódicos, sem assinatura de jornalistas, como os do *Dal Corriere dell'Elba*, *La Tribuna di Roma*, *Giornale di Milano*, *Il Villaggio di Milano*, *Jornal do Commercio* (RJ), *La Patria Italiana di Buenos Ayres* e *A Platea*.

As colunas finais foram direcionadas para os “*Avvisi Gratuiti*” (Avisos Gratuitos) e “*Annunzi*” (Anúncios), que puderam ser entendidos como propagandas. Elas se intercalavam entre a terceira e quarta página, e geralmente a coluna “*Avvisi Gratuiti*” aparecia primeiro, tratando de informes e avisos, como os da “Sociedade Italiana de Beneficência de São Paulo”, da “Sociedade Promotora de Imigração”, da “Sociedade Militar Italiana de São Paulo”, lista com nomes de imigrantes, telegramas, cartas, vagas para dar aula em domicílio e câmbio.

Já os “*Annunzi*” seguiram com propagandas de produtos, como máquinas de moer café e para trabalho na lavoura, hotéis e restaurantes, armazéns e mercearias, roupas, companhias de navegação e suas rotas de viagem, escolas privadas italianas femininas e masculinas, companhia de seguros, advogado, médico, pintor, oficina mecânica, venda de imóveis, banco brasileiro e italiano, fábricas, entre outros. Nas últimas edições, foi possível notar que a quantidade desses “*Annunzi*” (Anúncios) diminuiu, o que resultou em um aumento do espaço que cada um ocupou, além de aparecerem mais de uma vez, a tipografia do próprio jornal. Esses anúncios e avisos publicados demonstraram a inserção do jornal em uma teia de interesses comunitários.

Dito isso, observou-se que, possivelmente, o jornal tinha como público-alvo um grupo pequeno de imigrantes alfabetizados, com um certo letramento para a interpretação das colunas de opinião, por exemplo, e com condições econômicas de adquirir um exemplar. Ainda assim, ao observar as últimas duas páginas do jornal, onde se encontravam os anúncios de vagas de trabalho, valor do câmbio e outros anúncios e propagandas em português, foi possível supor que o *Gl' Italiani in San Paulo* poderia alcançar também imigrantes de baixa renda e até brasileiros, mesmo que esse não fosse seu foco principal. Essa multiplicidade de estratégias editoriais e linguísticas reforçou a

complexidade e a adaptabilidade do periódico *Gl'Italiani in San Paulo* diante de um ambiente social e econômico em constante transformação.

Por fim, a partir da análise tipológica do jornal *Gl'Italiani in San Paulo*, foi possível observar elementos que contribuíram para a discussão teórico-metodológica apresentada nos capítulos seguintes.

2.1 TIPOLOGIA DA FONTE

Foi realizada uma revisão da literatura sobre a História da Imprensa no Brasil. O autor Marcos Morel (2010) observou que a historiografia da imprensa no país passou por algumas etapas até chegar ao formato que se pesquisa atualmente. A primeira fase iniciou-se no final do século XIX, com estudos que tratavam o jornal

como fonte documental importante, à medida que era vista como autêntica narradora dos ‘fatos’ e da ‘verdade’, ou seja, registro que permitiria comprovar aquilo que realmente se disse ou se passou, numa perspectiva historicista ou positivista. A partir de meados dos Oitocentos, desenvolve-se, ainda, a preocupação em coletar dados sobre sua trajetória, listar títulos, redatores e datas, avançando em algumas contextualizações e rotulando órgãos segundo suas tendências mais visíveis. (Morel, 2010, p. 7).

Vários trabalhos foram realizados no início do século XX, especialmente em 1908, por ocasião do centenário da imprensa no Brasil, sendo a maioria organizada por Alfredo de Carvalho, que publicou um compilado de inventários resultantes de pesquisas conduzidas por diferentes autores. Contudo, segundo Morel (2010), essa abordagem, que tratava a imprensa como fonte portadora de informações autênticas e definitivas, foi posteriormente criticada pela historiografia entre o início do século XX e dos anos 1970, por desconsiderar os aspectos ideológicos, discursivos e as mediações envolvidas na produção jornalística.

Durante esse período, também surgiram pesquisas relacionadas à imprensa italiana no Brasil. O próprio Angelo Trento (2013), em suas investigações, utilizou essas fontes, como o livro do jornalista N. Belli, em *Giornalismo italiano in Brasile* (1923); a obra *Brasile (II) e gli italiani* (1906); A. Freitas com *A imprensa periódica de São Paulo desde os primórdios em 1823 até 1914*, publicado no Diário Oficial em 1915; Fumagalli, que publicou *La stampa periódica italiana all'estero* em 1909; F. Masconi, que escreveu *Rivelazioni brasiliane: note di um reporter*, 1897; C. Rangoni, com *Il lavoro coletivo degli italiani al Brasile* de 1902; V. Rotellini, jornalista fundador do jornal *Fanfulla*, o

mais longo, que se tornou parte da grande imprensa, publicando *Astensione o elettorato? Um grave problema*, 1902.

A renovação na historiografia internacional e brasileira começou de fato a partir da década de 1980, especialmente na França, com o surgimento de novas abordagens que exploraram a política e a cultura, conferindo nova relevância ao uso da imprensa nas pesquisas históricas. Segundo Morel (2010), a imprensa passou a ser considerada não apenas como fonte documental, por expressar as vozes de determinados atores históricos, mas também como um agente ativo nos processos sociais e políticos, como um protagonista complexo que interveio nos embates e acontecimentos do período.

Morel (2010) ainda destacou o autor Nelson Werneck Sodré, que, em 1966, publicou o que se tornaria um clássico nos estudos sobre a imprensa no país: *História da Imprensa no Brasil*. Ele ressaltou, porém, que, embora essa obra fosse uma referência, foi necessário ter discernimento para utilizá-la, levando em conta suas limitações e os novos olhares para o uso da imprensa como fonte.

No que diz respeito ao cuidado na pesquisa com e por meio dos jornais, a autora Marialva Barbosa (2010) foi cautelosa ao analisar os jornais do século XIX, pois

a forma como enxergamos hoje a imprensa do século XIX muitas vezes está impregnada de um olhar anacrônico. Os parâmetros que possuímos de notícia, de fato jornalístico e das relações desses impressos com as múltiplas temporalidades que emergem das narrativas influenciam os conceitos que empregamos em relação aos periódicos do século XIX e, sobretudo, muitas de nossas interpretações (Barbosa, 2010, p. 13).

A autora Marialva Barbosa, na obra *História Cultural da Imprensa* (2010), explicou que utilizou o modelo de Robert Darnton (1990) para a análise da imprensa, a partir da perspectiva da história social e cultural. Ela destacou, o que se entendeu como um método de análise dos jornais, as informações que deveriam ser extraídas dos periódicos para compreender o contexto em que estavam inseridos, visto que o jornalismo passava por um processo de transformação. Essa transformação resultou em um quadro de diversidade e na ampliação do público leitor, especialmente a partir dos anos 1880 até meados do século XX, período que se consolidou a imprensa de massa no Brasil.

As transformações ocorridas na imprensa brasileira entre o Império e a Primeira República manifestaram-se em novas formas da expressão jornalística, promovidas, em parte, pela presença de estrangeiros. Conforme apontou Barbosa (2010), esse processo incluiu a proliferação de revistas ilustradas, publicações de crítica e de costumes, além da

adoção de técnicas inovadoras nos periódicos diários, como o uso de grandes fotografias nas capas, a difusão do folhetim e o aumento significativo do uso de caricaturas.

Nesse cenário, os jornais de maior circulação absorveram os literatos, o que gerou questionamentos sobre a identidade dos jornalistas e as implicações técnicas e simbólicas desse novo fazer jornalístico. A produção dos textos jornalísticos passou a refletir não apenas mudanças estruturais e tecnológicas, mas também a influência dos impressos sobre os leitores e sua representatividade social.

Com a modernização das redações, observou-se uma reorganização das funções internas, com a distinção de redatores e repórteres e a atuação de novos agentes, como secretários e paginadores, que intermediavam os processos entre os setores. Nesse contexto, o jornalismo passou a assumir um papel social ampliado, atuando na fiscalização do poder público e representando os grupos mais vulneráveis, como exemplificado pelo Jornal do Brasil (Barbosa, 2010).

Segundo Barbosa (2010), o trabalho do jornalista foi marcado por escolhas subjetivas, que envolviam a seleção do que seria lembrado e esquecido, revelando o papel ativo da imprensa na construção da memória coletiva. Dessa forma, a imprensa não apenas informava, mas moldava a percepção histórica dos acontecimentos, tornando-se um espaço de disputa simbólica e de elaboração do imaginário social

Dito isso, o trabalho foi dividido em três etapas. Na primeira, realizou-se a busca por ocorrências no site da Hemeroteca Digital, onde encontraram-se as edições do jornal, utilizando palavras como: *scuole*, *scuola*, *educacione*, *istruzione*, *alunni*, *analfabeti*, *istruita*, *maestra*. O objetivo até então foi verificar se havia textos, propagandas e anúncios que indicassem o tema da educação dos imigrantes e se o jornal se interessou em discutir o assunto em qualquer outra dimensão. Essa etapa proporcionou um panorama do jornal, embora tenha demonstrado que algumas palavras não estavam relacionadas ao tema da educação. Além disso, quando mais de uma delas aparecia na mesma página, apenas uma era contabilizada.

O motivo da escolha das palavras pré-estabelecidas no projeto, além de outras acrescentadas posteriormente conforme a leitura da fonte, baseou-se na ideia do autor Angelo Trento, que, no prefácio da obra de Oswaldo Truzzi (2016, p. 12), Italianidade no interior paulista, indicou os periódicos como grandes incentivadores “para difundir o senso comum de pertencimento”, mais do que as próprias escolas, “que procuravam

suscitar nos conterrâneos o orgulho de ser italiano”²³. Outro segmento igualmente importante, as associações estavam diretamente ligadas à temática educacional, já que elas eram,

na maioria de socorros mútuos (por causa das carências persistentes de um sistema de previdência social), mas também de outras naturezas beneficentes, culturais, de caráter econômico, de fruição do tempo livre ou esportivas. Estas nasceram exclusivamente nos centros urbanos e foram reservadas aos imigrantes e seus descendentes. (Truzzi, 2016, p. 12)

A segunda etapa consistiu em “tirar o jornal do site”, ou seja, foi realizado o download de todas as edições do jornal, tratando diretamente com a tipologia da fonte, traduzindo e coletando as principais informações, como ano, número de edição, valor, editor, jornalistas, editorial, colunas, assuntos, endereços, propagandas e anúncios. Nesse momento, construíram-se tabelas para que as informações ficassem visíveis e organizadas.

Por fim, na terceira etapa, analisaram-se as colunas e notícias relacionadas à temática da imigração italiana, abordando aspectos como a contratação e a vinda dos imigrantes, o gerenciamento da Sociedade Promotora de Imigração, bem como o nacionalismo e a italianidade demonstrados no conteúdo apresentado pelo periódico. A seguir, apresenta-se um fluxograma para melhor visualização das etapas de trabalho.

FIGURA 20 – FLUXOGRAMA DAS ETAPAS DE TRABALHO



Fonte: Elaboração da autora (2025).

A divisão do trabalho em três etapas permitiu uma abordagem sistemática e aprofundada da análise do jornal *Gl' Italiani in San Paulo*. Embora a pesquisa tenha tomado outro rumo com relação à temática da educação, a primeira etapa foi importante

²³ Conforme seu andamento, a pesquisa tomou uma nova direção, a qual foi mais bem observada no capítulo 3.

para entender o funcionamento da Hemeroteca Digital e para ter um primeiro olhar sobre a fonte.

A coleta de dados na segunda etapa foi essencial, não apenas para conhecer a fonte em sua tipologia, mas também para aprimorar a análise na etapa seguinte. A sistematização em formato de tabela foi vital para identificar padrões e tendências de colunas, temas e publicidade (propagandas, anúncios), que posteriormente possibilitou uma reflexão mais aprofundada sobre o jornal.

Por fim, a análise crítica que foi realizada em colunas, notícias, propagandas e anúncios demonstrou o papel do *Gl' Italiani in San Paulo* na comunidade italiana. Seu conteúdo não apenas informou sobre os desafios enfrentados pelos imigrantes, mas também refletiu os esforços para promover a italianidade. Essa dualidade entre adaptação e pertencimento foi um tema recorrente e que faz parte da história da imigração; por isso, este trabalho ofereceu mais um olhar para o processo de imigração italiana na cidade de São Paulo.

Na próxima seção, discutiu-se o papel da Sociedade Promotora de Imigração na contratação dos imigrantes italianos para trabalharem no estado de São Paulo e sua presença constante nas páginas do periódico *Gl' Italiani in San Paulo*.

2.2 SOCIEDADE PROMOTORA DE IMIGRAÇÃO

O período em que os jornais de Alessandro Maglia estiveram em circulação foi marcado por um intenso trabalho da Sociedade Promotora de Imigração (SPI). Esta organização, que permaneceu em funcionamento entre os anos de 1886 e 1896, surgiu da união de cafeicultores paulistas com o intuito de organizar a substituição da mão de obra escravizada por trabalhadores europeus (Petri, 2010).

FIGURA 21 – ENDEREÇO SPI



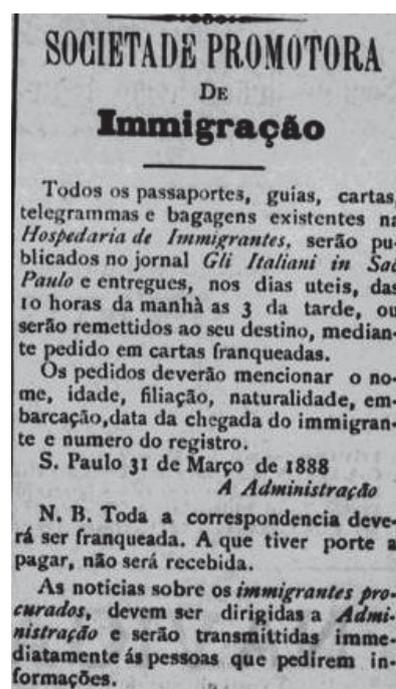
Fonte: *Gl' Italiani in San Paulo*, 19 jul 1888, num. 117, ano III, p. 3.

A Sociedade implementou a contratação subvencionada da mão de obra imigrante, financiando a vinda dos imigrantes, principalmente italianos do norte da Itália, em parceria com as Companhias de Navegação. A intenção era que esses imigrantes fossem direcionados para as fazendas de café; no entanto, alguns acabaram permanecendo na capital paulista. Eram os agentes de imigração, conhecidos como “arregimentadores”, que realizavam a contratação na Itália (Alvim, 1986).

A ligação do jornal *Gl’Italiani in San Paulo* com a SPI pareceu ter uma significância notável, pois houve mensagem da Sociedade em praticamente todas as edições. Contudo, era possível que outros jornais da época também apresentassem essas publicações.

A SPI tinha sua sede na Rua do Carmo n. 1, conforme publicado na edição 117, de 19 de julho de 1888, p. 3, na seção *Indicazioni Utili* (Indicações Úteis).

FIGURA 22 – SOCIEDADE PROMOTORA DE IMIGRAÇÃO



Fonte: *Gl’ Italiani in San Paulo*, 27 out 1888, num. 157, ano III, p. 3.

O estabelecimento dessa Sociedade ocorreu em função de decretos que corresponderam às leis de imigração. A primeira lei foi promulgada em 30 de março de 1871, permitindo que o governo emitisse apólices de até 600 mil réis para cobrir despesas dos fazendeiros com a contratação de imigrantes. Cada imigrante poderia receber até 10 mil réis para auxiliar nos custos de sua vinda até as fazendas. Posteriormente, outras leis

provinciais foram decretadas com o objetivo de ajustar os valores de crédito, incluindo o auxílio para moradia dos imigrantes (Hutter, 2018).

Entretanto, as iniciativas do governo provincial não foram suficientes para atender à demanda gerada pela contratação de imigrantes. Segundo Hutter (2018), várias iniciativas privadas surgiram, a maioria delas sem expressividade e sem continuidade. Uma dessas iniciativas foi proposta pelo italiano Luigi Bianchi Betoldi, em 1885. Betoldi, engenheiro que trabalhava em ferrovias e possuía conhecimento sobre o sistema de colonização, como o da Argentina e da colônia Alessandra, no Paraná, fundou a Agência de Imigração na cidade de São Paulo, propondo ao governo provincial a contratação, principalmente, de imigrantes do norte da Itália.

A Sociedade Promotora de Imigração (SPI), criada em 6 de julho de 1886, por iniciativa de cafeicultores do Oeste Paulista, foi liderada pelos fazendeiros Martinho Prado Jr., Nicolau de Sousa Queirós e Rafael de Barros. Reuniu um total de 22 sócios, incluindo grandes cafeicultores e indivíduos que ocupavam cargos na Secretaria da Agricultura (Petri, 2010).

A proposta apresentada ao governo da província estipulou que a Sociedade não teria fins lucrativos, ofereceu garantias para a contratação e realizou o recrutamento por meio de um agente na Itália. Uma das estratégias para aumentar o número de contratações foi a divulgação, nos jornais de São Paulo, de uma nota que convidava os estrangeiros interessados a chamar seus familiares para trabalharem em São Paulo. As passagens seriam gratuitas, e o imigrante que tivesse interesse deveria se dirigir à diretoria para solicitá-las, conforme relatou Hutter (2018). Dessa forma, a Sociedade buscou ampliar o alcance de sua atuação e garantiu a efetividade do processo imigratório por meio de incentivos aos imigrantes já estabelecidos.

Na época da SPI, o governo paulista chegou a pagar

75:000 réis por adulto, a metade pelos meninos de 7 a 12 anos e $\frac{1}{4}$ pelas crianças de 3 a 7. A mesma quantia podia ser conseguida por quem chegasse sem a viagem paga, mas só após sessenta dias da entrada na hospedaria, para evitar que, uma vez obtido o reembolso, a pessoa se dedicasse a atividades outras que não a agricultura (Trento, 2022, p. 111).

No texto sobre imigração (Immigrazione) da edição 129, de 18 de agosto de 1888, o jornal relatou as declarações do ministro²⁴ Antonio Prado a respeito da imigração,

²⁴ No artigo, o jornal apresentou Antonio Prado como Ministro Senador.

durante uma sessão realizada no dia 07 de agosto na Câmara de Deputados. Segundo o jornal, o ministro “proferiu um discurso brilhante, que resume o programa do Gabinete e que acreditamos ser nosso dever resumir” (*Gl’ Italini in San Paulo*, 18 ago 1888, p. 1, tradução nossa). O texto enfatizou que, para resolver a crise no campo, era necessário investir na imigração,

fornecer, apoiar a agricultura de que tanto necessitamos, e cultivar o vasto solo que o país possui de forma tão infinita. Acredita que o subsídio para pagamento da passagem é indispensável, pois ainda não é possível contar com uma imigração totalmente espontânea. A este respeito, o Ministro cita por exemplo a Província de São Paulo, que, graças ao subsídio do pagamento de passagem, introduziu mais de 100.000 imigrantes, dos quais mais de 50.000 num ano, com o interlúdio da Sociedade Promotora de Imigração (*Gl’ Italini in San Paulo*, 18 ago 1888, p. 1, tradução nossa).

O jornal prosseguiu destacando que o ministro acreditava que o governo de São Paulo precisava de maior respaldo econômico do governo federal para custear a vinda dos imigrantes.

Só em passagens a Província gastou mais de cinco mil contos de réis, sem contar as verbas gastas para abrigar e alimentar os imigrantes no asilo provincial, que custou mais de quatrocentos contos de réis.

A Província de São Paulo gasta em média trezentos contos mensais com o único propósito de introduzir imigrantes. É portanto natural que o governo, tendo de atender as necessidades de todas as províncias, não se possa contentar com os 2.000 contos, já aumentados pela comissão, e que tenha de ser obrigado a pedir valores muito mais elevados.

Supondo que o parlamento conceda a autorização necessária, o Exmo Ministro, propõe-se atingir a introdução de 100 mil interações em cinco anos. (*Gl’ Italini in San Paulo*, 18 ago 1888, p. 1, tradução nossa).

Outra questão abordada pelo ministro foi que o governo permitiu que os imigrantes escolhessem para onde desejavam ir ao chegarem ao Brasil. Isso ocorreu pelo fato de que muitos imigrantes solicitaram à SPI subsídios para trazer seus parentes.

O governo não pode de forma alguma impedir que o imigrante recém-chegado vá para onde lhe convém.

Seria um grande erro deslocá-los para esta ou aquela Província. Se os imigrantes preferem agora ir para a Província de São Paulo, a razão reside no grande número de chamadas enviadas para a casa por parentes e conterrâneos ali estabelecidos. O fato é natural e honroso para o país. A Sociedade Promotora de Imigração tem cerca de 150.000 solicitações deste tipo pendentes e, surpreendentemente, durante este ano, recebeu mais de 600.000 solicitações de europeus que desejam emigrar para aquela província.

O governo não pode, nem deve, portanto, preferir a Província de S. Paulo, quando a imigração já se dirige naturalmente para lá, aliás, pelo contrário, o compromisso do governo consiste em direcioná-la também para outras províncias (*Gl’ Italini in San Paulo*, 18 ago 1888, p. 1, tradução nossa).

Para que isso ocorresse, o ministro aconselhou que o governo investisse em meios de transporte, construindo ferrovias e rotas fluviais, de modo que os imigrantes pudessem chegar com facilidade a outras localidades (*Gl' Italini in San Paulo*, 18 ago 1888, p. 1, tradução nossa).

Essa rota iniciou-se com a chegada ao Porto de Santos. Os imigrantes, comumente, comumente, seguiram de trem até a Hospedaria de Imigrantes em São Paulo, localizada no Brás, que era administrada pela SPI a partir de 1887.

Os imigrantes lá permaneciam por alguns dias até serem requisitados pelos fazendeiros. As condições de superpopulação, solidão, segregação eram pioradas pelo total abandono em que se achavam os trabalhadores, inclusive no momento da estipulação dos contratos com os fazendeiros, que eram os únicos a terem acesso à hospedaria. Verdadeiras revoltas, provocadas pela qualidade da alimentação, ocorreram em 1888 e em 1890 (Belli, 1892, apud Trento, 2022, p. 112).

Ao longo das edições, o jornal se mostrou alinhado com a SPI. Contudo, nesta publicação, ele se posicionou contra o que estava ocorrendo na Hospedaria dos Imigrantes. Essa publicação foi realizada um dia após a revolta na hospedaria; no entanto, o jornal não fez nenhuma menção direta ao ocorrido, mas deixou uma referência indireta, ao final, que, “por um milagre não aconteceu algo pior”. A crítica indicou um distanciamento momentâneo em relação ao discurso oficial de apoio a SPI, revelando a gravidade da situação vivida pelos imigrantes e sugerindo que o controle do espaço institucional estava à beira de ser comprometido, ainda que o jornal evitasse um confronto direto com a gerência da Sociedade.

FIGURA 23 – RECLAMAÇÃO SOBRE O TRATAMENTO DOS IMIGRANTES NA HOSPEDARIA²⁵

NON FACCIAMO un articolo di fondo, nè impieghiamo frasi a sensazione o parole da rimbombo per farci intendere.
L'altro giorno, in termini moderati, ci credemmo in dovere di censurare la misura presa dall'Amministrazione dell'Alloggiamento degli immigranti, colla quale é vietato ai nuovi arrivati d'uscire dallo stabilimento.
Protestammo, com'era di nostro do-

²⁵ A publicação e a tradução completa encontram-se no Anexo F.

vere, contro quell'atto che riputammo offensivo ai diritti d'uomini liberi, venuti in paese libero per lavorare liberamente.

Oggi diremo di piú, che troviamo la misura in quistione un solenne abuso di potere, constandoci positivamente che l'on. Direzione della Società *Promotora da Immigração* non l'ha per nulla autorizzata; misura che venne presa per motivi ignorati da coloro che non sono addentro nelle cose di lá in basso, ma che di sicuro non devono essere troppo *disinteressati né leali*.

Domandiamo istantemente l'intervenzione energica ed immediata dell'on. Direzione della *Promotora da Immigração*, onde sia revocato quest'odioso ordine di reclusione, il quale provoca l'indignazione generale al punto che non ci sorprenderebbe di vedere nascere da un momento all'altro qualche scandalosa piazzata—finora evitata non sappiamo per quale miracolo.

E per oggi basta.

Fonte: *Gl' Italiani in San Paulo*, 7 jul 1888, num. 112, ano III, p. 2.

A opinião do jornal em relação à administração da hospedaria foi bastante crítica e revelou desconfiança quanto à sua atuação. O próprio periódico indicou em outras publicações que a SPI foi responsável pela administração da hospedaria, mas advertiu que essa ação não foi autorizada pela Sociedade. O jornal considerou a proibição de saída dos recém-chegados como um "solene abuso de poder", demonstrando forte desaprovação da medida, que foi vista como uma violação dos "direitos dos homens livres". Além disso, enfatizou que os imigrantes vieram para um "país livre" e, portanto, tinham o direito de trabalhar e se mover livremente. O jornal se posicionou como defensor desses direitos, considerando sua obrigação protestar contra tal medida (*Gl' Italiani in San Paulo*, 7 jul 1888, num. 112, ano III, p. 2).

O período exigiu uma "intervenção enérgica e imediata" da direção responsável, o que evidenciou um apelo por ação e mudança. Essa urgência sugeriu que a situação era crítica e que a inação poderia levar a consequências graves. O tom do texto foi de indignação, refletindo a preocupação do jornal com a reação pública à medida. A menção de que a situação poderia resultar em "alguma situação escandalosa" indicou um temor de que a insatisfação popular pudesse culminar em conflitos ou protestos.

A SPI publicou diariamente no jornal *Gl' Italiani in San Paulo*. Na maioria das edições, essas publicações apresentaram mensagens repetitivas, como demonstrado na Figura 22, apresentado anteriormente. Também houve uma lista de imigrantes italianos procurados, que era atualizado ocasionalmente.

A SPI não se responsabilizaria pelo imigrante que deixasse a hospedaria antes do acordado. O imigrante deveria verificar com a secretaria do alojamento a seriedade do contratante, assim como o local onde iria residir e trabalhar. Para finalizar o acordo, o contratante deveria entregar uma declaração assinada à hospedaria, atestando as boas condições de hospedagem e trabalho que o imigrante teria.

Tudo que foi acordado deveria ser cumprido pelo imigrante; do contrário, ele perderia todos os direitos, inclusive a seguridade da SPI. Esta, por sua vez, seria responsável por realizar todos os trâmites junto ao governo para a aquisição de terras que o imigrante desejasse obter de forma gratuita.

O imigrante tinha o direito de registrar reclamações sobre o tratamento recebido na hospedaria. Ele poderia fazer as reclamações em um livro na secretaria do alojamento ou verbalmente para um funcionário, com a garantia da direção de que não haveria qualquer oposição.

A política imigratória em São Paulo refletiu as ações da Sociedade Promotora de Imigração, que se encarregou da vinda, contratação e estadia dos imigrantes até seu destino, geralmente uma fazenda de café. Seu funcionamento não era isolado. Para cumprir os deveres estabelecidos, a SPI trabalhou em conjunto com diferentes órgãos do governo, como a Assembleia Legislativa de São Paulo e a Secretaria de Agricultura e Obras Públicas. Suas ações foram precedidas pela lei de Terras de 1850, que, no contexto das leis de imigração, destinou a maioria das terras para a formação de núcleos coloniais, limitando o acesso individual dos imigrantes à aquisição de propriedades privadas (Petri, 2010).

A SPI investiu em propaganda para divulgar seu trabalho “através dos livros, brochuras e jornais”, a maioria bilíngue, tanto no Brasil quanto na Europa. No entanto, como muitos sócios da Sociedade não acreditavam na eficácia desse tipo de material, considerava-se que a propaganda servia mais como uma campanha ostensiva em defesa da imagem São Paulo frente aos rumores negativos sobre a província do que propriamente como uma ferramenta eficaz para ampliar o número de imigrantes (Petri, 2010, p. 56). Assim, a propaganda assumiu um papel estratégico na construção simbólica de São Paulo como destino promissor, ainda que seus efeitos práticos na atração de novos trabalhadores fossem questionados pelo próprio grupo que compunha a Sociedade.

Como demonstrado na publicação da edição 185, de 15 de janeiro de 1889, p. 2, a SPI se defendeu de rumores a respeito da imigração.

FIGURA 25 – ESCLARECIMENTO DA SPI²⁷

Società Promotora da Immigração — La Società Promotora da Immigração mandó ai giornali di questa Capitale la seguente dichiarazione :

« E' inesatto che cinquecento capi di famiglia d'immigranti presentassero al Re d'Italia una supplica per essere rimpatriati.

« Al Vice Consolato di questa Capitale si diressero una trentina di individui reclamando il rimpatrio in Italia in una supplica al Re Umberto e domandando che fossero riconosciute le loro firme.

« La Direzione di questa Società ha motivi per credere che nemmeno tutti i firmatari di quella supplica siano immigranti residenti nell'Ospedaria: é necessario aggiungere ancora che i firmatari nella medesima ricoverati, interrogati in questo proposito, dichiararono essere loro convinzione di avere firmato quella carta nella quale si domandava il rimpatrio, sempreché fosse di loro convenienza rimpatriare.

« Questa Direzione dichiara altresí che gli immigranti sempre hanno trovato collocazione regolare. La domanda rallentó durante alcuni giorni in seguito all'arrivo da Santos del Vapore *Frisia* venuto con immigranti infestati di vajolo.

« Questa malattia però já ha cessato, e la domanda riprende attivamente, meno però per i turbolenti ultimamente entrati nell'alloggiamento.»

Fonte: *Gl' Italiani in San Paulo*, 15 jan 1889, num. 185, ano IV, p. 2.

Entre outros esclarecimentos, a publicação informou aos jornais da capital que não era verdade que cinquenta chefes de família de imigrantes solicitaram ao Rei da Itália a repatriação. Embora trinta imigrantes tenham se dirigido ao Vice-Consulado com um pedido de repatriação, a SPI acreditava que esse número não representava todos os imigrantes que estavam na hospedaria.

As críticas ao processo de imigração, veiculadas em notas publicadas nos jornais do Brasil²⁸, eram ainda mais severas na Europa, especialmente na Itália. Diante desse cenário, a medida adotada foi promover a entidade e enaltecer as supostas vantagens da imigração voltada ao trabalho na lavoura do interior paulista, conforme apontou Petri (2010). Essa estratégia visava neutralizar as denúncias e fortalecer a imagem institucional da imigração organizada, ao apresentar São Paulo como um lugar de oportunidades, apesar das crescentes evidências de dificuldades enfrentadas pelos imigrantes.

De qualquer forma, o interesse das famílias em imigrar para o Brasil só aumentava. Uma das parcerias da SPI era com as companhias de navegação. A principal

²⁷ A tradução encontra-se no Anexo H.

²⁸ Muito mais focados nos jornais publicados em São Paulo e no Rio de Janeiro.

delas, pelo menos durante o período da publicação do jornal *Gl' Italiani in San Paulo*, foi a companhia de Angelo Fiorita, que anunciava no jornal em quase todas as edições.

FIGURA 26 – COMPANHIA DE NAVEGAÇÃO DE A. FIORITA



Fonte: *Gl' Italiani in San Paulo*, 22-23 jun 1889, num. 242, ano IV, p. 4.

Os contratos estipulados variavam os preços das passagens da 3ª classe de acordo com a faixa etária. Além disso, houve uma quantidade estipulada para o número de viajantes que as companhias de navegação deveriam atender. Essas companhias também contrataram agentes de imigração para realizar as contratações. No entanto, nem sempre conseguiram cumprir os acordos, e muitas vezes a SPI teve que prorrogar os contratos para garantir o número de imigrantes que chegariam ao Porto de Santos (Petri, 2010).

Frequentemente, o governo provincial demorava a efetuar o repasse, o que gerou dívidas para a Sociedade, que se viu obrigada a solicitar empréstimos para pagar as companhias marítimas (Petri, 2010).

Os problemas levantados pela pesquisadora Petri (2010) demonstraram que não houve um controle eficiente sobre a contratação dos imigrantes pelos agentes de imigração na Europa, assim como em relação à entrada dos imigrantes na Província de São Paulo. Quando chegavam ao Porto de Santos, podiam seguir para outras províncias. Uma das formas de ajustar essa situação foi vincular os subsídios individuais à estadia na Hospedaria do Brás que passou a ser de responsabilidade da SPI.

A análise das práticas e políticas da Sociedade Promotora de Imigração (SPI) revelou a complexidade do processo de imigração para o Brasil no final do século XIX. Apesar das dificuldades enfrentadas, como críticas à gestão da imigração e desafios financeiros, o interesse das famílias em imigrar para o país continuou a crescer. A SPI, ao estabelecer parcerias com companhias de navegação e ao promover as vantagens da

imigração, buscou não apenas atrair novos imigrantes, mas também garantir condições adequadas para sua estadia e integração. No entanto, em vários casos, não alcançou seu objetivo.

As medidas adotadas, incluindo o vínculo entre subsídios e a estadia na hospedaria, demonstraram uma tentativa de melhorar a supervisão sobre a entrada e permanência dos imigrantes. Contudo, os problemas identificados por Petri (2010) evidenciaram a falta de um controle eficaz, tanto na Europa quanto na Província de São Paulo, refletindo os desafios estruturais da época. Assim, a trajetória da imigração italiana para o Brasil, especialmente em São Paulo, configurou-se como um fenômeno multifacetado, que envolveu aspectos econômicos, sociais e políticos, e que continuou a influenciar a formação da sociedade brasileira na contemporaneidade.

A análise do *Gl' Italiani in San Paulo* permitiu compreender não apenas os aspectos do cotidiano da comunidade imigrante italiana na cidade de São Paulo, mas também o funcionamento particular, político e simbólico da imprensa étnica do final do século XIX. Com isso, foi possível apreender o jornal como um espaço multifacetado de produção discursiva, marcado por estratégias de sobrevivência editorial, tensionamentos entre projeto político e realidade financeira, e práticas simbólicas voltadas à construção de uma identidade coletiva italiana.

As mudanças de periodicidade, endereços, estrutura gráfica e editorial, somadas à variedade de colunas e colaboradores, indicaram tanto os desafios enfrentados quanto os esforços de adaptação a um público diverso, composto por imigrantes com distintos graus de letramento, interesses e condições sociais. Por isso, supõe-se que o periódico operava de forma a englobar assuntos variados de cunho político, cultural e comercial.

Ele buscou ir além da informação, pois sua postura implicou em formar, instruir e integrar os imigrantes italianos ao contexto social paulista, juntamente com a preservação do sentimento de pertencimento à identidade italiana.

Por fim, a fonte também revelou a necessidade de atentar para os limites do acervo disponível, que apresentava lacunas, edições ausentes e material fragmentado, o que exigiu uma abordagem crítica e criativa frente às ausências e silêncios do arquivo. Assim, o jornal mostrou-se não apenas um objeto de estudo, mas um agente revelador das condições, tensões e possibilidades da experiência migratória italiana em São Paulo.

Este estudo, portanto, contribuiu para ampliar a compreensão da imprensa étnica enquanto agente ativo no processo de inserção dos imigrantes italianos na sociedade brasileira, não apenas como meio informativo, mas como instrumento político,

pedagógico e cultural. A figura que abraçou esse projeto nacionalista foi o diretor e proprietário do *Gl' Italiani in San Paulo*, Alessandro Maglia, cuja atuação será apresentada na próxima seção, a fim de compreender seu papel na imprensa imigrante e na comunidade italiana na cidade de São Paulo.

2.3 ALESSANDRO MAGLIA E OUTRAS PUBLICAÇÕES

Com o objetivo de compreender a estrutura, conteúdo e o papel do jornal *Gl' Italiani in San Paulo* na formação de uma consciência coletiva entre os imigrantes italianos em São Paulo no final do século XIX, foi necessário investigar a trajetória do seu proprietário, Alessandro Maglia. Essa preocupação surgiu pela figura central que, como diretor, formulou a linha editorial do periódico, articulando interesses políticos, culturais e sociais no contexto de uma comunidade italiana em formação. Sua atuação extrapolou os limites do jornalismo, assim como ocorreu com outros jornalistas imigrantes, e estendeu-se à organização comunitária e ao debate político da época.

A intenção desta pesquisa foi compreender a figura de Maglia, aprofundando-se em sua trajetória. Contudo, esse processo tornou-se desafiador devido à escassez das fontes e à fragmentação das informações. Ainda assim, foi possível reunir informações relevantes obtidas em diversos periódicos, incluindo jornais brasileiros. Essas informações permitiram traçar um esboço de sua atuação como jornalista, como membro de associações e sua participação na política local, revelando um indivíduo comprometido com as causas imigrantes.

A organização desta seção seguiu uma lógica cronológica e analítica, abordando inicialmente os antecedentes da atuação de Maglia, com destaque para seus primeiros jornais, *L' Immigrante e Gli Italiani al Brasile*, até a publicação do objeto desta pesquisa, o periódico *Gl'Italiani in San Paulo*. Em seguida, examinou-se a forma como Maglia conduziu seus periódicos, a linguagem adotada, as relações com outras figuras públicas e instituições, bem como os conflitos e alianças que marcaram sua trajetória. Essas questões foram fundamentais para compreender a relevância de seus jornais como instrumentos de mediação entre os imigrantes italianos e a sociedade paulista.

Assim, o destaque dado à figura de Alessandro Maglia representou um ponto de convergência entre imprensa, cultura e política. Mesmo com as limitações das fontes, foi possível inferir que sua atuação mostrou-se relevante para entender o projeto editorial voltado à construção da uma italianidade em São Paulo. Sua insistência em defender os

interesses dos imigrantes, promovendo a integração com a comunidade local sem perder os vínculos com a origem, fez dele uma figura-chave na compreensão das estratégias de inserção e afirmação social dos italianos na cidade. Seu legado, ainda discreto para a historiografia, oferece uma visão interessante sobre os modos de organização e até de resistência da comunidade italiana que se formou no final do século XIX na cidade de São Paulo.

A carreira de jornalista de Alessandro Maglia no Brasil pode ter iniciado como agente de anúncios no “Guia-Horário”, conforme citado no Jornal do Commercio do Rio de Janeiro em 1878. Seu nome, escrito como Alexandre, foi encontrado em outros momentos, como exemplificado adiante.

FIGURA 27 – AGENTE DE ANÚNCIOS

Visto ter tido geral acolhimento esta bella obra, animou-se o editor a mandar fazer uma 2ª edição de 5.000 exemplares, que serão vendidos em todos os pontos das estradas de ferro, revista, melhorada, correcta e augmentada, esperando merecer do respeitavel publico a devida acsitação ; portanto, convido a todas as companhias em geral , bancos , companhias de seguros, agencias de vapores , etc. , as casas de commercio , hoteis, profissionaes , e finalmente a todos que quizerem aproveitar uma occasião tão opportuna , afim de tornarem mais conhecidos os seus estabelecimentos, a tomarem a assignatura de *anuncios* no referido *Guia-Horario* , cujo preço de uma pagina em oitavo é de 10\$, e meia pagina 6\$, pagavel no acto da entrega do exemplar a que tem direito o assignante.

O editor faz sciente ao publico em geral que encarregou ao Sr. Alexandre Maglia como agente de *anuncios* para o mencionado *Guia-Horario*, os quaes poderão desde já ser remetidos por cartas ao mesmo agente , no estabelecimento typographico , á rua de S. José n. 69, do editor. — Alexandre Speltz, engenheiro.

Fonte: Jornal do Commercio (RJ), 1878, num. 204, ano 67, p. 4.

O periódico *L'Immigrante* foi o primeiro jornal publicado por Alessandro Maglia. Sua primeira edição foi lançada em 1883 e perdurou até meados de 1886, quando o nome do jornal foi alterado para *Gli Italiani al Brasile*. Este jornal tinha periodicidade semanal e indicava em seu cabeçalho que era uma folha “dedicada aos interesses dos imigrantes”.

FIGURA 28 – CABEÇALHO DO JORNAL *L'IMMIGRANTE*

Fonte: *L'Immigrante*, 31 dez 1883, n. 7, ano I.

As condições de assinatura para a cidade de São Paulo e o interior paulista eram de 3 meses por 2.500 réis, 6 meses por 5.000 réis e 1 ano por 10.000 réis. “Para o exterior, não são aceitas assinaturas por mais de seis meses ou um ano” (*L'Immigrante*, 31 dez 1883, n.7, ano I, p. 1). Também houve a opção de pagar a assinatura de 1 ano antecipadamente, recebendo em troca um trabalho de fotolitografia feita na Itália. A redação estava localizada na Rua do Senador Feijó, número 38, em São Paulo.

Por ser a primeira publicação periódica, o *L'Immigrante* não apresentava outros nomes de destaque, apenas o redator Alessandro Maglia; assim, é possível que ele fosse responsável por praticamente todas as etapas necessárias para que o jornal pudesse ser distribuído. O periódico aparentava ser menor em comparação com os posteriores, pois apresentava quatro colunas em vez de cinco. O restante da estrutura do jornal, pelo menos na edição 7, de 31 de dezembro de 1883, e na edição 1, de 7 de janeiro de 1886, manteve um padrão semelhante, com um apêndice de uma história na primeira página, que se estendia para a segunda página, enquanto a segunda e a terceira páginas continham notícias internacionais. Na quarta página, a última do jornal, apareciam as propagandas.

Maglia foi uma figura de destaque não apenas para a comunidade italiana, mas também para a capital. Juntamente com o periódico *Gli Italiani al Brasile*, ele constou na listagem do Almanach da Provincia de São Paulo: Administrativo, Industrial e Commercial, nas edições 05 do ano 1887 e da edição 06 de 1888, fundado e organizado por Jorge Seckler. O Almanach anual apresentou-se como um guia indicativo que listava em ordem alfabética os principais habitantes da capital e seus empreendimentos.

FIGURA 29 – ALESSANDRO MAGLIA

Typographias e Jornaes da Capital

Baruel, Pauperio & Comp., rua da Quitanda, 8.
 Fischer Fernandes & Comp., rua da Imperatriz, 40.
Jorge Seckler & Comp., a vapor, rua 25 de Março, 38 e 40.
 King, a vapor, rua de S. Bento, 59.
 Louzada & Comp., rua de S. Bento, 59.
 União rua da Esperança, 11.
 V. Silva & Comp., rua José Bonifácio, 5 A, antiga do Ouvidor.
 Correio Paulistano, gerente Joaquim Roberto de Azevedo Marques, Cap.,
 rua do Imperador, 10.
 Diario Popular, propriedade de Lisboa, Campos & Comp., rua da Imperatriz, 54.
 Diario Mercantil, Sociedade Commanditaria, rua do Commercio, 50.
 Gazeta do Povo, propriedade de João da Veiga Cabral, rua do Imperador, 1.
 Germania (em allemão), propriedade de G. Trebitz, rua de S. José, 63.
 Gli Italiani al Brasile (em italiano), **Alessandro Maglia**, proprietario e director, rua de S. Thereza, 12, Sobrado.
 O Brazil Contemporaneo, propriedade de Navarrrro & Comp.
 Paulista, empreza typographica, proprietario Alfredo de Almeida, rua da Boa Vista, 23.
 Provincia de S. Paulo, propriedade do Dr. Rangel Pestana, rua da Imperatriz, 58.
 Thabor, redactor J. A. de Almeida e Silva, Padre, Alameda dos Andrades, 20.

Fonte: Almanach da Provincia de São Paulo, 1887, num. 5, ano V, p. 244 e 1888, num. 6, ano 6, p. 305.

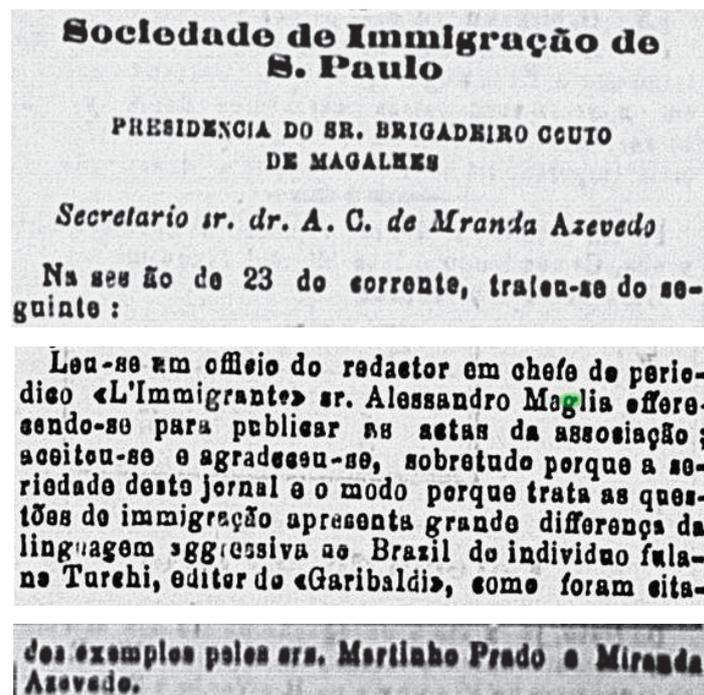
O diretor se envolveu não apenas com o jornalismo, mas também participou de organizações da comunidade italiana e da política local. Um exemplo disso foi uma nota publicada no jornal brasileiro Correio Paulista, edição 7714, de 18 de julho 1882, que informou que Maglia tinha sido eleito para compor uma comissão executiva destinada a “commemorar a memoria do general Garibaldi”.

FIGURA 30 – ELEITA COMISSÃO EXECUTIVA

Foi ante-hontem eleita a commissão executiva que tom de commemorar a memoria do general Garibaldi, a qual ficou assim constituida: G. N. Dolcetti, **A. Maglia**, Giovanni Luglio, B. A. Altademo, Giuseppe Serra.

Fonte: Correio Paulistano, 18 jul 1882, num. 7714, ano XXIX, p. 2.

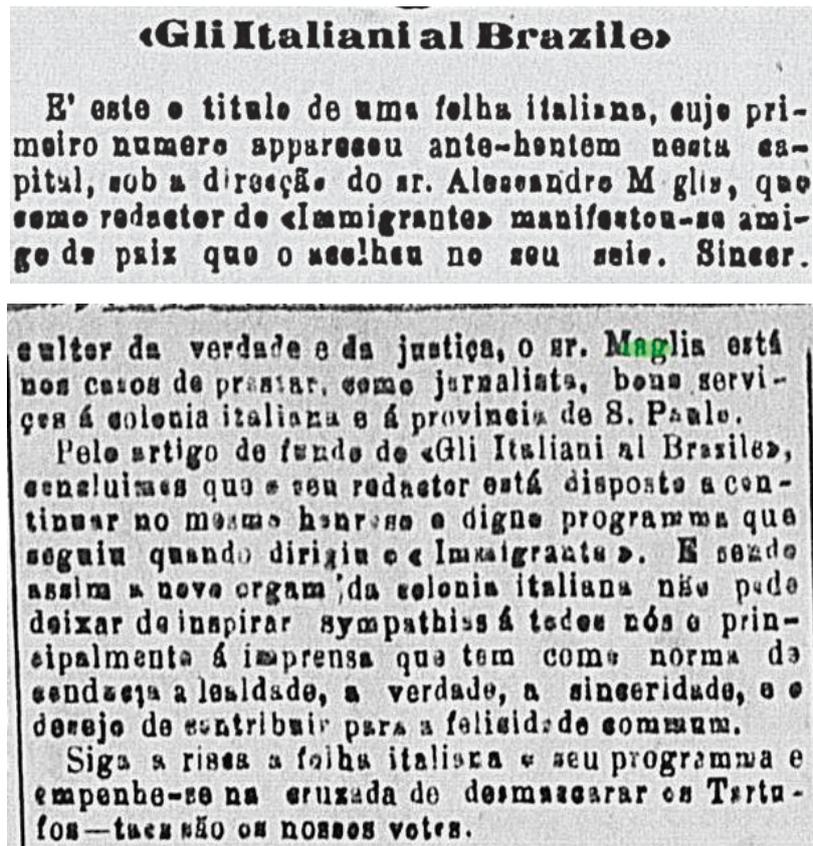
Ele foi ativo na causa dos imigrantes italianos, cooperando com a Sociedade de Imigração de S. Paulo, assim como fez com a SPI, colocando seu jornal, *L' Immigrante*, à disposição dessa organização para a publicação das atas da associação. Recebeu elogios pela seriedade com que o jornal abordou as questões da imigração, o que contrastou com a linguagem agressiva utilizada pelo editor Turechi, do jornal Garibaldi.

FIGURA 31 – SOCIEDADE DE IMIGRAÇÃO DE S. PAULO²⁹

Fonte: Correio Paulistano, 28 jan 1886, num. 8829, ano XXXII, p. 1.

Uma nota sobre Maglia e seu novo jornal, o *Gli Italiani al Brazile*, foi publicada pelo jornal Correio Paulistano, de 06 de agosto de 1886, edição 8984, ano XXXIII. Na publicação, o periódico destacava Maglia como “amigo do país que o acolheu no seu seio”, que estava prestando “bons serviços à colônia italiana à província de S. Paulo”. Além disso, expressou satisfação pelo fato de que o redator do jornal de Maglia continuaria o mesmo programa do *L' Immigrante*, afirmando que, “sendo assim o novo organ da colonia italiana não pode deixar de inspirar sympathias à todos nós e principalmente à imprensa que tem como norma da conducta a lealdade, a verdade, a sinceridade, e o desejo de contribuir para a felicidade commum”.

²⁹ A publicação completa encontra-se no Anexo I.

FIGURA 32 – DIVULGAÇÃO DO *GLI ITALIANI AL BRAZILE*

Fonte: Correio Paulistano, 06 ago 1886, num. 8984, ano XXXIII, p. 1.

Conforme mencionado pelo Correio Paulistano, o *Gli Italiani al Brasile* se configurou da mesma forma que o anterior, tanto em sua estrutura visual quanto em seu editorial voltado às causas dos imigrantes. Contudo, houve indicação da colaboração de diversos jornalistas e alterações nos valores das assinaturas. Para a assinatura trimestral, o valor diminuiu para 2.000 réis, a semestral para 3.500 réis e a anual para 6.000 réis. Não houve presente para antecipação do pagamento e ainda informou, que “para anúncios e comunicados de imprensa, preços a combinar” (*Gli Italiani al Brasile*, 5 ago 1886, p.1). Nem ele nem o *L'Immigrante* informavam o valor do jornal avulso, o que poderia indicar que não eram vendidos nas ruas e estações como as edições do *Gl' Italiani in San Paulo*. O endereço do *Gli Italiani al Brasile* era na Rua Boa Vista, n. 53, São Paulo.

FIGURA 33 – CABEÇALHO *GLI ITALIANI AL BRASILE*

Fonte: *Gli Italiani al Brasile*, 5 ago 1886, n. 1, ano I.

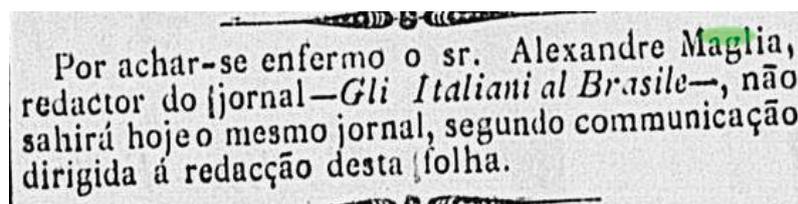
No ano seguinte, o cabeçalho foi modificado, incluindo um administrador, Gaspare Itria, e a mudança de endereço da redação para a rua Santa Thereza, n. 12, 1º andar.

FIGURA 34 – CABEÇALHO MODIFICADO DO *GLI ITALIANI AL BRASILE*

Fonte: *Gli Italiani al Brasile*, 25 set 1887, n. 1, ano I.

Apesar da presença de um administrador e da indicação de diversos colaboradores, isso não significou que houvesse pessoas responsáveis pela impressão do jornal. O Correio Paulistano, edição 9177, de 2 de abril de 1887, publicou que uma edição do *Gli Italiani al Brasile* não sairia, pois o redator, Alexandre (Alessandro) Maglia, estava enfermo.

FIGURA 35 – ALESSANDRO MAGLIA ENFERMO



Fonte: Correio Paulistano, 2 abril 1887, num. 9177, ano XXXIII, p. 3.

Possivelmente, a presença de parentes de Alessandro Maglia ficou evidenciada em alguns anúncios e notas nos jornais, como foi o caso de sua sobrinha Ida Bognar, professora de música, desenho e caligrafia, formada pela Escola Normal de Milão, além de outros sobrinhos que aparecerão mais adiante.

FIGURA 36 – SOBRINHA DE A. MAGLIA

Reside actualmente nesta capital a signorina Ida Bognar, sobrinha do sr. Alessandro Maglia, nosso collega do *Gli Italiani al Brasile*.
A sra. Ida Bognar, pretende exercer o professorado, leccionando musica, desenho, calligraphia, etc, estando para esse mister perfeitamente habilitada, segun lo consta de sua graduação dada pela Escola Normal de Milão.

Fonte: Correio Paulistano, 11 nov 1887, num. 9359, ano XXXIV, p. 2.

Ainda abordando o tema pessoal, foi possível que Alessandro Maglia tenha solicitado ao inspetor de terras e colonização a compra de terrenos na capital paulista. Em vários jornais diferentes apareceram nomes de imigrantes que solicitavam a compra de algum terreno na cidade.

FIGURA 37 – COMPRA DE TERRENOS

REQUERIMENTOS DESPACHADOS
De Alexandre Maglia, pedindo, por compra, terrenos devolutos nos arrabaldes da capital.—
Ao illm. sr. dr inspetor especial de terras e colonização para que se sirva informar.
De Carli Carlo, fazendo igual pedido.—Idem.

Fonte: Correio Paulistano, 02 set 1888, num. 9601, ano XXXV, p. 1.

Em várias publicações, o nome de Alessandro foi “abrasileirado” para Alexandre ou Alexandro³⁰, como ocorreu na edição 9177 do Correio Paulistano, de 02 de abril de 1887. Portanto, foi possível que se referisse à mesma pessoa.

Seguindo essa linha, houve um Alexandro Maglia com o mesmo pedido de compra de terras na seção “Requerimentos Despachados”, no periódico Correio Paulistano, de 18 de dezembro de 1888, na edição 9689, conforme ilustrado na Figura 38.

³⁰ Também foi encontrado um Alexandre Maglia que não corresponde ao jornalista pesquisado, devido à localidade e ao contexto em que aparece.

FIGURA 38 – REQUERIMENTOS DESPACHADOS

REQUERIMENTOS DESPACHADOS

Da Companhia Paulista do Viaducto do Chá, pedindo certidão do parecer referente á desapropriação dos predios ns. 17 e 19, sitos á rua de S. José.—Dê-se certidão do que constar.

Da mesma, solicitando certidão da lei n. 65 de 1885.—Sim.

De Marcellino de Souza Pinto, Fumetto Vincenzo, Maria Josephina Marques O'Reilly, Antonio Ramos de Freitas, João Baptista Queiroz de Assumpção, Francisco Rodrigues Jordão, Bento Ribeiro dos Santos Camargo, Rodolpho Silveira da Motta, Achilles Spilborghs, Lourenço José de Siqueira, Antonio Angerami, Ferrari Vittorio, Marcillo Dias Silveira da Motta, Candida Augusta Silveira da Motta, João Augusto Ribeiro de Souza, Jorge August da Silva, Antonio Augusto Ribeiro, Carlos Ribeiro de Souza, Pedro Rodrigues de Almeida, Thereza de Jesus Pereira da Silva, Francisco Saverio Coiro, Vicenzo Padula, Alexandro Maglia, Leonardo Leoni, Vicente Pereira Guimarães, Mattiello Bortolo, Bassetto

Fonte: Correio Paulistano, 18 dez 1888, num. 9689, ano XXXV, p. 1.

Como figura expressiva do grupo italiano, A. Maglia foi solicitado a intervir em questões da comunidade. Por exemplo, o periódico *Il Pensiero Italiano*, na edição 41, de 08 de outubro de 1890, destacou essa atuação.

FIGURA 39 – MAGLIA SOLICITADO A INTERVIR EM QUESTÕES DA COMUNIDADE ITALIANA

Dichiarazione — Il Consiglio direttivo del Comitato provvisorio del circolo filodrammatico 20 settembre, delegò i sigg. A. Maglia ed F. Falcinelli a chiedere soddisfazione ad un giovinotto altolocato incolpato d'aver nella sera del baccano al teatro S. José indirizzato parole sconcie e villane alla signora che recitava e facente parte del circolo 20 settembre. Non solo quel altolocato ricusò l'accusa attribuitagli ma dichiarò per iscritto la sua innocenza in simile scandaloso incidente.

Noi rileviamo il fatto perché si sappia una buona volta e per sempre che le offese e gli insulti che si dirigono alla colonia v'è chi ne prende conto.

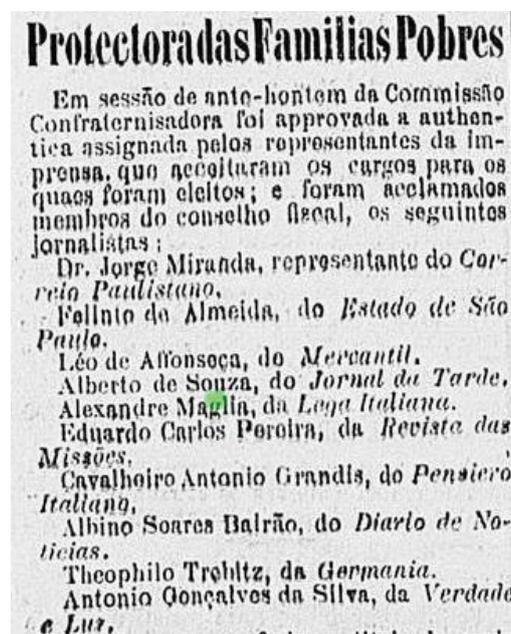
Fonte: *Il Pensiero Italiano*, 08 out 1890, num. 41, ano I, p. 2.

Anúncio - O Conselho Diretor do Comitê Provisório da Sociedade Dramática de 20 de setembro delegou os Srs. A. Maglia e F. Falcinelli para pedir satisfação a um jovem de alta classe acusado de ter dirigido palavras obscenas e rudes à senhora que estava atuando e que fazia parte do clube 20 de setembro na noite do tumulto no teatro S. José. O alto funcionário não apenas reconheceu a acusação feita contra ele, mas também declarou por escrito sua inocência em um incidente tão escandaloso.

Destacamos este fato para que fique claro de uma vez por todas que há quem se responsabilize pelas ofensas e insultos dirigidos à colônia (*Il Pensiero Italiano*, 08 out 1890, num. 41, ano I, p. 2).

Em 1890, já no comando do jornal *La Lega Italiana*, Maglia, como representante da imprensa, foi escolhido para compor o conselho fiscal da “Comissão Confraternisadora” de uma associação, juntamente com outros jornalistas. O intuito dessa associação era ajudar as famílias pobres de São Paulo, pois havia jornais brasileiros participando do grupo.

FIGURA 40 – PARTICIPAÇÃO EM ASSOCIAÇÃO³¹

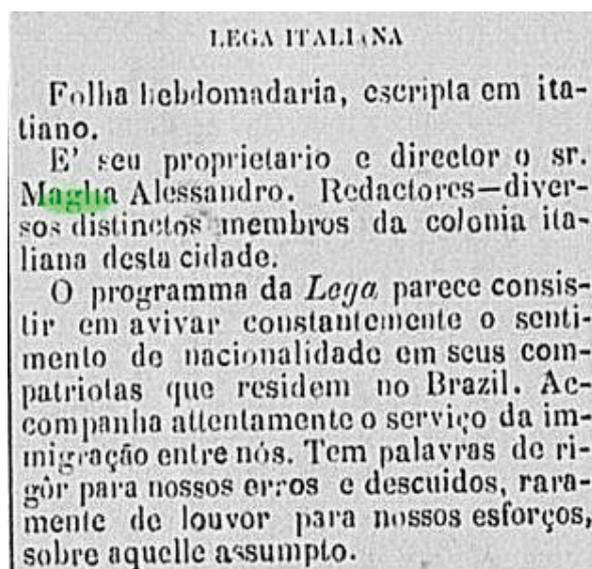


Fonte: *Correio Paulistano*, 12 out 1890, num. 10.232, ano XXXVII, p. 2.

O jornal *La Lega Italiana*³² foi publicado após o *Gl' Italiani in San Paulo*. Ele teve duração de dois anos, de 1889 a 1890. Em 1890, já sendo um jornalista conhecido, Maglia teve seu jornal destacado na coluna “Jornal dos Jornaes” do *Correio Paulistano*, na edição 10088, de 25 de abril de 1890.

³¹ A publicação completa encontra-se no Anexo J.

³² Não foram encontradas as edições do jornal *La Lega Italiana*.

FIGURA 41 – *LA LEGA ITALIANA*

Fonte: Correio Paulistano, 25 abril 1890, num. 10.088, ano XXXVI, p. 2.

Em 1891, algum desentendimento entre Alessandro Maglia e o periódico Correio Paulistano, representado por Arsenio Pessolano³³, resultou na publicação de uma nota ofensiva contra o jornalista, que contribuía com diversos textos para os jornais do Maglia.

Na nota, o jornalista Arsenio Pessolano pareceu responder a alguma declaração ou ação atribuída a Maglia, que foi acusado de se declarar “independente em casa alheia”, sugerindo que ele estaria se apropriando indevidamente de algo que não lhe pertencia. O autor também afirmou que Maglia teria tentado impor “disposições” supostamente oriundas do Correio Paulistano, insinuando que ele estaria agindo de maneira arbitrária ou ilegítima.

Pessolano fez duras críticas à falta de “pudor” e “vergonha” do Senhor Maglia, insinuando que ele carecia de educação e civilidade. Embora Pessolano afirmasse não querer “ofender” o Senhor Maglia, justificou seu direito de fazê-lo, uma vez que teria sido “ofendido sem razão”.

Em suma, o texto apresentou um tom combativo e acusatório por parte do autor, que pareceu engajado em uma disputa pessoal ou ideológica com o Senhor Maglia. A linguagem utilizada foi marcada por críticas morais e pessoais, além de referências a supostas ações ilegítimas ou arbitrárias do oponente.

³³ Mesmo jornalista que escreveu constantemente no jornal *Gl' Italiani in San Paulo*.

FIGURA 42 – DESENTENDIMENTO

<p>A' Pancellinha</p> <p>OLHO POR OLHO, DENTE POR DENTE</p> <p>«Crine rubor, niger ore, brevis pede, lumine laesus Rosso, o Zíolo il crin ritieni, Nero il volto e zoppo un piede; Leso ancora un oocchio tieni, Un portento ognun ti crede! So in quest'orrida persona Si nasconde un'alma buona? O que menos esperas só é nascer na horta, diz o velho rião.</p> <p>Vem fóra um tal e sem motivo plausível (pois nunca nada teve conosco, nem nada lhe fizemos) e nos trata de vego- tantes, de asnos, de ambiciosos etc.</p> <p>E quem pensa o leitor que seja o su- jeitinho? Um tal que foi Italiano al Bra- zile, depois Italiano in S. Paulo e final- mente Lega Italiana; com estas trans- formações fóra vendendo e especulando a Colonia Italiana e a terra que hospeda- va-o.</p> <p>Como sem mais nem menos nos trata mal, havemos de tambem tratá-lo mal, pois nos provocou a isto, e não pôde-se sentir offendido.</p>	<p>Assim como nemo dat quod non ha- bet, assim tambem : omnis dat quod ha- bet ; e como o senhor Maglia vegeta e vive de asciras o de etc... nos quer attribuir o que elle tem : o ladrão pensa que dados são ladrões...</p> <p>Pessolano escrevia em Montevideo, ha vinte annos, dois periodicos em lingua hespanhola, La Acacia e o Eco de la Verdad, dos quaes temos cá muitos nu- meros e varios amigos que os têm lido sabem que pensamos e escrevemos hoje da mesma fórma que naquella época.</p> <p>Mas vivemos pobre e todos o sabem por isso mesmo que não nos vendemos nunca e a ninguem : nós não especula- mos, nem a Colonia, nem governo ne- nhum, nós escrevemos ao povo italiano, brazileiro o a todos aquelles que se bo- nignarem nos ler.</p>	<p>O senhor Maglia é um daquelles que fazem-se independentes em casa alheia; que dizem disposições sahidas da officina do Correio Paulistano as que eu ti- nha recebido por escripto e ad verbum, que pretendiam impôr a commissão per- manente etc.</p> <p>Mais pudor, mais um pouco de edu- cação e de vergonha se tór possível a quem nunca a teve. Pessolano ensina-te a ler e de educação, não direi a escre- ver porque é impossivel.</p> <p>Não queria offender-te, senhor Mag- lia, mas tendo-me offendido sem razão nenhuma me déste direito de fazel-o sem censura da minha parte (tô la m' é scoppata !)</p> <p>Se é verdade que o corpo diz da al- ma não sabemos que julgar da do sujei- tinho que quiz pôr a patinha no que lhe não pertence.</p> <p>Não queria dizel-o, mas «tô la m' é scoppata.»</p> <p>ARSENIO PESSOLANO.</p>
---	--	---

Fonte: Correio Paulistano, 14 jan 1891, num. 10.306, ano XXXVII, p. 3.

Aproximadamente um mês depois, o jornalista escreveu na “Secção Livre” do jornal um artigo intitulado “O eleitorado Italiano perante o Paiz”.

FIGURA 43 – O ELEITORADO ITALIANO PERANTE O PAIZ³⁴

<p>O eleitorado Italiano perante o Paiz</p> <p>Os eleitores deste Estado, tem de se apresentar quanto antes ás urnas para a eleição dos senadores e deputados ao Congresso Constituinte. No momento em que os cidadãos tem de exercer o mais elevado dos seus direitos, que a lei lhes reconhece, julgo não desnecessario relevar a attenção dos eleitores italianos.</p> <p>Fallou-se nestes dias nos <i>candidatos da colonia italiana</i> como se uma colonia estrangeira,—a qual por ser colonia deve se pelas leis do seu paiz, pudessem ter uma <i>politica sua</i> e ter no parlamento do paiz seus representantes delegados; fallou-se do <i>eleitorado italiano</i>, como se os novos e antigos brazileiros, só por ser italianos de origem, pudessem pretender a fazer uma politica especial, e que baste o nome de italiano—para significar uma politica; fallou-se de <i>candidatos e deputados italianos</i>, como se aquelle que tiver a honra de entrar no senado ou na camara, pudesse ser, não o representante do Estado ou da Nação, mas sim o representante de uma colonia estrangeira ou de uma microscopica fracção do seu corpo eleitoral.</p>	<p>Me é muito conhecido qual é a tal politica da Colonia Italiana.</p> <p>No meu entender, julgo que a Colonia Italiana não tem, nem pôde ter no paiz, uma <i>politica sua</i> especial; e, em todo caso, os que se proclamam seus candidatos tem a obrigação de se explicar e tornar conhecida á tal politica, assim de que, o paiz, as duas Commissões Permanentes e os italianos todos, possam discutil-a e judicial-a...</p> <p>S. Paulo, 25 de Fevereiro de 1891.</p> <p>ALEXANDRE MAGLIA.</p>
---	---

Fonte: Correio Paulistano, 26 fev 1891, num. 10.341, ano XXXVII, p. 1.

³⁴ A publicação completa encontra-se no Anexo K.

Maglia questionou a legitimidade de alguns candidatos que se apresentaram como representantes da "Colônia Italiana"³⁵, argumentando que os italianos, assim como os demais cidadãos brasileiros, possuíam diversas orientações políticas (clericais, monárquicos, republicanos, etc.) e não deveriam ser tratados como um bloco monolítico. O questionamento dessa legitimidade se deu pelo fato de tais candidatos não terem o aval da Comissão Permanente, e Maglia exigiu que eles esclarecessem qual era a "política especial" que pretendiam defender. Assim, ele aprovou a atuação da Comissão Permanente, que elaborou um programa político republicano e liberal, buscando integrar os eleitores italianos aos demais partidos políticos, em vez de criar uma "política especial" para a colônia italiana.

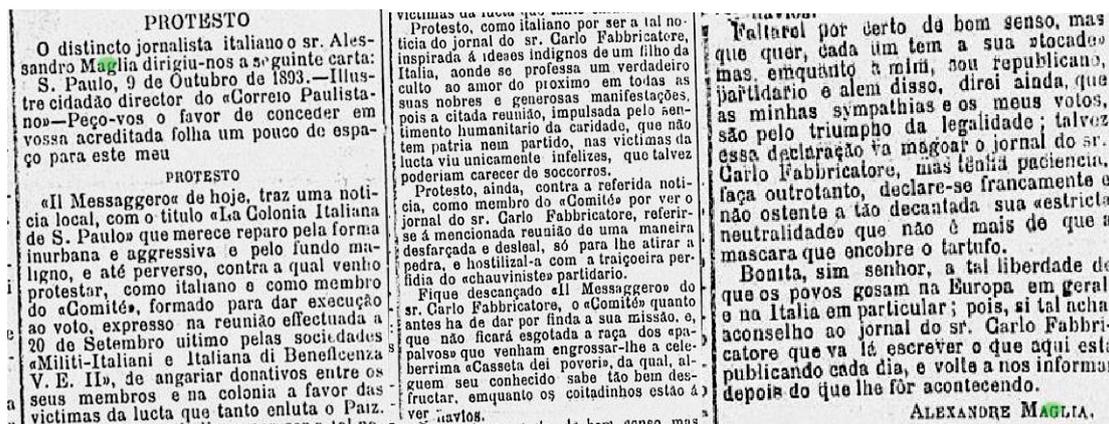
O jornalista também manifestou seu apoio ao candidato João Eboli, por este ter se comprometido a defender o programa da Comissão Permanente, demonstrando uma postura de integração e não de separatismo.

Desta forma, Alessandro (Alexandre) Maglia adotou uma posição defensiva em relação à integração dos eleitores italianos à vida política brasileira, rechaçando qualquer tentativa de fragmentação ou de criação de uma "política especial" para a colônia italiana. Sua análise revelou uma preocupação em preservar a unidade e a igualdade de direitos entre os diferentes grupos que compunham o eleitorado brasileiro.

Outras acusações, como as feitas pelo *Il Messaggero*, do jornalista Carlo Fabricatore, referiram-se às críticas à Colônia Italiana de São Paulo. Maglia solicitou que o Correio Paulistano, na edição 11090 de 11 de outubro de 1893, publicasse uma nota intitulada "Protesto", na qual ele respondia às acusações do *Il Messaggero*.

³⁵ Notou-se que, em vários momentos, tanto o jornal *Gl' Italiano in San Paulo*, quanto o Correio Paulistano, trataram a "Colônia Italiana" como sinônimo de "Comunidade Italiana" na capital paulista, e não da forma como os historiografia se refere às colônias no interior do estado.

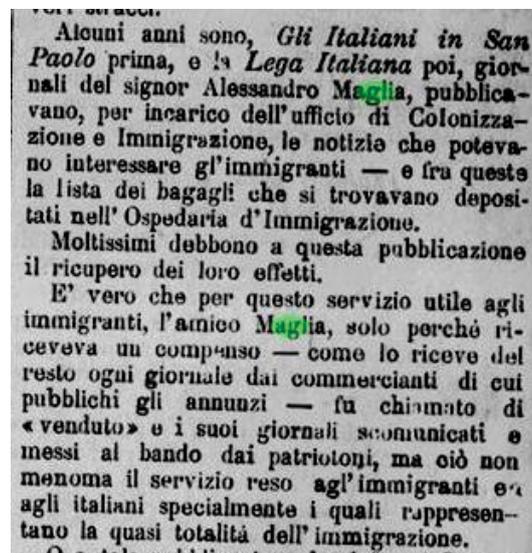
FIGURA 44 – PROTESTO



Fonte: Correio Paulistano, 11 out 1893, num. 11090, ano XL, p. 1.

Nessa época, em 1893, o jornalista participou como membro do comitê da *Società Militi Italiani* e da *Società di Beneficenza Vittorio Emanuele II*, atuando como um dos secretários (*Il Lavoro*, 5 nov 1893, num. 6, ano I, p.3). Em outro momento, também no periódico *Il Lavoro*, de 17 de dezembro de 1893, na edição 12, o jornal se colocou em defesa de Maglia em relação a uma das acusações que ele vinha sofrendo.

FIGURA 45 – EM DEFESA DE MAGLIA



Fonte: *Il Lavoro*, 17 dez 1893, num. 12, ano I, p. 3.

Há alguns anos, primeiro o *Gli Italiani de San Paolo*, e depois a *Lega Italiana*, jornais do Sr. Alessandro Maglia, publicaram, em nome do Escritório de Colonização e Imigração, notícias que poderiam ser de interesse dos imigrantes - entre elas a lista de bagagens que foram encontradas depositadas no Hospital de Imigração.

Muitas pessoas devem a recuperação de seus efeitos a esta publicação.

É verdade que, por esse serviço útil aos imigrantes, nosso amigo Maglia, só porque recebeu uma taxa - como todo jornal recebe dos comerciantes cujos anúncios publica - foi chamado de "vendido" e seus jornais foram excomungados e proibidos pelos patriotas, mas isso não diminui o serviço prestado aos imigrantes e especialmente aos italianos que representam quase toda a imigração (*Il Lavoro*, 17 dez 1893, num. 12, ano I, p. 3).

Portanto, essa pode ter sido uma das razões pelas quais os jornais de Alessandro Maglia não conseguiram manter uma duração significativa.

Em 5 de agosto de 1894, na edição 28, p.2, do jornal *Il Lavoro*, informou-se que Alessandro Maglia havia de mudado para o estado de Santa Catarina, para a Colônia Nova Veneza.

FIGURA 46 – MUDANÇA DE MAGLIA PARA SANTA CATARINA³⁶



Fonte: *Il Lavoro*, 5 ago 1894, num. 28, ano II, p. 2.

Em 1897, Alessandro Maglia foi mencionado pelo Correio Paulistano, na edição 2086, devido à falta de pagamento de uma empresa de publicidade da qual presumiu-se que era sócio, juntamente com o jornalista Domingos Ranzoni. Ambos foram convocados a comparecer à repartição com urgência para resolver a pendência financeira (*Correio Paulistano*, 13 jan 1897, num. 12.086, ano XLIII, p. 2).

Alessandro Maglia faleceu aos 61 anos na Colônia Nova Veneza, em Santa Catarina. De acordo com o jornal *Gazeta de Noticias*, datado de 26 de dezembro de 1899, Maglia teria falecido no dia 25 do mesmo mês. No entanto, há uma discrepância nas informações sobre a data de seu falecimento, uma vez que o *Jornal do Commercio* reportou que o ocorrido se deu no dia 23 de dezembro.

³⁶ “Alessandro Maglia, transferindo sua residência para Colômbia Nova Veneça (Estado de Santa Catarina), despede-se dos amigos, perguntando se não poderia se despedir pessoalmente de todos” (*Il Lavoro*, 5 ago 1894, num. 28, ano II, p. 2).

FIGURA 47 – FALECIMENTO DE A. MAGLIA

<p>— Na idade de 61 annos falleceu hontem o Sr. Alexandre Maglia, velho jornalista italiano, que fundou e redigiu em S. Paulo a <i>Liga Italiana</i>.</p> <p>Foi um propagandista esforçado e um bom amigo do Brasil. Actualmente vivia retirado na colonia Nova Veneza, no Estado de Santa Catharina.</p> <p>O seu enterro realisa-se hoje, sabindo o feretro da rua Carvalho n. 4.</p>	<p>ALEXANDRE MAGLIA</p> <p>O Dr. Francisco Ribeiro de Moura Escobar, Ida Bognar de Escobar e Carlos Maglia Rizzini, sobrinhos do finado Alexandre Maglia, fazem celebrar amanhã sabbado, 30 do corrente, uma missa ás 8 1/2 horas, setimo dia, por alma daquelle finado, na igreja de Nossa Senhora do Pató, á rua de S. Joé; e para esse acto de caridade christã convidão os amigos do fallecido.</p>
--	--

Fonte: Gazeta de Noticias (RJ), 26 dez 1899, num. 360, ano XXV, p. 2.

Jornal do Commercio (RJ), 28 dez 1899, num. 361, ano 79, p. 10.

A forma como Alessandro Maglia conduziu seus jornais para um programa voltado para os interesses dos imigrantes italianos na cidade de São Paulo revelou um posicionamento claro em defesa da identidade e da cultura italiana, que se entrelaçou com as questões de nacionalismo e pertencimento. Essa busca pela afirmação da italianidade entre os imigrantes será explorada no próximo capítulo, onde serão analisadas as dinâmicas do nacionalismo e o papel fundamental que os jornais desempenharam na comunidade italiana em São Paulo.

3 A ITALIANIDADE NAS PÁGINAS DO *GL' ITALIANI IN SAN PAULO*

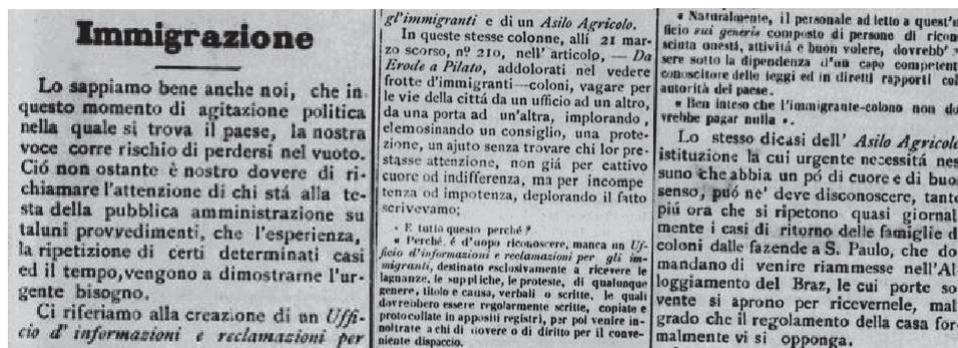
O *Gl' Italiani in San Paulo*, como já explicado, assim como todos os jornais sob responsabilidade de Alessandro Maglia, apresentou em seu programa editorial publicações voltadas para a comunidade imigrante. Muito dos textos continham notícias sobre as colônias no interior paulista, a vida dos imigrantes e a relação deles com os fazendeiros; abordavam a política de imigração; discutiam a opinião de jornalistas fora do país; e tratavam da imigração italiana em outros países, como Estados Unidos e Argentina.

Na edição 236, de 1-2 de junho de 1889, com o título *Immigrazione*, o jornal destacou a condição de alguns italianos que enfrentaram dificuldades para encontrar apoio devido à falta de trabalho e solicitou a criação de um Gabinete de Informações e Reclamações³⁷ e de um Asilo Agrícola para os imigrantes, mencionando que já havia feito a mesma reclamação na edição 210, de 21-22 de Março de 1889, intitulada *Da Erode a Pilato* (De Herodes a Pilatos), pedindo que a Sociedade Promotora de Imigração tomasse as devidas providências. Considerando ser um dever publicar essa situação, o periódico chamou a atenção da administração pública para questões que vinham se repetindo sem qualquer tipo de resolução.

Ademais, a publicação descreveu que vários colonos estavam vagando pelas ruas de São Paulo, indo de “porta em porta, implorando, suplicando conselho, proteção, auxílio, sem encontrar quem lhes desse atenção”. O motivo foi que, para fazer alguma reclamação ou pedido em outros órgãos locais, era necessário preencher o requerimento em português, além de ter que pagar pela solicitação. Por isso, sugeriu a criação de um Gabinete exclusivo para atender esses imigrantes. Além disso, solicitou que fosse criado um Asilo Agrícola para atender famílias de agricultores desabrigadas que se dirigiam a São Paulo em busca de abrigo no Alojamento do Braz (Hospedaria) (*Gl' Italiani in San Paulo*, 1-2 jun 1889, num. 236, p. 1).

³⁷ Houve esse tipo de atendimento na Hospedaria de Imigrantes, mas, neste caso, o jornal se referiu-se a um Gabinete que pudesse atender os imigrantes que não estavam alojados nessa instituição.

FIGURA 48 – PEDIDO DE CRIAÇÃO DE GABINETE DE INFORMAÇÕES E RECLAMAÇÕES³⁸



Fonte: *Gl' Italiani in San Paulo*, 1-2 jun 1889, num. 236, ano IV, p. 1.

O artigo também mencionou a edição 212, de 28 de março de 1889, intitulada *Asilo Agrícola*, que discutiu a necessidade de criar um asilo agrícola, pois as famílias que saíam das fazendas estavam solicitando abrigo na Hospedaria do Imigrante, a qual estava

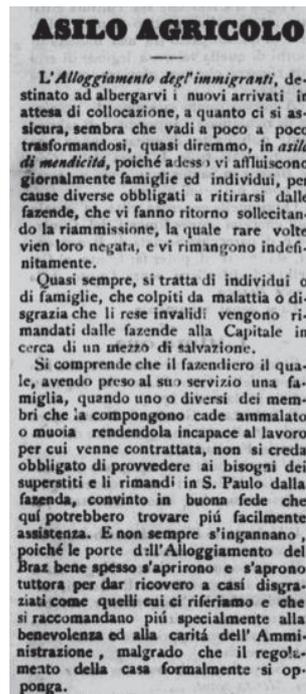
gradualmente se transformando, poderíamos quase dizer, num asilo de mendigos, já que hoje famílias e indivíduos correm para lá todos os dias obrigados por várias razões a abandonar as fazendas, e aí regressam pedindo readmissão, que raramente lhes é negada, permanecendo aí por tempo indeterminado.

Quase sempre, são indivíduos ou famílias que, atingidos por doenças ou infortúnios que os tornam incapacitados, são enviados de volta das fazendas para a capital em busca de um meio de salvação.

Entende-se que o fazendeiro que, tendo tomado a seu serviço uma família, quando um ou mais dos seus membros adoece ou morre, ficando incapacitados para o trabalho para que foram contratados, não se considera obrigado a prover às necessidades dos sobreviventes e os envia de volta da fazenda para S. Paulo, convencido de boa fé de que aqui poderiam encontrar assistência mais facilmente. E nem sempre se enganam, pois as portas da Hospedaria do Braz muitas vezes foram abertas e continuam abertas para dar abrigo a casos infelizes, [...] apesar de o regulamento da casa formalmente se opor [...].

[...] No entanto, note-se que em ao mesmo tempo, deveríamos também pensar seriamente em como dar a essas pessoas um destino adequado; prepará-los para o trabalho, torná-los úteis para si mesmos e para a sociedade, tirá-los da ociosidade em que se encontram, fazê-los sentir a necessidade e o dever de pensar no próprio futuro [...] (*Gl' Italiani in San Paulo*, 28-29 mar 1889, num. 212, ano IV, p. 1).

³⁸ A publicação e a tradução completa encontram-se no Anexo L.

FIGURA 49 – ASILO AGRÍCOLA³⁹

Fonte: *Gl' Italiani in San Paulo*, 28-29 mar 1889, num. 212, ano IV, p. 1.

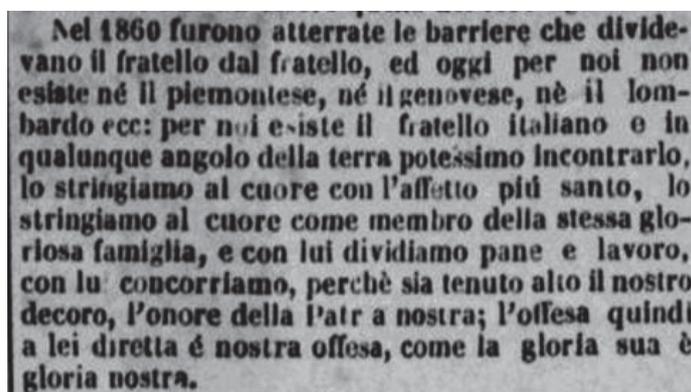
Assim, o posicionamento nacionalista do jornal *Gl' Italiani in San Paulo* justificou-se pela busca de soluções práticas e humanitárias para os problemas enfrentados pelos imigrantes. O jornal não apenas denunciou as injustiças, mas também propôs medidas concretas que visavam à inclusão e à dignidade dos imigrantes, refletindo um compromisso com a justiça social e a promoção do bem-estar coletivo. Essa postura crítica e proativa foi percebida a partir do compromisso que Alessandro Maglia destacou em seus jornais com seus compatriotas. Esse compromisso visava fortalecer a identidade italiana entre os imigrantes. Para embasar essa ideia, foi necessária a leitura da obra *Nações e Nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade*, de Eric Hobsbawm (1990). O autor explicou como surgiu o movimento de Unificação Italiana, ou *Risorgimento*, em 1861.

O grupo que iniciou o movimento foi composto por homens letrados, “unidos através de fronteiras políticas e geográficas pelo uso de uma língua estabelecida da alta cultura e por sua literatura”. Para o autor, a língua era mais do que “um meio de unificar a comunicação ampliada do Estado, mais do que veículo de expressão para uma literatura de prestígio. Era, na verdade, a única coisa que os fazia italianos, e conseqüentemente

³⁹ A publicação e a tradução completa encontram-se no Anexo M.

tinha um peso maior para a identidade nacional” (Hobsbawn, 1990, p. 126, 127). Ou seja, a classe média liberal possuía argumentos que sustentavam a ideia da unificação nacional.

FIGURA 50 – SENTIMENTO DE NACIONALISMO ENTRE IMIGRANTES ITALIANOS⁴⁰



Fonte: *Gl' Italiani in San Paulo*, 19 maio 1888, num. 98, ano III, p. 2.

Em 1860 foram derrubadas as barreiras que separavam irmão de irmão, e hoje para nós não há nem piemontês, nem genovês, nem lombardo, etc.: para nós existe o irmão italiano e em qualquer canto da terra pudemos encontrá-lo, temos fechamos-lhe o coração com o santíssimo carinho, temos-no perto do coração como membro da mesma família gloriosa, e com ele partilhamos o pão e o trabalho, com ele competimos, para que o nosso decoro, a honra da nossa pátria; portanto, a ofensa dirigida a ela é a nossa ofensa, assim como a glória dela é a nossa glória (*Gl' Italiani in San Paulo*, 19 maio 1888, num. 98, ano III, p. 2, tradução nossa).

Ao analisar os temas abordados pelo jornal, foi possível perceber a presença recorrente de certos elementos que se destacaram nas colunas. O nacionalismo foi manifestado por meio de palavras como *italianismo* (italianidade) e *connazionale* (compatriotas), além de textos que discutiam, entre outras questões, a defesa da língua e da cultura italiana entre os imigrantes, bem como notícias relacionadas ao país de origem. Um elemento a ser destacado foi a italianidade, que está conectado à noção de etnicidade e foi desenvolvido mais adiante.

Então, para entender o que é italianidade, foi necessário compreender o conceito de etnicidade, que corresponde a “uma forma de organização social, baseada na atribuição categorial que classifica as pessoas em função de sua origem suposta, que se acha validada na interação social pela ativação de signos culturais socialmente diferenciadores” (Poutgnat e Streiff-Fenart, 1998, p.141). Esse conceito derivou dos estudos sobre

⁴⁰ A publicação e a tradução completa encontram-se no Anexo N.

fronteiras étnicas, conforme explicado por Barth e discutido por Poutgnat e Streiff-Fenart (1998).

As fronteiras étnicas foram criadas a partir das diferenças entre dois ou mais grupos. Lapierre (1998) explicou que, segundo a concepção dinâmica de Barth, a identidade coletiva era construída e transformada por meio da interação entre grupos sociais, em processos que envolviam mecanismos de inclusão e exclusão, responsáveis por estabelecer limites que definiam quem pertencia ou não a determinado grupo. Dessa forma, a noção de fronteira étnica ultrapassava as características fixas e essenciais, sendo compreendida como fruto de relações sociais em constante negociação e redefinição.

A dinâmica do jornal com a sociedade paulista, na figura do diretor Alessandro Maglia e de jornalistas como o Arsenio Pessolano, configurou uma interação bem mais assimilada com a cultura local, com uma flexibilidade que ultrapassou essa barreira. Contudo, provavelmente isso não ocorreu da mesma forma com os imigrantes que o jornal tanto se dispôs a ajudar e intervir. Pareceu que era o contrário, já que o papel do jornal foi justamente interceder pelos italianos e até por outros imigrantes que enfrentavam dificuldades.

O periódico não costumava publicar reportagens com as temáticas locais, exceto quando isso influenciava diretamente os imigrantes. Contudo, reservaram quase uma página inteira, na edição 98, de 19 de maio de 1888, para noticiar a promulgação da Lei Áurea, intitulada *Brasile Libero* (Brasil Livre), além de uma coluna especial de Arsenio Pessolano dirigida *Al popolo brasiliano* (Ao povo brasileiro). Apesar de reservarem espaço especial para essa notícia, os textos não deixaram de mencionar a imigração italiana.

FIGURA 51 – BRASIL LIVRE E AO POVO BRASILEIRO⁴¹

BRASILE LIBERO

nella via del progresso e della libertà...
Evviva il Brasile libero
Ave Libertas

Al Popolo Brasiliano

Dolce dell'alma universal appiro
Libertà Santa Dea, che dei no riali
Alfa l'antico adempi alto osiro
V. Monti. Il Fanatismo

O Turrice dei driti dell'anno,
Che sorridi sul giovo spensato
E' pur giunto quel tempo liato
Che un Monarca l'innalza l'altari!
G. Rossetti. Canti Civici

Quella che il pastore, appoggiati i lombi a un masso nella dolce stagione, e al suon silvestre di dolci avene, va cantando dietro il suo bianco armento; quella che sempre cantò il canario nelle sue isole, il pettirosso nelle fratte, il musico selvaggio nel verziere, le gru nell'aria e dappertutto sospirarono i zeffiri; quella che insegnarono i precettori nelle scuole, l'artista nei teatri, gli eroi fra le catene dei tiranni e persino i liberi ministri nel tempio, quella per cui moriva svenato di propria mano il Fregiato dai raggi delle quattro luci sante, l'Uticense Libertà Santa Dea, sospiro universale e palpito dei mortali, nella Capitale dello impero del Brasile si vedeva collocata sugli altari che le venivano eretti dalla stessa monarchia, la quale rivolgesse affine clemente e paterna il suo autorevole sguardo al popolo, apriva l'arca della sua generosa clemenza che per secoli il superbo municipalismo teneva chiusa al grido dei sofferenti, e la vera Democrazia, la quale fa che nazione e popolo s'ano una cosa sola, realizzava il bacio

S. A. Imperiale la Reggente domenica scorsa, 13 del corrente, firmava la legge colla quale viene dichiarata estinta la schiavitù nel Brasile

Finalmente, ecco arrivato il faustissimo giorno in cui possiamo dire col cuore pieno di santo entusiasmo:

Non v'hanno più schiavi nel Brasile!

Noi che fummo e siamo sinceri propugnatori della immigrazione nel Brasile, noi che cinque anni or sono in altro giornale, in tempi in cui era quasi un attentato un delitto anzi, attaccare di fronte l'istituzione schiavocratica, pure, osammo scrivere essere incompatibile la schiavitù coll'immigrazione in un articolo intitolato

Schiavitù o Immigraz.

noi, oggi tripudiamo di gioia ed applaudiamo con frenetico entusiasmo al vedere che la nefanda istituzione è caduta, caduta per sempre e che il Brasile, questo paese della libertà, dalla natura meravigliosa ed imponente, questo paese dal clima soave e delizioso, questo paese che sembra un sogno splendido e brillante della natura, prende infine nel consorzio delle umane nazioni il posto che gli compete.

L'umanità ha avuto il suo trionfo contro l'egoismo: la libertà irruppe gloriosa e vittoriosa contro i pochi nemici che tuttora tentavano comprimerne gli slanci ge-

nerosi a favore d'una razza infelice. Gloria al Brasile! gloria a tutti coloro che cooperarono alla grande opera di redenzione!

Non è l'opera d'un uomo né d'un partito soltanto; tutti vi concorsero, tutti lavorarono al magnanimo scopo.

E' l'opera d'un popolo, è l'aspirazione d'una nazione intera che si compie! Coloro i quali la diedero per terminata, che vi misero l'ultima mano, e che firmarono la legge, sono i prediletti; dalla loro, gli eletti i quali leggeranno i loro nomi ai posteri e saranno benedetti dai nipoti, come sintesi dell'atto splendido che onora il secolo che muore ed il Brasile che risorge a nuova vita purificata e rigenerata.

E qui ci si consenta d'aggiungere che uno de' più potenti fattori della grand'opera fu l'immigrazione, apportatrice di progresso e di libertà che mise in evidenza l'impossibilità del lavoro libero a fianco dello schiavo; l'incompatibilità dei due regimi e l'urgenza di farla finita con un'istituzione immorale, deleteria ed umiliante per un popolo chiamato a destini gloriosi e brillanti.

Alla provincia di S. Paulo, ed a parecchi de' suoi illustri cittadini compete pure grande parte di gloria, per avere colla loro condotta ardita, generosa e previdente di fronte ai magni problemi della schiavitù da essi attaccata o non è molto, ed all'altro non meno importante, quello dell'immigrazione da essi abbracciata e sviluppata in modo tanto ammirabile.

Ed è giusto che a questa nobile Provincia ed ai suoi energici figli tributiamo le nostre felicitazioni, ad essi che primi fra i primi, non badarono a sacrifici pur di liberarsi dalla negra istituzione per procedere baldanzosi ed impavidi

Fonte: *Gl' Italiani in San Paulo*, 19 maio 1888, num. 98, ano III, p. 1.

Nós que fomos e somos sinceros defensores da imigração para o Brasil, nós que há cinco anos em outro jornal, numa época em que era quase um atentado ou melhor, um crime, atacar de frente a instituição escravista, ousamos até escrever que a escravidão é incompatível com a imigração num artigo intitulado *Escravidão ou Imigração*. Nós, hoje, nos alegamos e aplaudimos com entusiasmo frenético ao ver que a nefasta instituição caiu, caiu para sempre e que o Brasil, esse país da liberdade, com sua natureza maravilhosa e imponente, esse país com seu clima ameno e delicioso, esse país que parece um sonho esplêndido e brilhante da natureza, finalmente ocupa o seu devido lugar no consórcio das nações humanas (*Gl'Italiani in San Paulo*, 1888, n. 98, p. 1. Tradução Nossa).

Esse posicionamento a favor da Lei Áurea reafirmou o papel do jornal com as questões sociais e estabeleceu fronteiras não apenas com os paulistas, mas também com outros grupos étnicos presentes na sociedade⁴².

E aqui acrescentemos que um dos fatores mais poderosos da grande obra foi a imigração, portadora de progresso e liberdade que destacou a impossibilidade do trabalho livre ao lado do escravo; a incompatibilidade dos dois regimes e a urgência de pôr fim a uma instituição imoral, prejudicial e humilhante para um

⁴¹ A publicação e a tradução completa encontram-se no Anexo O.

⁴² Mesmo com essa opinião do jornal, não queria dizer que os imigrantes italianos conviviam de bom grado com outras etnias.

povo chamado a destinos gloriosos e brilhantes (Gl'Italiani in San Paulo, 1888, n. 98, p. 1. Tradução Nossa).

O jornalista Arsenio Pessolano, em sua coluna *Al Popolo Brasiliano*, ainda completou:

O leiteiro, o colono europeu e todos os de cor branca que se curvavam sobre o solo brasileiro para trabalhar livremente eram vistos e observados pelo escravo, que, acreditando no que via, mais do que no que lhe contavam, soube dizer a si mesmo: como?! Mesmo vindo do exterior, eles trabalham e fazem de tudo; e ainda assim eles não são escravos? Então, pode realmente haver e fazer trabalho livre? Mas por que nossos mestres, sendo livres, não trabalham?...[...] é muito gratificante pensar que o vislumbre da clemência irradiava do trono, destinado a aliviar o povo oprimido e marcado pelas nefastas cicatrizes de trezentos anos de cruel escravidão (A. Pessolano. In: Gl'Italiani in San Paulo, 1888, n. 98, p. 1. Tradução Nossa).

Para Poutgnat e Streiff-Fenart (1998, p. 112), os grupos étnicos e suas fronteiras são compreendidos por meio do “contato cultural e a mobilidade das pessoas e problematiza a emergência e a persistência dos grupos étnicos como unidades identificáveis pela manutenção de suas fronteiras”. Ou seja, a distinção ente “nós” e “eles” pode ter gerado algumas formas de interação entre os imigrantes italianos e a sociedade local, à medida que se visualizaram inseridos em um contexto social e cultural diverso. Essa dinâmica também se acentuou a partir do momento em que grupos de regiões distintas passaram a conviver em um mesmo espaço, promovendo interações entre si.

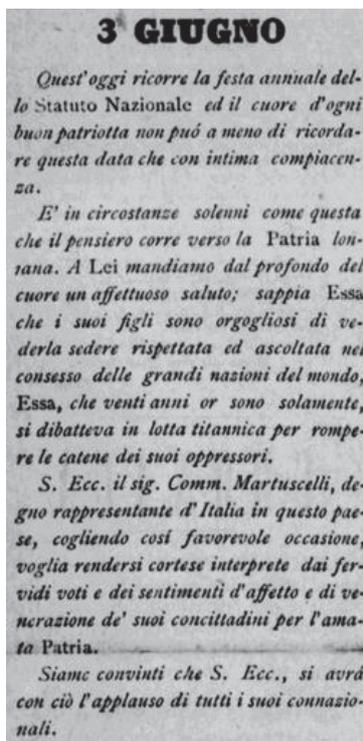
Diante do contato com diversas etnias imigrantes e com a cultura paulista, o periódico se colocou na posição não só de ajudar os imigrantes italianos, mas de ser o mantenedor da cultura italiana. Assim, construiu um discurso nacionalista, atribuindo significados para que essa nova nação italiana, que estava sendo formada não apenas no território italiano, mas de forma ainda mais intensa onde se encontravam comunidades de italianos, como em São Paulo (Stuart Hall, 2003), pois,

uma cultura nacional é um *discurso* – uma maneira de construir significados que influencia e organiza tanto nossas ações quanto nossas concepções sobre nós mesmos. As culturas nacionais constroem identidades ao produzirem significados sobre a “nação” com a qual podemos nos *identificar*; estes significados estão contidos nas histórias que são contadas sobre ela, memórias que conectam seu presente com seu passado, e imagens que são construídas a propósito delas (Penguin Dictionary of Sociology, 1988; Hall; Gieben, 1992 apud Hall, 2003, p. 39, 40).

Um modo de manter a ligação com o país de origem era trazer notícias de diversas regiões da Itália sobre diversos assuntos; citar autores nacionais como Dante e Orazio; e

destacar datas comemorativas e histórias da Roma Antiga, por exemplo, que seriam compartilhadas por todas as regiões do país. Um exemplo disso foi a coluna intitulada 3 *Giugno*, de 3 de junho de 1888, num. 102, ano IV, que celebrou o Estatuto Nacional, apresentando uma mensagem que expressou o orgulho e amor à pátria.

FIGURA 52 – 3 DE JUNHO



FONTE: *Gl'Italiani in San Paulo*. 3 jun 1888, num. 102, ano III.

Hoje marca a celebração anual do Estatuto Nacional e o coração de todo bom patriota não pode deixar de recordar esta data com íntima satisfação.

É em circunstâncias solenes como esta que os pensamentos se voltam para a pátria do coração e para uma saudação efetuosa. Que ela saiba que os seus filhos estão orgulhosos de vê-la ser respeitada e ouvida na assembleia das grandes nações do mundo. Ela, que há apenas vinte anos, lutava numa luta titânica para quebrar as correntes dos seus opressores.

S. Ex. Sr. O Comm. Martuscelli, digno representante da Itália neste país, aproveitando esta oportunidade favorável, faça-se cortês intérprete dos fervorosos desejos e sentimentos de afeto e veneração dos seus concidadãos pela sua querida Pátria.

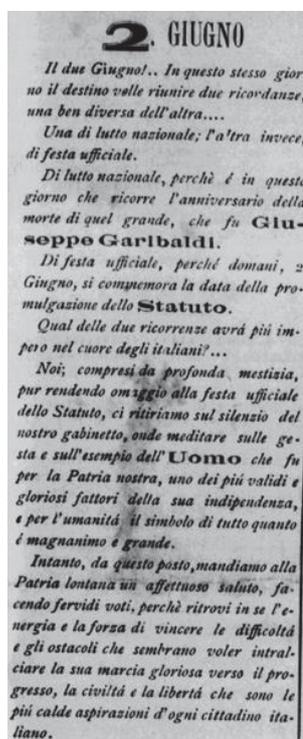
Estamos convencidos de que Vossa Excelência receberá assim o aplauso de todos os seus compatriotas (Tradução nossa).

A partir das ideias de Hall (2003), foi possível refletir sobre como o periódico se utilizou de eventos históricos e construindo cenários para sustentar uma narrativa de nação, especialmente considerando que a criação da Unificação Italiana ainda era recente. Com efeito, o jornal utilizou memórias e narrativas que fizessem sentido no imaginário

dos imigrantes, permitindo que eles reconhecessem que compartilhavam os mesmos acontecimentos históricos, tradições e vivências culturais, mesmo diante da significativa presença das culturas e línguas regionais.

Como já foi demonstrado anteriormente, Maglia, com seu posicionamento político em dirigir os jornais, era a favor da unificação e apoiava a política de imigração paulista, desde que fossem cumpridos os acordos e que os imigrantes fossem tratados com dignidade. Ele utilizou de ferramentas linguísticas de coesão, dirigindo-se diretamente aos compatriotas, para demarcar sua postura nacionalista. Uma delas foi a homenagem publicada no aniversário de morte de Giuseppe Garibaldi.

FIGURA 53 – 2 DE JUNHO



FONTE: *Gl'Italiani in San Paulo*, 2 jun 1889, num. 236, ano IV.

2 de junho!.. Neste mesmo dia o destino quis unir duas memórias, uma muito diferente da outra...

Um dos lutos nacionais; o outro, por outro lado, é um feriado oficial.

De luto nacional, porque neste dia comemoramos o aniversário da morte daquele grande homem, Giuseppe Garibaldi.

De comemoração oficial, pois amanhã, dia 2 de junho, comemoramos a data da promulgação do Estatuto.

Qual dos dois aniversários terá mais influência no coração dos italianos?...

Nós; cheios de profunda tristeza, ao prestar homenagem à celebração oficial do Estatuto, recolhemo-nos ao silêncio do nosso ofício, para meditar sobre os feitos e o exemplo do Homem que foi para a nossa Pátria, um dos mais válidos

e gloriosos fatores da sua independência, para a humanidade o símbolo de tudo o que é magnânimo e grande.

Enquanto isso, deste lugar, enviamos nossas saudações afetuosas à pátria distante, com fervorosas esperanças de que ela encontre em si a energia e a força para superar as dificuldades e os obstáculos que parecem querer impedir sua gloriosa marcha rumo ao progresso, à civilização e à liberdade, que são as aspirações mais calorosas de todo cidadão italiano (Gl'Italiani in San Paulo. 2 giugno 1889, num. 236, anno IV. Tradução nossa).

Essas datas foram utilizadas para marcar um ponto comum na história, criado para que pessoas de uma mesma cultura se identificassem com um mesmo evento que fez parte da sua história. Tanto a promulgação do estatuto que estabeleceu a unificação italiana quanto a data que comemorou o aniversário de morte daquele que foi considerado, por alguns, um dos heróis da unificação, foram utilizadas como reconhecimento de uma história compartilhada.

Em vista disso, “a cultura nacional nunca foi simplesmente um ponto de devoção, de elo e de identificação simbólica. É também uma estrutura de poder cultural” (Hall, 2003, p. 45). Em outras palavras, o autor considerou que essa estrutura de poder cultural foi, primeiramente, constituída por nações formadas a partir de unificações através da conquista.

Hall (2003) entendeu a estrutura de poder cultural como resultado de um processo de formação. No caso da Itália, essa formação foi construída ao longo de sucessivas ocupações e invasões por diferentes povos, que deixaram suas marcas nas regiões conquistadas e impuseram um poder cultural que se tornou cada vez mais relevante. Segundo Dodd (1986, p. 12 apud Hall, 2003), cada conquista teria subjogado os povos dominados e suas respectivas culturas, costumes, línguas e tradições, buscando estabelecer uma hegemonia cultural mais unificada. Assim, a identidade cultural italiana emergiu como resultado de uma longa e complexa dinâmica de dominação e resistência, que moldou as diversas expressões culturais da península.

Dessa forma, ao articular a noção de fronteiras étnicas com a persistência do regionalismo na cultura italiana, traço presente até hoje na cultura italiana⁴³ e que foi transportada com os imigrantes para o Brasil, foi possível compreender que os grupos oriundos de diferentes regiões, embora coexistindo no mesmo espaço social, estabeleceram limites étnicos entre si. Eles poderiam ser vistos externamente como um único grupo nacional, os italianos, mas, dentro deste grupo coletivo “inventado”, também

⁴³ Na região do Vêneto, por exemplo, até hoje os mais velhos falam a língua regional, o vênето (Gonçalves, 2019)

houve a distinção interna entre o “nós” e o “eles”. Além de enfrentarem os desafios de interação com a sociedade paulista e com outros grupos étnicos de imigrantes, os italianos tiveram que conviver com as próprias diferenças regionais entre si, uma vez que cada indivíduo poderia se considerar vêneto, lombardo, florentino, siciliano, e assim por diante (Poutgnat; Streiff-Fenart, 1998).

Para assegurar a manutenção da identidade italiana, o periódico *Gl' Italiani in San Paulo* assumiu um papel legitimador, selecionando o que deveria ser lembrado ou esquecido com o objetivo de preservar tanto a fronteira simbólica quanto o sentimento de nacionalismo entre os imigrantes. Como as fronteiras étnicas não são estáticas, possibilitaram que se expandissem e se retraíssem conforme as interações do grupo. Com isso, compreendeu-se que, em determinados momentos, os italianos de diferentes regiões poderiam chegar a um “acordo” de convivência. Isso se explica pelo fato de que, segundo Barth (1998), as fronteiras étnicas persistiam mesmo diante do constante fluxo de pessoas, uma vez que as distinções entre categorias étnicas não dependiam da ausência de mobilidade, contato ou troca de informação. Dessa forma, o sentimento de pertencimento podia ser reconfigurado sem que, necessariamente, houvesse a dissolução das identidades regionais de origem.

Hall (2003), ao discutir o caso do “povo britânico”, observou que processo semelhante ocorreu na formação das nações europeias, uma vez que os inícios marcados por episódios de violência, que estavam na base das origens das nações modernas, precisaram ser esquecidos para que a construção de uma identidade nacional mais homogênea e unificada pudesse ser iniciada (Dodd, 1986, p. 12 apud Hall, 2003). Assim, a construção das nações modernas não se deu de forma pacífica ou natural, mas exigiu a repressão de memórias fragmentadas e a imposição de narrativas coletivas que favorecessem a coesão social e o sentimento de pertencimento a uma unidade nacional imaginada.

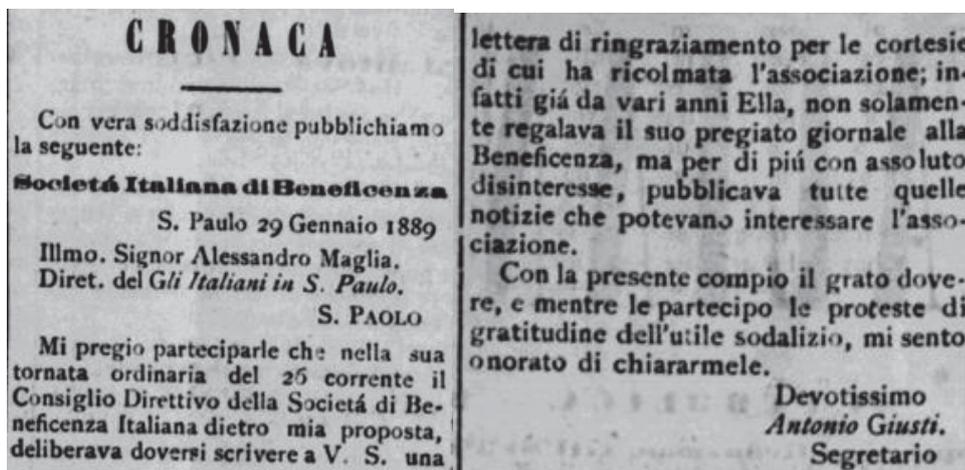
O autor (Hall, 2003) ainda argumentou que o nacionalismo se fundamentou em dois pilares conceituais interligados: o poder simbólico e a representação, elementos que, em sua análise, desempenharam um papel crucial na construção de identidades nacionais. Da mesma maneira, Bourdieu (1989), em sua obra *Poder Simbólico*, valeu-se de diferentes áreas das humanidades para elucidar a maneira como os sistemas do poder simbólico transitavam por aqueles que detinham algum poder ou que eram legitimados por outros. Em sua perspectiva, o poder simbólico operava como uma força invisível, cuja eficácia residiu na adesão daqueles que, seja por desconhecimento ou conveniência,

submeteram-se à sua influência ou até mesmo o exerceram (Bourdieu, 1989). Assim, ambos os autores convergiram na compreensão de que a construção da identidade, especialmente no contexto do nacionalismo, esteve intrinsecamente ligada à manipulação e internalização de símbolos e representações, por meio de relações de poder muitas vezes sutis e naturalizadas.

O jornal *Gl' Italiani in San Paulo*, ao conquistar a credibilidade de seus eleitores, manifestada na compra de exemplares ou na assinatura, pôde exercer um poder simbólico sobre eles. Complementando essa ideia, Bourdieu (1989) asseverou que a capacidade estruturante dos sistemas simbólicos, enquanto instrumentos de conhecimento e comunicação, derivou de sua própria estrutura. Para o autor, o poder simbólico é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem” (Bourdieu, 1989, p. 9). Dessa forma, a atuação do jornal italiano ilustrou como a credibilidade e a estrutura de um sistema simbólico, neste caso, um veículo de comunicação, poderiam influenciar a percepção da realidade e contribuir para a manutenção de uma determinada ordem social entre seu público.

Essa credibilidade pôde ser observada em cartas como a que está apresentada a seguir:

FIGURA 54 – CREDIBILIDADE DE MAGLIA E SEU JORNAL



FONTE: *Gl'Italiani in San Paulo*, 9 fev 1889, num. 194, ano IV.

Com verdadeira satisfação publicamos o seguinte:

Sociedade Italiana de Beneficência

São Paulo 29 de janeiro de 1889

Illmo. Senhor Alessandro Maglia.

Diretor do Gli Italiani em S. Paulo.

Tenho a honra de informar que, em sua sessão ordinária do dia 26 deste mês, o Conselho de Administração da Sociedade Beneficente Italiana, mediante minha proposta, decidi escrever-lhe a Vossa Excelência, uma carta de

agradecimento pelas gentilezas com as quais dispensou à associação; de fato, já faz alguns anos que você não só doou seu jornal premiado para a instituição de caridade, mas, além disso, com absoluto desinteresse, publicou todas as notícias que pudessem ser de interesse para a associação.

Cumpro com este meu grato dever e, ao mesmo tempo em que transmito a vocês gratidão da útil associação, sinto-me honrado em torná-los conhecidos.

Mais devotado

Antonio Giusti.

Secretário (*Gl'Italiani in San Paulo*, 9 fev 1889, num. 194, ano IV).

Nesse contexto, o jornal desempenhou um papel ativo no meio social, estabelecendo interação com a comunidade italiana, especialmente em São Paulo. Através da comunicação veiculada em seus textos, notícias e anúncios, o periódico exerceu um poder simbólico considerável. Corroborando com essa perspectiva, Bourdieu (1989, p. 9) postulou que “os símbolos são os instrumentos por excelência da integração social: enquanto instrumentos de conhecimento e de comunicação, eles tornam possível o *consensus* acerca do sentido do mundo social que contribui fundamentalmente para a reprodução da ordem social”. Portanto, a atuação do *Gl' Italiani in San Paulo* exemplificou como veículo de comunicação ao disseminar símbolos e representações, participando ativamente da construção de um entendimento compartilhado da realidade social e contribuindo para a coesão e a continuidade da comunidade italiana.

Sobre o conceito de representação, tanto Hall (2003) quanto Bourdieu (1989) compreenderam que a ideia de conectar elementos que representaram uma identidade ou etnia fez parte da prática social, em que

critérios (por exemplo, a língua, o dialeto ou o sotaque) são objecto de *representações mentais*, de conhecimento e de reconhecimento em que os agentes investem os seus interesses e os seus pressupostos, e de *representações objectais*, em coisas (emblemas, bandeiras, insígnias, etc.) ou estratégias interessadas de manipulação simbólica que têm em vista determinar a representação mental que os outros podem ter destas propriedades e dos seus portadores (Bourdieu, 1989, p. 112)

Como observado no capítulo anterior, o diretor Alessandro Maglia estabeleceu uma relação com as associações, com a Sociedade Promotora de Imigração, com outros jornais e jornalistas brasileiros, além de ter participado da política local. Desta forma, com o passar do tempo, seus jornais ganharam prestígio entre a comunidade italiana, sempre à disposição em servir, como era seu objetivo.

Nesse sentido, Chartier (2002, p. 177) concordou que a representação é fundamental para a construção do pensamento sobre o mundo social e que o papel do jornal, enquanto veículo de comunicação com poder simbólico, só se tornava eficaz a

partir da forma como era percebido e julgado por seus leitores. Ou seja, por aqueles que, ao serem expostos aos textos publicados, eram também alvos de sua capacidade de persuasão. Complementando essa ideia, Bourdieu (1989) argumentou que nenhum sujeito social era indiferente ao valor simbólico dos elementos que o cercavam, pois até mesmo as características mais negativas poderiam ser mobilizadas estrategicamente, conforme os interesses, materiais ou simbólicos, de quem as possuía. Assim, o jornal operou não apenas como um meio de informação, mas como agente ativo na produção e circulação de representações que influenciaram o posicionamento dos indivíduos meio social.

Dessa forma, foi possível compreender que o jornal era um meio de organização social, um modo de vida encontrado pelos jornalistas para “unir” os compatriotas, oferecendo atualizações de notícias locais, da Itália e do mundo, colunas de opinião, propagandas e anúncios, em sua maioria relacionados à vida dos imigrantes.

A discussão em torno do nacionalismo também se desenvolveu a partir da noção de comunidades imaginadas, conforme proposto por Benedict Anderson (2008), e da perspectiva da invenção das tradições, defendida por Hobsbawn (2015). Com base nessas teorias, presumiu-se que o jornal utilizou o senso de pertencimento, direcionando sua escrita aos compatriotas e explorando temas relacionados à italianidade. Nessa linha de raciocínio, Truzzi (2016, p. 17) definiu a identidade nacional como “um sentimento de pertencimento forjado a partir de narrativas que agregam pessoas de um mesmo território a partir da suposição de uma história comum”. Desse modo, o jornal *Gl' Italiani in San Paulo*, ao construir narrativas que ressaltavam uma história e cultura compartilhadas entre os imigrantes italianos, provavelmente buscou fortalecer esse sentimento de pertencimento e, conseqüentemente, a própria identidade nacional entre seus leitores.

Segundo Hall (2003, p. 38,3 9)

a formação de uma cultura nacional ajudou a criar padrões de alfabetização universais, generalizou uma língua vernacular particular como o meio dominante de comunicação no interior da nação, criou uma cultura homogênea e manteve instituições culturais nacionais, como por exemplo um sistema nacional de educação (Hall, 2003, p. 38, 39).

Apesar de a Itália ter se firmado como nação em 1870, justamente na época em que se iniciou o movimento imigratório para o Brasil, os grupos de imigrantes que vieram do território recém-unificado eram formados por pessoas de diversas regiões, com modos

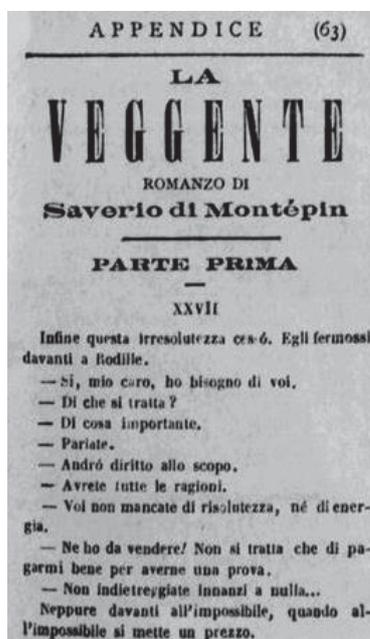
de vida e dialetos bem particulares. Por isso, o *Risorgimento*⁴⁴ pôde ser entendido como uma “comunidade imaginada” em que se forjou uma nação com base na idealização de um grupo.

O jornal *Gl' Italiani in San Paulo* teve ações que puderam ser entendidas como o conceito de tradição inventada de Hobsbawm (2015), quando observou-se o movimento que indicava a tentativa de identificação de uma história italiana, com elementos que foram apresentados em comum, como datas comemorativas. Para Hobsbawm (2015),

por ‘tradição inventada’ entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado (Hobsbawm, 2015, p. 8).

Desta forma, o jornal italiano representou a ideia dessa comunidade idealizada durante o *Risorgimento*, e os romances, poemas e citações que apareceram no periódico, ou a presença de pelo menos um romance em capítulos na parte do apêndice, como o exemplo a seguir, buscaram confirmar a solidez desse passado comum.

FIGURA 55 - ROMANCE⁴⁵



FONTE: *Gl'Italiani in San Paulo*, 8-9 jun 1889, num. 238, ano IV.

⁴⁴ Nome designado para a Unificação Italiana.

⁴⁵ A publicação e a tradução completa encontram-se no Anexo P.

Hobsbawm (2015) explicou o problema enfrentado pela Itália na implementação do nacionalismo, uma vez que era uma nação nova e havia dificuldades em encontrar laços que cobrissem todo o território recém-unificado, legitimando o sentimento de nacionalismo que tanto almejavam.

A Itália teve de partir do nada para resolver o problema resumido por d'Azeglio na seguinte frase: “Nós fizemos a Itália: agora temos de fazer os italianos”. A tradição do reino de Saboia não era uma vantagem política fora da região noroeste do país, e a Igreja opunha-se ao novo Estado italiano. Talvez não surpreenda que o novo reino da Itália, embora animado para “fazer italianos”, não estava nada entusiasmado com a ideia de fazer mais de um ou dois por cento deles eleitores, até que isto se tornasse completamente inevitável (Hobsbawm, 2015, p. 338).

Embora a identidade italiana como um conceito unificador fosse relativamente recente no final do século XIX, período em que o regionalismo ainda prevalecia no imaginário coletivo, o processo de reconhecimento de uma identidade comum foi um pouco mais rápido entre os imigrantes que migraram para o Brasil. Nesse sentido, Angelo Trento (2016, p. 10, 11) explicou que “quando começou a emigração de massa com destino, ao Brasil, não existia na Itália um senso compartilhado de pertencimento, tanto que alguns estudiosos, como Donna Gabaccia, preferem falar de emigrantes da Itália em vez de emigrantes italianos”. Diante desse contexto, a experiência da migração para um novo país, onde a distinção entre italianos e a população local se tornava mais evidente, pôde ter atuado como um catalisador para a construção de uma identidade italiana mais coesa entre os imigrantes, em contraste com a fragmentação regional ainda presente na Itália do final do século XIX.

Apesar de Trento (2016, p. 11) afirmar que, com o passar das décadas, “um senso de identidade nacional conseguiu emergir e se firmar, talvez sem suplantando as velhas identidades, mas colocando-se lado a lado com elas”, destacou que os imigrantes não compreendiam o conceito de pátria, pois tanto valores como memórias e identidades eram distintas, inclusive a própria língua regional. Talvez ele tenha se referido ao grupo de italianos que tinham essa ligação regional, analfabetos ou semialfabetizados, pois considerou, por exemplo, que o grupo de intelectuais, como os jornalistas, tivesse uma noção de pátria com o processo de unificação.

Anderson (2008, p. 39) propôs que o nacionalismo surgiu dos “grandes sistemas culturais que o precederam e a partir dos quais ele surgiu, inclusive para combatê-los”. Segundo ele, os sistemas culturais seriam a “comunidade religiosa e o reino dinástico”,

mas não tinham a intenção de combater o catolicismo na Itália, e sim o que este dominava, como o latim, por exemplo.

Todas as grandes comunidades clássicas se consideravam cosmicamente centrais, através de uma língua sagrada ligada a uma ordem supraterrena de poder. Assim, o alcance do latim, do páli, do árabe ou do chinês escritos era, teoricamente, ilimitado. (Na verdade, quanto mais morta é a língua escrita – quanto mais distante da fala –, melhor: em princípio, todos têm acesso a um mundo puro de signos.) (Anderson, 2008, p.39)

A diferença entre essas comunidades e as nações modernas era que, fundamentalmente, as comunidades clássicas entendiam que a língua era sagrada e que as ligava ao divino. Por isso, limitavam a inserção de novos membros na comunidade, já que o conhecimento da língua não era acessível à maioria das pessoas. A não ser que houvesse um esforço para aprender a língua e a cultura, mas, no caso do latim eclesiástico, o número de pessoas que tinham acesso ao ensino era ainda menor (Anderson, 2008).

O nacionalismo, a partir desses sistemas culturais, ganhou força com o capitalismo, segundo Anderson (2008). Para ele, a ascensão do capitalismo e, em particular, o desenvolvimento do capitalismo impresso, desempenhou um papel crucial na disseminação de ideias nacionalistas. Pensando nesse capitalismo impresso, como exemplo, pôde-se verificar a ideia do jornal em firmar seu público leitor, presenteando-o com exemplares de outro periódico ao pagarem adiantado a assinatura anual, como já foi explicado no capítulo anterior (*Gl' Italiani in San Paulo*, 13 dez 1888, num. 174, ano III).

Enquanto isso, para Hobsbawm (2015), o nacionalismo não apenas acompanhou o desenvolvimento econômico e político, mas também foi instrumentalizado pelas elites para consolidar o poder do Estado. Ele explicou que o nacionalismo moderno emergiu em um contexto de transformações sociais e políticas, especialmente durante a era das revoluções industriais e políticas. O autor entendeu o nacionalismo como uma construção histórica e uma ferramenta utilizada para forjar uma identidade coletiva, frequentemente manipulada por estados emergentes para legitimar sua autoridade e promover a coesão social (Hobsbawm, 2015).

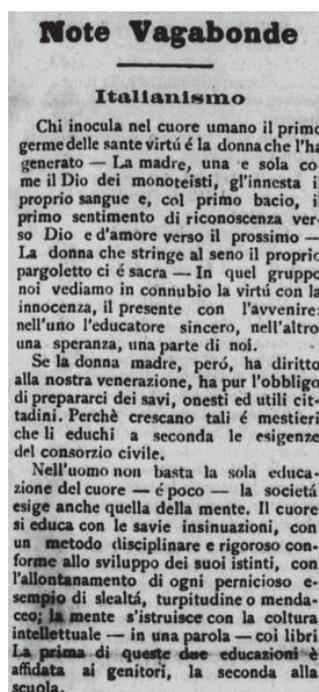
Nesse contexto, o periódico *Gl' Italiani in San Paulo* pôde ser compreendido como uma peça no projeto da unificação italiana, em que, ao mesmo tempo em que pleiteou os direitos dos imigrantes, também manifestou apoio à elite cafeeira paulista, sobretudo à figura de Martinho Prado Jr., com o programa da contratação de imigrantes para trabalharem nas fazendas de café, da Sociedade Promotora de Imigração, como

discutido no segundo capítulo. Ou seja, a atuação do seu diretor, Alessandro Maglia, se revelou dúbia quando se envolveu com a política local como representante da comunidade italiana da capital. Por outro viés, Maglia pode ter agido como um mediador entre os interesses da elite e o apoio ao imigrante italiano, com o objetivo de construir uma identidade coesa para a comunidade.

Essa perspectiva ajudou a compreender como o *Gl' Italiani in San Paulo*, enquanto instrumento de mediação, participou de forma ativa da construção da identidade italiana em São Paulo, prevalecendo seu projeto editorial nacionalista. Ambos os autores concordam que o nacionalismo foi um fenômeno construído e promovido por novas formas de comunicação e organização social, que estavam intimamente ligadas ao desenvolvimento do capitalismo e às estruturas estatais modernas.

A unificação italiana foi resultado de um longo processo histórico e cultural que começou muito antes do século XIX. Desde os debates linguísticos promovidos por intelectuais como Dante Alighieri até a influência de diversos povos na península itálica, a formação da identidade italiana foi moldada por uma rica diversidade cultural e linguística. A romanização, as invasões bárbaras e o impacto da imprensa foram elementos-chave que ajudaram a transformar o latim e as línguas vernáculas na base de uma identidade nacional. No contexto do poder católico e da influência dos letrados, a língua se tornou um instrumento crucial de mediação cultural e social, contribuindo para o surgimento do nacionalismo e para a unificação da Itália.

Dessa forma, um dos aspectos do programa nacionalista foi a unificação da língua. O periódico *Gl' Italiani in San Paulo* enfatizou a necessidade da comunidade italiana de ter escolas que ensinassem a língua italiana, e, por meio dela, aos imigrantes e seus descendentes, como forma de manter a identidade italiana. Um exemplo foi o da coluna intitulada *Italianismo* na edição 223, 27 e 28 de abril de 1889 e edição 224 de 30 de abril e 01 de maio de 1889.

FIGURA 56 – EDUCAÇÃO⁴⁶

FONTE: *Gl'Italiani in San Paulo*, 30 abril e 1º maio 1889, num. 224, ano IV.

Quem contagia o coração humano com o primeiro germe das santas virtudes é a mulher que o gerou - A mãe, única e única como o Deus dos monoteístas, enxerta nele o seu sangue e, com o primeiro beijo, o primeiro sentimento de gratidão para com Deus e o amor para com os outros - A mulher que segura o seu bebé ao peito é sagrada para nós - Naquele grupo vemos a virtude combinada com a inocência, o presente com o futuro: num o educador sincero, no outro uma esperança, uma parte de nós.

Se a mãe, porém, tem direito à nossa veneração, ela também tem a obrigação de nos preparar cidadãos sábios, honestos e úteis. Para que estes cresçam é necessário educá-los de acordo com as necessidades do consórcio civil.

No homem, só a educação do coração não basta — é pouca — a sociedade exige também a da mente. O coração é educado com insinuações sábias, com um método disciplinar e rigoroso de acordo com o desenvolvimento dos seus instintos, com a eliminação de todo exemplo pernicioso de deslealdade, torpeza ou mentira; a mente é educada com cultura intelectual — numa palavra — com livros. A primeira destas duas educações é confiada aos pais, a segunda à escola (*Gl'Italiani in San Paulo*, 30/04 e 01/05 de 1889, edição 224, tradução nossa).

Nessa publicação, o jornalista trouxe um texto sobre a educação dos filhos dos imigrantes. Ele exaltou o papel da mãe em inculcar virtudes no coração dos filhos e o papel do educador ou da escola na educação intelectual. Além disso, criticou os pais que não enviavam seus filhos e filhas para a escola, afirmando que “cometem um crime contra a sociedade e contra si mesmos. Este crime, se praticado longe da terra natal, torna-se

⁴⁶ A publicação e a tradução completa encontram-se no Anexo Q.

ainda mais grave e monstruoso”. Acrescentou ainda que “a religião do exílio é o culto à pátria. Não incluir esse culto na alma da criança é agir contra a própria consciência, contra o próprio dever, contra a própria dignidade”. Destacou que “você não pode ser um bom patriota e permitir que seus filhos não sejam” (*Gl’Italiani in San Paulo*, 30/04 e 01/05 de 1889, num. 224, tradução nossa).

A opinião do jornalista foi enfática e estava em consonância com o programa editorial do jornal, que expressou necessidade de fortalecer os laços comunitários entre os imigrantes italianos, com a intenção de garantir que as gerações seguintes mantivessem a continuidade da identidade cultural, preservando conexões com as raízes italianas.

As escolas, assim como as associações beneficentes e de mútuo socorro, eram instituições que ajudariam a manter a união e o sentimento de nacionalismo entre os imigrantes. Contudo, as tentativas de abertura, tanto de escolas quanto de associações, esbarraram nas disputas regionais que ainda existiam entre os italianos (Trento, 2022).

No periódico, houve a presença constante de publicações de associações e de anúncios de escolas. Em geral, eram avisos de reuniões dos associados para eleições ou comemorações. Das escolas, houve anúncios que se repetiram ao longo das edições, incluindo avisos de inauguração, de festividades, ou apenas a informação sobre o projeto educacional e o endereço da instituição.

FIGURA 57 – ASSOCIAÇÃO E ESCOLA



FONTE: *Gl’Italiani in San Paulo*, 3 jun 1888, num. 102, ano III.

Reunião Extraordinária
INAUGURAÇÃO DA BANDEIRA

Convido os senhores. Os membros se reunirão amanhã às 3 da manhã, às 4 horas da tarde, no Salão do Clube Operário Italiano, Rua Florêncio de Abreu 25, para a inauguração da Bandeira Social generosamente doada pelo Excelentíssimo Senhor Cav. Francesco Antonio Barra à Sociedade.

Os associados devem usar o crachá de associado, e aqueles que ainda não o possuem podem retirá-lo no caixa. - S. Paulo 2 de junho de 1888 (*Gl'Italiani in San Paulo*, 3 jun 1888, num. 102, ano III, p.3).

Escola particular italiana

Curso completo até a quarta série do ensino fundamental. Exercícios ginásticos e militares. Dirigido por dois professores Francesco Pedatella e Salvatore Taranto.

Rua de Barão ds Itapetininga, N. 18 - S. PAULO (*Gl'Italiani in San Paulo*, 3 jun 1888, num. 102, ano III, p.4).

A análise do periódico *Gl' Italiani in San Paulo* destacou sua contribuição, ou sua tentativa, para a construção da identidade italiana entre os imigrantes em São Paulo, promovendo uma vida digna e defendendo os direitos dos imigrantes. Sob a direção de Alessandro Maglia, o jornal informou sobre as condições enfrentadas pelos italianos e propôs soluções para desafios sociais, enfatizando a necessidade de políticas de imigração mais eficazes.

O nacionalismo presente no jornal buscou a unidade cultural, valorizando a língua e a educação como ferramentas de preservação da italianidade. A promoção de eventos culturais e a defesa da língua italiana reforçaram a coesão social e o pertencimento à comunidade, mesmo em um contexto diversificado, como as diferenças regionais entre os imigrantes italianos. As interações entre o jornal e a sociedade paulista evidenciaram a construção de fronteiras étnicas dinâmicas, onde a identidade coletiva dos imigrantes foi moldada por inclusão e exclusão. O *Gl' Italiani in San Paulo* atuou como um agente de mudança, estabelecendo uma narrativa de pertencimento e solidariedade.

A seguir, foram abordadas as considerações finais, sintetizando os principais achados da pesquisa sobre o papel da mídia na formação de identidades culturais em contextos migratórios.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na análise do jornal *Gl' Italiani in San Paulo*, foi possível concluir que tanto ele, quanto as outras publicações de Alessandro Maglia foram significativas para a comunidade italiana em São Paulo.

A pesquisa realizada nas 145 edições do jornal revelou um perfil que demonstrou seu papel como agente transformador, cuja finalidade foi apoiar os imigrantes italianos. A proposta consistiu em ajudar os recém-chegados, sendo fundamental o apoio às leis de imigração, à Sociedade Promotora de Imigração (SPI) e ao governo provincial, para manter uma proximidade e poder cobrar os órgãos competentes no momento oportuno.

O *Gl' Italiani in San Paulo*, juntamente com seu diretor Alessandro Maglia, teve papel de destaque na promoção da italianidade, ressaltando a língua, a cultura e a história da Itália. O jornal enfatizou a importância da educação e da preservação da cultura italiana, apoiando a criação e a propagação de escolas e eventos culturais, como evidenciado nos anúncios de escolas italianas e de associações na edição número 102, de 3 de junho de 1888. Essa busca pela unidade cultural visou fortalecer os laços entre os imigrantes, permitindo que se reconhecessem como parte de uma comunidade maior, apesar das diferenças regionais.

O programa editorial do jornal fundamentou-se na proposta da unificação italiana. Para que os imigrantes italianos se tornassem uma comunidade uniforme, foi necessário que cada indivíduo reconhecesse que o grupo compartilhava as mesmas histórias, cultura e datas comemorativas. Assim, o periódico assumiu como causa a união dessas informações, o que Eric Hobsbawm (2015) denominou de “invenções das tradições”.

A posição do periódico em defender os direitos dos imigrantes, denunciando as injustiças, também propôs soluções para as situações enfrentadas pelo grupo, como aparece na edição 112, de 7 de julho de 1888. As questões mais levantadas pelo jornal incluíram a necessidade de políticas de imigração mais eficazes, além de denúncias sobre as condições precárias na Hospedaria do Brás.

As interações entre o *Gl' Italiani in San Paulo* e a sociedade paulista evidenciaram a construção de fronteiras étnicas dinâmicas. Além de informar sobre questões relevantes para a comunidade italiana, o jornal se propôs ser um agente integrador entre os imigrantes e a sociedade paulista, incluindo os diversos grupos étnicos que a compunham, como uma nota com notícias de alemães, presente na edição 154, de 20 de outubro de

1888. A complexidade das dinâmicas sociais refletiu um ambiente multicultural moldado por processos de inclusão e exclusão.

Foi possível observar a busca pela identidade coletiva na comunidade italiana a partir das expressões nacionalistas que o periódico veiculou. O *Gl' Italiani in San Paulo* demonstrou em suas páginas a promoção e defesa da língua e cultura italiana através da divulgação de eventos nas sociedades beneficentes. A atuação nesses espaços foi identificada pela construção da chamada “comunidade imaginada”, conforme denominada por Benedict Anderson (2008), que oportunizou aos imigrantes a conexão com suas histórias e costumes, “inventados” pelo grupo fundador da unificação italiana e seus apoiadores. Através da promoção de eventos e da defesa da língua italiana, o *Gl' Italiani in San Paulo* atuou como um espaço de construção de uma "comunidade imaginada", onde os imigrantes puderam se conectar com suas raízes e com uma história compartilhada, mesmo em um contexto migratório.

A análise demonstrou que o periódico foi além das publicações informativas. O objetivo geral da pesquisa, que consistiu em utilizar a perspectiva da história cultural como fundamentação metodológica e realizar um levantamento tipológico da fonte, foi plenamente alcançado. O uso de autores como Tania De Luca (2018) e Marialva Barbosa (2010) permitiu compreender o periódico como uma fonte da história cultural inserida em práticas discursivas e identitárias. A metodologia, estruturada em três etapas, mapeamento das palavras, tipologia da fonte e análise do *Gl' Italiani*, possibilitou um exame sistemático e aprofundado das 145 edições do *Gl' Italiani in San Paulo*.

Entre os objetivos específicos, o primeiro, que visava identificar as características do jornal e de suas publicações, foi cumprido por meio da análise da estrutura gráfica, das colunas, dos suplementos, da periodicidade, das mudanças de endereço e da variedade editorial. As constantes transformações revelaram um jornal em adaptação contínua, moldado por desafios econômicos e políticos, mas comprometido com a manutenção de uma identidade própria.

O segundo objetivo, compreender as motivações do jornal por meio de seu programa editorial, foi respondido pela leitura de colunas como *Note Vagabonde*, *Revista Politica* e o Suplementos Comemorativo. Essas seções revelaram um projeto editorial ancorado em princípios nacionalistas, liberais e comunitários. A motivação do jornal se centrava na integração do imigrante italiano à sociedade paulista sem a perda de seus vínculos culturais, promovendo uma “comunidade imaginada” (Anderson, 2008).

O terceiro objetivo, investigar o papel de Alessandro Maglia, também foi atingido. A pesquisa documental sobre sua atuação demonstrou que ele não apenas fundou e dirigiu o jornal, mas também teve papel de liderança social e política na comunidade italiana. Através de suas publicações e relações institucionais, Maglia atuou como mediador entre os interesses dos imigrantes e as instituições brasileiras, fortalecendo o sentimento de pertencimento e italianidade.

O quarto objetivo, analisar os textos, anúncios e propagandas que evidenciavam a italianidade no jornal, foi realizado por meio da leitura crítica das seções *Annunzi*, *Avvisi Gratuiti* e artigos editoriais. Identificou-se a presença simbólica da cultura italiana, através de datas nacionais, termos da língua, divulgação de associações, escolas, produtos italianos e romances em apêndices. O *Gl'Italiani* se tornou, assim, um espaço de reprodução cultural e afirmação identitária.

Em relação às perguntas da pesquisa, foi possível responder que o posicionamento do *Gl' Italiani in San Paulo* em relação à imigração italiana era de defesa ativa dos direitos dos imigrantes, apoio à legalidade das políticas migratórias e, ao mesmo tempo, de denúncia quando estas falhavam, como no caso da Hospedaria do Brás. O jornal mantinha uma relação ambígua com a Sociedade Promotora de Imigração: apoiava sua atuação, mas a criticava em momentos de abuso ou negligência.

O perfil do jornal foi traçado a partir de sua estrutura, estilo editorial, temas recorrentes e rede de colaboradores. Tratava-se de um periódico voltado a um público letrado, mas com tentativas de ampliar sua base, abordando também temas de interesse para trabalhadores e imigrantes de baixa renda. O uso do idioma italiano e a presença de colunas literárias, sociais e políticas demonstram um esforço contínuo de formar e informar uma comunidade.

Por fim, a percepção da italianidade nas páginas do jornal foi notória. Expressa em colunas com títulos em italiano, no uso da língua, em referências simbólicas à unificação da Itália, à defesa da educação e à promoção de valores culturais comuns. O periódico foi espaço ativo de “invenção de tradições” (Hobsbawm, 2015), reforçando o orgulho de ser italiano em terra estrangeira.

Ademais, a pesquisa ressaltou a significância dos periódicos na sociedade paulista do final do século XIX em promover a formação de identidades culturais. O papel do *Gl' Italiani in San Paulo* exemplificou a notória participação dos meios de comunicação impressos em língua estrangeira na sociedade da época e como seu estudo aprofundado possibilitou apreender diversos olhares para um mesmo tema. Esses periódicos atuaram

em espaços de resistência, construíram conexões e participaram de dinâmicas que influenciaram os grupos em que estavam inseridos, refletindo as complexas interações nas fronteiras étnicas de uma sociedade multicultural.

As conclusões geradas nesta pesquisa propõe novas investigações na área da História da Imprensa Estrangeira no Brasil e da História da Imigração Italiana, sugerindo que é interessante aprofundar pesquisas em periódicos menores, de pouca circulação, mas com influência sobre determinados grupos. O papel desses periódicos na formação de identidades culturais no contexto das migrações constituiu fontes ricas para novas observações.

Estudos futuros podem desenvolver pesquisas sobre a relação entre jornais estrangeiros publicados no país e jornais brasileiros, por exemplo, ou sobre a atuação de jornalistas que publicavam em jornais de diferentes etnias. Além disso, a análise de outros periódicos de língua italiana poderia enriquecer a compreensão das dinâmicas sociais e culturais entre os imigrantes e a sociedade brasileira.

Em síntese, o jornal *Gl' Italiani in San Paulo*, sob direção de seu proprietário, Alessandro Maglia, proporcionou um novo olhar documentado para a história da imigração italiana para São Paulo, além de ter oferecido uma observação a partir da italianidade no desenvolvimento do senso de pertencimento e identidade de um novo grupo cultural que estava se formando diante de suas páginas e que se firmou ao longo dos anos entre os descendentes de italianos no Brasil.

REFERÊNCIAS

Fonte primária

Gl'Italiani in San Paulo, 30 de abril a 1ª de maio de 1889, São Paulo. **Biblioteca Nacional**. Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em:
<<https://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=304395&pagfis=503>>.
Acesso em: 24 jan 2024.

Fontes suporte/secundárias

Correio Paulistano, 18 jul 1882, n. 7714, ano XXIX. São Paulo, **Biblioteca Nacional**. Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em:
<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_04&Pesq=%22M%20aglia%22&pagfis=3021>. Acesso em: 24 fev 2025.

_____, 28 jan 1886, n. 8829, ano XXXII. São Paulo, **Biblioteca Nacional**. Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em:
<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_04&Pesq=%22M%20aglia%22&pagfis=7432>. Acesso em: 24 fev 2025.

_____, 06 ago 1886, n. 8984, ano XXXIII. São Paulo, **Biblioteca Nacional**. Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em:
<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_04&Pesq=%22M%20aglia%22&pagfis=8071>. Acesso em: 24 fev 2025.

_____, 11 nov 1887, n. 9359, ano XXXIV. São Paulo, **Biblioteca Nacional**. Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em:
<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_04&Pesq=%22M%20aglia%22&pagfis=9537>. Acesso em: 24 fev 2025.

_____, 02 set 1888, n. 9601, ano XXXV. São Paulo, **Biblioteca Nacional**. Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em:
<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_04&Pesq=%22M%20aglia%22&pagfis=10490>. Acesso em: 24 fev 2025.

_____, 02 abril 1887, n. 9177, ano XXXIII. São Paulo, **Biblioteca Nacional**. Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em:
<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_04&Pesq=%22M%20aglia%22&pagfis=8832>. Acesso em: 24 fev 2025.

_____, 18 dez 1888, n. 9689, ano XXXV. São Paulo, **Biblioteca Nacional**. Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em:
<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_04&Pesq=%22M%20aglia%22&pagfis=10820>. Acesso em: 25 fev 2025.

_____, 12 out 1890, n. 10232, ano XXXVII. São Paulo, **Biblioteca Nacional**. Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em:
 <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_05&pesq=%22Maglia%22&pasta=ano%20189&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=1010>. Acesso em: 25 fev 2025.

_____, 14 jan 1891, n. 10306, ano XXXVII. São Paulo, **Biblioteca Nacional**. Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em:
 <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_05&pesq=%22Maglia%22&pasta=ano%20189&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=1335>. Acesso em: 25 fev 2025.

_____, 26 fev 1891, n. 10341, ano XXXVII. São Paulo, **Biblioteca Nacional**. Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em:
 <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_05&Pesq=%22Maglia%22&pagfis=1579>. Acesso em: 25 fev 2025.

_____, 11 out 1893, n. 11090, ano XL. São Paulo, **Biblioteca Nacional**. Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em:
 <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_05&pesq=%22Maglia%22&pasta=ano%20189&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=4605>. Acesso em: 26 fev 2025.

Diabo Coxo, 1864-1865. Edição fac-similar, 2005. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo – Edusp. **Biblioteca Nacional**. Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em:
<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=701513&pesq=&pagfis=6>. Acesso em: 02 maio 2024.

Gazeta de Noticias, 26 dez 1899, n. 360, ano XXV. Rio de Janeiro. **Biblioteca Nacional**. Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em:
 <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&Pesq=%22Maglia%22&pagfis=21101>. Acesso em: 26 fev 2025.

Gli Italiani al Brasile, 5 ago 1886, n. 1, ano I. São Paulo. **Arquivo Público de São Paulo**.

_____, 17 set 1886, n. 7, ano I. São Paulo. **Arquivo Público de São Paulo**.

_____, 25 set 1887, ano II. São Paulo. **Arquivo Público de São Paulo**.

Il Lavoro: pubblicazione settimanale del “Centro d’Immigrazione e Lavoro” dello stato di S. Paolo, 17 dez 1893, n. 12, ano I. São Paulo. **Biblioteca Nacional**. Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em:
 <<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=216500&Pesq=%22Maglia%22&pagfis=97>>. Acesso em 25 fev 2025.

Il Pensiero Italiano, 29 ago 1890, São Paulo. **Biblioteca Nacional**. Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em:
<<https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=295647&Pesq=all%20estero&pagfis=13>>. Acesso em 18 jan 2024.

_____, 08 out 1890, n. 41, ano I, São Paulo. **Biblioteca Nacional**. Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em:
<<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=295647&Pesq=all%20estero&pagfis=139>>. Acesso em 25 fev 2025.

Jornal do Commercio, 28 dez 1899, n. 361, ano 79. Rio de Janeiro. **Biblioteca Nacional**. Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em:
<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_08&pesq=%22Maglia%22&pasta=ano%20189&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=34553>
Acesso em 26 fev 2025.

_____, 23 jul 1878, n. 204, ano 57. Rio de Janeiro. **Biblioteca Nacional**. Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em:
<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_06&pesq=%22Maglia%22&pasta=ano%20187&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=18878>
Acesso em 26 fev 2025.

L'Immigrante, 31 dez 1883, n. 7, ano I. São Paulo. **Biblioteca Nacional**. Hemeroteca Digital Brasileira.
Disponível em:
<<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=713007&pasta=ano%20188&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=1>>. Acesso em 26 fev 2025.

_____, 14 jan 1886, n. 2, ano II. São Paulo. **Biblioteca Nacional**. Hemeroteca Digital Brasileira.
Disponível em:
<<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=713007&pasta=ano%20188&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=5>>. Acesso em 26 fev 2025

_____, 25 fev 1886, n. 7, ano II. São Paulo. **Biblioteca Nacional**. Hemeroteca Digital Brasileira.
Disponível em:
<<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=713007&pasta=ano%20188&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=9>>. Acesso em 26 fev 2025

L'Iriade, 2 jul 1854, n. 1, ano 1, Rio de Janeiro. **Biblioteca Nacional**. Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em:
<<https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=714151&pasta=ano%20185&pesq=&pagfis=1>>. Acesso em 25 abril 2024.

L'Unione, Giornale Italiano. Campinas: Impresa:-F. Cardona & C, 5 ago 1894, n. 2, ano I. Disponível em:

<<http://www.inci.org.br/acervodigital/upload/jornais/LU18940805.pdf>>. Acesso em: 26 out. 2019.

_____. *Giornale Italiano. Campinas: Impresa:-F. Cardona & C*, 9 ago 1894, n. 3, ano I. Disponível em:

<<http://www.inci.org.br/acervodigital/upload/jornais/LU18940809.pdf>>. Acesso em: 26 out. 2019.

SECKLER, Jorge. Almanach da Provincia de São Paulo: administrativo, industrial e comercial para 1887, n. 5, ano 5, 808 p. **Biblioteca Nacional**. Hemeroteca Digital Brasileira, 1887. Disponível em:

<<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=829161&Pesq=alessandro%20maglia&pagfis=917>>. Acesso 27 fev 2025.

_____. Almanach da Provincia de São Paulo: administrativo, industrial e comercial para 1888, n. 6, ano 6, 957 p. **Biblioteca Nacional**. Hemeroteca Digital Brasileira, 1888. Disponível em:

<<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=829161&Pesq=alessandro%20maglia&pagfis=1786>>. Acesso 27 fev 2025.

Bibliografias

ALMEIDA, Fábio Chang. O historiador e as fontes digitais: uma visão acerca da internet como fonte primária para pesquisas históricas. X Encontro Estadual de História. ANPUHRS. Santa Maria, 2010. Disponível em: <[https://www.eeh2010.anpuhrs.org.br/resources/anais/9/1279508083_ARQUIVO_O_Historiador_e_as_Fontes_Digitais\[1\].pdf](https://www.eeh2010.anpuhrs.org.br/resources/anais/9/1279508083_ARQUIVO_O_Historiador_e_as_Fontes_Digitais[1].pdf)>. Acesso em 10 jan 2025.

ALVIM, Zuleika M.F. Brava Gente! Os italianos em São Paulo 1870-1920. 2. ed. São Paulo: Editora Brasiliense S.A, 1986. p. 189.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. Trad: Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa**: Brasil, 1800-1900. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010. p. 266.

BARROS, José D'Assunção. O jornal como fonte histórica. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2023.

BARTH, Frederik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In.: POUTIGNAR, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade**. Seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. Tradução: Élcio Fernandes. São Paulo: Fundação Editora UNESP, 1998.

BATALHA, Claudio Henrique de Moraes. O movimento operário na Primeira República. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

BERTONHA, João Fábio. Os italianos. 3ª ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018.

BRASIL, Eric; NASCIMENTO, Leonardo Fernandes. História Digital: reflexões a partir da hemeroteca digital brasileira e do uso de CAQDAS na reelaboração da pesquisa histórica. **Estudos Históricos**. n.º. 69, vol. 33, p. 196-219, Rio de Janeiro, Janeiro-Abril 2020. Disponível em: <<https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/79933/77428>>. Acesso em 14 nov 2024.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução Fernando Tomaz. Memória e Sociedade. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S.A; DIFEL – Difusão Editorial Ltda., 1989.

CENNI, Franco. **Italianos no Brasil**. 2. Ed. fac-similar comemorativa do centenário da imigração italiana no Brasil, 1875-1975. São Paulo: Martins, Ed. da Universidade de São Paulo, 1975.

CHARTIER, R. **À beira da falésia**: a história entre incertezas e inquietude. Trad.: Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

CHALMERS, Vera. A escrita dialógica da imprensa libertária em italiano publicada em São Paulo no início do século XX. In.: DE LUCA, Tania Regina; GUIMARÃES, Valéria (orgs). **Imprensa Estrangeira Publicada no Brasil**: primeiras incursões. São Paulo, Rafael Copetti Ed, 2017.

CRUZ, Heloisa de Faria. **São Paulo em Papel e Tinta**. Periodismo e Vida Urbana, 1890/1915. São Paulo: Arquivo Público do Estado de São Paulo, 2013.

DE LUCA, Tania Regina; GUIMARÃES, Valéria (Orgs). **Imprensa estrangeira publicada no Brasil**. Primeiras incursões. São Paulo: Rafael Copetti, 2017.

DE LUCA, Tania Regina; MARTINS, Ana Luiza (Orgs). **História da imprensa no Brasil**. 2ª ed., 3ª reim. São Paulo: Contexto, 2018.

FAUSTO, Boris. **Fazer a América**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999. p. 577.

GONÇALVES, Rino Gabriel Siqueira. A etnicidade do imigrante italiano nos periódicos na cidade de São Paulo 1870-1919. Dissertação de Mestrado. São Paulo: PUCSP, 2019. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/handle/handle/22353>>. Acesso em 18 jun 2024.

GIL, Tiago Luís. Sobre big data e neopositivismo digital na pesquisa em história. **Almanack**, Guarulhos, n. 36, 2024. Disponível em: <>. Acesso em 17 abril 2024.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 22, n° 2, p. 15-46, jul./dez. 1997.

_____. A questão da identidade cultural. **Textos Didáticos**, Campinas: IFCH/UNICAMP, n° 18, 3ª edição revista e ampliada, junho 2003.

HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (Org.). **A invenção das tradições**. Tradução de Celina C. Cavalcante. 10ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

_____. Nações e Nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade. Tradução Maria Celia Paoli, Anna Maria Quirino. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

HUTTER, Lucy Maffei. Imigração italiana em São Paulo (1880-1889, 1902-1914). 2ª ed. São Paulo: Hucitec, 2018.

KLEIN, Herbert S. A integração dos imigrantes italianos no Brasil, na Argentina e Estados Unidos. **Novos Estudos**, n 25, outubro de 1989. Disponível em: <https://www.academia.edu/3625196/A_integra%C3%A7%C3%A3o_dos_imigrantes_italianos_no_Brasil_na_Argentina_e_nos_Estados_Unidos>. Acesso em 14 jan 2024.

_____. La integracion de inmigrantes italianos em la Argentina y los Estados Unidos: um analisis comparativo. **Desarrollo Económico**, v.21, n.81, abril-junio 1981. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/3466365>>. Acesso em 16 jan 2024.

LESSER, Jeffrey. A invenção da brasilidade: identidade nacional, etnicidade e política de imigração. Tradução patricia de Queiroz Carvalho Zimbres. 1 ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

MALATIAN, Teresa Maria. Vitaliano Rotellini e a defesa da imigração italiana no Brasil: O Almanacco do Fanfulla. **Patrimônio e Memória**. Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa (CEDAP). Universidade Estadual Paulista (UNESP), Assis, SP, v.17, n.1, p.355-381, janeiro-junho de 2021. Disponível em: <<https://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/1267>>. Acesso em 11 jun 2014.

_____. Até que o vendaval passe, “acreditar, obedecer, combater”: O Fanfulla e o Duce (1922-1941). In.: DE LUCA, Tania Regina; GUIMARÃES, Valéria (orgs). **Imprensa Estrangeira Publicada no Brasil**: primeiras incursões. São Paulo, Rafael Copetti Ed, 2017.

MOREL, Marcos. Prefácio. In.: BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa: Brasil, 1800-1900**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010. p. 266.

PANIZZOLO, Claudia. Livros de leitura e a construção da identidade nacional de crianças italianas e descendentes (São Paulo no início do século XX). **Acta Scientiarum Education**. História e Filosofia da Educação., v.41, 2019. Disponível em: <<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciEduc/article/view/45486>>. Acesso em 07 nov. 2023.

PETRI, Kátia Cristina. “Mandem vir seus parentes”: a Sociedade Promotora de Imigração em São Paulo (1886-1896). Dissertação de Mestrado, São Paulo: PUCSP, 2010. Disponível em: <<https://tede.pucsp.br/bitstream/handle/12628/1/Katia%20Cristina%20Petri.pdf>>. Acesso em 14 fev 2025.

PETRONE, Pasquale. A influência da imigração italiana nas origens da industrialização brasileira. In.: DE BONI, Luis Alberto (org). *Presença Italiana no Brasil*. Porto Alegre, EST, 1987.

POUTIGNAR, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade**. Seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. Tradução: Élcio Fernandes. São Paulo: Fundação Editora UNESP, 1998.

RORATO, Marcia. Il Moscone (1925-1961), 36 anos “ronzando e scherzando” com a colônia italiana de São Paulo. Tese de Doutorado, Assis: UNESP, 2007. Disponível em: <<http://polo3.assis.unesp.br/posgraduacao/teses/letras/marciororato.pdf>>. Acesso em 17 jun 2024.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Retrato em branco e negro**. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. 352 p.

TRENTO, Angelo. **Imprensa italiana no Brasil: séculos XIX e XX**. São Carlos: EdUFSCar, 2013. p. 276.

_____. **Do outro lado do Atlântico**. Um século de imigração italiana no Brasil. Trad. Mariarosaria Fabris, Luiz Eduardo de Lima Brandão e Juliana Haas. São Paulo: Editora Unesp, 2022.

TRUZZI, Oswaldo. **Italianidade no interior paulista**. Percursos e descaminhos de uma identidade étnica (1880-1950). 1 ed. São Paulo: Editora Unesp, 2016, 137 p.

VEZZELLI, Eugenia. A construção do ethos discursivo na imprensa em língua italiana em São Paulo: o caso de La Difesa. Tese de doutorado, USP. São Paulo, 2015. Disponível em: <<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8148/tde-11032016-153524/es.php>>. Acesso em 16 jun 2024.

ANEXO A – TRADUÇÃO DA FIGURA 4 – PROPAGAÇÃO DA LÍNGUA ITALIANA

I fini del giornale, che io vi offero, o Signori, sono i seguenti :

- 1.º Di spargere vieppiù, e fortificare l'amore alle nostre lettere italiane.
- 2.º Di rendere facile e comune una lingua che tanto giova a diletare lo spirito nelle sue armonie.
- 3.º Di recare alla conoscenza del mio paese molte e rare bellezze della letteratura portoghese.
- 4.º Di consigliare alcuni miglioramenti nell'educazione, o nel metodo di educare la gioventù di questo emisfero.
- 5.º Di osservare da vicino le mancanze a cui va ancora soggetto il teatro lirico, e correggerle coll'opinione, lodando il merito ove si trovi.
- 6.º Di divertire i lettori con istorie ed aneddoti, ed educarli alla lingua col lenocinio della narrazione e colla rappresentazione delle scene della vita.
- 7.º D'incoraggiare la gioventù letterata coll'encomio meritato e colla critica prudente e ragionata.
- 8.º Di offrire un mezzo a tutti, che si sentono capaci dell'arringo, di scrivere nel nostro giornale senza mettere un'imposizione a nostro interesse, sulle fatiche del loro ingegno.

Propagação da língua italiana

Os objetivos do jornal que lhes ofereço, senhores, são os seguintes:

- 1º Divulgar cada vez mais e fortalecer o amor por nossas letras italianas.
- 2º Tornar fácil e comum uma língua que tanto encanta o espírito em suas harmonias.
- 3º Levar ao conhecimento de meu país muitas e raras belezas da literatura portuguesa.
- 4º Recomendar algumas melhorias na educação, ou no método de educar a juventude deste hemisfério.
- 5º Observar atentamente as deficiências a que ainda está sujeito o teatro lírico, e corrigi-las com opinião, louvando o mérito onde ele for encontrado.
- 6º Divertir os leitores com histórias e anedotas, e educá-los na língua com o lenocínio da narração e com a representação das cenas da vida.
- 7º Envolver a juventude literária com elogios merecidos e críticas prudentes e fundamentadas.
- 8º Oferecer um meio a todos os que se sentirem capazes da arduidade de escrever em nosso jornal sem impor, em nosso interesse, os trabalhos de seu gênio (*L'iriade Italiana*, 1854, n 1, p.1).

ANEXO B – TRADUÇÃO DA FIGURA 5 – TRECHOS DA COLUNA DE A.
PESSOLANO

Ribeirão Preto 6 di maggio 1888

*Via consilius expert mole viut sua:
Vim temperatam Di quoque provehant
In majus:.*

ORAZIO

Ho voluto restare in questo per oggi, giorno domenicale, onde abbozzarmi con coloni vecchi e nuovi del luogo. Sono le 7 pomeridiane e finora non ho fatto che questo per tutto il giorno. Ho discorso col colono signor Luigi Pignata il quale ha famiglia composta di tredici persone, delle quali quattro sole addette al lavoro. Orbene il Pignata mi assicura e sosterrebbe in faccia al mondo che in otto mesi, oltre all'aver soddisfatto a tutti i suoi doveri ed obbligazioni ha messo insieme liberi e netti 200\$000 nella fazenda del Sig: D. Dumont.

Mi assicura allo stesso tempo che non ha conoscenza di multe imposte o fatte pagare per il suo tempo. Il signor Pasquale Rossani nella stessa fazenda del Sig. Sr. Dumont, pure nel lasso di otto mesi, ha ricevuto dal suo padrone al 1 di gennaio p. p. 800\$000 liberi e franchi da spese. La sua famiglia si compo-

ne di sedici persone (oltre ai bambini) delle quali 8 sono atte al lavoro.

Oggi che sono venuti tanti coloni a messa quasi tutti coloro cui ho diretto le mie parole interrogative mi hanno risposto lo stesso; facendomi anche osservare; che molti fra i coloni sono anch'essi esigenti od incontentabili, secondo sono stati educati od avvezzi in Italia, essi hanno confermato altresì che molti guadagnano poco perché poco amanti del lavoro.

Ho visitato il così detto *Barraccone* che sarà destinato ad accogliere i coloni. Per questi quindici giorni sarà ultimato. Il pittore ed altri operai mi sono stati larghi di graziosa bontà nel farmi vedere le stanzoline destinate per gl'infermi, le sale per la gente sana, le tavole dove si mangia, gli scanni da sedervisi le lettieri da dormirvisi, le fertilissime terre che lo circondano, le divisioni che danno i lotti per le famiglie cui saranno distribuiti, le stradelle che vi si aprono e via discorrendo.

La colonia Italiana in generale fa progressi dappertutto dove si ritrova in tutto il municipio. Oggi domenica faceva maravigliare la vista di questa Ribeirão Preto tutta piena d'Italiani di ambo i sessi che facevano le loro piccole spese di ogni cosa occorrente.

Ho parlato anche col Sig. Giovanni Aiello molto attivo, solerte e prudente nel compiere il suo dovere in ogni parte.

Si risente la necessità di una buona scuola giacché non ve ne ha quasi, che si possa dire scuola per infanzia italiana (e pure ve ne ha molte in città) onde coltivare nella mente e nel cuore le pianticelle destinate a fare l'onore nazionale più tardi in queste terre che pur ne abbisognano.

Parmi inutile cavillare altro sulla colonia Italiana in generale.

Gli italiani formano per ora una massa informata e individuata, ed è piuttosto una moltitudine sciolta e digregata che un popolo, giacché senza unità, senza totalità non si dá democrazia perfetta; senza democrazia perfetta non si dá universalità; giacché l'universalità importa il concorso dell'unità col numero organizzato; il che richiede nella moltitudine la coltura della mente perché vi sia universalità civile. Il maggior numero governato e avvivato dalla coltura delle menti é quello appunto che diciamo civiltà; il contrario è barbarie quindi la necessità delle scuole, e fintanto che non si perverrà a questa unità vi saranno sempre sconci e lamenti, i quali sono inevitabili nei principi. Perciò coloro che vorrebbero riporre la perfezione del vivere civile nella preponderanza del maggior numero introdurrebbero una regola conforme a quella dei Goti, dei Vandali, degli Unni, ed altri barbari del secolo quinto e seguenti; secondo la quale regola sarebbero addivenuti per la forza brutta legittimi padroni del mondo d'allora. Secondo questa regola il barbaro Russo avrebbe balia sul mondo d'oggi. Dirò inoltre che secondo questa regola le moltitudini smisurate dell'Asia, dell'Africa e dell'Oceania dovrebbero dominare sull'Europa, appunto perché più piccola e molto meno numerosa.

L'ignoranza, l'errore, la superstizione, il bigottismo, la sete dell'oro che invade tutti i ministri di quasi trecento reli-

gioni diverse e simili pesti, che danno in risultato la barbarie, sono per somma disgrazia ancora il predominio dei piú. Chi assegna il sovrastare alla moltitudine, in quanto grida popolo, dice in sostanza barbarie, ed é retrogrado.

Per ventura vorremmo escludere la moltitudine per tornare al governo dei re? Giammai. Ció sarebbe riconoscere od ammettere ancora il dominio della corona di ferro, oggi svergognata e che né servirebbe a fabbricare un pugnale per metterlo nella mano di un assassino. Quello che vogliamo, dobbiamo volere e promuovere si é l'istruzione, perché la moltitudine sia mossa dal vero, scortata della luce, frenata dal dovere guidata dalla propria sintenesi, ammaestrata dalla storia, governata dall'ingegno. Il contrario é volere una moltitudine ex lege, disordinata, sciolta, capricciosa, insubordinata, pericolosa, indomabile, debosciata e rotta al vizio. *Vis consiliis expers mola ruit sua.*

Ma la civiltá cui si vuol guidare la moltitudine deve consistere nel fare in modo che ella salga, ed avanzi in progresso civile e nazionale, il che si otterrà mediante l'istruzione e la temperanza del connubio dell'ingegno colla plebe. Si bramerebbe dal giornalismo italiano questo appunto: che, affratellati fra esse stessi e collegati tutti gli scrittori italiani, mirassero appunto all'istruzione dei loro fratelli che pur son destinati ad essere amici del Brasile e a formare il progresso materiale e morale insieme all'ospitale brasiliano: *Vim temperatam di provehuut in majus!*

Il genio democratico cosí inteso sará l'onore dell'età nostra. Procuriamo di tener sempre lontano col flagello della penna e della parola libera il genio del male, chiamato damagogico, che vorrebbe prendere la persona del democratico come l'ipocrisia vuol fare della virtú: questo genio infernale é il flagello della democrazia e ne cerca la morte.

Buon per noi che la civiltá é bene innanzi perché possa temerne una seconda barbarie!

Facciamo che il buon gusto della lettere, il buon giudizio delle scienze, la luce profonda, vasta e indispensabile delle dottrine, il magistero del pensiero, il tirocinio dello scrivere, l'eloquenza della parola, l'amore alla virtú, il retto vivere, l'attività dell'azione rese si rare, siano desiderate, volute, amate dalle popolazioni e specialmente dalla italiana sparsa pel mondo, e piú specialmente ancora da questa che abita il Brasile generoso, perché brevemente ne risulti quel bene comune per le nazioni. L'uomo vale tanto e tanto puó quanto sá; il popolo che nulla sá nulla vale, quello che poco sá poco vale, e finalmente quello che sá molto vale molto: cosí cel lasciò scritto Francesco Bacone.

Gli uomini savi furono sempre avversi della tratta a sorte, e nella distribuzione degli uffici preferivano la ragione figurale alla numerica: *sorte et varia mores non discerni.* Isocrat: Orat: areop:

A. PESSOLANO

Ribeirão Preto 6 de maio de 1888

Vis consiliis expere mole viut gua:

Vim temperatam Di quoque proveliunt

In majus:. ORAZIO

Eu queria ficar aqui por hoje, que é um dia de domingo, para poder me reunir com os antigos e novos colonos do lugar.

São 7 da noite e até agora não fiz nada além disso o dia todo. Conversei com o colono, Sr. Luigi Pignata, que tem uma família de treze pessoas, das quais apenas quatro estão trabalhando. O Sr. Pignata me garante, e gostaria de afirmar ao mundo, que em oito meses, além de ter cumprido todos os seus deveres e obrigações, juntou livre e líquido 200.000 dólares na fazenda do Sr. Dumont.

Ele me garante, ao mesmo tempo, que não tem conhecimento de multas impostas e cobradas por seu tempo. O Sr. Pasquale Rossani, na mesma fazenda que o Sr. Dumont, também no espaço de oito meses, recebeu de seu senhor em janeiro p. p. 800\$000 livres e desembaraçados de encargos. Sua família é composta por dezesseis pessoas (além das crianças), das quais oito estão aptas para o trabalho.

Hoje, quando tantos colonos vieram à missa, quase todos aqueles a quem dirigi minhas palavras interrogativas me responderam da mesma forma; também me apontando que muitos dos colonos também são exigentes ou insaciáveis, dependendo de como foram educados ou acostumados na Itália. Eles também confirmaram que ganham muito pouco porque têm pouco amor pelo trabalho.

Visitei o chamado Barracão, que será usado para acomodar os colonos. Até esta quinzena, ele estará concluído. O pintor e outros trabalhadores tiveram a gentileza de me mostrar os quartos para os doentes, os quartos para as pessoas saudáveis, as mesas para comer, os bancos para sentar e as camas para dormir, a terra muito fértil que o cerca, as divisões que dão os lotes para as famílias às quais serão distribuídos, as estradas que se abrem para eles e assim por diante.

A colônia italiana em geral está progredindo em todo o município. Hoje, domingo, a visão dessa Ribeirão Preto cheia de italianos de ambos os sexos fazendo suas comprinhas de tudo o que é necessário foi surpreendente.

Conversei também com o Sr. Giovanni Aiello, que se mostrou muito ativo, diligente e prudente no cumprimento de seu dever em todos os lugares.

Há necessidade de uma boa escola, já que não há quase nenhuma que possa ser chamada de escola para crianças italianas (e, no entanto, há muitas na cidade), a fim de cultivar na mente e no coração os pequenos personagens destinados a fazer honra nacional mais tarde nestas terras, que também precisam deles.

Parece-me inútil discutir mais sobre a colônia italiana em geral.

Os italianos formam, por enquanto, uma massa informada e individualizada, e é mais uma multidão solta e fragmentada do que um povo, já que sem unidade, sem totalidade, não há democracia perfeita; sem democracia perfeita, não há universalidade;

já que a universalidade implica a simultaneidade da unidade com o número organizado; o que requer, na multidão, o cultivo da mente para que haja universalidade civil. O maior número de pessoas governadas e animadas pela cultura da mente é exatamente o que chamamos de civilização; o oposto é a barbárie, portanto, a necessidade dessa unidade sempre terá sujeira e reclamações, que são inevitáveis nos príncipes.

Portanto, aqueles que colocariam a perfeição da vida civilizada na preponderância do maior número de pessoas introduziriam uma regra de acordo com a dos godos, vândalos, hunos e outros bárbaros do século V e posteriores; de acordo com essa regra, eles teriam se tornado os legítimos senhores do mundo daquela época pela força bruta. De acordo com essa regra, os bárbaros russos teriam poder sobre o mundo de hoje. Também direi que, de acordo com essa regra, as multidões ilimitadas da Ásia, África e Oceania deveriam dominar a Europa, precisamente porque ela é menor e muito menos numerosa.

A ignorância, o erro, a superstição, o fanatismo, a sede de ouro que invade todos os ministros de quase trezentas religiões diferentes e outras pragas semelhantes, que resultam em barbárie, ainda são, para a maior infelicidade, a predominância da maioria. Aquele que atribui a supremacia à multidão, na medida em que chama o povo de povo, está, em essência, dizendo barbárie, e é retrógrado.

Gostaríamos de excluir a multidão e voltar ao governo dos reis? Jamais. Isso seria reconhecer ou admitir novamente o domínio da coroa de ferro, que agora é vergonhosa e que não serviria para fazer um punhal e colocá-lo na mão de um assassino.

O que queremos, o que devemos querer e o que devemos promover é a educação, de modo que a multidão seja movida pela verdade, encurtada pela luz, contida pelo dever, guiada pela história, governada pelo gênio. O oposto disso é querer uma multidão *ex lege*, desordenada, solta, caprichosa, insubordinada. Perigosa, ináomabile, debochada e entregue ao vício. *Vis consiliis expers mola ruit sua.*

Mas a civilização para a qual se quer guiar a multidão deve consistir em fazê-la elevar-se e avançar no progresso civil e nacional, o que será alcançado através da educação e da temperança da união do gênio com a plebe. Eis o que desejaríamos do jornalismo italiano: que todos os escritores italianos, unidos entre si e unidos, vissem precisamente à educação de seus irmãos destinados a ser amigos do Brasil e a formar o progresso material e moral junto com a hoste brasileira: *Vim temperatam di provehuut in majus!*

O gênio democrático tão intenso será a honra de nossa época. Esforcemo-nos por afastar sempre, com o flagelo da pena e da liberdade de expressão, o gênio maligno,

chamado damagógico, que gostaria de tomar a pessoa do democrata como a hipocrisia quer tomar a virtude: esse gênio infernal é o flagelo da democracia e procura a sua morte.

É bom para nós que a civilização esteja bem adiantada para que possa temer uma segunda barbárie!

Que o bom gosto literário, o bom senso das ciências, a profunda, vasta e indispensável luz da doutrina, o magistério do pensamento, o treino da escrita, a eloquência do discurso, o amor à virtude, o reto viver, a atividade da ação tornada rara, sejam desejados, queridos, amados pelas populações e especialmente pelos italianos espalhados pelo mundo, e mais ainda por este que vive no generoso Brasil, para que o bem comum das nações resulte em suma. O homem vale tanto e pode ser tanto quanto sabe; as pessoas que não sabem nada não valem nada, as que sabem pouco valem pouco e, finalmente, as que sabem muito valem muito: foi o que escreveu Francis Bacon.

Os sábios sempre foram avessos à loteria e, na distribuição de cargos, preferiam a razão figurativa à numérica: *sorte et urna mores non discerni. Irocrat: Orat: areop: A. Pessolano (Gl'Italiani in San Paulo, 10 Maggio 1888, num. 97, anno III, p. 2).*

ANEXO C – JORNAL L'UNIONE

Coluna L'istruzione tra i figli degli'italiani al Brasile



Educação entre crianças italianas no Brasil

São notas leves que escreverei sobre o crescente jornal dirigido pelo bom publicitário Belli, de notas leves e difícil, mas inspirado pela verdade e ditado pela experiência em educação, à qual me dediquei em minha juventude.

Nós, italianos, estamos tão acostumados a falar sobre educação que meus artigos virão da maioria dos leitores, uma careta: mas isso não importa; Vou tentar fazer o meu caminho e espero que, com o tempo, até os mais relutantes acabem dando valor ao que é útil.

Em outro momento em que a corrente de imigração italiana estava próxima daquela insignificante, e não chegou a essa terra hospitaleira, exceto por uma ganância corajosa de fazer uma fortuna e depois retornar, teria sido um trabalho inútil lidar com essa suposição.

Agora não; agora somos centenas de milhares; há uma imensa multidão aqui de manter criaturas quase portadoras da Itália, outras nascidas aqui; e ambos, deixe-me dizer, eles vivem em quase completa ignorância.

E é realmente doloroso produzir tal fato; mas é importante ressaltar, até descobrir o flagelo e buscar de todas as maneiras os remédios oportunos e eficazes. É absolutamente necessário nos livrar desse tipo de letargia mental, dessa inação prejudicial. Por isso, tentarei contribuir para o que minhas forças fracas me permitem fazer e ficarei muito feliz se alguma fruta puder atrair a comunidade italiana à qual eu as dirijo exclusivamente. G. Brebiglieri (*L'Unione*, 5 Agosto 1894, n. 2, anno I – Campinas-SP).

ANEXO D – JORNAL L'UNIONE

Coluna *L'istruzione tra i figli degli italiani al Brasile*

Già in altri tempi, deputati tutt'altro che radicali, Lanza e Sella, per citarne qualcuno, parlando sull'economia del Paese, dissero che l'esempio doveva venire dall'alto.

È l'esempio per primo lo diede Vittorio Emanuele, il quale dopo l'assunzione del Veneto all'Italia rinunciò spontaneamente a 5 milioni della sua Lista. Nel 1880, essa ebbe un aumento di 2 milioni giungendo alla cifra di 14 milioni e mezzo.

Ora, Umberto I., nell'opera sua antifronda di Monza volle nuovamente rendersi ragione di tutte le possibili economie da farsi e trovò di poter accordare qualche milione al bilancio dello Stato togliendolo dalla sua particolare amministrazione.

Il Re terrebbe per suo uso il Quirinale, la Villa Reale di Monza, i palazzi reali di Torino, Firenze, Napoli e Capodimonte, passando le altre reggie allo Stato.

Rimarebbero senza modificazioni, proprietà della Corona le Ville di Racconigi, Pollenza, Cognò, Valdieri, Castelporziano, Stupinigi, Moncalieri e Superga.

Tutto il bene che Re Umberto vuol fare è semplice atto di sua volontà.

Togliendo così netto alla mosca di parte, la rivoluzione del popolare Umberto I., viene per l'Italia in un eccellente punto, producendo buona impressione ovunque.

L'istruzione tra i figli degli Italiani al Brasile

I.

(G. H.) La popolazione italiana nel Brasile (e specialmente nello Stato di S. Paulo) si può dividere in due grandi categorie ben distinte.

Quella che mena vita stabile nelle città e centri popolosi, e quella stabilita nelle immense *fazendas*.

È facile a capirsi che i primi si dedicano quasi esclusivamente alle industrie, al commercio ambulante: nei suoi molteplici rami, ed alle arti e mestieri.

I secondi si occupano di agricoltura, sia lavorando nella coltivazione del caffè alle dipendenze dei *fazendeiros* che li pagano per giornata o a contratto annuale; sia lavorando per la produzione dei cereali, legumi ecc.

Ed è fra questa seconda categoria di emigranti che tornerà alquanto difficile il far conoscere l'alta importanza di istruirsi, sacrificando un po' di tempo e spendendo una minima porzione del guadagno che usufruiscono.

Dico difficile, ma non impossibile; difficile perché sono meno degli altri al contatto con tutto ciò che può contribuire ad incoraggiare, ad incitare dirò così, allo studio, all'ingentilimento. Infatti nelle *fazendas* non si leggono giornali, non hanno luogo riunioni patriottiche né feste nazionali, che volere o no, hanno sempre qualche cosa di magico; suscitano l'amore al sapere, incitando l'uomo a divenir migliore di quello che è; ad emergere, quindi, conseguenza logica, immediatamente, ad istruirsi.

D'altronde la docilità naturale del campagnuolo è anche un circostanza assai favorevole, perché con una propaganda ben diretta si possa ottenere da lui molto più di quello che a prima vista si crede.

Nelle città il terreno, come si è detto, è più neccioso, e mi sembra che con meno somma di sacrifici, si potrà ottenere almeno una approssimazione al desideratum.

È ciò naturalmente per ragioni tutt'affatto inverse a quelle che militano a sfavore degli abitanti *le fazendas*.

(CONTINUA)

VARIE

L'influenza italiana e inglese

Il governo italiano e quello inglese hanno comunicato a tutte le grandi potenze, compresi la Turchia, copia del protocollo relativo alla delimitazione delle sfere d'influenza italiana ed inglese in Africa.

La Germania e l'Austria hanno già risposto, prendendo atto della comunicazione.

Dopo gli ultimi addezzamenti ed i recenti matrimoni, il numero dei sovrani o dei futuri sovrani di cui le principesse desiderose di cinger corona possono ancora disputarsi il cuore e la mano, è ridotto a dodici.

Essi sono:

Il principe di Napoli, l'arciduca Francesco Ferdinando, il principe Ruperto di Baviera, il principe Cristiano di Danimarca, re Alessandro di Serbia, il principe Alfredo di Sassonia Coburgo e Gotha, il principe Federico Ernesto di Sassonia Altenburg, il principe Federico di Waldeck, il principe Alberto del Belgio, il principe Guglielmo Ernesto di Sassonia Weimar e finalmente il principe di Monaco.

Educação entre os filhos de italianos no Brasil

A população italiana no Brasil (e especialmente no estado de São Paulo) pode ser dividida em duas grandes categorias distintas.

O que leva a uma vida estável nas cidades e centros populosos, e o estabelecido nas fazendas imensas.

É fácil entender que os primeiros se dedicam quase exclusivamente às indústrias, ao comércio dividido em seus vários ramos e às artes e camisas.

Estes últimos lidam com a agricultura, ambos trabalhando no cultivo de café empregado pelos fazendeiros que os pagam por dia e com base no pagamento por dia ou em um contrato anual; ambos trabalhando para a produção de cereais, legumes, etc.

E é nessa segunda categoria de compatriotas que será muito difícil dar a conhecer a alta importância de se educar, sacrificando um pouco de tempo e gastando uma taxa mínima dos ganhos que recebem.

Eu digo difícil, mas não impossível; difícil porque eles estão menos em contato com tudo do que os outros, o que pode contribuir para incentivar, encorajar, direi, estudar, amolecer. De fato, nas fazendas os jornais não são lidos, reuniões patrióticas ou feriados nacionais não acontecem, querendo ou não, sempre trazem algo mágico; estimular o amor ao conhecimento, incitando o homem a se tornar melhor do que ele é; emergir, portanto, uma consequência lógica, imediatamente, a ser educada.

Por outro lado, a docilidade natural do compatriota também é uma circunstância muito favorável, porque, com uma propaganda bem dirigida, pode-se obter muito mais dele do que se acredita à primeira vista.

Nas cidades, a terra, como se diz, é mais apropriada, e parece-me que, com menos soma de sacrifícios, é possível ao menos obter uma aproximação ao desiderato. E isso, é claro, por razões exatamente opostas às que militam contra os habitantes das fazendas (*L'Unione*, 9 Agosto 1894, n. 3, anno I – Campinas-SP).

ANEXO E - FIGURA 16 - PÁGINA 1 ED. 141 E SUPLEMENTO
EXTRAORDINÁRIO

20 SETTEMBRE

Da diciott'anni l'italiano vessillo tricolore sventola sulle cime del Campidoglio allo splendido sole che brilla sulle storiche colline della Città Eterna!

Il cuore d'ogal italiano esulta d'orgoglio e di soddisfazione alla ricorrenza di questo fusto anniversario.

L'Italia non commemora quest'oggi il fatto solamente della entrata in Roma delle sue truppe: essa festeggia l'affermazione d'un diritto da secoli contrastato, quello della sua nazionalità; il trionfo della libertà e del progresso sul dispotismo e l'oscurantismo; il colpo mortale dato ad un preteso diritto mistico e soprannaturale; la vittoria del diritto sacrosanto, indiscutibile, imperituro dei popoli alla loro indipendenza e nazionalità; la prova che non vi ha nulla d'inviolabile che non siano la ragione, la giustizia e la libertà.

Il potere temporale dei papi, del re dei re, del supremo rappresentante del divino diritto è caduto per sempre davanti all'incrollabile volontà d'un popolo unanime:

Roma, Capitale d'Italia è là per provarlo!...

Resta però ancora una forza formidabile, invisibile, impalpabile e più difficile a combattere ed a vincere: la superstizione che colle sue mille spire avvince la buona fede delle masse credenziose.

Contro di essa nulla valgono i cannoni e gli eserciti; l'istruzione soltanto e le libere istituzioni potranno aver ragione di quest'arma dei preti, la quale maneggiata da un nemico numeroso, implacabile, ferisce ed uccide nelle tenebre. Ma, il popolo italiano saprà lottare e schiacciare l'eterno nemico della sua indipendenza e della sua libertà, per la quale tanti gloriosi martiri si sono sacrificati.

A Roma Capitale d'Italia mandiamo dal profondo del cuore un affettuoso ed entusiastico saluto

VIVA ROMA CAPITALE!
VIVA L'ITALIA!

20 DE SETEMBRO

Há dezoito anos a "bandeira tricolor italiana" tremula sobre os picos do Monte Capitolino, sob o sol esplêndido que brilha nas colinas históricas da Cidade Eterna!

O coração da ogal italiana se alegra com orgulho e satisfação no aniversário deste feliz aniversário,

Hoje a Itália não está apenas comemorando a entrada de suas tropas em Roma. Celebra-se a afirmação de um direito contestado há séculos, o da nacionalidade; O triunfo da liberdade e do progresso sobre o despotismo e o obscurantismo; o golpe mortal dado a um suposto direito místico e sobrenatural; a vitória do direito indiscutível, incontestável

e imperecível dos povos à sua independência e unidade: a prova de que não há nada inviolável exceto a razão, a justiça e a liberdade.

O poder temporal do papa, do rei do rei, do representante supremo da lei divina caiu para sempre diante da vontade inabalável de alguns.

ponto unânime:

Roma, a capital da Itália, está aí para provar isso:...

Mas ainda resta uma força formidável, invisível, impalpável e mais difícil de combater e derrotar: a superstição, que com suas mil voltas enreda a boa-fé das massas crentes.

Contra ela, canhões e exércitos não servem para nada; Somente a educação e as instituições livres poderão vencer essa arma dos sacerdotes, que, empunhada por um inimigo numeroso e implacável, fere e mata na escuridão. Mas o povo italiano saberá lutar e esmagar o eterno inimigo de sua independência e de sua liberdade, pelas quais tantos mártires gloriosos se sacrificaram.

A Roma, capital da Itália, enviamos do fundo do coração uma saudação afetuosa e entusiasmada.

VIVA ROMA CAPITAL!

VIVA A ITÁLIA! (*Gl'Italiani in San Paulo*. 20 settembre 1888, num. 141, anno III, p.1)

GLI ITALIANI IN SAN PAULO

Supplemento Straordinario al N. 141 del 20 Settembre 1888

OMAGGIO AL 20 SETTEMBRE 1870

LA LIBERAZIONE DI ROMA NEL 1870

CAPITOLO I.

I preparativi e le mosse

Fin dalla metà d'Agosto un corpo di armata di tre divisioni andavasi raccogliendo a spizzico, e alla sordina, sugli estremi lembi dell'Umbria e della Sabina, e, dalle origini della Paglia, sino al passo di Corese descriveva un semicerchio quasi non interrotto intorno al capriccioso e mal definito confine pontificio.

Il corpo d'Armata, lo rammentiamo soltanto per precisione di cronisti, era posto sotto gli ordini del generale Cadorna uomo giudicato per molti titoli idoneo a una missione essenzialmente diplomatica, e comandante, per diritto d'anzianità, la Divisione territoriale di Firenze dalla quale le truppe del Corpo d'Armata erano principalmente levate.

Fra il 18 e 19 d'Agosto i generali partirono dalle lor stanze per prendere il comando dei rispettivi corpi. Il Generale Cadorna stabiliva il quartier Generale principale a Spoleto; il Generale Cosenz a Rieti; il Generale Mazé a Terni; il Generale Ferrero a Orvieto.

Era chiamato «Corpo d'osservazione» e pareva infatti che dovesse star lì soltanto ad osservare che i patti della riu-scita convenzione di Settembre fossero mantenuti, e che nessuna camicia rossa sgattaiolasse, tra le fratte della Fara, e le macchie della Maremma grossetana, a turbare il ripreso lavoro de' mezzi morali e la pace del Pontefice.

Chiunque però aveva un briciolo di acume, e non era digiuno delle tradizioni delle furberie italiane, capiva subito che quel concentramento straordinario di forze poteva benissimo figurare due politiche diverse e raggiunger comodamente due scopi opposti: valere cioè tanto a sbarrare ai volontari di Garibaldi le vie di Roma, come a sgombrarle alle insegne di Vittorio Emanuele, se la occasione d'osar senza rischio si fosse presentata.

E per quanto essa medesima si compiacca e viva di s'oppiatti e di ambiguità, pure la Diplomazia europea non si sarebbe lasciata pigliare ai nostri inganni, se due potentissime cagioni non avessero distratti i suoi sguardi dalle cose italiane, e forato ad appuntarli sopra un orizzonte ben più oscuro e minaccioso. E coteste due cagioni, ognuno le indovina, erano: primo la guerra struggitrice accesa tra due potentissime nazioni, che metteva in forse l'esistenza dell'una e minacciava scardinar l'equilibrio europeo: secondo, la nessuna ambizione che le potenze d'Europa avevano d'ingolfarsi nell'agrovigliato spineto della quistione Romana, dove era facile, come mostrò la Francia, mettere il piede, ma difficile, almeno con decoro e vantaggio, ritrarlo.

Europa al cospetto della Francia agonzante, sotto il piede della Germania inebriata, dimenticavano che ci fosse una Italia ed una questione di Roma: le passioni dalle più nobili alle più ree si agitavano, i partiti gareggiavano di audacia e d'ambizione, la stampa traduceva con mille accenti lo stesso pensiero, il paese tutto quanto, dalle più popolate città ai più ignorati villaggi, trovava una parola, un voto, un verdetto per Roma; quel mite soffio d'aura propizia, che da tanto tempo ci gonfiava la vela, era cresciuto come un vento, ingrossato come un turbine, e tutto sommoveva e trasportava; il vano fantasma della rivoluzione poteva prendere da un istante all'altro un corpo ed un'anima; la fortuna, che aveva sfacciatamente tradito gli eroi di Worth e di Gravelotte, ci ronzava intorno da un mese, da un mese ci blandiva, ci accarezzava, ci attirava fra le sue braccia; la voce del destino suonava così possente, che virtù era il resistervi, non l'ascoltarla. E chi mal avrebbe sbarrato il cammino a un Governo chiamato a compiere i decreti della provvidenza, che si levava campione dell'ordine in mezzo all'anarchia, che inviava le sue armi a proteggere il trono dei suoi nemici, che andava a risolvere il problema di Voltaire colle parole di S. Ignazio? Oh godi Italia poiché sei sì grande ed avventurata; ma non dimenticarti che la virtù soltanto conserva gli stati creati dalla sorte, e ti valga il consiglio del tuo Poeta che è

« » corta la buffa
De' ben che son commessi alla fortuna,
Perchè l'umana gente si rabbuffa.

Per siffatte cose il Ministero riesci a bandire la chiamata di nuove classi dell'esercito, senza destare al di fuori nè un sospetto, nè una querimonia, e poté ottenere dal Parlamento un voto di credenza di 40 milioni, che lusingava abbastanza la speranza degli avversari del Poder Temporale, senza risvegliar troppo l'allarme dei suoi avvocati.

Pur, tuttavia, sino alla catastrofe di Sedan, che spezzò, in una colla spada di Cesare l'unico e l'ultimo propugnacolo del trono pontificio, è molto incerto se il Governo italiano si sarebbe tenuto sciolto dalle promesse iteratamente fatte in Parlamento, o se avrebbe osato valersi dell'armi ammassate al confine per rovesciare quell'ultima barriera di ostacoli materiali che, per legge naturale, i soli mezzi morali non sarebbero mai riesciti a scrollare. Ma, dopo quell'avvenimento, ogni indugio sarebbe parso insano anche a' più titubanti. L'uomo che aveva dettato la convenzione del settembre era un prigioniero di guerra; la Francia non aveva più armi, Governo, politica, fuorché quella della disperazione; il tumulto popolare aveva levati al potere gli uomini che si erano opposti

Frattanto il Governo, sebbene con furia minore degli eventi e dei desideri, s'affrettava a modo suo: le tre divisioni erano fornite d'ogni cosa necessaria al campo; le ferrovie trasportavano ogni giorno, verso il confine, un nuovo materiale da guerra: oggi era il servizio d'intendenza, domani quel d'ambulanza poscia la telegrafia campale, e finalmente una riserva grossa di sei battaglioni di bersaglieri, d'un reggimento di cavalleria (Novara) d'una brigata d'artiglieria da posizione, era aggiunta al corpo d'osservazione, sotto gli ordini immediati del comando generale.

Però, tra i 6 e i 7 di settembre, le ultime celate cadevano, e i propositi della nazione, la politica del Governo e lo scopo di tanto moto di armi, ed armati apparivano chiari ed aperti. Il Conte di S. Martino *Fociale* preconizzato della guerra imminente, e quasi raffigurato dai giornali come il Popilio che doveva chiudere la curia romana nelle pieghe della sua toga, era già sulle mosse per recare al Papa le lettere e le profferte, e delle quali è a credersi che così gli autori come l'ambasciatore non vorranno inorgoglire; e nel mentre stesso, il Ministero, coll'evidente intendimento di incutere al Papa un salutare terrore, e di cansare un'inutile lotta ed inglorioso spargimento di sangue, adoppiava le forze apprestate ed associava al corpo di armata altre due divisioni.

Affinché però non sia concessa lunga vita a perniciose illusioni è bene dir subito che tutte queste forze, sommate le riserve e tutti gl'inservibili non valori, arrivavano appena a 40 mila uomini.

La divisione Bixio fu, può dirsi improvvisata.

A' sei di settembre era decretata, non ancor nata; in tre o quattro giorni essa doveva esser pronta a marciare e combattere. E bisognava andar a prendere i reggimenti e il materiale in tutte le zone militari del Regno, e di tanti disparati elementi, ignoti, per non dire eterogenei tra loro, formare quel tutto omogeneo vitale ed organico che si chiama una divisione attiva.

E non si aspettava più che l'ordine di marciare su Roma.

Ma arriverà l'ordine tanto sospirato? Il conte di S. Martino era certamente partito per Roma; ma chi assicurava che la Curia romana non fingerebbe accettare le proposte da lui recate e non cercherebbe salute nell'indugio dei negoziati? E chi garantirà che, nel frattempo, questa o quella potenza d'Europa, anche la più minuscola, non apponga il suo veto e che il più piccolo sassolino non basti ad arrestare la corsa d'un carro affidato a mani così deboli ed incerte? E non era forse lecito pensare che nel governo, così ondeggiante da tanto tempo, la corrente dell'attendere prendesse il sopravvento su quella del risolvere? E finalmente chi sarebbe stato mallevadore, dopo gli esempi passati, che anche spedito l'ordine, tosto non corresse dietro un contr'ordine, e che, nel momento stesso di porre il piede oltre le linee vietate, il comando del ritorno non ci raggiungesse e non ci arrestasse?...

Questi ed altrettanti furono i discorsi, le speranze e i timori di tutti, per tutta quella lunga interminabile giornata del 10, passata tra ansie quasi febbrili a interrogare tutti i segni del telegrafo, a tirare l'oroscopo della politica in tutti i versi e in tutti i tuoni.

Finalmente alle 10 verso mezzanotte, arriva un lungo telegramma in cifre: era l'aspettato; era l'ordine. Esso diceva press'appoco così: — Il generale Bixio passerà il confine non prima delle 5 pom. di domani undici, e non dopo le 5 ant. di posdomani 12 settembre. Il suo principale obbiettivo sarà etc..

— Sta bene, disse il generale, domani a 5 ore e un minuto saremo al di là del confine. E furono dati nella notte stessa gli ordini conformi.

Lo stesso ordine perveniva, naturalmente al Comando Generale del corpo d'armata accampato lungo il Tevere. Ma, per comprendere le posizioni e le mosse di questo, ci è duopo risalire addietro di qualche giorno.

Il concetto che aveva primamente presieduto alla *dislocazione*, parola barbara ma tecnica, delle truppe lungo il lato orientale del confine pontificio, era stato quello che il più elementare buon senso, nonché le norme fondamentali d'ogni buona strategia doveano suggerire a chiunque volesse arrivare a Roma per la via più facile e più breve; cioè sconfinare nel punto più prossimo a Roma, per la Salara e la ferrovia guadagnare i ponti del Teverone, e investire la città dalla sinistra del Tevere, il di cui passaggio diventava per questo superfluo.

Guidato da questo sano criterio, il generale Cadorna aveva distribuite le sue forze nella zona chiusa tra la Nera e il Corese tenendosi piuttosto ammassato verso il Passo Corese, che era il punto naturalmente indicato al passaggio del confine. Soltanto la divisione Ferrero pareva dovesse sempre operare sulla destra del Tevere con Viterbo o Civitavecchia per obbiettivo.

La riserva, posta sotto gli ordini del Generale Corte, marciava per Stimigliano e il Quartier Generale di tutto il corpo d'armata arrivava il 10 mattino a Magliano.

Evidentemente il primo concetto era stato abbandonato; si voleva passare il fiume a ponte Felice, o ad Orte, marciare su Civitacastellana, e passeggiare un po' la campagna romana.

Per quanto abbiamo cercato la ragione di questo movimento, il quale, una volta passato sulla destra del Tevere, ci poneva nell'alternativa o di attaccar Roma dal lato più forte, o di ripassare di nuovo sulla sinistra del fiume, e ci obbligava in tutti i casi a raddoppiare la via, non ci fu dato avere che questa comoda risposta « ragione politica ». Si voleva vincere indugiando, dar tempo al Papa di ravvedersi, alla diplomazia di abituarsi alla nostra scappata, alle popolazioni di esaltarsi allo spettacolo delle nostre armi, ed al via vai delle nostre truppe.

Malgrado le difficoltà di un terreno, dove a grave stento passava l'artiglieria, malgrado l'estensione relativa della zona, l'investimento di Civitavecchia fu fatto con mirabile rapidità e precisione e può dirsi che: partiti alle ore tre e mezzo antimeridiane del 15 da Corneto, alle ore 10 Civitavecchia era già circondata da tutti i lati e il suo assedio incominciato; dappoiché sul mare vegliavano i legni della nostra squadra, formidabile schiera, la Dio mercè affidata questa volta a mani sicure, e che avrebbe fatto impallidire qualsivoglia più baldo nemico.

Verso le 11 il capitano Orero partiva preceduto dalla bandiera bianca del parlamentario a portar l'intimazione della resa. Noi piantammo il quartiere generale a Torre d'Orlando.

CAPITOLO II^o

Occupazione di Civitavecchia

Il capitano Orero venne ad annunziare che Civitavecchia pretendeva 24 ore di tempo.

—Non accordo un minuto di più rispose Bixio, e il capitano se ne tornò... farò di tutto per risparmiarla!...—

Così andava borbottando fra se quell'uomo che molti, misurandolo alla stregua della propria anima di coniglio, si figurano una jena assetata di sangue, e un Gargantua insaziabile di pasto umano.

E così si preparava ad agire; ché, dato convegno, per mezzo di segnali convenientemente appostati, all'ammiraglio del Carretto, accordavasi con lui che, messo nella vera necessità di far uso della potente artiglieria della flotta, tre soli legni di essa sarebbero venuti ad imbozzarsi sotto i bastioni, ed avrebbero tirato d'infilata sui forti di mare e in arcata soltanto sui forti di terra, in guisa da preservare; in tutti i casi la innocente città.

Né la resistenza era allora così improbabile, come a taluno potrà ora sembrare. Il presidio di Civitavecchia era composto di due elementi diversi che, in quell'occasione suprema, si contendevano naturalmente il primato ed il comando. L'elemento delle truppe indigene, principalmente rappresentato dal Comandante in capo della fortezza, il colonnello Serra, o per previdente sollecitudine della propria posizione, o per una reliquia d'affetto a una città Italiana, stava per la resa. L'elemento straniero invece, che faceva capo a un maggiore degli zuavi, certo sig. d'Albiousse, per sentimento d'onore militare verace o militante, era per la resistenza, o almeno per un semblante di essa.

E, fino a mezzanotte del giorno 15, queste due forze si disputavano il terreno e l'arbitrio della risoluzione decisiva.

Ma, verso mezzanotte, un nuovo elemento venne a cader nella bilancia e a darle il tracollo: l'elemento cittadino.

E' a sapersi che alle 8 della sera stessa una commissione del Municipio di Civitavecchia presentavasi a Torre d'Orlando chiedendo di parlare al Comandante in Capo. Questi era assente. Ma essa non tardò a farci manifestare le sue intenzioni. Era venuta per chiedere al Generale che fosse risparmiato alla città il bombardamento e per implorare da lui condizioni di resa così miti e liberali, sì che al presidio fosse tolta ogni ragione di rifiutarle.

Bixio, il quale aveva già rifiutato di ricevere i Consoli Francesi e d'Inghilterra per la giustissima ragione che, non avendo ricevuti dal Governo ordini di trattare con Consoli, ei non voleva di sua testa aprir l'adito a raggiri e lungherie diplomatiche; Bixio ricusò di ascoltarli. L'accorto Generale sapeva assai bene che quella calcolata ruvidezza avrebbe fatto più effetto d'una bordata di Armstrong. E infatti a quell'accento, a quella brusca risoluzione, i Municipali restarono come pietrificati di spavento e

persuasi forse d'aver a che fare con un Haiynau o con un Muravieff, corsero in città a diffondere il loro terrore. Come era venuto l'ultimo giorno di Civitavecchia. I Saraceni la distrussero nel Medio Evo; Bixio l'avrebbe arsa nel Medio Evo. La popolazione, svegliata a tali notizie non tardò a precipitarsi nelle strade a chiedere ad alta voce la resa. Vuolasi anzi che, ammassata sotto le finestre del Comandante, ardisse persino pronunciare sediziose grida e minacciose scongiuri di sommossa. Tanto coraggio si fondeva la paura.

Il Serra, già predisposto a evitare un sanguinoso conflitto, gli zuavi, al quale soltanto la voglia teatrale di drappellarsi da eroi, aveva messo indosso i primi grilli di resistenza; tutti convennero che era mestieri cedere alle minacce del Totila che stava alle porte, alle forze smisurate di cui disponeva, al terrore della popolazione, e mandarono, verso mezzanotte, due parlamentari a offrire la resa.

I patti furono presto accordati. Il comandante chiese che fosse lasciato al papa il pieno e libero uso del piroscalo, l'*Inmacolata Concezione*, che chiamano il *Bucciatoro* anche per il caso ch'egli volesse fuggir da Roma e d'Italia; e fu subito concesso. Alla pretesa invece di accordare agli zuavi ed agli stranieri l'onore dell'armi, Bixio oppose un secco e brusco rifiuto, e fu ben fatto l'acconciarvisi.

E alle sette precise del giorno 16 un ripercosso cannoneggiare ci avvertì che la *Terribile* entrava con tutti gli onori della vittoria nell'acque di quella fortezza, dove pochi giorni prima un bastimento italiano non poteva entrare senza ammainare la bandiera.

Alle dieci toccò la volta alle truppe di terra. Si entrò in tre colonne, ciascuna per la via sulla quale aveva preso campo, e per la porta dalla quale avrebbe dovuto penetrare se si combatteva. Quindi tutto il quartier generale ed i granatieri per porta Corneto; la colonna Crispo per porta Trajana; la Brigata Reggio per porta Romana. L'ingresso fu così regolare e simultaneo che le teste delle tre colonne si incontrarono nel foro Giulio, nel centro della città. Pareva una manovra in piazza d'armi, e fu veramente un movimento stupendo e solenne.

Il giorno istesso che Civitevecchia cadeva in potere della divisione Bixio, il generale Cadorna preparava il passaggio del Tevere.

Preso posizione, piantato il quartiere generale si stette aspettando l'ordine di avanzare. E mai aspettazione fu più irrequieta e tormentosa. Roma era là che torreggiava sull'immenso mar morto della campagna come un naviglio gigantesco che confonde la sua cima col cielo; era là che ci invitava colla mole michelangiolesca del suo S. Pietro, coll'ombra augusta del suo Colosseo, colle infiniti voci che uscivano dalle sue rovine coperte dalla polvere di due civiltà, coi mille gemiti di martiri caduti, da Arnaldo ai fratelli Cairoli, per la sua redenzione e precursori dell'impresa che oggi trionfa; era là che ci attraeva, ci affascinava e ci sfidava ad un tempo coi suoi arcani destini, coi suoi formidabili problemi; e noi, per due parole di telegramma, eravamo li confitti su quel quadrato di landa maremmana, mentre due altre sole parole avrebbero bastato a metterci l'ali al piede e a farci divorare lo spazio.

Inoltre, considerata anche solo la ragione militare, avanzando si utilizzava il tempo, si guadagnava terreno, si aveva agio di scandagliar le posizioni, di trovarsi più prossimi e preparati all'assalto non lontano.

Trascorsero così lente ed angosciose sei ore. Finalmente, un telegramma è annunziato dal nostro ufficio di campo, e quest'annunzio passa in mezzo allo stato maggiore, preso dal doloroso letargo dell'aspettar senza speranza, come una corrente elettrica: Bixio si precipita co-

... e anche la fiamma a leggere le prime cifre, il cifraggio non s'aggiusta bene, le cifre si formano a stento, il telegramma è accento di antichità, la rapidità della pila-elettrolitica diventa al paragone un nostro desiderio, un'ironica lentezza, e soltanto le cifre succedono a cifre, il telegramma si forma, non c'è dubbio, è l'ordine di partenza. Il generale Cadorna avverte che egli attaccherà domani all'alba e invita il generale Bixio a fare una diversione a Porta S. ... con quante forze può disporre, ... partarsi in un giorno, da Civitevecchia a Roma.

CAPITOLO III.

Occupazione di Roma.

Bixio si precipita in carrozza e corre a mettere in movimento egli stesso la divisione, intanto che una guida a cavallo porta lo stesso ordine ai bersaglieri del colonnello Crispo, a Ponte Milvio.

La divisione stava scodellando il rancho, quando gli casca, in mezzo quel fulmine «Bixio» e quella bomba «Roma». L'appetito sparisce, la stanchezza è esultata, le gambe ballano, i ranghi si rompono per incanto, le armi son riprese, ma baleno, la divisione cala da tutte le parti in colonne serrate sulla strada, la cavalleria precede e l'artiglieria s'infilza al suo posto di marcia, e la fanteria serra al passo di carica..... Viva Roma!

Oh certo, dal quel che era ne' primi giorni la divisione non era più riconoscibile. Bastò una settimana di quell'esercizio, di quella ginnastica, di quel mestro perché, da una massa quasi inerte, diventasse un corpo animato, e una gran parte de' difetti contratti nell'immobilità e nella pigrizia scomparissero, o almeno non osassero più mostrarsi.

Eravamo giunti leggeri e spediti al terzo miglio da Roma e precisamente sulla testa dell'avanguardia a villa Mattei. Ma le moli dell'eterna città eran già dilagate col sole de' nostri occhi, la notte, fitta e gelata, ci avvolgeva da tutte le parti, la strada, le campagne, le case, ogni cosa all'intorno si confondeva in una nera caligine; il vicino più non riconosceva il vicino, la colonna camminava quasi a tentone ed era mancato il tempo di esplorare di giorno le posizioni antiche; era giocoforza arrestarsi.

Bixio cacciò la divisione nella pianura vastissima che si stendeva a sinistra della via, spinse gli avamposti oltre villa Mattei.

Però nella notte stessa del 19, giovanotto della sola carta topografica e di quel poco che a lui, già combattente altre volte su quei campi, soccorreva alla memoria, diede le sue istruzioni.

Vedere Diana tremolava ancora nel cielo oriente; i crepuscoli dell'aurora battavano ancora timidi ed incerti contro la notte, che già tutto il nostro campo era in moto. Ogni colonna prende per la sua via designata, ogni arma marcia al suo posto, gli ufficiali fan sentire più viventi i lor comandi, camerati si stringono in silenzio la mano, e si sussurrano all'orecchio «ci siamo»; un colpo di cannone, due colpi, tre colpi, si fanno sentire in lontananza, il cielo s'imbianca repente de' primi chiarori del giorno: è l'alba del 20 settembre—l'alba di Roma.

Ma lasciamo che la divisione proceda per la sua via e andiamo a cieder notizie del generale Cadorna e del quarto corpo d'esercito.

Un finto attacco doveva essere cominciato dalle divisioni Ferrero ed Angioletti, che dovevano perciò essere le prime ad aprire il fuoco. La prima, sbucando per la via Tiburtina, doveva attaccare da Porta Maggiore e Porta S. Lorenzo; la seconda, venendo da via Appia, doveva stendere l'attacco da Porta S. Giovanni a Porta Latina.

Il vero attacco invece doveva essere fatto dalle divisioni Cosenz e Mazé che, salitrando per la via Salaria e Nomentana, dovevano, col concorso della grossa artiglieria della riserva, attaccare simultaneamente la Porta Pia e Salaria.

La divisione Bixio, come è già detto, doveva tentare di produrre una forte diversione sulle destra del Tevere, libero l'attacco da Porta Portese a Porta S. Pancrazio; ma rispettando in ogni modo la città Leonisa e la sua cinta.

Con un nemico più agguerrito e terribile, con una città più munita e disposta all'assalto, sarebbe stata buona arte di non concentrare in un sol punto, o almeno in pochi, gli attacchi e le offese, e poiché son sempre difettosi i piani che mandano troppo la loro linea d'opera-

zione e attaccano debolmente in più punti. Ma, poichè tale era la tempra del nemico e l'indole della guerra che si combatteva, che ogni più innocente scaltrimento militare diventa superfluo, il generale Cadorna pensò ottimamente ad attenersi al piano più sollecito e più semplice, e ad atterrire e sorprendere, con la più simultaneità de' colpi e l'apparato delle forze, un nemico desideroso di arrendersi. La soldatesca pontificia infatti non doveva che a gran stento arrivare agli 8 mila soldati, e una tale accozzaglia, la quale non aveva per sé nemmeno la ragione del numero, non poteva difendere una cinta di ben venti chilometri senza essere debole in tutti i punti.

Inoltre, la piazza, se così Roma può essere chiamata, scarseggiava di artiglierie, e, tranne i bastioni del Gianicolo e del Vaticano, muniti di cannoniere e di qualche opera fortificata, tutto il restante delle mura non presentava un solo punto per il collocamento delle artiglierie. Unica difesa, alle porte erano ridotti in terra, muniti ciascuno di qualche pezzo; ma ognuno sa che cosa valgono contro pezzi da posizione queste opere improvvisate.

Il primo cannone che noi avevamo udito nella strada di Tiradivoli era quello delle divisioni Ferrero e Angioletti che alle 5 e un quarto precise avevano iniziato l'attacco. Le artiglierie del Ferrero avevano rivolto i loro colpi contro gli archi della ferrovia difesi da uno dei già rammentati ridotti; quelle dell'Angioletti si diedero a cannoneggiare San Giovanni, difesa allo stesso modo.

Poco dopo, i dodici pezzi di posizione, che fin dalla sera precedente erano stati collocati in batteria sui terreni che corrono tra la villa Albani e la villa Falzacappa, prendevano di mira quel tratto di muraglia che corre tra la porta Pia e la porta Salaria e la battevano in breccia. E contro quello stesso bersaglio il generale Cosenz aggiungeva i colpi di una batteria di campagna mentre coll'altra picchiava contro porta Salaria, la quale, interrata per di dentro da cima a fondo, resisteva tenacemente.

Il generale Ferrero invece puntava una delle sue batterie contro la porta Pia, debole e indifesa, che fin dai primi colpi incominciava a vacillare e l'altra dirigeva contro il Castro Pretorio, nido antico e fortificato di quella soldataglia, che dietro i vani delle finestre e delle feritoie improvvisate, tempesta di fucilate i petti scoperti dei nostri.

Ma i petti scoperti dei nostri.

Da tre ore durava così il fuoco contro la cinta orientale di Roma, la breccia cresceva a vista d'occhio, la villa Bonaparte, involta da vortici di fiamme, simbolo che la fortuna del suo Signore cominciava a crollare da tutte le parti; i ridotti di porta Pia erano stati costretti al silenzio; e la porta stessa non si reggeva più sui cardini; in fine, anco la porta San Giovanni, quantunque saldamente rivestita, minacciava rovina. Ancor pochi passi e la strada dell'assalto era aperta, e la fanfara gioconda dei nostri bersaglieri apriva la corsa finale.

Ma intanto che quest'ora s'affrettava e si consuma, torniamo a trovare i nostri camerati nella seconda divisione in marcia per villa Pamfili.

Alle 6 ognuna delle tre indicate colonne arrivava alle assegnate posizioni. Il movimento era stato eseguito con precisione, e, poichè trattavasi di sboccare senza incontrarsi per le molte vie che ivi si confondono e s'intrecciano, ed era mancato ai comandanti il tempo di studiare il terreno, né alcuna guida del luogo ci dirigeva, così è giusto il prenderne nota, come di cosa che onora gli ufficiali che lo diressero.

sante ceneri si mescolasse il cenere vile d'un solo di questi prezzolari avventurieri, e il sangue che scorrerà fra poco a irrorare le zolle inzuppate dal vostro, sarà ancora sangue di martiri e di fratelli.

Scagliati all'ingresso della villa Panfilì pochi colpi di cannone, più per tastare terreno e per snidarne ogni eventuale insidia, che per battere la città, Bixio si cacciò senz'altro cercare nella villa e andò a pianta le batterie sotto il Casino de' quattro venti, e di là, a circa 300 metri, cominciò a tempestare i ripari nemici. Ma la porta San Pancrazio era gagliarda e sodamente foderata di terra; i bastioni eran solidi e con arte rivestiti; e contro tali bersagli a' nostri pezzi di campagna non restava troppo buon giuoco.

All'incontro, i nemici tiravano dal sicuro contro i nostri pezzi scoperti, e non solo a palla ed a granate, ma a scaglia. Inoltre, si era così presso a' bastioni che persino i cacciatori nemici potevano al coperto inquietarci con le loro moschetterie e recarci un danno che non potevamo contraccambiare. Pure, la molestia che ci veniva di fronte era un nulla al paragone del danno che ci arrecavano di fianco o di traverso le batterie del monte Vaticano che, fino dal primo istante, avevamo cominciato a fulminarci di spessi colpi e non male aggiustati. I comandanti di quella batteria sapevano assai bene che Bixio aveva l'ordine di non toccare, per qualsiasi ragione, la città Leonina, e certi dell'immunità, ne approfittavano, anzi ne abusavano. Bella bravata invero quella di tirar da una posizione guarentita, per stranissima ma indiscutibile legge, da ogni offesa e contro un nemico che non poteva rispondere che disprezzando.

Altri pontefici sostennero assedi, montarono a cavallo, fecero della croce un'arma e per il loro regno terreno contristarono l'Italia e Roma di stragi e di ruine. Ma quei papi avevano di contro un nemico spesso feroce e selvaggio, sempre straniero che non accordava quartiere, non conosceva misura, non accettava come non offriva patti, e non aveva altra norma che la conquista e la rapina. Però si comprende che un Giovanni XII, un Gregorio VII, un Clemente VII rispondessero alle invasioni devastatrici degli Ottoni, degli Enrici, dello stesso Carlo V, l'atleta della Chiesa, con una guerra a oltranza, e una rappresaglia implacabile di ferro e di fuoco. Ma trattare un esercito anzitutto italiano, nemico sì, ma che s'era fatto precedere da offerte, da voti, da omaggi, che veniva accompagnato dalla disciplina, dalla temperanza e dall'ordine, che s'avanzava finalmente col patto giurato di rispettare l'asilo del nemico che lo malediva; trattare, si diceva, questo esercito peggio delle masnade teutoniche e de' Saccomanni del Conestabile di Borbone, e tirar su di lui da un luogo immune che nessuno offendeva; tirare contro gli inermi, perché davanti ad esso eravamo inermi, per non poter tirar contro gli armati; tirar per ammazzare, tira e per vendicarsi, lo dovevamo soltanto vedere da un papa al quale noi avevamo fatto la corte dieci anni e a cui offriamo ancora oggi i privilegi e i tesori di un Sovrano.

Nè il convento di San Pancrazio, nè villa Panfilì erano occupati. Quando si pensa all'ostinata difesa che le inesperte e improvvisate milizie del 1849 fecero sopra ogni piega di quel terreno, dietro ogni pietra di quelle case, contro un esercito soverchiante ed agguerrito; quando si vedevano quelle mirabili posizioni militari dietro alle quali, a ogni più timido soldato, era facile il combattere e ad ogni convinto difensore d'una giusta causa, bello il morire, cadere abbandonate in nostre mani senza un tentativo di resistenza, una nausea inespugnabile vi prendeva per que' campioni della fede, senza fede, de' quali nemmeno l'obolo di San Pietro era bastato a comperare la miserabile vita, e il pensiero non poteva a meno di paragonare come era caduta la Roma Papale nel 1870.

No, magnanimi difensori di villa Corsini e del Vascello, no, ombre auguste di Manara, di Dandolo, di Morosini, di Masina, di Scarcele, di Mamele; no, manipoli di giovanetti imberbi, schiere di gagliardi popolani generosi di poeti e di eroi, no, non era giusto che alle vostre

Oh se i cattolici di Monaco e di Salisburgo, che ebbero tante lacrime da versare per la cattività immaginaria di Pio IX avessero veduto quei cranii fracassati, quelle viscere sparnazzate, quei corpi stroncati in due proprio dalle bombe che l'ombra augusta di San Pietro proteggeva; e se avessero mirato con quale impavido disprezzo e quale non curante compassione le udivan rombare nell'atto que' soldati che per poco non si assomiglierebbero alle orde dei Saraceni, forse avrebbero cambiato metro, querele, e salmodie, e riconosciuto che certo nessuno de' loro antenati tedeschi calati tante volte all'assedio di Roma, non sarebbero rimasti un minuto a quel giuoco straziante e a quella sfida codarda.

Bixio comandò più che gli altri se stesso, ci stette perché ci doveva stare, ed ebbe ragione di dire, nel suo ordine del giorno, che fu quella la sola e bella vittoria che la sua divisione avesse riportata.

Ma l'ora suprema è suonata: una larga breccia boccheggia nella frantumata muraglia; una bandiera, segnala di cessare il fuoco, sventola sul tetto di villa Patrizi; le trombe squillano la carica; lo slancio è preso; avanti, soldati d'Italia! Là su quelle mura non v'aspetta, no, la gloria dell'armi, che tale battaglia è da meno di voi; ma v'attende possibilmente la santità del martirio, e sicuramente il trionfo d'un'idea che i secoli hanno maturato e dei quali voi siete gli apostoli armati.

Generali, ufficiali, soldati confusi,

fiammistì, dai vigneti, per le strade, pei sentieri, per la porta, per la breccia, correndo, trafelando, urlando di gioia, divorando la via, disputandosi il passo, sbucano, s'avanzano, sbalzano dentro da tutte le parti; non è una battaglia no: è una corsa: non è il piacere di combattere che suscita quel furore, è la voluttà di entrare pe' primi a Roma.

Pure, anche questa voluttà costa la morte e la sfidano cadendo intrepidi al posto d'onore il lombardo Pagliari, il toscano Paoletti, il romano Valenziani, e per essi il Campidoglio è già preparato, e l'immoralità è incominciata. Ma chi i vostri nomi, ignorati bersaglieri, modesti fantuocini che, strappati un giorno dall'austera legge della patria quiete dell'oscuro villaggio e all'amplesso delle tenere madri, senz'altra promessa, che quest'arcana parola « Roma » senz'altra speranza che questo misterioso simbolo il « Campidoglio », pur venite per monti e per valli, traverso fiumi e fatiche, a offrire alla fatale città cantata nelle vostre canzoni sognata nei vostri bivacchi, l'ingenua vita, paghi ancora di saziare nelle confuse ombre delle sue terti, lo sguardo agonizzante e di spirare sulle porte della nostra terra promessa l'animo credente! Oh Roma! tu sola puoi compensare l'ingrato oblio della storia privilegiata e scrivere tutti i nomi di questi oscuri figli di popolo, caduti nel tuo sacro nome, sopra marmi imperituri!

Il Governo italiano aveva fatto al vanto del Vaticano una concessione, la città, Leonina; il Generale Cadorna, ne fece un'altra alle sue soldatesche, l'onore dell'armi.

Ma quell'onore che s'accorda soltanto ai prodi ed agli sventurati, perché essi soli sanno sostenerlo con fierezza e con dignità, doveva offrire e quella spregevole accozzaglia di venturieri un'occasione di spavalde disfide e di briache contumelie.

La colonna de' vinti doveva sfilare davanti davanti al Generale Cadorna e al suo stato maggiore e passare tra due file di truppe che dalle porte di S. Pancrazio arrivano fino alla ferrovia, i primi alla sfilata dovevano essere gli Antiboini; ma questi, giunti in cospetto a noi, mostrarono tosto quello che erano: rifiuto di francesi che, mentre la loro patria moriva, avevan passato la loro vita nelle ignave gozzoviglie de' soldati di mestiere.

Venivano col sigaro in bocca, col berretto di traverso, col cappotto sbottonato, co' ceffi torvi e ringhiosi, con labbra livide e avinazzate, cogli occhi iniettati di sangue, e, giunti innanzi al generale, brandivano minacciosamente i loro fucili e gli ufficiali le loro spade, e tutti in coro, ci lanciavano sul volto un'offesa e una villania, e *vive la France* diceva uno che avrebbe fatto meglio a dirlo a Weissembourg, e *Vive Pie IX!* un altro che avrebbe fatto meglio a gridarecelo a Villa Panfilì, e *Vive qui meurt!* un terzo che avrebbe fatto meglio morire.

A tale scena il generale Cadorna o non aveva né occhi né orecchi, o era invaso da tanto disprezzo per quella canaglia da non degnarla nemmeno d'una parola. Non sdegnoso però, o più vigilante, il Generale Bixio non seppe sopportarlo, e fece notare al generale in capo quel villano contegno. Un generale pontificio, invece, credo il Kanzler, volle provarsi rispondere al Bixio, ma fu come provocare la folgore.

Se i suoi volevano passare con fronte alta davanti a noi — urlò lo sdegnato patriotta — dovevano battersi!... Perché non si sono battuti?.... Codardi!... — Degno congedo di simili crociati!

Inutile il soggiungere che il generale Cadorna seppe tosto ridurre all'ordine e al rispetto i sopravvenienti.

Qui s'arresta il nostro compito. Come il popolo romano accogliesse le armi rendentrici potrà forse cantare la poesia, ma non saprebbe certo narrare la cronaca. Se si potessero rappresentare in un bel giorno tutti i Saturnali della Roma degli Scipioni, de' Cesari e de' Papi, e purificarli nella divina ebbrezza della libertà, si avrebbe ancora una idea confusa dello spettacolo che offerse, per tre giorni, Roma, finalmente italiana. E resterebbe ancora un sentimento in traducibile; lo stupore atterrito d'una gente che sia tolta dopo lunghi anni dal suo sepolcro, e incontri all'improvviso il sole.

CAPITOLO IV

Il Plebiscito

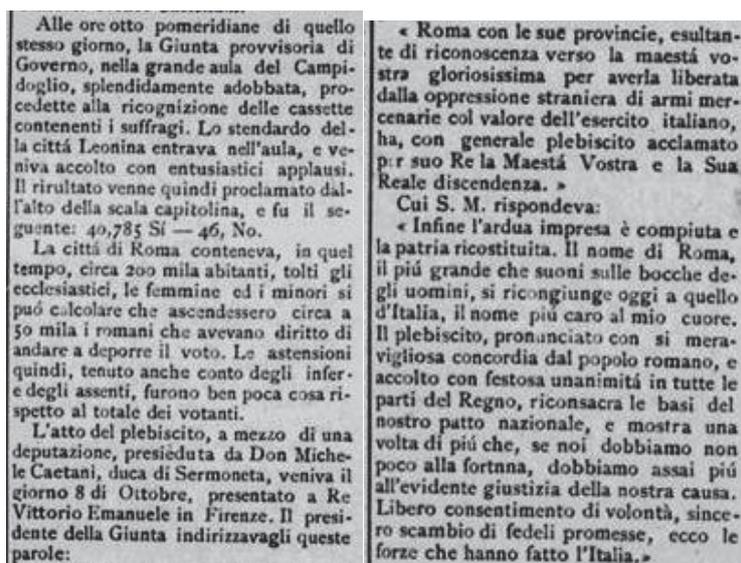
La Giunta di Governo, creata dal Generale Cadorna, stabilì che il popolo romano avrebbe, il giorno 2 di Ottobre,

votato, se desiderava o no essere annesso al Regno d'Italia.

Sorgeva l'alba di quel giorno, e il popolo romano in massa, e le cento associazioni operaie e scientifiche muovevano, con bandiere spiegate, al Campidoglio, ove una Commissione di illustri cittadini vegliava all'urna che doveva ricevere i voti. Altre Commissioni, in altri punti della città, siedeavano a ricevere le schede di coloro che vi portavano il loro voto.

Sull'orizzonte però traspariva un punto nero: la città *Leonina*, esclusa dalla capitolazione, non era chiamata a votare. Il buon senso però dei borghigiani vinse ogni ostacolo.

Gli abitanti di quel borgo, gelosi custodi del loro diritto, vollero esercitarlo, deponendo il proprio voto in apposita urna, che, autenticata, a diligenza di *Augusto Sbriscia*, con atto solenne del pubblico notaio *Acidino Butatti*, veniva portata in Campidoglio, ove un membro della Giunta provvisoria di Governo, *Ignazio Buoncompagni dei principi di Ponbino*, verificata l'integrità dei suggelli, dichiarava riceverla dalle mani degli egregi cittadini, *Augusto Sbriscia*, *Luigi Mascetti*, *Achille Bianchi*, *Alessandro Castellani*, *Angelo Peruzzi*, *Nino de' Andreis*, *Giovanni Costa*, *Vincenzo Rossi*, *Luigi e Michele Amedei*, *Giacomo Trouvè Castellani*.



CAPÍTULO 1

Os preparativos e os movimentos

Desde meados de agosto, um corpo de exército de três divisões vinha se reunindo aos poucos e silenciosamente nas extremidades da Úmbria e Sabina e, das origens da Paglia até o passo Corese, descrevia um semicírculo quase ininterrupto ao redor da caprichosa e mal definida fronteira papal.

O Corpo do Exército, lembramos apenas por uma questão de precisão como cronistas, foi colocado sob as ordens do General Cadorna, um homem considerado por muitos títulos como adequado para uma missão essencialmente diplomática e comandante, por direito de antiguidade, da Divisão Territorial de Florença, da qual as tropas do Corpo do Exército eram principalmente retiradas.

Entre 18 e 19 de agosto, os generais deixaram seus quartéis para assumir o comando de seus respectivos corpos. O general Cadorna estabeleceu o quartel-general principal em Spoleto; General Co-senz em Rieti; General Mazé em Terni; General Ferrero em Orvieto.

Era chamado de "Corpo de Observação" e parecia de fato que ele tinha que ficar lá apenas para garantir que os acordos da bem-sucedida convenção de setembro fossem mantidos e que nenhuma camisa vermelha escapasse, entre os matagais do Fara e os matagais da Maremma de Grosseto, para perturbar o trabalho renovado dos meios morais e a atenção do Papa.

Mas qualquer um que tivesse um mínimo de perspicácia e não fosse estranho às tradições da astúcia italiana, imediatamente entendia que essa extraordinária

concentração de forças poderia muito bem representar duas políticas diferentes e convenientemente atingir dois objetivos opostos: isto é, poderia servir tanto para bloquear as ruas de Roma para os voluntários de Garibaldi quanto para limpá-las para os estandartes de Vittorio Emanuele, se a oportunidade de ousar sem risco se apresentasse.

E no que diz respeito a si mesmo gostar e viver furtivamente e ambigualmente bem, mesmo a diplomacia europeia não é seriam deixados cair em nossos enganos não, se duas causas muito poderosas não seu olhar estava distraído do cose italiano, e treinado para escrevê-los assim em direção a um horizonte muito mais escuro e mi travesso. E essas duas razões, cada uma não adivinhe, eles foram: primeiro a guerra um algoz ardente entre dois muito poderosos nações, que colocam em risco a existência de de um e ameaçou perturbar o equilíbrio O panache europeu: em segundo lugar, a ausência de ambições ação que as potências da Europa tiveram ficar preso no arbusto espinhoso emaranhado da questão romana, onde era fácil, como a França mostrou, ponha o pé no chão de, mas difícil, pelo menos com decoro e vantagem, retrate-a.

Para tais coisas, o Ministério conseguiu anunciar a convocação de novas classes do exército, sem despertar suspeitas ou reclamações externas, e conseguiu obter do Parlamento um voto de crédito de 40 milhões, o que aliviou suficientemente as esperanças dos adversários do Poder Temporal, sem despertar muito alarme entre seus advogados.

No entanto, até a catástrofe de Sedan, que destruiu, juntamente com a espada de César, o único e último bastião do trono papal, é muito incerto se o governo italiano teria se mantido livre das promessas repetidamente feitas no Parlamento, ou se teria ousado se valer das armas acumuladas na fronteira para derrubar aquela última barreira de obstáculos materiais que, por lei natural, os meios morais por si só nunca teriam conseguido derrubar. Mas, depois daquele evento, qualquer atraso pareceria prejudicial até mesmo aos mais hesitantes. O homem que ditou a Convenção de Setembro era um prisioneiro de guerra; A França não tinha mais armas, governo ou política, exceto o desespero; a revolta popular havia afastado do poder os homens que se opunham a ela

A Europa na presença da França, agradável aos olhos de uma Alemanha embriagada, esqueceu-se de que havia uma Itália e uma questão de Roma: paixões, das mais nobres às mais criminosas, agitaram-se, os partidos competiram entre si em audácia e ambição, a imprensa traduziu o mesmo pensamento com mil acentos, todo o país, das cidades mais populosas às aldeias mais ignoradas, encontrou uma palavra, um voto, um veredicto para Roma; aquela suave lufada de ar propício, que havia enchido nossa vela por tanto tempo, cresceu como um vento, inchou como um redemoinho, e estava agitando

e levando tudo embora; o fantasma vão da revolução poderia tomar corpo e alma a qualquer momento; A fortuna, que havia traído descaradamente os heróis de Worth e Gravelotte, estava zumbindo ao nosso redor há um mês, estava nos lisonjeando há um mês, nos acariciando, nos atraindo para seus braços; a voz do destino soou tão poderosa que a virtude estava em resistir a ela, não em ouvi-la. E quem jamais teria bloqueado o caminho de um Governo chamado a executar os decretos da Providência, que se levantou como um campeão da ordem em meio à anarquia, que enviou suas armas para proteger o trono de seus inimigos, que foi resolver o problema de Voltaire com as palavras de Santo Inácio? Ah, aproveite a Itália, pois você é tão grande e afortunado; mas não se esqueça de que só a virtude preserva os estados criados pelo destino, e que o conselho do seu Poeta que é curta é a piada Dos bens que são confiados à fortuna, Por que a humanidade fica irritada.

Enquanto isso, o Governo, embora com menos fúria do que os acontecimentos e desejos, apressou-se à sua maneira: as três divisões foram abastecidas com tudo o que era necessário para o acampamento; as ferrovias transportavam diariamente novo material de guerra em direção à fronteira: hoje era o serviço de intendência, amanhã o serviço de ambulância, depois o telegrafia de campanha e, finalmente, uma grande reserva de seis batalhões de atiradores de elite, um regimento de cavalaria (Novara) e uma brigada de artilharia de posição, foi adicionada ao corpo de observação, sob as ordens imediatas do comando geral.

Mas entre 6 e 7 de setembro, os últimos véus caíram, e as intenções da nação, a política do Governo e o propósito de tal movimento de armas e homens armados pareceram claros e abertos. O Conde de San Martino Feciale, que havia previsto a guerra iminente e quase foi retratado pelos jornais como o Popilius que encerraria a Cúria Romana nas dobras de sua toga, já estava a caminho para levar as cartas e ofertas ao Papa, e é de se acreditar que nem os autores nem o embaixador quererão se orgulhar delas; e, entretanto, o Ministério, com a evidente intenção de inculcar um terror salutar no Papa e de evitar uma luta inútil e um derramamento de sangue inglório, duplicou as forças preparadas e associou duas outras divisões ao corpo do exército.

Mas, para que não se dê longa vida a ilusões perniciosas, é melhor dizer desde já que todas essas forças, junto com as reservas e todos os valores inúteis, mal chegavam a 40 mil homens.

A divisão Bixio foi, pode-se dizer, improvisada.

No dia seis de setembro foi decretado, não nasceu; em três ou quatro dias tinha que estar pronto para marchar e lutar. E era preciso ir buscar os regimentos e o material em todas as zonas militares do Reino, e de tantos elementos díspares, desconhecidos, para não dizer heterogêneos entre si, formar aquele todo homogêneo, vital e orgânico que se chama divisão ativa.

E ele não esperava mais nada além da ordem de marchar sobre Roma.

Mas será que a tão esperada encomenda chegará? O Conde de S. Martino certamente havia partido para Roma; mas que garantiu que a Cúria Romana não fingiria aceitar as propostas por ele apresentadas e não buscaria salvação na demora das negociações! E quem garantirá que, entretanto, esta ou aquela potência da Europa, mesmo a mais pequena, não dará o seu toque e que a mais pequena pedra não será suficiente para deter o avanço de um carro confiado a mãos tão débeis e incertas? E não seria lícito pensar que no governo, que durante tanto tempo vacilou, a corrente da espera prevaleceria sobre a da resolução? E, finalmente, depois dos exemplos passados, quem teria sido o garante de que, mesmo depois de enviada a ordem, uma contra-ordem não viria imediatamente, e que, no momento exato de ultrapassarmos as linhas proibidas, a ordem de retorno não nos alcançaria e nos deteria?...

Esses e outros foram os discursos, as esperanças e os medos de todos, durante todo aquele longo e interminável dia 10, passado em meio a ansiedades quase febris, enterrando todos os sinais do telégrafo, desenhando o horóscopo da política em todos os seus versos e em todos os seus tons.

Finalmente, por volta da meia-noite, chega um longo telegrama em números: era o esperado; foi a ordem. Foi mais ou menos assim: -O general. Bixio não cruzará a fronteira antes das 17h. amanhã às onze, e não depois das 5 da manhã. depois de amanhã, 12 de setembro. Seu principal objetivo será etc.

Tudo bem, disse o general, amanhã às 5:10 estaremos além da fronteira. E as ordens correspondentes foram dadas naquela mesma noite.

A mesma ordem chegou naturalmente ao Comando Geral do corpo de exército acampado ao longo do Tibre. Mas, para entender as posições e os movimentos disso, precisamos voltar alguns dias.

O conceito que inicialmente presidiu à implantação — palavra bárbara, mas técnica — das tropas ao longo do lado oriental da fronteira papal, foi o que o mais elementar senso comum, bem como as regras fundamentais de qualquer boa estratégia, deveriam sugerir a qualquer um que quisesse chegar a Roma pelo caminho mais fácil e

curto; isto é, atravessar a fronteira no ponto mais próximo de Roma, através do Salara e da ferrovia, para ganhar as pontes do Teverone e atacar a cidade pela esquerda do Tibre, cuja passagem se tornaria assim supérflua.

Confiando neste critério sólido, o general Cadorna distribuiu suas forças na área fechada entre o Nera e o Corese, mantendo-se bastante aglomeradas em direção ao Passo Corese, que era o ponto natural indicado para cruzar a fronteira. Somente a divisão Ferrero parecia sempre ter que operar na margem direita do Tibre, com Viterbo ou Civitavecchia como objetivo.

A reserva, colocada sob as ordens do General Corte, marchou para Stimigliano e o Quartel-General de todo o corpo do exército chegou a Magliano pela manhã.

Evidentemente o primeiro conceito havia sido abandonado; eles queriam atravessar o rio em Ponte Felice, ou em Orte, marchar em Civitacastellana e caminhar um pouco no campo romano.

Por mais que procurássemos a razão desse movimento, que, uma vez passado à direita do Tibre, nos colocava na alternativa de atacar Roma pelo lado mais forte, ou de repassar novamente à esquerda do rio, e nos obrigava em ambos os casos a dobrar nossa rota, nos foi dada apenas esta resposta conveniente: razão política. O objetivo era vencer adiando, para dar tempo ao Papa de reconsiderar. Para nos vermos, para a diplomacia se acostumar com a nossa fuga, para as populações se excitarem com o espetáculo das nossas armas, e o ir e vir das nossas tropas.

Apesar das dificuldades do terreno, onde a artilharia podia passar com grande dificuldade, apesar do tamanho relativo da área, o investimento em Civitavecchia foi feito com admirável rapidez e precisão e pode-se dizer que: tendo saído de Corneto às três e meia da manhã do dia 15, às 10 horas Civitavecchia já estava cercada por todos os lados e seu cerco havia começado; já que os navios da nossa frota estavam de guarda no mar, uma força formidável, que Deus nos agradeceu desta vez por estar confiada em mãos seguras, e que teria feito qualquer inimigo mais corajoso empalidecer.

Por volta das 11 horas, o Capitão Orero partiu precedido pela bandeira branca do comandante para trazer a ordem de rendição. Estabelecemos nossa sede na Torre d'Orlando.

CAPÍTULO 2

Ocupação de Civitavecchia

O capitão Orero veio anunciar que Civitavecchia precisava de 24 horas.

Não concordo com mais um minuto, respondeu Bixio, e o capitão voltou... Farei tudo o que puder para poupá-la!...

Então ele continuou resmungando para si mesmo. o homem que muitos, medindo-o pela medida de sua própria alma de coelho, imaginam ser uma hiena sanguinária e um Gargântua insaciável por comida humana.

E então ele se preparou para agir; porque, tendo marcado um encontro, por meio de sinais convenientemente colocados, com o Almirante del Carretto, ficou acordado com ele que, diante da real necessidade de fazer uso do. a poderosa artilharia da frota, apenas três dos seus navios teriam vindo a abaular-se sob os baluartes, e teriam disparado em fila sobre os fortes marítimos e em arcos apenas sobre os fortes terrestres, de modo a preservar; em todos os casos a cidade inocente.

A resistência naquela época também não era tão improvável como alguns podem pensar agora. A guarnição de Civitavecchia era composta por dois elementos diferentes que, naquela ocasião suprema, naturalmente competiam pela primazia e pelo comando. O elemento das tropas nativas, representado principalmente pelo Comandante em Chefe da fortaleza, Coronel Serra, seja por preocupação providencial com sua própria posição, ou como uma relíquia de afeição por uma cidade italiana, estava prestes a se render. O elemento estrangeiro, por outro lado, que era liderado por um major dos zuavos, um certo Sr. d'Albiousse, por um senso de honra militar verdadeira ou alardeada, era a favor da resistência, ou pelo menos algo parecido com isso.

E, até a meia-noite do dia 15, essas duas forças disputaram o terreno e a autoridade da decisão decisiva.

Mas, por volta da meia-noite, um novo elemento veio a cair na balança e a fazê-la ruir: o elemento urbano,

Sabe-se que às 8 horas da mesma noite uma comissão do Município de Civitavecchia compareceu à Torre d'Orlando pedindo para falar com o Comandante em Chefe. Ele estava ausente. Mas ela não demorou muito para nos fazer saber suas intenções. Ela veio pedir ao governador que poupasse a cidade do bombardeio e implorar a ele termos de rendição tão brandos e liberais que a guarnição não teria motivos para recusá-los.

Bixio, que já havia se recusado a receber os cônsules francês e inglês pela justa razão de que, não tendo recebido ordens do Governo para lidar com os cônsules, não queria abrir caminho para enganos e atrasos diplomáticos por conta própria; Bixio se recusou a ouvi-los. O astuto general sabia muito bem que essa brutalidade calculada teria

tido mais efeito do que uma rajada de Armstrong. E de facto, perante esse acento, perante essa resolução abrupta, os Municípios ficaram petrificados de medo e talvez convencidos de que estavam lidando com Haiynau ou um Muravieff, eles correram para a cidade para espalhar seu terror. Os cartões chegaram no último dia de Civitare chia. Os sarracenos destruíram-na na Idade Média; Bixio teria queimado em 1870l. A população, despertada por tais notícias, não tardou em correr para as ruas e exigir em voz alta a rendição. Eu queria que o tio, amontoado sob as janelas do Comandante, sequer ousasse. para proferir gritos sediciosos, vozes ameaçadoras e votos de revolta. Tanta coragem derreteu o medo.

Serra, já preparados para evitar um conflito sangrento, os zuavos, que tinham apenas o desejo teatral de se vestir de heróis, deram os primeiros sinais de resistência; todos concordaram que era preciso ceder às ameaças de Totila que estava às portas, às imensas forças à sua disposição, aos vetos da população, e enviaram, por volta da meia-noite, dois parlamentares para oferecer a rendição.

Os acordos foram logo alcançados. O comandante pediu que o Papa tivesse pleno e livre uso do navio a vapor Immacolata Concezione, que eles chamam de Buccintoro, mesmo no caso de querer fugir de Roma e da Itália; e foi imediatamente concedido. Em vez de exigir que os zuavos e os estrangeiros recebessem as honras da guerra, Bixio recusou seca e bruscamente, e talvez fosse melhor concordar com isso.

E pontualmente às sete horas do dia 16, um estrondoso disparo de canhão nos avisou que o Terrível estava entrando com todas as honras da vitória nas águas daquela fortaleza, onde poucos dias antes um navio italiano não poderia entrar sem arriar sua bandeira.

Às dez horas foi a vez das tropas terrestres. Eles entraram em três colunas, cada uma pela rua onde haviam acampado e pelo portão pelo qual teriam que entrar se houvesse combate. Depois todo o quartel-general e os granadeiros pela Porta Corneto; a coluna Crispo para Porta Trajana; a Brigada Reggio para Porta Romana. A entrada foi tão repentina e simultânea que as cabeças das três colunas se encontraram no Fórum Júlio, no centro da cidade. Parecia uma verdadeira batalha no campo de desfile, e foi realmente um movimento estupendo e solene.

No mesmo dia em que Civitella caiu nas mãos da divisão Bixio, o general Cadorna preparava a travessia do Tibre.

Tendo tomado posição, estabeleceram o quartel-general e aguardaram a ordem de avançar. E nunca houve uma espera mais inquieta e atormentadora. Roma estava lá, elevando-se sobre o imenso Mar Morto dos campos como um navio gigante que funde

seu cume com o céu: estava lá, convidando-nos com a massa michelangelana de sua São Pedro, com a sombra augusta de seu Coliseu, com as infinitas vozes que saíam de suas ruínas cobertas de poeira de duas civilizações, com mil gemidos de mártires que caíram, de Arnaldo aos irmãos Cairoli, por sua redenção e precursores do empreendimento que triunfa hoje; havia um lugar que nos atraía, nos fascinava e nos desafiava ao mesmo tempo com seus destinos misteriosos, com seus problemas formidáveis; e nós, por duas palavras de telegrama, ficamos presos ali naquele quadrado de terra da Maremma, enquanto mais duas palavras bastariam para colocar asas em nossos pés e nos fazer devorar o espaço. Além disso, considerando apenas a razão militar, ao avançar aproveitava-se o tempo, ganhava-se terreno, tinha-se a oportunidade de esquadrihar as posições, de se encontrar mais perto e mais preparado para o ataque que não estava longe.

Seis horas se passaram dessa maneira lenta e angustiada. Finalmente, um telegrama é anunciado do nosso escritório de campo, e este anúncio passa pelo estado-maior, tomado pela dolorosa letargia de uma espera desesperada, como uma corrente elétrica: Bixio corre com olhos ardendo ao ler os primeiros números; a cifra não está bem ajustada, as sílabas estão mal formadas, o telégrafo é acusado de antiguidade, a velocidade do jato voltaico torna-se em comparação um monstro de desejo, uma lentidão irônica, enquanto isso os algarismos se sucedem, o telegrama está formado, não há dúvida, eu sei, é a ordem de partida. Gene-eCadorna avisa que atacará o dia 20 ao amanhecer e convida o General I a fazer um desvio para Porta S. Crazio com o máximo de forças que puder reunir, para serem trazidas em um dia, de Civitavecchia para Roma.

CAPÍTULO III

Ocupação de Roma.

Bixio corre para a carruagem e tenta ele mesmo colocar a divisão em movimento, enquanto um guia a cavalo leva a mesma ordem aos fuzileiros do Coronel Crispo em Ponte Golera.

A divisão estava distribuindo o ran-clo, quando cai, no meio daquele raio «Bixio» e daquela bomba «Roma». O apetite desaparece, o cansaço é esquecido, as pernas dançam, as fileiras são reunidas por magia, as armas são retomadas num piscar de olhos, a divisão desce de todos os lados em colunas fechadas na estrada, a cavalaria vai primeiro e a artilharia desliza para sua posição de marcha, e a infantaria acelera o ritmo de carga... Viva Roma!

Ah, claro, pelo que era nos primeiros dias a divisão não era mais reconhecível. Bastou uma semana daquele exercício, daquela ginástica, daquele professor para que uma massa quase inerte se tornasse um corpo animado, e para que grande parte dos defeitos contraídos pela imobilidade e pela preguiça desaparecessem, ou pelo menos não ousassem mais se mostrar.

Chegamos leves e rápidos à terceira milha de Roma e precisamente com a cabeça da vanguarda na Villa Mat-Jei. Mas as massas da cidade eterna já haviam desaparecido com o sol dos nossos olhos, a Rotte, espessa e gelada, nos envolvia por todos os lados, a estrada, o campo, as casas, tudo ao redor estava confuso em uma névoa negra; o vizinho não conseguia mais distinguir o vizinho, a coluna avançava quase às apalpadelas e não havia tempo para explorar as posições inimigas durante o dia; foi necessário parar.

Bixio perseguiu a divisão até a planície a estrada que se estendia para a esquerda empurrava os postos avançados para além da Villa Mattel.

Mas na própria noite do dia 19, usando apenas um mapa topográfico e a pouca memória que tinha, já tendo lutado naqueles campos em outras ocasiões, ele deu suas instruções.

Vênus Diana ainda tremia no céu oriental; os crepúsculos da aurora ainda lutavam timidamente e incertos contra a noite, que já havia posto todo o nosso acampamento em movimento. Cada coluna segue sua rota designada, cada arma marcha para seu devido lugar, os oficiais fazem com que seus comandos sejam ouvidos de forma mais vibrante, os camaradas se reúnem. não em silêncio a mão, e eles vão sussurrar no ouvido que estamos lá; um tiro de canhão, dois tiros, três tiros, pode ser ouvido à distância, o céu de repente clareia com os primeiros raios de luz: é o amanhecer de 20 de setembro - o amanhecer de Roma. Mas deixemos a divisão seguir seu caminho e vamos pedir notícias do General Cadorna e do Quarto Corpo de Exército.

Um ataque simulado seria iniciado pelas divisões Ferrero e Angioletti, que seriam, portanto, as primeiras a abrir fogo. A primeira, saindo da Via Tiburtina, deveria atacar pela Porta Maggiore e pela Porta S. Lorenzo; a segunda, vinda de Vis Appia, era estender o ataque de Porta S. Gioaani até Porta Latina.

O verdadeiro ataque seria realizado pelas divisões Cosenz e Maré que, passando pelas estradas Salara e Nomenta, iriam, com a assistência da grande guarnição de reserva, atacar simultaneamente Porta Pia e Salaria.

A divisão Bixio, como já mencionado, queria tentar produzir uma fortaleza na margem direita do Tibre, livre para atacar de Porta Portese a Porta S. Sacrazio, respeitando em todos os aspectos as fortificações leoninas e suas muralhas.

Com um inimigo mais agressivo e territorial, com uma cidade melhor equipada e melhor defendida, teria sido uma boa ideia concentrar os ataques e as ofensivas em um ponto, ou pelo menos em alguns, mas planos que estendem muito sua linha de ação são sempre defeituosos e ataque fraco em vários lugares. Mas, como o temperamento do inimigo e a natureza da guerra travada eram tais que qualquer truque militar inocente se tornava supérfluo, o General Cadorna achou melhor seguir o plano mais rápido e simples, e aterrorizar e surpreender, com os golpes mais simultâneos e a demonstração de forças, um inimigo ansioso por se render. De fato, a soldadesca papal só poderia ter alcançado oito mil soldados com grande dificuldade, e tal ralé, que nem sequer tinha razão para os números, não poderia defender um cinturão de vinte quilômetros sem ser fraca em todos os pontos.

Além disso, a praça, se é que Roma pode ser chamada assim, carecia de artilharia e, com exceção dos canhões do Janículo e do Vaticano, equipados com canhões e algumas obras fortificadas, todo o resto das muralhas não apresentava um único ponto para o posicionamento da artilharia. A única defesa, nos portões, eles foram reduzidos ao chão, cada um equipado com algum pedaço de madeira; mas todos sabem o quanto essas obras improvisadas valem em comparação às peças posicionais.

O primeiro canhão que ouvimos na estrada para Tiradiavoli foi o das divisões Ferrero e Angioletti, que haviam começado o ataque precisamente às 5h15. A artilharia Ferrero tinha dirigido os seus tiros contra os arcos ferroviários defendidos por um dos redutos acima mencionados; os dos Angioletti começaram a bombardear San Giovanni, defendido da mesma maneira.

Pouco depois, os doze canhões de posição, que estavam posicionados em bateria desde a noite anterior no terreno entre Villa Albani e Villa Falzacappa, miraram naquele trecho de muro que vai de Porta Pia a Porta Salaria e o lançaram contra a brecha. E contra esse mesmo alvo o general Cosenz somava os tiros de uma bateria de campanha enquanto com a outra martelava contra a Porta Sara, que, enterrada de alto a baixo, resistia tenazmente.

O general Ferrero, em vez disso, dirigiu uma de suas baterias contra a Porta Pia, fraca e indefesa, que começou a fraquejar aos primeiros tiros, e dirigiu a outra contra o

Castro Pretório, antigo e fortificado ninho daquela soldadesca, que, por trás das janelas e brechas improvisadas, bombardeava com tiros os peitos expostos de nossos homens.

O fogo contra as muralhas orientais de Roma continuou assim por três horas, com a brecha aumentando visivelmente. a Villa Bonaparte, envolta em redemoinhos de chamas, um símbolo de que a sorte de seu Senhor estava começando a ruir por todos os lados; os redutos de Porta Pia foram forçados ao silêncio; e a própria porta não mais segurava em suas dobradiças; finalmente, até mesmo a Porta San Giovanni, embora solidamente coberta, ameaçava ruína. Mais alguns passos e o caminho para o ataque estava aberto, e a alegre fanfarra dos nossos atiradores de elite deu início ao ataque final.

Mas enquanto essa hora se apressa e se esgota, vamos encontrar nossos companheiros da segunda divisão marchando em direção à Villa Pamfili.

Às 6 horas, cada uma das três colunas indicadas chegou às suas posições designadas. O movimento tinha sido feito com precisão, e como se tratava de avançar sem encontrar nenhuma das muitas estradas que ali se entrelaçam e se entrelaçam, e como os comandantes não tiveram tempo de estudar o terreno, e nenhum guia do lugar nos dirigiu, é justo tomá-lo em consideração, como algo que honra os oficiais que o dirigiram.

Nem o convento de San Pancrazio nem a Villa Panfili foram ocupados. Quando se pensa na defesa obstinada que as milícias inexperientes e improvisadas de 1819 fizeram sobre cada dobra daquela terra, atrás de cada pedra daquelas casas, contra um exército avassalador e bem treinado; quando você viu aquelas maravilhosas posições militares atrás das quais era fácil até para o mais tímido soldado lutar e belas para todo defensor convicto de uma causa justa morrer, cair abandonado em nossas mãos sem tentar resistir, uma náusea inexprimível tomou conta de você por aqueles campeões da fé, sem fé, cuja vida miserável nem mesmo o Óbolo de São Pedro foi suficiente para comprar, e seus pensamentos não puderam deixar de compará-la à forma como a Roma Papal caiu em 1870.

Não, magnânimos defensores de Villa Corsini e dos Vascello, não, augustas sombras de Manara, de Dandolo, de Morosini, de Masina, de Scarcele, de Mamele; não, punhados de jovens Imberts, fileiras de plebeus robustos e generosos com poetas e heróis, não, não era certo que o seu cinzas sagradas foram misturadas às cinzas vis de apenas um desses aventureiros, e o sangue que logo correrá para irrigar os torrões encharcados pelas suas, ainda será sangue de mártires e irmãos. Depois de disparar alguns tiros de canhão na entrada da vila Panfili, mais para testar o terreno e desalojar qualquer possível emboscada do que para atacar a cidade, Bixio imediatamente correu para a vila e foi

montar as baterias sob o Cassino de Quattro Venti, e de lá, a cerca de 300 metros de distância, começou a bombardear os abrigos inimigos. Mas o portão de San Pancrazio era robusto e solidamente forrado de terra; os bastiões eram sólidos e artisticamente cobertos; e contra tais alvos nossos canhões de campanha não tinham muita capacidade de defesa.

Na reunião, o inimigo atirou de uma posição segura em nossas peças expostas, e não apenas com balas e granadas, mas também com projéteis. Além disso, estávamos tão perto dos bastiões que até mesmo caçadores inimigos podiam nos perturbar com seus mosquetes escondidos e nos causar danos que não poderíamos retribuir. No entanto, o assédio que nos era imposto não era nada comparado aos danos que nos eram infligidos pelos lados e através das baterias da Colina do Vaticano, que desde o primeiro momento começaram a nos bombardear com tiros frequentes e não mal posicionados. Os comandantes daquela bateria sabiam muito bem que Bixio tinha ordens de não tocar, por qualquer motivo, na cidade leonina e, certos de sua imunidade, aproveitaram-se dela, até abusaram dela. Foi realmente um belo ato atirar de uma posição garantida, por uma lei muito estranha e indiscutível, de qualquer ofensa e contra um inimigo que só poderia responder desprezando você.

Outros pontífices suportaram cercos, montaram em cavalos, fizeram da cruz uma arma e, durante seu reinado terreno, entristeceram a Itália e Roma com massacres e ruínas. Mas esses papas tinham contra eles um inimigo que era frequentemente feroz e selvagem, sempre um estranho, que não dava trégua, não conhecia medidas, não aceitava nem oferecia pactos e não tinha outra regra além da conquista e do roubo. Mas é compreensível que um João XII, um Gregório VII, um Clemente VII tenham respondido às invasões devastadoras dos Ottos, dos Henriques, dos. O próprio Carlos V, o atleta da Igreja, com uma guerra total e uma represália implacável de ferro e fogo. Mas tratando-se de um exército que era antes de tudo italiano, inimigo sim, mas que fora precedido de oferendas, de votos, de homenagens, que se fazia acompanhar de disciplina, de temperança e de ordem, que finalmente avançava com o pacto jurado de respeitar o asilo do inimigo que o amaldiçoava; para tratar, dizia-se, este exército pior do que as hordas teutônicas e os saqueadores do condestável de Bourbon, e atirar nele de um lugar imune que ninguém ofendesse; atirar nos indefesos, porque diante dele estávamos indefesos, para não poder atirar nos a:nascidos; atirando para matar, atirando para ganhar, precisávamos apenas ver um Papa que cortejamos por dez anos e a quem ainda hoje oferecemos os privilégios e tesouros de um Soberano.

Oh, se os católicos de Munique e Salzburgo, que tinham tantas lágrimas para derramar pelo imaginário cativo de Pio IX, tivessem visto aqueles crânios esmagados, aquelas entranhas dilaceradas, aqueles corpos dilacerados pelas mesmas bombas que a sombra augusta de São Pedro protege. -va; e se tivessem visto com que desprezo destemido e com que compaixão descuidada ouviram aqueles soldados rugindo em ação, que quase se assemelham às hordas dos sarracenos, talvez tivessem mudado seu ritmo, suas queixas, seus cânticos e reconhecido que certamente nenhum de seus ancestrais germânicos que tantas vezes sitiaram Roma teria permanecido um minuto naquele jogo de partir o coração e naquele desafio covarde. Bixio comandava mais que os outros, estava ali porque tinha que estar, e tinha razão em dizer, na sua ordem do dia, que era a única e bela vitória que a sua divisão lhe trouxera.

Mas a hora suprema chegou: uma grande brecha está aberta na parede destruída; uma bandeira, sinalizando um cessar-fogo, tremula no telhado da Villa Patrizi; as trombetas soam a carga; o impulso é tomado; Avante, soldados da Itália! Ali, nessas muralhas, a glória das armas não te espera, não, pois esta batalha é inferior a ti; mas espera-vos, se possível, a santidade do martírio e, certamente, o triunfo de uma ideia que os séculos amadureceram e da qual sois os apóstolos armados.

Generais, oficiais, soldados confusos, misturados, vindos dos vinhedos, pelas ruas, pelos caminhos, pelo portão, pela brecha, correndo, ofegando, gritando de alegria, devorando a estrada, competindo por espaço, eles emergem, avançam, irrompem de todos os lados; Não é uma batalha, não: é uma corrida: não é o prazer de lutar que desperta essa fúria, é o desejo de ser o primeiro a entrar em Roma.

Mas mesmo esse prazer custa a morte e os lombardos Pagliari, os toscanos Paoletti, os romanos Valenzianos o desafiam caindo intrepidamente no lugar de honra, e para eles o Campidoglio já está preparado, e a imoralidade começou. Mas quem são seus nomes agora, atiradores de elite ignorados? vós, soldados de infantaria, que, arrancados um dia à lei austera da vossa pátria, à quietude da aldeia escura e ao abraço das mães ternas, sem outra promessa senão esta palavra arcana, Roma, sem outra esperança senão este símbolo misterioso, Campidoglio, ainda vindes sobre montanhas e vales, sobre rios e labutas, para oferecer à cidade fatal cantada nos vossos cantos, sonhada nos vossos acampamentos, a vossa vida ingênua, contentando-vos ainda em saciar nas sombras confusas das suas terras o olhar agonizante e em respirar a vossa alma crente às portas da nossa terra prometida! Ah, Roma! Só tu podes compensar o ingrato esquecimento da

história privilegiada e escrever todos os nomes desses obscuros filhos do povo, caídos em teu sagrado nome, em mármore imperecíveis!

O governo italiano fez uma concessão ao conquistado Vaticano, a cidade de Leonine; O general Cadorna fez outra coisa por seus soldados: a honra das armas.

Mas essa honra que é concedida apenas aos bravos e desafortunados, porque somente eles sabem como sustentá-la com orgulho e dignidade, tinha que oferecer àquele desprezível bando de aventureiros uma ocasião para desafios ousados e insultos embriagados.

A coluna dos vencidos deveria desfilar diante do General Cadorna e seu estado-maior e passar entre duas alas de tropas que iam dos portões de San Pancrazio até a ferrovia. Os primeiros no desfile seriam os Anti-Boini; mas estes, tendo chegado antes de nós, logo mostraram o que eram: um grupo de franceses que, enquanto seu país morria, passaram suas vidas na preguiçosa folia dos soldados profissionais.

Eles vieram com charutos na boca, com bonés tortos, com casacos desabotoados, com rostos sombrios e raivosos, com lábios lívidos e manchados de vinho, com olhos vermelhos e, tendo chegado antes do gene. rale, brandiram seus rifles ameaçadoramente e os oficiais suas espadas, e todos em coro, lançaram um insulto e uma maldição em nossos rostos, e vive la France disse alguém que teria feito melhor em dizer isso em Weissembourg, e Viva la France! outro que teria feito melhor se tivesse gritado conosco. ele na Villa Panfili e Vive qui meurt! um terço que estaria melhor morto.

Nessa cena, o general Cadorna ou não tinha olhos nem ouvidos, ou estava cheio de tanto desprezo por aquele patife que nem sequer merecia uma palavra. Não desdenhoso, porém, nem mais vigilante, o General Bixio não pôde tolerar isso e apontou aquele comportamento rude ao general em comando. Um general papal, no entanto, acredito que o Kanzler, vol. ela tentou responder Bixio, mas foi como ser atingida por um raio.

"Se seus homens quisessem passar diante de nós de cabeça erguida", gritou o patriota indignado, "eles deveriam ter lutado!... Por que não lutaram?... Covardes!... - Uma despedida digna para tais cruzados!

Nem é preciso dizer que o General Cadorna rapidamente trouxe os recém-chegados de volta à ordem e ao respeito.

Aqui termina nossa tarefa. A poesia talvez consiga cantar como o povo romano acolheu as armas redentoras, mas certamente não pode narrar a crônica. Se pudéssemos representar num só dia todas as Saturnais da Roma dos Cipiões, dos Césares e dos Papas,

e purificá-las na divina embriaguez da liberdade, teríamos ainda uma ideia confusa do espetáculo que Roma, enfim italiana, ofereceu durante três dias. E continuaria sendo um sentimento intraduzível; o espanto aterrorizado de um povo que é tirado de seu túmulo depois de longos anos e de repente encontra o sol.

CAPÍTULO IV

O Plebiscito

O Conselho de Governo, criado pelo General Cadorna, estabeleceu que o povo romano, no dia de Outubro, votou se desejava ou não ser anexada ao Reino da Itália.

Naquele dia, amanhecia, e o povo romano em massa, e as centenas de associações operárias e científicas, dirigiram-se, com as bandeiras desfraldadas, ao Capitólio, onde uma Comissão de cidadãos ilustres vigiava a urna que deveria receber os votos. Outras Comissões, em outras partes da cidade, se reuniram para receber as cédulas daqueles que trouxeram seu voto.

Mas um ponto negro surgiu no horizonte: a cidade leonina, excluída da capitulação, não foi chamada a votar. No entanto, o bom senso dos moradores superou todos os obstáculos.

Os habitantes daquela aldeia, zelosos guardiões do seu direito, quiseram exercê-lo, depositando o seu voto numa urna especial, que, autenticada, com a diligência de Augusto Sbriscia, com um ato solene do notário público Acidino Butatti, foi levada ao Capitólio, onde um membro do Conselho de Governo provisório, Ignazio Buoncompagni dos príncipes de Piombino, tendo verificado a integridade dos selos, declarou que o tinha recebido das mãos dos ilustres cidadãos, Augusto Soriscia, Luigi Mascetti, Achille Bianchi, Alessandro Castellani, Angelo Perozzi, Nino de-Andreis, Giovanni Costa, Vincenzo Rossi, Luigi e Michele Amedei, Giacomo Trouvè Castellani.

Às oito horas da tarde do mesmo dia, o Conselho do Governo Provisório, no grande e esplendidamente decorado salão do Capitólio, procedeu à inspeção das urnas contendo os votos. A bandeira de a cidade leonina entrou no salão e foi recebida com aplausos entusiasmados. O resultado foi então proclamado do topo da escadaria do Capitólio e foi o seguinte: 40.785 B-46, No.

A cidade de Roma continha, naquela época, aproximadamente 200 mil habitantes; excluindo eclesiásticos, mulheres e menores, pode-se calcular que o número de romanos que tinham o direito de ir e votar chegava a aproximadamente 50 mil. As abstenções,

portanto, também tendo em conta o inferido. e os ausentes, eram muito poucos em comparação ao número total de eleitores.

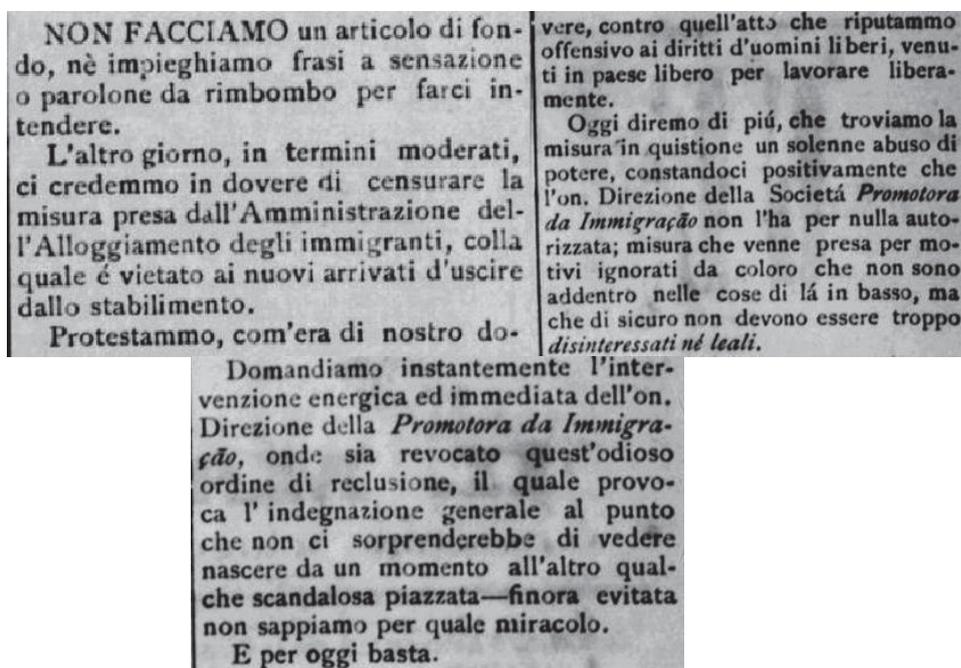
O ato do plebiscito, por meio de uma delegação presidida por Dom Michele Caetani, Duque de Sermoneta, foi apresentado ao Rei Vittorio Emanuele em Florença no dia 8 de outubro. O presidente do conselho dirigiu-lhe estas palavras:

Roma com suas províncias, exultando em gratidão a Vossa gloriosa Majestade por tê-la libertado da opressão estrangeira das armas mercenárias com o valor do exército italiano, com um plebiscito geral, aclamou Vossa Majestade e Seus descendentes reais como seu Rei.

Para o qual H.M. respondeu:

Finalmente a árdua tarefa é cumprida e a pátria é reconstituída. O nome de Roma, o maior que já soou na boca dos homens, se reúne hoje com o da Itália, o nome mais querido ao meu coração. O plebiscito, pronunciado com tão maravilhosa concordância pelo povo romano e acolhido com alegre unanimidade em todas as partes do Reino, recon sagrou os fundamentos do nosso pacto nacional e mostra mais uma vez que, se não devemos pouco à fortuna, devemos muito mais à evidente justiça da nossa causa. Livre consentimento da vontade, desde que. ro troca de promessas fiéis, aqui estão as forças que fizeram a Itália (*Gl'Italiani in San Paulo*. 20 settembre 1888, num. 141, *anno* III, p. 5, 6).

ANEXO F - TRADUÇÃO DA FIGURA 23 - RECLAMAÇÃO SOBRE O TRATAMENTO DOS IMIGRANTES NA HOSPEDARIA



Não escrevemos um editorial, nem usamos frases sensacionalistas ou chavões para nos fazer entender.

No outro dia, em termos moderados, achamos que era nosso dever censurar a medida tomada pela Administração do Alojamento dos Imigrantes, pela qual os recém-chegados são proibidos de sair do estabelecimento.

Protestamos, como era nosso dever, contra aquele ato que considerávamos ofensivo aos direitos dos homens livres que tinham vindo para um país livre para trabalhar livremente.

Hoje diremos mais, que consideramos a medida em questão um solene abuso de poder. A direção da Sociedade Promotora de Imigração não autorizou de forma alguma; uma medida que foi tomada por razões desconhecidas para aqueles que não são versados nas coisas de baixo, mas que certamente não devem ser muito desinteressados ou leais. Exigimos imediatamente, à direção do Promotor de Imigração, a intervenção enérgica das ações, para que seja revogada esta odiosa ordem de confinamento, que está causando tamanha indignação geral. Não nos surpreenderia ver surgir a qualquer momento alguma situação escandalosa - até agora evitada por algum milagre que desconhecemos.

E isso é o suficiente por hoje (Gl' Italiani in San Paulo, 7 jul 1888, num. 112, ano III, p. 2).

ANEXO G – FIGURA 24 - CONSELHOS AOS IMIGRANTES

<p>SOCIEDADE PROMOTORA D E, Immigração</p> <p>Consigli agli Immigranti</p> <p>1º Nella Provincia di S. Paolo l'immigrante è libe o da qualsiasi contratto ed ha tutta la libertà di scegliersi il modo di vita che più gli conviene. La Società Promotrice d'Immigrazione non acconsente ch'egli si assoggetti a contratti di locazione di servizio in tanto ch'egli rimane sotto la sua protezione.</p> <p>2º L'immigrante subito arrivato è ammesso nell'Alloggiamento e può rimanere al massimo otto giorni, qualora non incontri prima lavoro o collocamento che a giudizio della Direzione della Società sia ritenuto vantaggioso per lui.</p> <p>3º Una volta entrato nell'Alloggiamento, l'immigrante è obbligato di sottostare al Regolamento interno, dovendo ritirarsi dal medesimo, qualora non voglia assoggettarsi alle sue prescrizioni.</p> <p>4º L'immigrante appena entrato nell'Alloggiamento deve rispondere alla chiamata, onde ricevere la bolletta di residenza che gli dà diritto all'alloggio ed al vitto durante la sua permanenza nello Stabilimento.</p>	<p>5º L'immigrante che non si trovasse presente alla chiamata, o che non rispondesse alla medesima, perde il diritto all'alloggio ed il vitto, come anche al sussidio pecunario che il Governo rimborsa a quelli che si recano in questa Provincia con passaggio pagato a loro spese, e perde ancora il diritto al passaggio <i>gratis</i> sulle ferrovie e linee a vapore sui fiumi della Provincia.</p> <p>6º Oltre al trasporto gratuito per conto del Governo Provinciale sulle linee ferroviarie e fluviali della Provincia, le altre spese, per interpreti alimentazione durante il viaggio e trasporto dalle stazioni finali al luogo di destino dell'immigrante, sono a carico di chi lo contratta e l'immigrante nel fissare le sue condizioni deve esigere questa clausola.</p> <p>7º L'immigrante quando tratterà della sua collocazione dovrà mettersi d'accordo direttamente cogli interessati o cogli interpreti impiegati della Società Promotrice, ed evitare con ogni cura di farlo coll'intermezzo di persone estranee alla Società per non essere ingannato e collocato malamente.</p> <p>8º La Società non si rende responsabile della collocazione dell'immigrante che si ritira dall'Alloggiamento senza dipendere dal suo personale, e non attenderà a</p>	<p>reclamazioni, quando, essendo stato collocato malamente e ingannato venisse a domandare la sua protezione.</p> <p>8º La Società non si rende responsabile della collocazione dell'immigrante che si ritira dall'Alloggiamento senza dipendere dal suo personale, e non attenderà a reclazioni, quando, essendo stato collocato malamente e ingannato venisse a domandare la sua protezione.</p> <p>9º L'immigrante prima d'impegnarsi nel servizio, deve dirigersi all'ufficio dell'Alloggiamento, per consultarsi sulle condizioni che gli sono fatte, sulla salubrità del luogo, capacità e serietà del contrattante; e la Società, consiglia, che esiga una dichiarazione per iscritto e firmata dal contrattante, nella quale siano stipulate le condizioni stesse. Una volta vista questa dalla Società, e sotto la sua responsabilità, l'immigrante può star sicuro che i suoi diritti saranno mantenuti e fatti da essa rispettare.</p> <p>10º L'immigrante che si contrattasse direttamente con qualunque proprietario per mezzo degli interpreti impiegati della Società e che mancasse agli impegni assunti senza motivi plausibili a giudizio della SOCIETÀ PROMOTRICE, verrà licenziato dall'Alloggiamento e perderà il diritto al passaggio gratuito sulle linee ferrate e fluviali.</p>
<p>11º L'immigrante che abbia il suo nome registrato nell'ufficio dell'Alloggiamento onde partire per l'interno, deve rispondere la vigilia della partenza all'appello serale, ed il giorno marcato per la partenza stessa seguirà l'impiegato incaricato d'accompagnarlo. Mancando ad una di queste condizioni, salvo caso di forza maggiore a giudizio della Società, perderà il diritto di rimanere nell'Alloggiamento ed al passaggio <i>gratis</i> sulle ferrovie e linee fluviali.</p> <p>12º L'immigrante al momento di ritirarsi dall'Alloggiamento dovrà restituire la bolletta di residenza ricevuta nell'entrare nello stabilimento.</p> <p>13º L'immigrante, nell'ufficio della Società troverà tutte le informazioni di cui potesse abbisognare, essendo servizio reale ch'essa gli fornisce gratuitamente. La Società si incarica anche gratuitamente, di richiedere dal governo lotti di terreno per quegli immigranti che volessero farne acquisto, e parimenti la Società s'incarica, sempre gratuitamente, di fare tutte le pratiche occorrenti col governo ed ufficio di terre e colonizzazione.</p> <p>14º L'immigrante che voglia cambiare moneta del suo paese in moneta Brasiliana s'informerà prima del rispettivo valore nell'ufficio dell'Alloggiamento.</p>	<p>15º L'immigrante ha a sua disposizione nell'ufficio dell'Alloggiamento un libro nel quale deve scrivere le sue lagnanze sul trattamento nell'Alloggiamento e modo di condursi degli impiegati, e tutti i giorni, verbalmente deve presentare le sue reclazioni al direttore di settimana, sicuro che sarà ascoltato ed atteso con deferenza, senza pericolo d'affrontare qualsivoglia contrarietà.</p> <p>16º La Società Promotrice d'Immigrazione, avendo a cuore anzitutto gli interessi degli immigranti, insiste sul consigliarli a consultarla sempre su tutto quanto loro potesse occorrere, assicurandoli fino da ora, che saranno guidati colla maggiore lealtà possibile.</p> <p>17º Gli immigranti devono mettersi in guardia dai consiglieri ufficiosi che non appartengono all'Alloggiamento, e che, senza responsabilità dei loro atti e senza scrupolo di coscienza, troppo spesso li dirigono malamente.</p> <p>S. Paolo, Agosto 1888, Rua do Carmo N. 1, La Direzione della Società Promotora d'immigrazione</p>	

SOCIEDADE PROMOTORA DE IMIGRAÇÃO

Conselhos aos Imigrantes

1º - Na Província de S. Paulo o imigrante está isento de qualquer contrato e ele tem total liberdade para escolher o modo de vida que melhor lhe convém. A Sociedade

Promotora de Imigração não permite que ele fique sujeito a contratos de aluguel de serviços enquanto permanecer sob a sua proteção.

2º - O imigrante que chega imediatamente é admitido no Alojamento e pode permanecer no máximo oito dias, caso não encontre primeiro um emprego ou colocação que na opinião da administração da Empresa lhe seja considerado vantajoso.

3º - Uma vez inscrito no Alojamento, o imigrante fica obrigado a cumprir o Regimento Interno, devendo ele retirar-se caso não queira submeter-se às suas exigências.

4º - O imigrante recém-ingressado no Alojamento deverá responder à chamada para receber o boleto que lhe dá direito a hospedagem e alimentação durante sua permanência no Alojamento.

5º - O imigrante que não compareça à chamada, ou que não lhe responda, perde o direito ao alojamento e à alimentação, bem como à assistência financeira que o Governo reembolsa a quem se dirige a esta cia com tudo o que necessitam, assegurando-lhes passagem paga às suas custas, e ainda perde o direito à livre passagem nas ferrovias e nas linhas de vapor dos rios da Província.

6º - Além do transporte gratuito por conta do Governo Provincial nas linhas ferroviárias e fluviais da Província, as demais despesas, com intérpretes, alimentação durante a viagem e transporte das estações finais até o local de destino do imigrante, são custeadas por quem a contrata e o imigrante deverá solicitar esta cláusula no estabelecimento de suas condições.

7º - Ao discutir sua colocação, o imigrante deverá chegar a um acordo diretamente com os interessados ou com os intérpretes contratados pela Empresa Promotora, e tomar todos os cuidados para evitar fazer com a ajuda de pessoas externas à Empresa para não ser enganado e mal colocado.

8º - A empresa não se responsabiliza pela colocação do imigrante que se retira do Alojamento sem depender de seu quadro de funcionários, e não esperará para afirmar, quando, mal alugado e enganado, vem pedir sua proteção.

9º Antes de se comprometer com o serviço, o imigrante deverá dirigir-se ao Gabinete de Alojamento para consultar sobre as condições que lhe são aplicáveis, a salubridade do local, a capacidade e seriedade do contratante; e a Companhia informa que exige declaração escrita assinada pelo contratante, na qual estejam estipuladas as próprias condições. Uma vez aprovado pela Empresa, e sob sua responsabilidade, o imigrante pode ter certeza de que seus direitos serão mantidos e garantidos por ela.

10º - O imigrante que negociar diretamente com qualquer proprietário por meio dos intérpretes contratados pela Empresa e que deixar de cumprir os compromissos assumidos sem motivos plausíveis a julgamento da Empresa Promotora, será retirado do Alojamento e perderá o direito à livre passagem nas linhas ferroviárias e fluviais.

11º - O imigrante que tiver o seu nome registrado no Gabinete do Alojamento para partir para o interior deverá responder à chamada na véspera da saída e dia marcado na noite,, para a saída propriamente dita, acompanhará o funcionário responsável. O não cumprimento de uma destas condições, salvo casos de força maior a critério da Sociedade, perderá o direito de permanência no alojamento e de livre passagem nas ferrovias e linhas fluviais.

12º - Ao retirar-se do alojamento, o imigrante deverá devolver a conta de residência recebida na entrada no estabelecimento.

13º - No escritório da Empresa o imigrante encontrará toda a informação que necessita, pois é um verdadeiro serviço que lhe presta gratuitamente. A Empresa também se compromete, gratuitamente, a solicitar terrenos ao governo para os imigrantes que os desejem adquirir, e igualmente a Empresa compromete-se, novamente gratuitamente, a realizar todos os trâmites necessários junto ao governo e escritório de terras e colonização.

14º - O imigrante que quiser trocar a moeda de seu país por moeda brasileira deverá primeiro consultar a secretaria do alojamento.

15º - O imigrante tem à sua disposição no Gabinete de Alojamento um livro no qual deve anotar as suas reclamações sobre o tratamento no Alojamento e o comportamento dos funcionários, devendo todos os dias, apresentar verbalmente as suas reclamações ao diretor da semana, certo de que será ouvido e esperado com deferência, sem risco de enfrentar qualquer oposição.

16º - A Sociedade Promotora de Imigração, tendo em primeiro lugar os interesses dos imigrantes, insiste em aconselhá-los a consultá-la sempre sobre que necessitarem, assegurando-lhes doravante que serão orientados com maior lealdade possível.

17º - Os imigrantes dever estar atentos aos conselheiros não oficiais que não pertencem ao Alojamento e que, sem responsabilidade pelos seus actos e sem escrúpulos de consciência, muitas vezes eles administram mal.

S. Paulo, agosto de 1888, Rua do Carmo n. 1.

A Gestão da Sociedade Promotora de Imigração (*Gl' Italiani in San Paulo*, 9 out 1888, num. 149, ano III, p. 3.)

ANEXO H – FIGURA 26 - ESCLARECIMENTO DA SPI

Società Promotora da Immiçração — La Società Promotora da Immiçração mandó ai giornali di questa Capitale la seguente dichiarazione :

« E' inesatto che cinquecento capi di famiglia d'immigranti presentassero al Re d'Italia una supplica per essere rimpatriati.

« Al Vice Consolato di questa Capitale si diressero una trentina di individui reclamando il rimpatrio in Italia in una supplica al Re Umberto e domandando che fossero riconosciute le loro firme.

« La Direzione di questa Società ha motivi per credere che nemmeno tutti i firmatari di quella supplica siano immigranti residenti nell'Ospedaria: é necessario aggiungere ancora che i firmatari nella medesima ricoverati, interrogati in questo proposito, dichiararono essere loro convinzione di avere firmato quella carta nella quale si domandava il rimpatrio, sempreché fosse di loro convenienza rimpatriare.

« Questa Direzione dichiara altresí che gli immigranti sempre hanno trovato collocazione regolare. La domanda rallentó durante alcuni giorni in seguito all'arrivo da Santos del Vapore *Frisia* venuto con immigranti infestati di vajolo.

« Questa malattia però già ha cessato, e la domanda riprende attivamente, meno però per i turbolenti ultimamente entrati nell'alloggiamento.»

A Sociedade de Promoção da Imigração enviou a seguinte declaração aos jornais desta Capital:

- É incorreto que quinhentos chefes de famílias de imigrantes tenham apresentado uma petição ao Rei da Itália para serem repatriados.

- Cerca de trinta indivíduos foram ao Vice-Consulado desta Capital, exigindo o repatriamento para a Itália em petição ao Rei Umberto e solicitando que suas formas fossem reconhecidas.

- A Direção desta Sociedade tem razões para crer que nem todos os signatários daquela petição são imigrantes residentes no Hospital: é necessário acrescentar que os

signatários que ali se encontravam internados, interrogados sobre este assunto, declararam estar convictos de que tinham assinado aquele papel em que se pedia o repatriamento, desde que fosse do seu interesse repatriar-se.

- Esta Diretoria declara ainda que os imigrantes sempre encontraram colocação regular. A demanda diminuiu por alguns dias após a chegada de Santos do navio a vapor Frisia, trazendo imigrantes infectados com varíola.

- No entanto, essa doença já cessou e a demanda está sendo retomada ativamente, embora menos para as pessoas turbulentas que recentemente entraram no mercado imobiliário (*Gl' Italiani in San Paulo*, 15 jan 1889, num. 185, ano IV, p. 2.)

ANEXO I – FIGURA 32 – SOCIEDADE DE IMIGRAÇÃO DE S. PAULO

Sociedade de Imigração de S. Paulo

PRESIDENCIA DO SR. BRIGADEIRO CUTO
DE MAGALHES

Secretario sr. dr. A. C. de Miranda Azevedo

Na sessão de 23 do corrente, tratou-se do seguinte :

O sr. presidente communicou que tendo recebido, ao sahir da associação, a noticia da eleição do sr. dr. Esersgnolle Taunay e estando reunidos os membros da mesa que casualmente pertencem aos tres partidos e cuja opinião não pôde portanto ser suspeita de politica, julgaram elles que seria unanimemente approvado o telegramma de felicitação que dirigiram a aquelle cavalheiro visto serem evidentes e geralmente reconhecidos seus serviços

a favor da causa da imigração aqui e na Europa.

A associação approvou unanimemente a remessa do telegramma e o sr. secretario leu o telegramma de sr. Taunay, em resposta, agradecendo a associação.

O sr. dr. Martinho Prado Junior mostrou a conveniencia de que pudessem ser remetidas para a Europa com porte franco as publicações que tivessem por fim mostrar as condições reais que o Brazil meridional offerece aos immigrants. O sr. 1º secretario dr. Miranda Azevedo communicou que o aviso da agricultura franqueando o porte a correspondencia da sociedade de imigração era illusorio na pratica o que foi confirmado pelo 2º secretario sr. Carlos Belle citando ambos o facto de que haviam sido forçados a pagar o porte de toda correspondencia que lhes passára pelas mãos.

Foi nomeado o sr. dr. Jsguaribe Filho para se entender com o sr. administrador do correio e, em caso de necessidade, representar ao sr. ministro da

agricultura.

Discutindo-se o modo porque se devia encerrar os trabalhos annuaes desta associação approvou-se o alvitre proposto pelo sr. dr. Sá e Albuquerque e Martinho Prado de que se limitasse isso a publicar relatorio circumstanciado dos serviços da associação durante o anno, e a dar-lhe toda possível circulação.

Leu-se em officio do redactor em chefe de periodico «L'Immigrante» sr. Alessandro Maglia offerecendo-se para publicar as actas da associação; aceitou-se e agradeceu-se, sobretudo porque a seriedade deste jornal e o modo porque trata as questões de immigração apresenta grande differença da linguagem aggressiva ao Brazil do individuo fulano Turchi, editor do «Garibaldi», como foram cita-

dos exemplos pelos sr. Martinho Prado e Miranda Azevedo.

Foi approvada uma proposta de sr. dr. Jaguaribe Filho para se felicitar a Sociedade de Immigração do Pará pela sua fundação, ficando o mesmo sr. encarregado de redigir o officio.

O sr. Miranda Azevedo communicou que sollicitou e obteve de sr. inspector de immigração duas passas para immigrants success para Araraquara.

Receberam e agradeceram-se o Almanach da Provincia, remettido pelo sr. Seckler.

Assistiram a sessão dois visitantes—o sr. dr. Michler professor de chimica industrial da Escola Polytechnica, e o viajante francez sr. J. Bernier, e a sociedade lhes agradeceu sua presença.

Foram propostas e approvadas accoes os sr. dr. João Pinto Goncalves, engenheiro, dr. Noster Freire de Carvalho e dr. Felisardo Cavalheiro, medico.

Levantou-se a sessão as 4 da tarde estando presentes os sr. Couto Magalhães, Miranda Azevedo, Carlos Bolle, dr. Carlos Garcia, Pamphilo de Carvalho, dr. Dominges Jaguaribe, dr. Sá e Albuquerque, dr. Martinho Prado Junior e João Adelpho Schritzmeyer.

ANEXO J – FIGURA 40 – PARTICIPAÇÃO EM ASSOCIAÇÃO

Protector das Famílias Pobres

Em sessão de ante-hontem da Comissão Confraternizadora foi approvada a autentica assignada pelos representantes da imprensa, que acceitaram os cargos para os quaes foram eleitos; e foram acclamados membros do conselho fiscal, os seguintes jornalistas:

Dr. Jorge Miranda, representante do *Correio Paulistano*.

Fallito de Almeida, do *Estado de São Paulo*.

Léo de Alfonsoça, do *Mercantil*.

Alberto de Souza, do *Jornal da Tarde*.

Alexandre Maglia, da *Leza Italiana*.

Eduardo Carlos Perolra, da *Revista das Missões*.

Cavalheiro Antonio Grandis, do *Pensiero Italiano*.

Albino Soares Balrão, do *Diario de Noticias*.

Theophilo Trehltz, da *Germania*.

Antonio Gonçalves da Silva, da *Verdade e Luz*.

Resolveu-se conferir o titulo de socio protector ao conselheiro Leoncio de Carvalho, por ter concedido o salão do Lyceu para as reuniões; deliberou-se que as sessões se realizem aos domingos, á 1 hora da tarde, havendo na primeira parte, conferencias sobre qualquer thema que esteja de accordo com o espirito da Associação e ficando desde já aberta a inscripção de doutrina-doras.

A conferencia de hoje será sobre o Regulamento Interno.

A lista dos voluntarios da charidade

não é só philantropica, & tambem evangelizadora.

No escriptorio desta redacção achase aberta a inscripção das exmas. senhoras que, inspiradas pelos sentimentos de amor do proximo, quizerem se inscrever como voluntarias da charidade, para distribuir uma vez por anno, os vales de soccorros que a Associação fornecerá.

DONATIVOS	
Quantia publicada	50\$000
Dr. Gustavo Pacca	5\$000
Joaquim Leite Pentado	5\$000
Dr. Arthur Montmorency	5\$000
Pedro Valls—cumberlandista	5\$000
Frederico Levrero	5\$000
M. J. de L. Trancoso	5\$000
Luiz de Araujo Lebre	10\$000
	<hr/>
	99\$000

Manoel Gain, 1 barril de banha.

A. P. dos Santos Vianna, 100 litros e 60 kilos de assucar.

Luiz Perez Rodrigues, 1 barril de banha.

M. José da Granja, 30 tijollas vidradas.

A. M. Machado, 60 kilos de assucar.

Balbino José de Araujo, 100 libras de fubá fino.

Luiz Invernizzi, 500 pães de 40 réis.

Roga-se aos offerntes não remetterem as dadas, enquanto não forem eleitos o thesourairo e o almoxarife effectivos.

Está encarregado de inscrever os donativos o professor Angelo Torteroli, ladeira do Carmo n. 31.

Para organisação da lista secreta das familias pobres, acceitam-se propostas hoje, a 1 hora da tarde, no Lyceu de Artes e Officios.

ANEXO K - FIGURA 43 - O ELEITORADO ITALIANO PERANTE O PAIZ

O eleitorado Italiano perante o Paiz

Os eleitores deste Estado, tem de se apresentar quanto antes ás urnas para a eleição dos senadores e deputados ao Congresso Constituinte. No momento em que os cidadãos tem de exercer o mais elevado dos seus direitos, que a lei lhes reconhece, julgo não desnecessario relevar a attenção dos eleitores italianos.

Fallou-se nestes dias nos *candidatos da colonia italiana* como se uma colonia estrangeira,—a qual por ser colonia deve se reger pelas leis do seu paiz, pudessem ter uma *politica sua* e ter no parlamento do paiz seus representantes e delegados; fallou-se do *eleitorado italiano*, como se os novos e antigos brazileiros, só por ser italianos de origem, pudessem pretender a fazer uma politica especial, e que baste o nome do estrangeiro—para significar uma politica; fallou-se de *candidatos e deputados italianos*, como se aquele que tiver a honra de entrar no senado ou na camara, pudessem ser, não o representante do Estado ou da Nação, mas sim o representante de uma colonia estrangeira ou de uma microscopica fracção do seu corpo eleitoral.

Constituiu-se e funciona entre os eleitores italianos uma Commissão Permanente, e comprazo-me de ver que desde o seu começo constituiu-se com o pensamento claro, exacto e bem determinado de sua alta missão.

Com effeito ella não se tem constituido para sustentar um ou outro individuo, sob o singular pretexto de que, *o tal individuo é italiano*: ella tem elaborado um programma, o tem discutido, approved; Programma politico, republicano alto e profundamente liberal, pelo qual pretendia estabelecer que os electores de origem italiana que em viver da vida deste paiz, assimilar-se aos demais partidos politicos, com os quaes conlivi-ir o programma, ou pelo menos, não fazer opposição de principios e com elles lutar, vencer ou ser vencidos.

E foi por ser muito correcta e leal a sua conducta que pude desde logo occupar uma posição séria e imponente perante o Paiz, aos partidos, á colonia italiana e até aos mesmos adversarios.

Tendo esta Commissão Permanente do Partido Republicano, deliberado apresentar uma chapa, na qual fossem incluídos os

Tudo isso dá uma curiosa prova da experiencia politica de quem aspira á candidatura ou a grande electo entre os italianos, e demonstra a exuberancia e grave confusão de idéas que reina no espirito de alguns homens que se qualficam de profundos politicos; confusão que por si só devia chegar a incompatibilisal-os para qualquer cargo politico.

Não resta duvida que compete o direito aos eleitores de origem italiana de sustentar este ou aquelle outro candidato: porém em nome de que principio? Talvez, unicamente porque nasceram em terra italiana, ou por ser filhos de italianos?

Parece-me isso bastante ridiculo, pois entre os italianos, temos clericos, monarchicos, republicanos, conservadores, progressistas, socialistas, anarchicos, etc., etc., e além de ridiculo, seria tambem immoral, o de pular com demasiada indifferença do clerical ao socialista, do conservador ao progressista!...

electores de origem estrangeira pelas nacionalidade italiana, allemã e portugueza, e tendo sido, pelo intermedio de um distincto meu concidadão, convidados os Italianos naturalizados a se pronunciarem a respeito, a «Commissão dos electores Italianos», antes de tudo, applaudindo o *Programma de Concordia* da referida «Commissão Permanente do Partido Republicano» como ao que melhor satisfazia ás necessidades e ás aspirações do Paiz, deliberava de concorrer com as suas forças para o triumpho da chapa que fosse adoptada pela mesma Commissão.

E tendo de se proceder á escolha de pessoa, para ser apresentada á «Commissão Permanente» como *Candidato*, não da colonia italiana—não dos electores italianos—os quaes, nunca poderão tel-o, nem chegar, politicamente á entenderem-se e concordar respeito á uma pessoa—porém, um candidato da «Commissão Permanente dos electores italiano», e portanto, defensor do seu programma, a grande maioria dos votos se tem pronunciado pelo dr. João Eboli, que em tempo fez publicar, repetidas e formaes declarações de aceitar o programma republicano liberal da referida Commissão.

Tanto é assim que logo conhecidas as deliberações da Comissão chegaram-lhe da capital e do interior do Estado adhesões de eleitores italianos, as quaes não podem ter outra explicação que de tornar conhecida a «Comissão Permanente do Partido Republicano» que o procedimento da «Comissão dos eleitores italianos» e a escolha a seu candidato do dr. João Eboli, têm desde já toda a sympathia e approvação, não só dos que tem voto para sustenta-la perante as urnas eleitoraes, como tambem dos que não pertencem ao corpo eleitoral e parece-me que isto teria de responder talvez ao pensamento da «Comissão Permanente do Partido Republicano» a qual, tendo marcado uns lugares aos eleitos de origem estrangeira, não ha de pretender por certo, dividir o corpo eleitoral conforme a naturalidade de origem de cada um dar a uma minuscula parte do mesmo um representante seu, mas pelo contrario assegurar-se de que o candidato escolhido, politica e moralmente é o representante daquelle sua nacionalidade que o elegeu e que tem as sympathias dos seus concidadãos.

E o dr. João Eboli, achando-se nas condições de contar com o apoio dos eleitores de origem italiana, os votos dos do paiz e as outras nacionalidades, por ser um homem por todos favoravelmente conhecido, recebeu tambem innumeras adhesões e provas de sympathia da grande maioria dos italianos naturalizados e não-naturalizados aqui residentes, desde casas de commercio as mais importantes, até ao mais humilde trabalhador.

Assim é que, perante a Comissão Permanente dos eleitores italianos a qual representa uma *politica* desde que tem um *programma* perante o dr. João Eboli; o qual declarava aceitar e sustentar o referido programma, permitto-me perguntar, o que pretendem representar os taes candidatos, os quaes, por si mesmo e sem autoridade alguma, vêm ao publico proclamando-se CANDIDATOS DA COLONIA ITALIANA ?!

Me é licito conhecer qual é a tal politica da Colonia Italiana.

No meu entender, julgo que a Colonia Italiana não tem, nem pôde ter no paiz, uma *politica* sua especial; e, em todo caso, os que se proclamam seus candidatos tem a obrigação de se explicar e tornar conhecida a tal *politica*. atim de que, o paiz, as duas Comissões Permanentes e os italianos todos, possam discutil-a e judicial-a...

S. Paulo, 25 de Fevereiro de 1891.

ALEXANDRE MAGLIA.

ANEXO L - FIGURA 48 - PEDIDO DE
INFORMAÇÕES E RECLAMAÇÕES

CRIAÇÃO DE GABINETE DE

Immigrazione

Lo sappiamo bene anche noi, che in questo momento di agitazione politica nella quale si trova il paese, la nostra voce corre rischio di perdersi nel vuoto. Ciò non ostante è nostro dovere di richiamare l'attenzione di chi sta alla testa della pubblica amministrazione su taluni provvedimenti, che l'esperienza, la ripetizione di certi determinati casi ed il tempo, vengono a dimostrarne l'urgente bisogno.

Ci riferiamo alla creazione di un Ufficio d'informazioni e reclamazioni per

gli immigranti e di un Asilo Agricolo.

In queste stesse colonne, all' 21 marzo scorso, n° 210, nell' articolo, — *Da Erode a Pilato*, addolorati nel vedere frotte d'immigranti—coloni, vagare per le vie della città da un ufficio ad un altro, da una porta ad un'altra, implorando, elemosinando un consiglio, una protezione, un aiuto senza trovare chi lor prestasse attenzione, non già per cattivo cuore od indifferenza, ma per incompetenza od impotenza, deplorando il fatto scrivevamo;

• E tutto questo perché?

• Perché, è d'uopo riconoscere, manca un Ufficio d'informazioni e reclamazioni per gli immigranti, destinato esclusivamente a ricevere le lagnanze, le suppliche, le proteste, di qualunque genere, titolo e causa, verbali o scritte, le quali dovrebbero essere regolarmente scritte, copiate e protocollate in appositi registri, per poi venire inoltrate a chi di dovere o di diritto per il conveniente dispaccio.

• Naturalmente, il personale adetto a quest'ufficio non genericamente composto di persone di riconosciuta onestà, attività e buon volere, dovrebbe essere sotto la dipendenza d'un capo competente, conoscitore delle leggi ed in diretti rapporti colle autorità del paese.

• Ben inteso che l'immigrante-colono non dovrebbe pagar nulla.

Lo stesso dicasi dell' *Asilo Agricolo*, istituzione la cui urgente necessità nessuno che abbia un pó di cuore e di buon senso, può ne' deve disconoscere, tanto più ora che si ripetono quasi giornalmente i casi di ritorno delle famiglie di coloni dalle fazende a S. Paulo, che domandano di venire riammesse nell'Alloggiamento del Braz, le cui porte sovente si aprono per ricevernele, mal grado che il regolamento della casa formalmente vi si opponga.

In questa guisa, dicemmo nell'articolo *Asilo Agricolo*, pubblicato il 28 marzo, n. 212, a poco a poco l'Alloggiamento del Braz, si va trasformando in Asilo di mendicizia, nel quale vegetano centinaia d'individui—uomini, donne, ragazze e ragazzi — nell'ozio e nell'abbandono, « mollemente cullati nella fiducia di un « appoggio che da un momento all'altro « potrebbe venir loro a mancare », mentre che,

si dovrebbe anche pensare seriamente al modo di dare un destino conveniente a costoro; prepararli al lavoro, renderli utili a se stessi ed alla comunità, tirarli dall'oziosità in cui si trovano, far loro sentire il bisogno ed il dovere di pensare al proprio avvenire,..... ed aggiungevamo ancora;

• Urge quindi provvedere in modo energico e decisivo, affine di sottrarre tutta quella gente ai pericoli che la minaccia e salvare la società da una sterminata legione di futuri oziosi e vagabondi.

• Non potremmo quindi che appoggiare ed ap-

plaudire un'idea che da persona competentissima, a quanto ci si assicura, era suggerita or è poco al Sig. Dr. Presidente della Provincia che si mostrava giustamente allarmato alla vista dello sconfortante quadro che attualmente si vede nell'Alloggiamento del Braz, di creare cioè, in terreni appropriati, che il governo dovrebbe destinare a questo scopo, un **Grande asilo agricolo** fornito di scuole di prime lettere, d'arti e mestieri, nel quale si ricovererebbero tutti quegli immigranti invalidi ed inabili ai servizi agricoli nelle aziende nei nuclei coloniali, le famiglie prive di sostegno, gli orfanelli: i bambini obbligati a frequentare le scuole, e gli adulti a lavorare nel limite delle loro forze in beneficio dell'Amministrazione, la quale a sua volta fornirebbe a tutti alloggio e vitto igienico e sufficiente ed a questi ultimi una ragionevole ed equa mercede.

Perdurando, anziché cessare lo stesso stato di cose; ripetendosi anzi quasi ogni giorno, i ritorni di famiglie coloniali dalle fazende e loro peregrinazioni per la città; viepiù ci persuadiamo dell'urgenza di fare qualche cosa nel senso di mettere serio ed efficace riparo agli inconvenienti gravissimi, che motivarono le due accennate nostre proposte.

Non abbiamo la pretesa di supporre ch'esse rappresentino idee perfette, no; crediamo però ch'esse potrebbero servire di base per studiarvi un progetto che meni a risultati pratici e benefici.

E ciò è quanto occorre e che avidamente desideriamo.

Che si agisca e si faccia qualche cosa onde migliorare questa situazione niente affatto buona e decorosa, che non può nè deve rimanere come si trova, è quanto non cesseremo di domandare!

IMIGRAÇÃO

Nós também sabemos muito bem que neste momento de turbulência política em que o país se encontra, nossa voz corre o risco de se perder no vazio. Não obstante, é nosso dever chamar a atenção dos responsáveis da administração pública para algumas medidas que a experiência, a repetição de certos casos concretos e o tempo demonstram ser urgentes.

Referimo-nos à criação de um Gabinete de Informação e Reclamações para imigrantes e um asilo agrícola. Nestas mesmas colunas, no dia 21 de março no último número, n.º 210, no artigo De Herodes a Pilatos, entristecidos ao ver multidões de colonos imigrantes, vagando pelas ruas da cidade de um escritório a outro, de uma porta a outra, implorando, suplicando conselho, proteção, auxílio, sem encontrar quem lhes desse atenção, não por mau coração ou indiferença, mas por incompetência ou impotência, deplorávamos o fato; e todos pergunta por que?

Porque para poder receber informações e reclamações de imigrantes, destina-se exclusivamente a receber reclamações, requerimentos, protestos, de qualquer natureza, título e causa, verbais ou escritos, os mesmos deverão ser regularmente redigidos, copiados e registrados em livros próprios, para que possam ser encaminhados ao responsável ou por lei para o devido despacho.

Naturalmente, o pessoal deste escritório sui generis, composto por pessoas de bom caráter, atividade e boa vontade, deve estar sob a autoridade de um chefe competente, conhecedor da lei e em contato direto com as autoridades do país.

É claro que o imigrante-colono não deveria ter que pagar nada.

O mesmo se pode dizer do Asilo Agrícola, instituição cuja necessidade urgente ninguém com um pingão de coração ou bom senso pode ou deve ignorar, principalmente agora que se repetem quase diariamente casos de famílias de agricultores que retornam de suas roças em S. Paulo e pedem para serem readmitidos no Alojamento Braz, cujas portas muitas vezes são abertas para recebê-los, ainda que o regulamento da casa formalmente se oponha a isso.

Assim dissemos no artigo Asilo Agrícola, publicado em 28 de março, n. 212, aos poucos o Alojamento do Braz vai se transformando num asilo de mendigos, onde centenas de indivíduos — homens, mulheres, meninas e meninos — vegetam na ociosidade e no abandono, suavemente embalados na confiança de um <apoio que a qualquer momento>> pode faltar, enquanto, deveríamos também pensar seriamente em como dar a essas pessoas um destino adequado; prepará-los para o trabalho, torná-los úteis a si próprios e

à comunidade, tirá-los da ociosidade em que se encontram, fazê-los sentir a necessidade e o dever de pensar nos seus próprios interesses.

em breve, e acrescentamos mais;

É, portanto, urgente tomar medidas enérgicas e decisivas para libertar todas essas pessoas dos perigos que as ameaçam e salvar a sociedade de uma legião interminável de futuros ociosos e vagabundos.

Poderíamos, portanto, apenas apoiar e aprovar para aplaudir uma ideia que, até onde sabemos, uma pessoa muito competente sugeriu recentemente ao Sr. Dr. Presidente da Província, que estava justamente alarmado com o quadro desanimador que prevalece atualmente no alojamento do Braz, para criar, em terras apropriadas, que o governo deveria alocar para esse propósito, um grande asilo agrícola equipado com escolas primárias, artes e ofícios, para acolher os imigrantes que são deficientes e incapazes de realizar serviços agrícolas, seja trabalhando no campo ou no campo, famílias sem apoio, órfãos ou crianças forçadas a frequentar a escola, e adultos forçados a trabalhar dentro dos limites de seus meios para o benefício de. 'Administração, que por sua vez forneceria a todos alojamento e alimentação limpos e suficientes e, a estes últimos, um café da manhã razoável e adequado.

O mesmo estado de coisas persistindo em vez de cessar; de fato, o retorno das famílias camponesas de suas fazendas e suas andanças pela cidade se repetem quase todos os dias; estamos ainda mais convencidos da urgência de fazer algo no sentido de remediar séria e eficazmente os gravíssimos inconvenientes que motivaram as nossas duas propostas acima mencionadas.

Não pretendemos supor que elas representam ideias perfeitas, não; Acreditamos, no entanto, que elas podem servir de base para o estudo de um projeto que leve a resultados práticos e benéficos.

E é disso que precisamos e que desejamos avidamente.

Que algo seja feito e posto em prática para melhorar esta situação que não é nada boa nem decorosa, que não pode e não deve permanecer como está, é o que nunca deixaremos de pedir! (*Gl' Italiani in San Paulo*, 1-2 jun 1889, num. 236, ano IV, p. 1).

ANEXO M - FIGURA 49 - ASILO AGRÍCOLA

ASILO AGRICOLA

L'Alloggiamento degli immigranti, destinato ad albergarvi i nuovi arrivati in attesa di collocazione, a quanto ci si assicura, sembra che vada a poco a poco trasformandosi, quasi diremmo, in *asilo di mendicizia*, poiché adesso vi affluiscono giornalmente famiglie ed individui, per cause diverse obbligati a ritirarsi dalle fazende, che vi fanno ritorno sollecitando la riammissione, la quale rare volte vien loro negata, e vi rimangono indefinitamente.

Quasi sempre, si tratta di individui o di famiglie, che colpiti da malattia o disgrazia che li rese invalidi vengono rimandati dalle fazende alla Capitale in cerca di un mezzo di salvazione.

Si comprende che il fazendiero il quale, avendo preso al suo servizio una famiglia, quando uno o diversi dei membri che la compongono cade ammalato o muoia rendendola incapace al lavoro per cui venne contrattata, non si creda obbligato di provvedere ai bisogni dei superstiti e li rimandi in S. Paulo dalla fazenda, convinto in buona fede che qui potrebbero trovare più facilmente assistenza. E non sempre s'ingannano, poiché le porte dell'Alloggiamento del Braz bene spesso s'aprono e s'aprono tuttora per dar ricovero a casi disgraziati come quelli cui ci riferiamo e che si raccomandano più specialmente alla benevolenza ed alla carità dell'Amministrazione, malgrado che il regolamento della casa formalmente si opponga.

Del resto, è d'uopo convenire, che sarebbe un pretendere oltre misura dai fazendieri, che s'impongano il sacrificio di conservare nei loro stabilimenti agricoli, famiglie di invalidi ed impotenti al lavoro, che consumano senza produrre; come pure non si devono né si possono condannare all'ostracismo queste stesse famiglie troppo duramente ed immeritamente colpite dall'avversità.

Poiché, aggravare con un abbandono disumano dei disgraziati, colpire degli innocenti, vittime della sventura, a soffrire per codesto privazioni e miseria, sarebbe davvero troppo crudele ed ingiusto; epperció applaudiamo di tutto cuore alle numerose eccezioni aperte dall'amministrazione dell'alloggiamento in beneficio dei molti riammessi nello stabilimento che più degli altri si meritavano tanto speciale favore.

Peró, ci sia lecito di osservare che in

pari tempo si dovrebbe anche pensare seriamente al modo di dare un destino conveniente a costoro; prepararli al lavoro, renderli utili a se stessi ed alla comunità, tirarli dall'oziosità in cui si trovano, far loro sentire il bisogno ed il dovere di pensare al proprio avvenire, e non lasciarli mollemente cullare nella fiducia di un appoggio che da un momento all'altro potrebbe venir loro a mancare.

Tra quelli che si trovano nell'Alloggiamento del Braz nelle suaccennate condizioni e per le cause anzidette, vi hanno numerose famiglie con dei ragazzi d'ambosessi e bambini, per i quali l'oziosità ed il mal esempio potrebbero essere fatali.

Urge quindi provvedere in modo energico e decisivo, affine di sottrarre tutta quella gente ai pericoli che la minacciano a salvare la società da una sterminata legione di futuri oziosi e vagabondi.

Non potremmo quindi che appoggiare ed applaudire un'idea che da persona competentissima, a quanto ci si assicura, era suggerita or è poco al Sig. Dr. Presidente della Provincia che si mostrava giustamente allarmato alla vista dello sconsolante quadro che attualmente si vede nell'Alloggiamento del Braz, di creare cioè, in terreni appropriati che il governo dovrebbe comperare a questo scopo, un **Grande asilo agricolo** fornito di scuole di prime lettere, d'arti e mestieri, nel quale si ricovererebbero tutti quegli immigranti invalidi ed inabili ai servizi agricoli nelle fazende o nei nuclei coloniali, le famiglie prive di sostegno, gli orfanelli; i bambini obbligarli a frequentare le scuole, e gli adulti a lavorare nel limite delle loro forze in beneficio dell'Amministrazione, la quale a sua volta fornirebbe a tutti alloggio e vitto igienico e sufficiente ed a questi ultimi una ragionevole ed equa mercede.

Tale idea che tentammo di succintamente sbizzare, la ci parve tanto buona, umanitaria, e pratica che non esitammo a renderla pubblica, anche a rischio di commettere un'indiscrezione, onde trovi nei poteri competenti il necessario appoggio per tradurla presto in fatto compiuto.

La sua esecuzione potrebbe essere anzi affidata a particolari, coadiuvati però dai due governi generale e provinciale e della municipalità, tutti direttamente ed egualmente interessati nel suo buon esito e se, come ci lusingava la speranza,

s'avesse a realizzare la costituzione delle Società di *Patronato degli Immigranti* ed essa più che ad altri competere dovrebbe: la missione di attuare la creazione di una così umanitaria e provvida istituzione.

Quod est in votis!

Asilo Agrícola

O alojamento dos Imigrantes, destinado a abrigar os recém-chegados que aguardavam colocação, parece, pelo que nos foi garantido, estar gradualmente se transformando, poderíamos quase dizer, num asilo de mendigos, já que hoje famílias e indivíduos acorrem para lá todos os dias, obrigados por várias razões a abandonar as suas quintas, e aí regressam pedindo readmissão, que raramente lhes é negada, permanecendo aí por tempo indeterminado.

Quase sempre, são indivíduos ou famílias que, atingidos por doenças ou infortúnios que os tornam incapacitados, são enviados de volta das fazendas para a capital em busca de um meio de salvação.

Entende-se que o lavrador que, tendo tomado a seu serviço uma família, quando um ou mais dos seus membros adocece ou morre, ficando incapacitados para o trabalho para que foram contratados, não se considera obrigado a prover às necessidades dos sobreviventes e os envia de volta da fazenda para S. Paulo, convencido de boa-fé de que aqui poderiam encontrar assistência mais facilmente. E nem sempre se enganam, pois as portas da Hospedaria Braz muitas vezes foram abertas e continuam abertas para dar abrigo a casos infelizes como os que estamos a referir e que se recomendam mais especialmente à benevolência e caridade da Administração, apesar de o regulamento da casa formalmente se opor. colocar.

Além disso, é preciso concordar que seria uma exigência excessiva para os agricultores imporem a si mesmos o sacrifício de manter em seus estabelecimentos agrícolas famílias de inválidos e incapazes de trabalhar, que consomem sem produzir; assim como essas mesmas famílias, atingidas de forma demasiado dura e imerecida pela adversidade, não devem e não podem ser condenadas ao ostracismo.

Porque, agravar com um abandono desumano dos infelizes, atingir inocentes, vítimas do infortúnio, sofrer com essa privação e miséria, seria. é realmente muito cruel e injusto; e, portanto, aplaudimos de todo o coração as inúmeras exceções abertas pela administração habitacional em benefício dos muitos readmitidos no estabelecimento que, mais do que outros, mereciam tanto. favor especial. No entanto, note-se que em ao mesmo tempo, deveríamos também pensar seriamente em como dar a essas pessoas um destino adequado; prepará-los para o trabalho, torná-los úteis para si mesmos e para a sociedade. unidades, tirá-los da ociosidade em que se encontram, fazê-los sentir a necessidade e o dever de pensar no próprio futuro e não deixá-los ser embalados suavemente pela confiança num apoio que pode perder a qualquer momento.

Entre aqueles que se encontram no Conjunto Habitacional Braz nas condições acima mencionadas e pelos motivos acima mencionados, encontram-se inúmeras famílias com filhos menores de idade. bem, ambos os sexos e crianças, para quem a ociosidade e o mau exemplo podem ser fatais. 400S

É, portanto, urgente tomar medidas enérgicas e decisivas para libertar todas essas pessoas dos perigos que as ameaçam e salvar a sociedade de uma legião interminável de futuros ociosos e vãos. bom.

Não podemos, portanto, fazer nada além de apoiar e aplaudir uma ideia que, até onde sabemos, uma pessoa muito competente sugeriu recentemente ao Presidente da Província, que ficou justamente alarmado ao ver o quadro desanimador que se pode ver

atualmente na Habitação Braz, a saber, a criação, em terras apropriadas que o governo teria que comprar para esse fim, de um grande asilo agrícola equipado com escolas de literatura primária, artes e ofícios, que abrigaria todos os imigrantes incapacitados e inaptos para o serviço agrícola nas fazendas ou nos assentamentos coloniais, famílias sem sustento, órfãos; as crianças devem ser forçadas a frequentar a escola, e os adultos devem ser forçados a trabalhar o melhor que puderem para o benefício da Administração, que por sua vez deve fornecer a todos moradia adequada e alimentação higiênica e a estes últimos um salário razoável e justo.

Esta ideia, que tentámos esboçar brevemente, pareceu-nos tão boa, humanitária e prática que não hesitamos em torná-la pública novamente, mesmo correndo o risco de cometer uma indiscrição, para que encontrasse nos poderes competentes o apoio necessário para rapidamente se traduzir num facto consumado.

A sua execução poderia mesmo ser confiada a particulares, assistidos, porém, pelos dois governos geral e provincial e pelo município, todos directa e igualmente interessados no seu êxito e se, como nos lisonjeava a esperança, a criação das Sociedades de Patrocínio de Imigrantes deve ser concretizada e esta, mais do que qualquer outra, deve ser responsável pela missão de implementar a criação de uma instituição tão humanitária e previdente. O que está nos votos! (Gl' Italiani in San Paulo, 28-29 mar 1889, num. 212, ano IV, p. 1).

ANEXO N – FIGURA 50 - SENTIMENTO DE NACIONALISMO ENTRE
IMIGRANTES ITALIANOS

Buenos Ayres 5 Maggio 1888
Sempre il cocciuto va avanti .

Non vi è peggior cosa che l'essere imbecillito. Ebbene tale disgrazia è toccata ad un ex *Dittatore*, all'ex *Diplomatico*, all'ex *Ministro*, all'ex *Presidente* di questa Repubblica, all'eminente!!! allo eccelso generrrrr.....rale!!! Sarmiento! ebbene questo p.....atriarca!!! Argentino non contento della lezione testé ricevuta dalla *Patria Italiana* nella recente discussione sulle sciocchezze e le insulsazioni che esso Sarmiento ha la mala fortuna di dirigere, non senza suscitare un caso del diavolo in detrimento dell'onorato nome Italiano e d'Italia. Tira il cappello ed inchina la fronte dinanzi alla terra di tanta gloria e di tanti grandi, o pigmeo!!!

Egli approfittando delle dissidenze sorte nella Società *Unione e Benevolenza* sulla questione delle scuole, come vi accennava nella mia precedente, ha voluto, come il *cocciuto* ritornare alla breccia, per portarne le solite vittorie come glielie sa dare il Dr. G. B. Cittadini nelle colonne del suo giornale *La Patria Italiana*; come sempre, in questi giorni ha saputo far valere la sua ragione innanzi ai periodici Bonaerensi, i quali istigati dai pochi avversari alle scuole italiane in questa capitale, pubblicarono lunghi articoli pieni di buone parole e granciporri, non pensando che il naso acutissimo del Cittadini fura in tutte le pietanze di tal genere e non lascia di dare il suo giusto parere infiggendo spesse volte dure pene ai colpevoli.

A proposito di scuole italiane all'estero il sig. Ignazio Martignetti scrive sulla *Patria Italiana* un assennato e bene elaborato articolo che ci spiace di non potere tutto per intero qui riportare per la sua lunghezza, ma che, in molti punti ci pare adattatissimo alle vostre circostanze, nel quale dopo di aver risposto al sig. Sarmiento come si merita con argomenti irrefutabili conchiude con queste eloquenti e patriottiche parole:

Cada una volta, per sempre la benda dell'ira, e così si sarà più retti nel giudicare.

Se nella foga del voler dir troppo, si è creduto uscire fuori dei limiti assegnati dalla questione da trattarsi si torni sul campo che si è abbandonato, e non si vada al di là delle nuvole per domandare i fulmini a Giove; perchè più in alto si va più profonda è la caduta.

Troppi vincoli d'affetto ci legano a questa Terra ospitale; ma non vi è vincolo superiore a quello che ne avvicina alla Patria lontana, non si tocchi perciò questa corda sensibilissima del nostro cuore, e continueremo ad essere fratelli sinceri di coloro che si capitano.

Sono uu napoletano de corason lo, pure mi è

caro far causa con *los Bachichas* ai quali volge il pensiero anche il Prof. Restagno, e dice: «Mandiamo un saluto affettuoso a quelli Italiani che, al di là dell'Atlantico specialmente, hanno conservata vigorosa la fibra ligure, nella grandezza dell'affetto verso la madre Italia, e vogliono che la lingua natia continui ad essere quella dei loro figli.»

Nel 1860 furono atterrate le barriere che dividevano il fratello dal fratello, ed oggi per noi non esiste né il piemontese, né il genovese, né il lombardo ecc: per noi esiste il fratello italiano o in qualunque angolo della terra potessimo incontrarlo, lo stringiamo al cuore con l'affetto più santo, lo stringiamo al cuore come membro della stessa gloriosa famiglia, e con lui dividiamo pane e lavoro, con lui concorriamo, perchè sia tenuto alto il nostro decoro, l'onore della Patria nostra; l'offesa quindi a lei diretta è nostra offesa, come la gloria sua è gloria nostra.

Ma torniamo a bomba.

L'opposizione fatta dalla Stampa Argentina alla vita delle nostre scuole, è stata spinta troppe oltre, e sarebbe oramai tempo di cessare di tenere esacerbati gli animi dei lettori. Fra Argentini e Italiani esistono da lunghi secoli vincoli indissolubili e che non potranno essere spezzati senza che dall'una e dall'altra parte se ne provino funeste conseguenze.

Questa Terra ha tutta la vita di una robusta gioventù, che ha bisogno di svolgersi; si spezzino adunque una volta per sempre le penne, che feriscono il cuore e, come pel passato, lavoriamo tutti unanimamente, concordemente, impiegando tutte le nostre forze per la grandezza del suo avvenire.

Nelle nostre feste patriottiche, non possiamo non commuoverci alla vista della bandiera italiana, innestata alla bandiera argentina, entrambe vessilli di libertà, entrambe simbolo di riscatto. Immaginiamo per poco di vedercele sventolare sul capo!

Quanti ricordi gloriosi—Quante memorie di palpiti repressi!... Quante rimembranze di martiri sacrificati sull'altare della patria!... Alla di loro ombra innestiamo le nostre lingue, i nostri cuori e l'amore ci spingerà con maggiore energia nella via del progresso, lieti del sacrificio che facciamo dei nostri giovani anni.

Non queste le parole di un napoletano che ama questa Terra; ama la sua Patria, che conta tanti suoi figli sparsi in questa lontana Regione.

Ad altro corriere ed una stretta di mano.

Ferdinando D'Urso

Buenos Ayres 05/05/1888

O teimoso sempre avança

Não há nada pior do que ser estúpido. Pois bem, esta desgraça se abateu sobre um ex-ditador, um ex-diplomata, um ex-ministro, um ex-presidente desta República, uma pessoa eminente!!! ao sublime generrrr...ral!!! Sarmiento! bem, esse p. triarca!!! Argentino não está satisfeito com a lição que acaba de receber da Pátria Italiana na recente discussão sobre as bobagens e insolências que Sarmiento tem o azar de dirigir, não sem provocar um caso do diabo em detrimento do honrado nome italiano e da Itália . Tire o chapéu e incline a testa diante da terra de tanta glória e de tantos grandes, ó pigmeu!!!

Ele, aproveitando as dissidências que surgiram na União e na Sociedade Benevolente sobre a questão das escolas, como mencionei na minha carta anterior, quis, como o teimoso, voltar à brecha, para trazer as vitórias habituais como o Dr. Cittadini sabe como divulgá-los nas colunas de seu jornal *La Patria Italiana*; como sempre, nos últimos dias conseguiu fazer valer o seu direito perante os periódicos *Bonaerensi*, que, instigados pelos poucos opositores das escolas italianas desta capital, publicaram longos artigos cheios de boas palavras e caranguejos, sem pensar que o muito afiado nariz do Cittadini em todos os pratos deste tipo e não deixa de dar a sua opinião correta, infligindo muitas vezes punições severas aos culpados.

Falando de escolas italianas no exterior, o Sr. Ignazio Martignetti escreve um artigo sensato e bem elaborado sobre a *Patria Italiana* que lamentamos não poder aqui relatar na íntegra devido à sua extensão, mas que, em muitos pontos, parece muito adaptado às suas circunstâncias, em que depois de ter respondido ao senhor deputado Sarmiento como se casa com argumentos irrefutáveis conclui com estas palavras eloquentes e patrióticas:

Deixe a venda da raiva cair de uma vez por todas e assim seremos mais corretos no julgamento.

Se na pressa de querer dizer muito, alguém acredita ter ultrapassado os limites atribuídos à questão a ser discutida, deve retornar ao campo que abandonou, e não ir além das nuvens para pedir relâmpagos a Júpiter; porque quanto mais alto você sobe, mais profunda é a queda.

Muitos laços de afeto nos unem a esta Terra hospitaleira; mas não há vínculo maior do que aquele que nos une à nossa pátria distante, por isso não toquemos nesta corda mais sensível do nosso coração, e continuaremos a ser irmãos sinceros dos que são casados.

Sou um napolitano de coração, mas é caro para mim processar os Bachichas de quem o Prof. Restagno também capta o pensamento e diz: Enviamos uma saudação afetuosa aos italianos que, especialmente além do Atlântico, preservaram vigoroso o fibra lúgubre, na grandeza do carinho pela mãe Itália, e querem que a língua materna continue a ser a dos seus filhos.

Em 1860 foram derrubadas as barreiras que separavam irmão de irmão, e hoje para nós não há nem piemontês, nem genovês, nem lombardo, etc.: para nós existe o irmão italiano e em qualquer canto da terra pudemos encontrá-lo, temos fechamos-lhe o coração com o santíssimo carinho, temos-no perto do coração como membro da mesma família gloriosa, e com ele partilhamos o pão e o trabalho, com ele competimos, para que

o nosso decoro, a honra da nossa pátria; portanto, a ofensa dirigida a ela é a nossa ofensa, assim como a glória dela é a nossa glória.

Mas voltemos à bomba.

A oposição levantada pela imprensa argentina à vida das nossas escolas foi levada longe demais e agora é hora de parar de exacerbar a mente dos leitores. Laços indissolúveis existem entre argentinos e italianos há muitos séculos e não podem ser quebrados sem consequências desastrosas para ambos os lados.

Esta Terra tem a vida de uma juventude robusta, que precisa de se desenvolver; Quebrems, portanto, de uma vez por todas as penas que ferem o coração e, como no passado, trabalhem todos de forma unânime, de acordo, usando todas as nossas forças para a grandeza do seu futuro.

Nas nossas celebrações patrióticas, não podemos deixar de ficar comovidos ao ver a bandeira italiana, enxertada na bandeira argentina, ambas bandeiras de liberdade, ambos símbolos de redenção. Imaginemos brevemente vê-los acenando sobre nossas cabeças!

Quantas memórias gloriosas - Quantas memórias de batimentos cardíacos reprimidos!... Quantas memórias de mártires sacrificados no altar da pátria!... À sua sombra enxertamos o nosso lingae, os nossos corações e o amor nos impulsionará com maior energia. o caminho do progresso, felizes com o sacrifício que fazemos na nossa juventude.

Estas são as palavras de um napolitano que ama esta terra; ele ama a sua terra natal, que tem muitos dos seus filhos espalhados por esta região distante.

Para outro mensageiro e um aperto de mão. Ferdinando D'Urso. (Gl' Italiani in San Paulo, 19 maio 1888, num. 98, ano III, p. 2, tradução nossa).

ANEXO O - FIGURA 51 – BRASIL LIVRE E AO POVO BRASILEIRO

BRASILE LIBERO

S. A. Imperiale la Regente domenica scorsa, 13 del corrente, firmava la legge colla quale viene

dichiarata estinta la schiavitù nel Brasile

Finalmente, ecco arrivato il faustissimo giorno in cui possiamo dire col cuore pieno di santo entusiasmo:

Non v'hanno più schiavi nel Brasile!

Noi che fummo e siamo sinceri propugnatori della immigrazione nel Brasile, noi che cinque anni or sono in altro giornale, in tempi in cui era quasi un attentato un delitto anzi, attaccare di fronte l'istituzione schiavocrata, pure, osammo scrivere essere incompatibile la schiavitù coll'immigrazione in un articolo intitolato

Schiavitù o Immigraz.

noi, oggi tripudiamo di gioia ed applaudiamo con frenetico entusiasmo al vedere che la nefanda istituzione è caduta, caduta per sempre e che il Brasile, questo paese della libertà, dalla natura meravigliosa ed imponente, questo paese dal clima soave e delizioso, questo paese che sembra un sogno splendido e brillante della natura, prende alfine nel consorzio delle umane nazioni il posto che gli compete.

L'umanità ha avuto il suo trionfo contro l'egoismo: la libertà irruppe gloriosa e vittoriosa contro i pochi nemici che tuttora tentavano comprimerne gli slanci generosi a favore d'una razza infelice.

Gloria al Brasile! gloria a tutti coloro che cooperarono alla grande opera di redenzione!

Non è l'opera d'un uomo né d'un partito soltanto; tutti vi concorsero, tutti lavorarono al magnanimo scopo.

E' l'opera d'un popolo, è l'aspirazione d'una nazione intiera che si compie! Coloro i quali la diedero per terminata, che vi misero l'ultima mano, che firmarono la legge, sono i prediletti dalla sorte, gli eletti i quali legheranno i loro nomi ai posteri e saranno benedetti dai nipoti, come sintesi dell'atto splendido che onora il secolo che muore ed il Brasile che risorge a nuova vita purificata e rigenerata.

E qui ci si consenta d'aggiungere che uno de' più potenti fattori della grand'opera fu l'immigrazione, apportatrice di progresso e di libertà che mise in evidenza l'impossibilità del lavoro libero a fianco dello schiavo; l'incompatibilità dei due regimi e l'urgenza di farla finita con un'istituzione immorale, deleteria ed umiliante per un popolo chiamato a destini gloriosi e brillanti.

Alla provincia di S. Paulo, ed a parecchi de' suoi illustri cittadini compete pure grande parte di gloria, per avere colla loro condotta ardita, generosa e previdente di fronte ai magni problemi della schiavitù da essi attaccata or non è molto, ed all'altro non meno importante, quello dell'immigrazione da essi abbracciata e sviluppata in modo tanto ammirabile.

Ed è giusto che a questa nobile Provincia ed ai suoi energici figli tributiamo le nostre felicitazioni, ad essi che primi fra i primi, non badarono a sacrifici pur di liberarsi dalla negra istituzione per procedere baldanzosi ed impavidi

nella via del progresso e della libertà!...

Evviva il Brasile libero!

Ave Libertas

Brasil Livre

O Regente Imperial, assinou no último domingo, dia 13 deste mês, a lei pela qual escravidão declarada extinta no Brasil.

Finalmente chegou o dia mais auspicioso em que poderemos dizer com o coração cheio de santo entusiasmo:

Não há mais escravos no Brasil!

Nós que fomos e somos sinceros defensores da imigração para o Brasil, nós que há cinco anos em outro jornal, numa época em que era quase um atentado, um crime, atacar frontalmente a instituição da escravidão, ainda ousamos escrever que a escravidão é incompatível com a imigração num artigo intitulado Escravidão ou Imigração.

Hoje nos alegramos e aplaudimos com entusiasmo frenético ao ver que a instituição nefasta caiu, caiu para sempre, e que o Brasil, este país da liberdade, com sua natureza maravilhosa e imponente, este país com seu clima suave e delicioso, este país que parece um sonho esplêndido e brilhante da natureza, está finalmente tomando seu devido lugar no consórcio das nações humanas.

A humanidade triunfou sobre o egoísmo: a liberdade irrompeu gloriosa e vitoriosa contra os poucos inimigos que ainda tentam reprimir seus impulsos generosos em favor de uma raça infeliz.

Glória ao Brasil! Glória a todos aqueles que cooperaram na grande obra da redenção!

Não é obra de um homem ou de um partido apenas; todos contribuíram para isso, todos trabalharam em direção ao objetivo magnânimo. É obra de um povo, é a aspiração nem de uma nação inteira que esteja cumprida! Os que a consideraram concluída, que lhe deram os últimos retoques, que assinaram a lei, são os seus favoritos, os eleitos que ligarão seus nomes à posteridade e serão abençoados pelos netos, como síntese do ato esplêndido que honra o século que morre e o Brasil que ressurge para uma vida nova, purificado e regenerado.

E aqui devemos acrescentar que um dos fatores mais poderosos na grande obra foi a imigração, portadora de progresso e liberdade, que destacou a impossibilidade de trabalho livre ao lado de escravos; a incompatibilidade dos dois regimes e a urgência de pôr fim a uma instituição imoral, nociva e humilhante para um povo chamado a destinos gloriosos e brilhantes.

À província de S. Paulo, e a muitos dos seus ilustres cidadãos, cabe também uma grande quota de glória, por terem, com a sua conduta audaciosa, generosa e clarividente, enfrentado os grandes problemas da escravatura, que há pouco atacaram, e do outro não menos importante, o da imigração, que abraçaram e desenvolveram de modo tão admirável.

E é justo que felicitemos esta nobre Província e seus filhos enérgicos, aqueles que, os primeiros entre os primeiros, não se importaram com sacrifícios para se libertarem da instituição negra e prosseguirem com ousadia e destemor no caminho do progresso e da liberdade!..

Viva o Brasil livre

Salve a Liberdade (*Gl' Italiani in San Paulo*, 19 maio 1888, num. 98, ano III, p. 1).

Al Popolo Brasiliano

Dolce dell'alme universal suspiro
Libertá Santa Dea, che dei mortali
Alfin l'antico atempi alto desiro
V. Monti. Il Fanatismo

*O Tutrice dei dritti dell'uomo,
 Che sorridi sul giogo spezzato
 E' pur giunto quel tempo beato
 Che un Monarca l'innalza l'altar!*
G. Rossetti. Canti Civici

Quella che il pastore, appoggiati i lombi a un masso nella dolce stagione, e al suon silvestre di dolci avene, va cantando dietro il suo bianco armento, quella che sempre cantó il canario nelle sue isole, il pettirosso nelle fratte, il musico selvaggio nel verziere, le grú nell'aria e dappertutto sospirarono i zeffiri; quella che insegnarono i precettori nelle scuole, l'artista nei teatri, gli eroi fra le catene dei tiranni e persino i liberi ministri nel tempio, quella per cui moriva svenato di propria mano il Fregiato dai raggi delle quattro luci sante, l'Uticense Libertá Santa Dea, sospiro universale e palpito dei mortali, nella Capitale dello Impero del Brasile si vedeva collocata sugli altari che le venivano eretti dalla stessa monarchia, la quale rivolgea alfine clemente e paternale il suo autorevole sguardo al popolo, apriva l'arca della sua generosa clemenza che per secoli il superbo municipalismo tene chiusa al grido dei sofferenti, e la vera Democrazia, la quale fa che nazione e popolo siano una cosa sola, realizzava il bacio

miracoloso e l'abbraccio difficilissimo tra il trono e il popolo.

Non saprei se potesse mai darsi un fatto piú grande, piú sublime, piú santo e degno di essere registrato nei fasti delle nazioni. La demagogia si affrettela e sposa alla democrazia! Il trono discende con dignitá per incontrarsi col popolo che sale per via di progresso civile! Il predominio del popolo mediante lo svolgersi dell'ingegno si marita al predominio della corona che gli si ravvicina mediante la clemenza provocata dai bisogni urgenti del secolo e dalla marcia progressiva della Società civile.

Ma

*O Voi, che avete gl'intelletti sani
 Mirate la dottrina, che si asconde
 Sotto il velame degli versi strani.*

Dante

In queste feste di gioia universale si vorrebbe spesso togliere alla plebe attiva la parte efficacissima che vi prese, vi prende e vi prenderá in processo di tempo; il che avverrá quando questi semi saranno fatti germogliare dal popolo oculato il quale é tale nel connubio del ceto colto con la plebe, la quale, benché paria la parte infima del mondo civile, ed in effetto ne sia la piú vilipesa, pur tutta via é il polso, il nervo, l'anima e la vera matrice del popolo civile.

Il lattajo, il colono europeo, e tutti quelli di colore bianco che si curvarono sulla zolla brasiliana al libero lavoro furono visti e osservati dallo schiavo, il quale, credendo a ciò che vedeva, piú che a quanto che gli si diceva, poté dire a se medesimo: come? Costoro che ci vengono da oltremare lavorano e fanno di tutto; eppure non sono schiavi?.. Dunque vi può essere ed avvi realmente lavoro libero? Ma perchè i nostri padroni, essendo liberi, non lavorano?..

Senza che la marcia progressiva dell'umanità gittasse i semi della libertá e senza che il tempo venisse inesorabile a mieterne le spighe colla sua inevitabile falce, indarno si sarebbe atteso il memorando fatto che la storia Brasi-

liana registra orgogliosa nei fasti della civilizzazione e del progresso.

Ci giova sperare che per lo innanzi si voglia coltivare il pensiero individuale del cittadino, perchè non si confonda la plebe e il popolo colla mediocritá astuta e raggiratrice. Si guardino i politici dal procedere come i gamberi che vanno indietro o come le chiocciole, col rannocchiarci nel proprio municipio. Intanto é cosa gratissima pensare che saggio dal trono lo sguardo di clemenza destinata a sollevare il popolo oppresso e segnato dal solco nefando di trecento anni di schiavitú crudele, Popolo Brasiliano! Il tuo sole sorge oggi piú grande piú luminoso, piú solenne per te, diffonde la sua luce come aurora promettitrice di nuova vita, la vita dell'intelletto e del cuore. Sorgi tu ancora, e sorvola coll'anima tua quel torrente di calore e di luce onde nuotare con fede irresistibile sulla speranza del tuo ragionevole orgoglio di essere libero che ti nutrivá infino ad ora! Sorgi piú superbo dei tuoi fiumi, piú dilatato delle tue terre, piú caldo che il tuo clima, piú ricco dei tuoi minerali, piú temperato delle tue notti, piú fecondo del tuo suolo, piú alto delle tue montagne, piú pomposo della tua vegetazione, piú uno di quello che lo esige la tua patria! Sorgi e il tuo sorgere sia segno del progresso della tua patria!. Nel tuo seno sorgeva il fatto piú notabile e sublime della tua storia. Cerca di raccoglierne le memorie in una urna d'oro per depositarla nell'imperituro tempio dei secoli!

ARSENIO PESSOLANO



Ao Povo Brasileiro

Doce das almas universais, espero, Santa Deusa, que finalmente realiza o antigo e elevado desejo dos mortais. V. Monti. O Fanatismo

Ó Guardião dos direitos do homem, Que sorrís ao jugo quebrado, Chegou o tempo abençoado Em que um Monarca ergue o altar para ti! G. Rossetti. Canções Cívicas

Aquilo que o pastor, apoiando os lombos numa rocha na doce estação, e ao som selvagem da aveia doce, vai cantando atrás do seu rebanho branco, aquilo que o canário sempre cantou nas suas ilhas, o tordo nas moitas, o músico selvagem no pomar, os grous no ar e por toda a parte suspiravam os zéfiros; aquilo que foi ensinado pelos professores nas escolas, pelos artistas nos teatros, pelos heróis nas cadeias dos tiranos e até pelos ministros livres no templo, aquilo pelo qual a Ornada com os raios das quatro luzes santas, a Deusa Santíssima da Liberdade Uticense, suspiro universal e pulsação dos mortais,

morreu sangrada por sua própria mão, na Capital do Império do Brasil, foi vista colocada sobre os altares que lhe foram erguidos pela própria monarquia, que finalmente voltou seu olhar autoritário, clemente e paternal, para o povo, abriu a arca de sua generosa clemência que durante séculos o orgulhoso municipalismo manteve fechada ao clamor dos sofrendores, e a verdadeira Democracia, que faz da nação e do povo um só, realizou o beijo milagroso e o abraço muito difícil entre o trono e o povo. Não sei se ele conseguiria dar a si mesmo uma tornado maior, mais sublime, mais santo e digno de ser registrado nos anais das nações. A demagogia está acelerando e casando com a democracia! O trono desce com dignidade para encontrar o povo que ascende pelo caminho do progresso civil! A predominância do povo pelo desenvolvimento do intelecto é casada com a predominância da coroa que se aproxima dela pela clemência provocada pelas necessidades urgentes do século e pela marcha progressiva da sociedade civil. Mas

Ó vós que tendes intelecto sadio, Olhai para a doutrina que está escondida sob o véu de versos estranhos. Dante

Nessas celebrações de alegria universal, muitas vezes gostaríamos de tirar das pessoas ativas a parte muito efetiva que já assumiu, assume e assumirá no decorrer do tempo; o que acontecerá quando essas sementes forem feitas germinar pelas pessoas prudentes que são tais no casamento da classe culta com os pobres, que, embora sofram na parte mais baixa do mundo civil, e de fato sejam os mais vilipendiados, são, no entanto, o pulso, o tendão, a alma e a verdadeira matriz do povo civil.

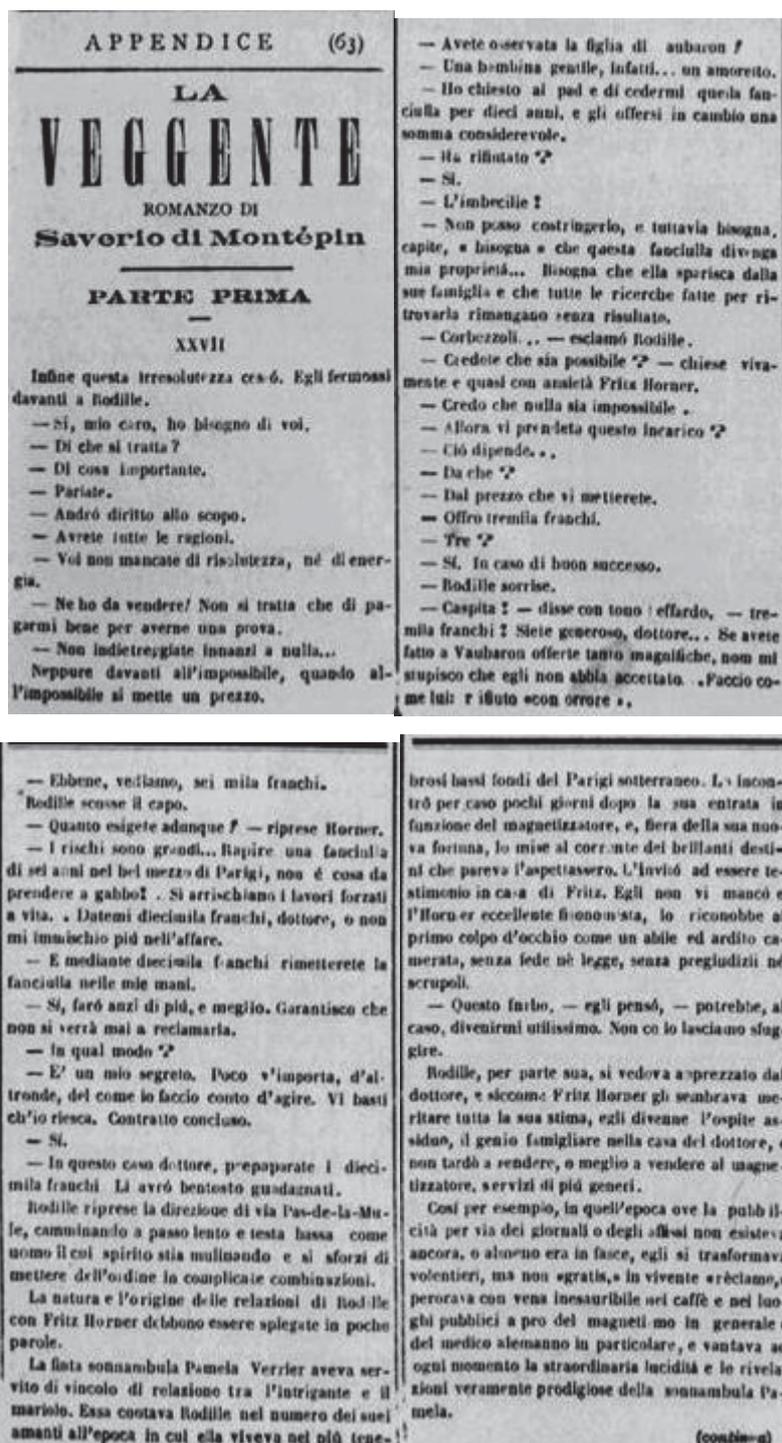
O leiteiro, o colono europeu e todos aqueles de cor branca que se curvavam sobre o solo brasileiro para trabalhar livremente eram vistos e observados pelo escravo, que, acreditando mais no que via do que no que lhe era dito, conseguia dizer a si mesmo: Como?! Aqueles que vêm do exterior trabalham e fazem de tudo; e ainda assim não são escravos? Então pode haver e realmente há trabalho livre? Mas por que nossos senhores, sendo livres, não trabalham?...

Sem a marcha progressiva do. a humanidade semeou as sementes da liberdade e sem que o tempo viesse inexoravelmente colher as espigas com sua foice inevitável, o acontecimento memorável que a história brasileira registra com orgulho nas glórias da civilização e do progresso.

É bom esperarmos que no futuro o pensamento individual do cidadão seja cultivado, para que a plebe e o povo não sejam confundidos com a mediocridade astuta e enganosa. Os políticos devem tomar cuidado para não agirem como camarões que andam para trás ou como caracóis, encolhidos em suas próprias prefeituras. Enquanto isso, é

muito agradável pensar que do trono brilhou um olhar de clemência destinado a elevar o povo oprimido, marcado pelo sulco nefasto de trinta anos de escravidão cruel. Povo brasileiro! Seu sol nasce hoje, maior, mais brilhante, mais diligente para você, espalhando sua luz como um halo prometendo uma nova vida, a vida do seu intelecto e coração. Levante-se novamente, e voe com sua alma sobre essa torrente de calor e luz, onde você pode nadar com fé irresistível na esperança de seu orgulho razoável de ser livre que o nutriu até agora! Ergue-te mais orgulhoso que os teus rios, mais vasto que as tuas terras, mais quente que o teu clima, mais rico que os teus minerais, mais temperado que as tuas noites, mais fértil que o teu solo, mais alto que as tuas montanhas, mais pomposo que a tua vegetação, mais uno do que a tua pátria exige!! Levante-se e deixe que sua ascensão seja um sinal do progresso de sua terra natal!!!. Em seu ventre surgiu o fato mais nobre e sublime de sua história. Ele tenta reunir suas memórias em uma urna dourada para depositá-las no templo imperecível dos séculos. ARSENIO PESSOLANO (*Gl' Italiani in San Paulo*, 19 maio 1888, num. 98, ano III, p. 1).

ANEXO P – FIGURA 55 – ROMANCE



APÊNDICE (63) - O VIDENTE - ROMANCE DE Xavier de Montépin

PARTE UM - XXVII

Finalmente essa indecisão cessou. 6. Ele parou em frente às flores.

- Sim, minha querida, preciso de você,

- Do que se trata?
- Sobre algo importante.
- Paridade.
- Vou direto ao ponto.
- Você estará absolutamente certo.
- Não lhe falta determinação nem energia.
- Tenho muito para vender! É só uma questão de me pagar bem pela prova.
- Não desista de nada...

Nem mesmo quando você se depara com o impossível, quando você coloca um preço no impossível.

- Você observou a filha de aubaron?
- Uma menina gentil, bebê... um amor.
- Pedi ao pai que me desse a menina por dez anos e lhe ofereci uma quantia considerável de dinheiro em troca.
- Ele recusou?
- Sim.
- Imbecil!
- Não posso forçá-lo, e ainda assim, você entende, essa garota deve se tornar minha propriedade... Ela deve desaparecer de sua família e todas as buscas feitas para encontrá-la devem permanecer sem resultado.
- Arbutus... exclamou Rodille.
- Você acha que é possível? - ele perguntou vivamente e quase ansioso Frits Horner.
- Acredito que nada é impossível.
- Então, essa tarefa, por favor?
- Depende...
- De quê?
- Pelo preço que você mesmo definir.
- Ofereço três mil francos.
- Três?
- Sim. Em caso de sucesso positivo.
- Rodille sorriu.
- “Uau”, ele disse em um tom efusivo, - três mil francos! O senhor é generoso, doutor... Se fez ofertas tão magníficas a Vaubaron, não me surpreende que ele não as tenha aceitado. Faça como ele: rejeito-as com horror.

- Bom, vamos ver, seis mil francos.

Rodille balançou a cabeça.

- O que você exige então?" Horner continuou.

- Os riscos são grandes... Sequestrar uma menina de seis anos no meio de Paris é algo que não devemos encarar como algo fácil. Eles correm o risco de trabalho forçado pelo resto da vida. Dê-me dez mil francos, doutor, ou não me intrometo mais neste assunto.

- E com dez mil mãos você entregará a menina em minhas mãos,

- Sim, farei mais e melhor. Garanto que você nunca terá que reclamar.

- De que maneira?

- É meu segredo. Além disso, você não se importa com como eu planejo agir. Que seja suficiente para você que eu tenha sucesso. Contrato concluído.

- Sim.

- Nesse caso, senhor, prepare os dez mil francos. Eu os terei ganho em breve.

Rodille retomou a direção da Rue Pas-de-la-Mu-le, caminhando lentamente e com a cabeça baixa, como um homem cujo espírito está se agitando e tentando colocar alguma ordem em combinações complicadas.

A natureza e a origem das relações de Rodille com Fritz Horner devem ser explicadas em poucas palavras.

A falsa sonâmbula Pamela Verrier serviu de elo entre o conspirador e o bandido. Ela contava com Rodille entre seus amantes na época em que vivia nas profundezas mais escuras do submundo de Paris. Ele a conheceu por acaso alguns dias depois de começar a trabalhar no magnetizador e, orgulhosa de sua nova fortuna, ela o informou sobre os destinos brilhantes que pareciam aguardá-lo. Ele a convidou para ser testemunha na casa de Fritz. Não lhe faltava nada e o Primeiro era um excelente fixonomista, reconhecendo-o à primeira vista como um camarada capaz e ousado, sem fé nem lei, sem preconceitos nem escrúpulos.

- Essa cor, pensou ele, poderia, em algum caso, se tornar muito útil para mim. Não o deixamos escapar.

Rodille, por sua vez, era muito apreciado pelo médico e, como Fritz Horner lhe parecia merecedor de toda a sua estima, ele se tornou um hóspede frequente, um gênio familiar na casa do médico, e não demorou a prestar, ou melhor, a vender ao magnetizador, serviços de vários tipos.

Assim, por exemplo, naquela época em que a publicidade em jornais ou outdoors ainda não existia, ou pelo menos estava em seus primórdios, ele se transformou

voluntariamente, mas não de graça, em um anúncio vivo, pleiteou com energia inesgotável em cafés e lugares públicos em favor do ímã em geral e do médico alemão em particular, e se gabou a todo momento da extraordinária lucidez e das revelações verdadeiramente prodigiosas da sonâmbula Pamela. (continua) (*Gl'Italiani in San Paulo*, 8-9 jun 1889, num. 238, ano IV).

ANEXO Q – FIGURA 56 – EDUCAÇÃO

Note Vagabonde**Italianismo**

Chi inocula nel cuore umano il primo germe delle sante virtù é la donna che l'ha generato — La madre, una e sola come il Dio dei monoteisti, gl'innesta il proprio sangue e, col primo bacio, il primo sentimento di riconoscenza verso Dio e d'amore verso il prossimo — La donna che stringe al seno il proprio pargoletto ci é sacra — In quel gruppo noi vediamo in connubio la virtù con la innocenza, il presente con l'avvenire: nell'uno l'educatore sincero, nell'altro una speranza, una parte di noi.

Se la donna madre, però, ha diritto alla nostra venerazione, ha pur l'obbligo di prepararci dei savi, onesti ed utili cittadini. Perchè crescano tali é mestieri che li educi a seconda le esigenze del consorzio civile.

Nell'uomo non basta la sola educazione del cuore — é poco — la società esige anche quella della mente. Il cuore si educa con le savie insinuazioni, con un metodo disciplinare e rigoroso conforme allo sviluppo dei suoi istinti, con l'allontanamento di ogni pernicioso esempio di slealtà, turpitudine o mendaceo; la mente s'istruisce con la coltura intellettuale — in una parola — coi libri. La prima di queste due educazioni è affidata ai genitori, la seconda alla scuola.

I genitori che trascurano per indolenza, o per altro, di mandare i figli alla scuola, commettono un delitto verso la società e verso loro. Questo delitto, se lontani dalla patria, aggrava viemmaggiormente, diventa mostruoso. La religione dell'esule é il culto per la patria. Non imprimere questo culto nell'anima del figlio, é operare a ritroso della propria coscienza, del proprio dovere, della dignità propria.

L'uomo rinasce nel figlio — Col nome gl'innesta istintivamente gl'ideali proprii. In lui questa esigenza é una imperiosa necessità di natura. Chi si evade da questa necessità é il bruto e col bruto l'uomo onninamente destituito da qualunque umano sentimento.

Non si può essere dunque buoni patrioti e permettere che i figli non lo siano — E' una condizione anormale, é un assurdo, perché fa ai calci col senso

comune e con le leggi della natura.

••

Chi toglie l'impegno dell'educazione mentale dei nostri figli e di completarne la spirituale è il maestro. Il maestro è il primo artefice della sapienza e della civiltà umana. E' egli, che, con la sua amorevole dedicazione, con le sue cure pazienti, col suo lavoro laborioso, sprazza sul cervello ancor tenero i primi raggi del sapere e nel cuoricino i primi rudimenti delle leggi dell'onore.

Quel cuore e quella mente, appena modellati dalla mamma, cominciano sotto il maestro a perfezionarsi, ad acquistare linee più marcate. Il maestro è chi prepara e dà ottimi cittadini alla patria e alla società; è colui che tesse i primi fili della trama della vita civile, e colui che prepara la nuova generazione, — l'avvenire.

Quanti obblighi, quanta riconoscenza non deve la civiltà a questo suo pioniere, a questa sentinella avanzata del pensiero, per i benefici sommi che ne ritrae! Eppure ne lo rimunera tanto male! I maestri di scuola, come vediamo, occupano tra le classi sociali un posto veramente compassionevole, e per la loro professione ingrata quanto santa, e per la scarsezza delle ricompense — Una ingiustizia alla quale non ho mai saputo conciliare la mia ragione.

Qui in S. Paolo, come dicevo nelle mie *note* precedenti, ne abbiamo talune di scuole, venute su per il merito esclusivo di due o tre individui. Per una colonia forte e fiorente come la nostra son poche: eppure, a giudicare dal numero limitato d'alunni che le frequentano, si direbbero molte. La colpa, nella sua totalità, lo comprendo bene, non è da affibbiarsi alla sola colonia. Alcuni tralasciano di mandarvi i bambini per la distanza; altri perchè ne ignorano l'ordine, i regolamenti e gl'insegnamenti che vi s'impartiscono; in gran copia poi è dovuta al nostro governo e ai fannulloni che lo rappresentano. Il governo..... A che guastarci il sangue? A che prendere un emetico che ci farebbe vomitare un rovescio di rammarichi e d' insolenti rimproveri, con la convinzione che non approderebbero a nulla?

••

Aiutiamoci da noi, piuttosto. Cominciamo col dare più sviluppo a quelle che esistono, facendole frequentare dal mag-

gior numero di bambini che sia possibile e fondandone delle altre nei vari rioni della città. E' una questione questa, che vuol essere impugnata e trattata dai magnati e dai barbassori della colonia, con molto amore e con serio interesse.

Si parla d'una nuova società qui in S Paolo, e tra le altre belle cose promette anche questa della creazione di nuove scuole per l'insegnamento almeno rudimentale dei bambini. Ne abbiamo viste sorgere e crollar tante delle associazioni da meritarsi veramente poca fede. Gli è che cento su cento sogliono edificarsi sur una base cementata dalle ambizioni e dalle vanità personali. Gli è che vi si fa emergere purtroppo l'individualismo e vi si affoga l'altruismo, lo spirito d'associabilità. Io passerei a fil di spada coloro che si fecero inventori della effimera ed insignificante chincaglieria degli ordini cavallereschi. Questa larva di premio alla benemerenzza è prima tra le piaghe della civiltà moderna; in America poi è una vera calamità, un vero flagello.

Molta proespicienza di profili personali, Dio benedetto !

I promotori di questa nuova associazione, tra i quali mi si fece l'onore di comprendermi, se veramente hanno a cuore di far le cose per benino, si facciano prima un po' d'esame di coscienza. Se ci si lavora con la convinzione di dover trovarci più tardi in un campo d'Agramante, è meglio non parlarne; sarà sempre un che di guadagnato — tanti scandali di meno sul libro perdite del nostro decoro nazionale.

Speriamo però che le cose vadano per la meglio e che il suo primo alito benefico sia diretto ad accaldare i nostri figli.

Da canto mio intanto comincerò a sollevare lo spirito delle scuole esistenti, visitandole quanto prima e pubblicando conscienziosamente ciò che vi troverò, per quanto riguarda l'igiene dei locali, i regolamenti che l'informano e i programmi che vi si svolgono.

Notas errantes

Italianismo

É a mulher que inculca o primeiro germe das virtudes sagradas no coração humano. A mãe, única e igual a Deus dos monoteístas, enxerta seu próprio sangue e, com o primeiro beijo, o primeiro sentimento de gratidão para com Deus e amor ao próximo. A mulher que segura seu filho no peito é sagrada para nós. Nesse grupo vemos a virtude casada com a inocência, o presente com o futuro: em um o educador sincero, no outro uma esperança, uma parte de nós mesmos.

Se a mulher mãe, porém, tem direito à nossa veneração, ela também tem a obrigação de nos preparar cidadãos sábios, honestos e úteis. Para que essas profissões cresçam, elas devem ser educadas de acordo com as necessidades da sociedade civil.

No homem, a educação por si só não é suficiente. a ação do coração - e isso não é suficiente para a sociedade - também exige ação da mente. O coração é educado com sábias insinuações, com um método disciplinar e rigoroso, de acordo com o desenvolvimento dos seus instintos, com a remoção de todo exemplo pernicioso de deslealdade, torpeza ou mendacidade; a mente é educada através da cultura intelectual -

em uma palavra - através dos livros. A primeira dessas duas educações é confiada aos pais, a segunda à escola.

Pais que negligenciam mandar seus filhos para a escola por indolência ou de outra forma cometem um crime contra a sociedade e contra si mesmos. Este crime, se praticado longe da terra natal, torna-se ainda mais grave e monstruoso. A religião do exílio é o culto à pátria. Não incutir esse culto na alma da criança é agir contra a própria consciência, contra o próprio dever, contra a própria dignidade.

O homem renasce em seu filho - Com o nome ele instintivamente enxerta seus próprios ideais. Nele essa necessidade é uma necessidade imperiosa da natureza. Quem escapa a essa necessidade é o bruto e com o bruto o homem completamente privado de qualquer sentimento humano.

Você não pode ser um bom patriota e permitir que seus filhos não sejam. É uma condição anormal, é absurda, porque faz você chutar com seus sentidos comum e com as leis da natureza.

Quem tira o compromisso da educação mental dos nossos filhos e de completar sua educação espiritual é o professor. O professor é o primeiro criador da sabedoria e da civilização humana. É ele que, com sua devoção amorosa, com seu cuidado paciente, com seu trabalho laborioso, faz brilhar os primeiros raios de conhecimento no cérebro ainda tenro e os primeiros rudimentos das leis da honra no pequeno coração.

Esse coração e essa mente, recém-moldados pela mãe, começam a se aperfeiçoar sob o mestre, a adquirir linhas mais marcadas. O professor é aquele que prepara e dá excelentes cidadãos ao país e à sociedade; Ele é quem tece os primeiros fios do tecido da vida civil e quem prepara a nova geração, o futuro.

Quantas obrigações, quanta gratidão a civilização deve a esse pioneiro, a essa sentinela avançada do pensamento, pelos benefícios supremos que dele extrai! E ainda assim ele é tão mal pago! Os professores, como vemos, ocupam um lugar verdadeiramente lamentável entre as classes sociais, tanto por causa de sua profissão ingrata e sagrada, quanto pela escassez de suas recompensas — uma injustiça com a qual nunca consegui conciliar minha razão.

Aqui em S. Paulo, como eu disse em minhas notas anteriores, temos algumas escolas que surgiram pelo mérito exclusivo de dois ou três indivíduos. Para uma colônia forte e próspera como a nossa, há poucas delas: e ainda assim, a julgar pelo número limitado de alunos que as frequentam, dir-se-ia que são muitas. A culpa, em sua totalidade, eu entendo bem, não pode ser colocada somente na colônia. Algumas pessoas

deixam de levar os filhos para a escola por causa da distância; outros porque desconhecem sua ordem, seus regulamentos e os ensinamentos que são transmitidos ali em grandes quantidades. Também é devido ao nosso governo e aos ociosos que o representam. O governo... Por que estragar nosso sangue? Por que tomar um emético que nos faria vomitar uma torrente de arrependimentos e censuras insolentes, com a convicção de que não levariam a lugar nenhum?

Em vez disso, vamos ajudar a nós mesmos. Chegando, comecemos por dar mais desenvolvimento às que existem, fazendo com que sejam atendidas pelo tantas crianças quanto possível e fundando outras nos vários bairros da cidade. Esta é uma questão que deve ser abordada e discutida pelos magnatas e bárbaros da comunidade com muito amor e sério interesse.

Fala-se de uma nova sociedade aqui em São Paulo, e entre outras coisas boas também promete a criação de novas escolas para a educação, pelo menos rudimentar, das crianças. Vimos tantas associações crescerem e caírem que elas merecem muito pouca confiança. O fato é que cem entre cem são construídas sobre uma base cimentada por ambições e vaidades pessoais. Infelizmente, o individualismo é trazido à tona e o altruísmo e o espírito de sociabilidade são afogados. Eu passaria pela espada aqueles que inventaram as bugigangas efêmeras e insignificantes das ordens de cavalaria. O que, essa aparência de recompensa pelo mérito é a primeira entre as pragas da civilização moderna; na América é uma verdadeira calamidade, um verdadeiro flagelo. Muita informação sobre perfis pessoais, Deus abençoe!

Os promotores desta nova associação, entre os quais tive a honra de estar com, acredite, se eles realmente querem fazer as coisas corretamente, deixe-os primeiro fazer uma pequena autoanálise. Se trabalhamos com a convicção de que mais tarde nos encontraremos num campo Agrarante, é melhor não falar sobre isso; sempre será algo ganho, muito menos escândalos no livro, perdas do nosso decoro nacional.

Esperemos, no entanto, que as coisas corram bem e que seu primeiro sopro benéfico seja direcionado ao aquecimento de nossas crianças.

Da minha parte, começarei a elevar o ânimo das escolas existentes, visitando-as o mais rápido possível e publicando conscientemente o que lá encontrar, em relação à higiene das instalações, aos regulamentos que as regem e aos programas que aí decorrem.